

ANVERSO E REVERSO DO VISÍVEL: JOÃO CABRAL DE MELO NETO E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Adalberto Müller Jr. - UFF
adalbertomuller@gmail.com

Trata-se de um trabalho vinculado ao grupo de pesquisa CNPq-Poesia e Contemporaneidade (UFF), coordenado pelas Professoras Célia Pedrosa e Ida Alves. Comporá a mesa “Visualidade e subjetividade: estudos comparativos de poesia contemporânea brasileira e portuguesa”, com os seguintes pesquisadores: Prof. Dr. Luiz Maffei (UFF), Profa. Dra. Célia Pedrosa (UFF) e Profa. Dra. Ida Alves (UFF). O visível na poesia de João Cabral e Sofia Andresen possui muitas faces. Mas duas delas são essenciais para quem quiser compreendê-los: o visível objetivo e o visível subjetivo. Complementares, os dois pólos apontam para o modo como a subjetividade se constrói ao construir seus objetos. Assim, as paisagens do mar e do sertão, as coisas, seres, obras, para a que a poesia aponta, expõem e mesmo denunciam idéias e afetos. Ler essa poesia, portanto, implica em admitir que seu anverso (“o lado mais claro”) pressupõe sempre o seu reverso. Não se trata aqui de estabelecer uma comparação, mas de buscar motivos. Pode ser que, superficialmente, o “falar com coisas” de Cabral e a objetividade de Andresen já sejam assuntos excessivamente referidos pela crítica, mas até onde se define mesmo a coisa? E em que sentido se pode relacionar percepção e afeto? E mais: como se pode ler, nessa poesia, decantando seus elementos discursivos, a construção de uma subjetividade singular na tradição da poesia de língua portuguesa, aquela que se constrói em torno das coisas? E o que se pode dizer dos afetos? Como buscar, por detrás de uma visão tão dura, e tão áspera, como a de João Cabral de Melo Neto, imagens de uma afetividade esquiwa? Talvez a resposta venha de uma leitura da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. Uma leitura de Cabral pelos olhos de Sophia. Uma leitura de Sophia pelos “mil dedos da linguagem” de João. Uma filo-Sophia de da poesia com coisas.

LITERATURA E CULTURA PORTUGUESA NA BAHIA, VISÕES DO SISTEMA LITERÁRIO A PARTIR DE *O IMPARCIAL* DA BAHIA

Adeíto Manoel Pinho - UEFS
adeitalo@uol.com.br

O estudo de fontes da literatura oferece oportunidade de observações decisivas para algumas áreas dos estudos da literatura, como a história da literatura e a crítica literária. Estas áreas acostumaram-se a emitir opiniões que se consagraram com o passar das gerações. Uma dessas afirmações vencedoras é a lusofobia na cultura brasileira, pelo menos desde o século XVIII, com a Inconfidência Mineira e os acontecimentos que culminaram com a criação de um herói-mártir – Tiradentes – e uma escola literária – o Arcadismo. A recepção da Bahia na cultura passa pelo ambivalente entendimento de estado que luta contra os portugueses pela independência do Brasil, mas também um torrão apegado a conservadorismos muito ao gosto dos patrícios ibéricos. Este estudo investiga a presença portuguesa na Bahia, a partir do estudo do jornal *O Imparcial* (1918-1947), desde os proprietários, os autores portugueses prestigiados no Brasil e até os autores brasileiros

respeitados no além-mar – por conta de circulação livre de autoridade recíproca entre os dois sistemas de cultura. Dessa forma, ganham prestígio Júlio Dantas, Coelho Neto, Afrânio Peixoto, M. Paulo Filho e Pedro Calmon. Este estudo se utiliza das teorias de sistema literário, “polissistemas”, de autores como Itamar Even-Zohar e de “ciência empírica da literatura”, de Siegfried Schmidt, como também de aspectos teóricos forjados por mim – esteio de sistema e Literatura de Jornal, os quais continuo desenvolvendo e aprimorando no projeto de pesquisa ‘A Literatura de Jornal em Periódicos Brasileiros’.

ANVERSO E REVERSO DO VISÍVEL: JOÃO CABRAL DE MELO NETO E ALTERIDADE, MEMÓRIA E HISTÓRIA EM BOLOR DE AUGUSTO ABELAIRA

Adelita Vieira Rego - UESB
marcosuesb@gmail.com/ adrego@bol.com.br

O trabalho tem por objetivo analisar em *Bolor*, de Augusto Abelaira, a relação entre literatura e conhecimento sobre dois pontos de vista: de um lado, analisa a cognição estética, engendrada pela arte literária, colocando em jogo novas premissas de compreensão da realidade, tais como cultura, identidade, alteridade, história, ficção, memória e tempo subjetivo; de outro lado, questiona se a ficção seria mais real do que o próprio real, mais autêntica e mais eficaz do que o discurso histórico. Considera-se a posição de incomunicabilidade do autor ficcional na diegese e no contexto sócio-político-econômico do país – dialogicamente em sua alteridade, anônimo, questionando e questionando-se a respeito do homem, submetido ao regime salazarista. O diário reflete em sua loquacidade simultaneamente a simbólica incomunicabilidade dos personagens (marido, mulher e amante no casamento falido), tornados narradores-narratários e a situação auto-reflexiva da obra de arte, submetida ao silêncio, portanto, mortalmente ferida em sua plurivocidade enquanto gênero “romance”, que na ótica de Bakhtin “serve-se duplamente de todas as formas dialógicas da palavra do outro, elaboradas na vida cotidiana e nas relações ideológicas não literárias as mais variadas”. Ambas as perspectivas levam em conta a necessidade de questionar a arte literária e a renovação das formas de interpretação da realidade, vinculando seu conhecimento ao debate ético, sobretudo no contexto de hegemonia cultural, muitas vezes sob a alegação de respeito às diferenças.

AS DOBRAS DA ESCRITA DE MARIA GABRIELA LLANSOL

Aderaldo Ferreira de Souza Filho - UFF
aderaldouff@oi.com.br

Neste artigo, propomos uma leitura do processo de escrita de Maria Gabriela Llansol a partir do conceito de dobra, tal como desenvolvido por Gilles Deleuze em *A Dobra, Leibniz e o Barroco*. Este conceito remete a um traço característico do Barroco, mas que pode, contudo, ultrapassar seus limites históricos. No Barroco, a dobra define tanto um recurso estético como uma componente de sua visão de mundo, pois garante um efeito de imanência que contradiz tradicional oposição entre o material e o imaterial, entre o visível e o inteligível. Na escrita da autora portuguesa, a dobra se nos apresenta como um elemento

fundamental, tanto na caracterização de sua visão do mundo como na técnica que ela desenvolve, opondo a textualidade à narratividade. Assim, o conceito resumiria a percepção do real através das dobras que esta escrita evoca, assim como o que a autora caracteriza como a técnica da sobreimpressão, na qual a linguagem abriria caminho a diversos níveis de realidade, unindo-os e indiscernindo seus limites, tal o Barroco faz com o plano divino e o terreno. Procuramos demonstrar ainda como este conceito se aplica na própria escrita, a partir da proliferação de imagens (que a autora opõe a metáfora) que configura as cenas fulgor.

O "EXAME DAS TRADIÇÕES FARISEIAS" (1624), DE URIEL DA COSTA.

Adma Muhana - USP
adma@usp.br

Trata-se de apresentar o livro de Uriel da Costa, "Exame das tradições fariseias" (1624), bem como uma sua proposta de edição. Este livro que, dois meses após sua publicação, foi proibido de circular pelos deputados da nação judaica em Amsterdã, os quais ordenaram a queima de todos os exemplares da obra, esteve desaparecido até o ano de 1993, quando foi encontrado um exemplar na Biblioteca Real de Copenhagen, Dinamarca. É um texto relevante para o estudo dos debates teológicos na comunidade lusojudaica de Amsterdã, bem como para a diatribe em língua portuguesa no Seiscentos, apresentando uma discussão central acerca da mortalidade da alma e suas consequências para as doutrinas judaica e cristã (católica ou protestante) contemporâneas.

SERES DE MORTE E SERES DE VIDA: A ESTÉTICA CREPUSCULAR DE RAUL BRANDÃO

Adriana Cristina Aguiar Rodrigues - UEA
adrianaguia Rodrigues@gmail.com

Na Europa do final do século XIX e início do século XX, com o Decadentismo, a temática da morte e da vida parece ganhar espaço privilegiado na literatura. A estética literária, que evidenciava por meio da arte a situação de tensão face ao contexto sócio-econômico e político europeu, circula em torno de uma visão pessimista, caracterizada por um desamparo perante o mundo. Entrelaçados pelo sentimento de dissolução vital e pelo processo de ruína da civilização, os decadentistas não vêem as benesses do tão apregoadado progresso e recuperam a sensibilidade e a angústia diante de um mundo que não atende às suas necessidades existenciais, atirando, assim, o homem de seu tempo à marginalidade, condição inspiradora do artista ou, ao menos, motivadora de um novo conceito estético e literário. Em meio à esterilidade do mundo *finissecular*, surge a estética de Raul Brandão (1867 – 1930), escritor e apreciador das temáticas crepusculares, que figurou como uma das mais importantes personalidades das letras e da cultura portuguesas das primeiras décadas do século passado. Neste trabalho, tomamos como *corpus* o conto *O mistério da árvore*, publicado inicialmente em 1896, para pensarmos a fertilidade da estética crepuscular brandoniana, em que o escritor parece querer problematizar a dialética da morte e da vida.

SARAMAGO REVISITA PLATÃO: APROXIMAÇÕES ENTRE ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA E MITO DA CAVERNA

Adriana Gonçalves da Silva - UFV
adriana.g.silva@ufv.br

O romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, apresenta-nos um quadro tracejado pelo elemento fantástico da “cegueira imediata” da população de uma determinada cidade. À exceção de uma mulher que é esposa de um médico oftalmologista, todos são atingidos ao longo da trama. Sem nenhuma causalidade diagnosticada, diversas pessoas se vêem cegas de repente e constatam ser o fenômeno contagioso. A partir de tal fato, a sociedade alarma-se e organiza-se, marginalizando estes indivíduos à medida que são afetados por esta cegueira, que se caracteriza pela visão de uma superfície branca e leitosa. Postos em um manicômio já arruinado pelo tempo, sobrevivem ajudando uns aos outros em situações por vezes subumanas e vexatórias. Em uma profunda crítica à sociedade, o romancista desvenda nesta obra as máscaras das relações humanas, num constante jogo Platonista entre mundo inteligível e mundo sensível, entre as idéias e as imagens, ou ainda, entre essência e aparência. Deixando em aberto o tempo e o espaço da obra permite-nos uma maior abrangência das mazelas sociais, inserindo-a nas esferas da experiência humana sem, porém, particularizá-las. Partindo deste pressuposto, cabe uma averiguação de como é feita na obra de Saramago uma releitura do *Mito da Caverna* – presente em *A República* de Platão –, buscando perceber como estes elementos dialogam e como ocorre a tensão de uma passagem do ignorar ao conhecer, tendo em vista a metáfora da cegueira ignorante que outrora se dava nas trevas e que agora configurar-se-á na claridade que se faz, sobretudo, branca.

SEXUALIDADE, POLÍTICA E A ESCRITA DA REVOLTA: A DIMENSÃO REVOLUCIONÁRIA DA ESCRITA EM *A NOITE E O RISO*, DE NUNO BRAGANÇA

Adriana Monfardini - UFSM
adrianamonfardini@yahoo.com.br

Neste trabalho, consideramos alguns aspectos relacionados à dimensão revolucionária assumida pela escrita no romance *A noite e o riso* (1969), do escritor português Nuno Bragança. Produzida num período ditatorial, a obra aponta para esse contexto, ainda que sem referi-lo diretamente, atuando como um delicado instrumento de combate. Para tanto, o romance utiliza recursos que se apóiam no humor, no indiciamento e em variados processos metafóricos, por meio dos quais revela, de forma sinuosa e não raro cínica, uma realidade que não poderia ser referida (e muito menos criticada) de maneira explícita. A análise que ora realizamos focaliza especificamente os aspectos associados à sexualidade e à escrita, tematizados no romance, de modo a observar de que forma esses temas atuam como deflagradores de um nível subtextual de matiz político. O exame do funcionamento desses elementos no romance tem como ponto de apoio os estudos oriundos da semiótica

narrativa, notadamente os de Roland Barthes, de quem adotamos os conceitos de índice e de narrativa indicial, bem como os procedimentos de análise. Também representam importante contributo os estudos sobre o símbolo efetuados por Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, nos quais encontramos o suporte que nos permite estabelecer relações entre imagens dispersas na narrativa, viabilizando assim a leitura do texto subjacente à diegese. Este trabalho está vinculado ao nosso projeto de doutorado, intitulado “O discurso tático: os ardis da palavra cerceada”, que tem como objetivo geral identificar os processos de significação do discurso narrativo, especificamente os recursos utilizados para a disseminação de sentidos encobertos, na ficção portuguesa da década de 60.

CIDADE E CAMPO EM FERNANDO PESSOA: UM POETA SOBRE OS ESCOMBROS DA MODERNIDADE

Adriano Eysen Rego - UNEB
adrianolittera@hotmail.com

Trata-se de um estudo sobre a poética do campo e da cidade nos heterônimos Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, tomando como objeto de análise os poemas homônimos, “Lisbon Revisited” (1923), “Lisbon Revisited” (1926) e “O Guardador de Rebanhos”. Imagens urbanas e campesinas formam o tecido poético das respectivas obras nas quais se nota o tom de lírica bucólica de Caeiro - poeta da natureza e das sensações - e, em contrapartida, Campos, um *flanêur* lusitano, transitando sobre os escombros da modernidade por entre as ruas da velha e nova Lisboa. Enquanto em “O Guardador de Rebanho” o eu-lírico interage, envolto numa áurea de tranqüilidade, com elementos naturais por meio de um olhar observador, em “Lisbon Revisited” I e II encontra-se a fragmentação do sujeito deslocado em meio ao caos da urbe. Desse modo, equilíbrio e angústia se fundem nesse jogo lírico oriundo de dois eus que se desdobram da criação do poeta luso Fernando Pessoa.

ENTRE O ROMANTISMO E O SALAZARISMO: A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS CAMÕES E D. SEBASTIÃO EM *QUE FAREI COM ESTE LIVRO?*, DE JOSÉ SARAMAGO

Adriano Lima Drummond - USP
limadrummond@usp.br

A obra de José Saramago trava numerosos diálogos com a literatura universal e, especialmente, a portuguesa. A esse propósito, são significativos os títulos *O ano da morte de Ricardo Reis* e *Viagem a Portugal*, nos quais, respectivamente, a presença de textos e de nomes de autores, como Fernando Pessoa, Antônio Vieira e Camilo Castelo Branco, mais que simples referências e alusões, constituem a razão de ser daquelas mesmas obras. Em

nossa comunicação, selecionamos a peça *Que farei com este livro?* para analisar um desses importantes diálogos saramaguianos com a literatura de seu país. Propomo-nos a compreender a construção dos personagens Camões e D. Sebastião, que se dá a partir, não apenas de uma motivação política derivada do regime salazarista contra o qual o autor se engajou, mas também de uma continuidade – de origem romântica, a perpassar todo o século XIX – da visão histórico-literária referente às figuras do poeta d’*Os Lusíadas* e do rei da dinastia joanina.

DAS TRADIÇÕES: VINHOS NOVOS EM ODRES VELHOS

Alana de O. Freitas El Fahl - UFBA/UEFS
alana_freitas@yahoo.com.br

O presente trabalho tem por objetivo analisar os contos *A Aia* (1893) e *O Tesouro* (1894), da autoria de Eça de Queiroz. Através da leitura verticalizada da contística do autor, é propósito desse estudo relacionar suas narrativas curtas à tradição literária ocidental. Evidenciando que dentre a pluralidade das estratégias narrativas ecianas destaca-se a assimilação das mais diversas fontes culturais.

O SER DA DOR: A SUBJETIVAÇÃO DOS CORPOS

Alcindo Miguel Martins Filho - UFF
alcindomiguel@uol.com.br

Neste trabalho, refletiremos sobre a construção de um processo de tomada de consciência de si mesmo, através da subjetivação dos corpos, que acreditamos estar presente no âmago da estratégia discursiva de Inês Pedrosa em seu romance *Fazes-me Falta* (2002), como uma tese que, ao fundo, ressalta o mal-estar no sentido freudiano. Para tanto, procederemos a uma discussão dialógica sobre o tema com base na análise da fortuna crítica referida ao romance, que encontramos em Whiteshite de Oliveira (mimeo-s/d), Lourdes Soares (2004) e Martins Filho (2008). Na seqüência, lançando mão das noções de corpo e dor que se desenvolvem em Nazio (1997), Fernandes (2003), Elia (1995) e Freud (1914), realizaremos um estudo de consolidação conceitual que vincule a economia da dor e a subjetivação dos corpos, como uma via para a consciência de si mesmo quando da consumação da morte. Nossa intenção é apresentar uma análise das intensidades pulsionais que emergem da leitura do romance, enquanto resultantes de uma forma própria, a escrita romanesca da autora. Este esforço faz parte do conjunto de trabalhos, vinculados a nossa pesquisa no corpo do doutorado em Literatura Comparada, onde cruzamos de um modo desigual e combinado Inês Pedrosa e Milton Hatoum.

SEMPRE UM OCEANO A CADA PÁGINA

Alessandra Leila Borges Gomes (Állex Leilla) - UEFB/UFBA
allexleilla@ig.com.br

A partir da leitura comparativa entre os textos “Lixo e purpurina”, do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, e os poemas “O medo I” e “O medo II”, do poeta português Al Berto, pretende-se discutir a problematização de subjetividades e de autoria que ambos fazem do diário, ora entendido como gênero, ora como uma hiperescrita de si mesmo. Para isso, é preciso explorar as gradações do jogo de registrar a vida, através de uma exposição do cotidiano e da incorporação, na escrita, de dados biográficos do sujeito do diário. Tal gradação revela um jogo de esconde-esconde ou um fazer-se-e-desfazer-se diante dos olhos do leitor: num primeiro momento, pensa-se estar diante de uma espécie de relato biográfico, ou seja, uma narrativa que traz à tona vivências dos sujeitos empíricos, mas, num segundo momento, percebe a estruturação de várias personas inapreensíveis e, por vezes, tão fictícias quanto qualquer personagem de um conto, romance ou novela. Dentro dessa proposta de presentear o leitor com camadas de subjetividades fronteiriças e em trânsito – pois jamais fixam o olhar, o desejo, a voz –, a escrita denominada diário aponta para uma materialidade textual resultante de atritos com outros textos, discursos e ideologias, num contínuo reciclar, refazer, desconstruir, re-elaborar, fluxos subjetivos que se impõem sempre em processo de retomada com os outros tempos e cenas do passado, numa multiformidade que é sempre um oceano a cada página.

TRAVESSIAS

Alessandra Magalhães - UFRJ
alessandrademagalhaes@yahoo.com.br

É em um contexto de reestruturação social e política que vamos nos deparar com o Moçambique narrado em *O último voo do flamingo*, de Mia Couto. O livro tem como ponto de partida o desaparecimento misterioso dos soldados de uma delegação da ONU por meio de explosões sem explicação. Isso provoca a preocupação das Nações Unidas que incumbem um italiano de descobrir a causa dessas explosões. A história do romance tem como foco a perspectiva de um narrador que, ao mesmo tempo, é um tradutor da memória e da história daquele lugar. A memória é o fio que se desenrola, ligando tradição e modernidade; oralidade e escrita. Em uma outra ponta, temos o romance *Exortação aos crocodilos*, do português António Lobo Antunes, no qual testemunham-se os acontecimentos pós-25 de Abril em Portugal, estabelecendo-se uma relação direta entre a literatura, entendida como ficção, e o "real". Ambos fazem da ficção um espaço legítimo de testemunho e construção da memória. A literatura vem, portanto, atar as duas pontas de histórias conectadas por uma política colonial que, após o seu encerramento, deixou profundas marcas, tornando necessária uma nova visada sobre as identidades portuguesa e moçambicana. É, justamente, esse novo trânsito das identidades criado pela literatura que pretendemos investigar no nosso trabalho.

A DRAMATIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA POESIA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Alexandre Bonafim Felizardo - USP
alexandrebonafim@hotmail.com

Na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, os espaços sofrem uma espécie de exaltação, de concentração, tornando-se “centros de vida”, conforme as palavras de Bachelard. Nesses lugares de predileção, nesses ambientes de existência concentrada, o drama humano irá se desenrolar, ganhando conotações simbólicas e metafóricas. Dessa forma, o jardim, o mar, a praia, o bosque, a cidade, serão mais que meros cenários; eles tornar-se-ão receptáculos das indagações do sujeito lírico, “correlatos objetivos” (conforme expressão de Eliot) do drama espiritual do eu poético. Tal procedimento, por sua vez, é levado ao paroxismo, quando a poeta consubstancia voz lírica e espaço em única identidade. Dessa forma, temos o que se poderia chamar de personificação espacial, em que um determinado lugar sofre antropomorfização, torna-se personagem. Em outros momentos, em sua arrebatada paixão pelo real, Sophia irá delinear uma busca pela geometria, pelas formas do mundo sensível, empreendendo uma mimese do mundo fenomênico, em que os objetos, lugares e seres tornam-se surpreendentes, densos, feéricos. Para a poeta portuguesa, parodiando Novalis, na poesia, quanto mais fidelidade ao real, mais o mundo se torna poético, fantástico. Com efeito, por essa intensificação existencial dos espaços, palcos do drama humano, a autora irá desvelar o sagrado, o tempo forte do mito, conforme propostas de Mírcea Eliade. Portanto, como proposta de análise, intentamos uma compreensão, pelos espaços poéticos de Sophia, de sua poesia e de sua poética, norteando sentidos capazes de aclararem sua obra.

LOBO ANTUNES: FICÇÃO E COTIDIANO

Alexandre Montauray - PUC-Rio
alexandre.montauray@terra.com.br

Esta comunicação está vinculada ao projeto de pesquisa “A constituição de uma poética comum: cotidiano, ficção e partilha na obra de António Lobo Antunes”, apoiado pelo CNPq. Como forma de sistematização dos resultados preliminares desta pesquisa, a comunicação pretende examinar a produção literária de António Lobo Antunes a partir de uma perspectiva que privilegie as representações literárias do cotidiano, presentes em sua ficção como operadores cognitivos da cultura, da memória e da sociedade portuguesas. A obra de Lobo Antunes tem sido constantemente lida e estudada em perspectiva com metanarrativas, como o salazarismo ou a história colonial, abordagens que, de certa forma, negligenciam um traço marcante no seu projeto de escrita: a articulação minuciosa de pequenas histórias que determinam os gestos incertos dos seus personagens e funcionam como base de um inventário de acontecimentos menores, desprovidos de uma relevância evidente, mas que, em contrapartida, apontam para conjuntos de atos e práticas simbólicas que particularizam grupos e segmentos sociais portugueses. A partir de uma análise que visa articular alguns pressupostos literários à sociologia do conhecimento, esta comunicação privilegiará a representação das formas cotidianas que, na obra do escritor, se

endereça a um conhecimento que preside a conduta na vida diária, estruturada a partir da organização de pequenos relatos fragmentados e invertebrados. Em outras palavras, poderíamos dizer que Lobo Antunes privilegia a representação do cotidiano, entendido como rede de significados afetivos, sociais, históricos e estéticos que funcionam como conjunto de instruções das potências de vida.

DO IPOD A TELEFUNKEN: UMA REGRESSÃO AO INFERNO A PARTIR DE LUIS MAFFEI

Alilderson Cardoso de Jesus - UFRJ
alilderson@globo.com

Luis Maffei, poeta brasileiro contemporâneo, é autor de dois livros: *A*, lançado em 2006, e *Telefunken*, em 2008. Nomes como o de Gastão Cruz, Herberto Helder, Adília Lopes e Manuel de Freitas são frequentemente chamados ao diálogo em ambas as obras de deste autor. Não só a poesia portuguesa contemporânea se faz presente em *Telefunken*, mas também *Telefunken* se faz presente em Portugal, pois em abril deste ano uma edição portuguesa é publicada pela editora Deriva. A poesia de Luis Maffei reúne uma rigorosa percepção crítica do mundo, afasta-se de metáforas gastas e da embriaguez pela forma, valendo-se do futebol, da política, da meta-linguagem e do erotismo, ao lado do melancólico, do colérico e do desesperanço. Além disso, é uma poesia irônica desde o batismo de um *sucesso* lírico (o livro de nome *Telefunken*) com um nome do fracasso capitalista (o televisor de marca Telefunken) – o que é, ao menos, sugestivo – ao conteúdo desta *maquina lírica*. A poesia, assim como Telefunken, não existe, ou melhor, existe porque o poeta a trouxe a lume. Assim, tal como o aparelho que decorava a audiência da sala, a poesia parece um objeto de excêntricos colecionadores. Vemos então que, como boa parte dos aspirantes ao lírico, Luis Maffei é um desses a forjar o objeto inusitado, que ao contrário da extinta marca de televisão deseja despertar mais que curiosidade ou ser “vaga luz” num lapso de nostalgia.

SENA E GOYA EM DIÁLOGO INTERSEMIOLÓGICO

Aline Pupato Couto Costa - UFRJ
maededois@oi.com.br

Partindo do poema *Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya*, de Jorge de Sena, o presente trabalho convida-nos a olhar a relação existente entre o sagrado e o profano

através de uma leitura intersemiológica com a pintura de Goya. Busca-se estabelecer o lugar da negatividade como lugar da transfiguração poética, trazendo, à luz da reflexão, a crítica à realidade social. É um convite a visitar a história por entre o viés da dor, da angústia e do medo; por entre os caminhos da religiosidade e da política. É pensar como Sena e Goya encenaram em suas artes esse inóspito mundo no qual vivemos. Se é por trás de um vermelho-sangue que Sena constrói a *Carta*, é sob esse mesmo tom que Goya pinta seus quadros, na alternância entre o claro e escuro, em que ambos apontam para uma possibilidade de recomeço. Com um discurso tenso, breve, pulsante e lírico, Sena nos leva à *dessacralização* do convencional e a pensar o que de fato delimita o espectro do sagrado. Tal perspectiva de equivalência e ambiguidade converge para os estudos em torno da criação literária, conforme o projeto *De Orfeu e de Perséfone: figuras da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas*, coordenado pela Professora Doutora Lélia Parreira Duarte, trabalho este que a ele se vincula. Este ensaio, enfim, é um convite a olhar a morte como possibilidade de começo. É ter o agora sem a espera do Juízo Final.

TRÂNSITOS E TRADUÇÕES LINGÜÍSTICAS e CULTURAIS NOS GLOSSÁRIOS DA COLEÇÃO “BIBLIOTECA DE LITERATURA ANGOLANA” (MAIANGA, 2004)

Aline Van Der Schmidt - UFBA
alinessa2@yahoo.com.br

O presente trabalho, vinculado ao Projeto de Pesquisa “Culturas em Língua Portuguesa, Transnacionalidade e Embates Pós-Coloniais: Iniciativas Editoriais de Circulação da Literatura Africana no Brasil em Tempos Globalizados *ma non troppo...* I-Biblioteca de Literatura Angolana (Maianga, 2004)”, sob coordenação da Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Maia Ribeiro, analisa os glossários da Coleção “Biblioteca de Literatura Angolana”, examinando os mecanismos de traduções lingüísticas como signos de trânsitos culturais, com base na produção e na recepção dos volumes. Uma vez que a Coleção é composta por livros angolanos em língua portuguesa, reeditados e explicitamente dirigidos a um público brasileiro, parte-se da inserção de termos de línguas tradicionais africanas em sintagmas de matriz portuguesa, para, diante do hibridismo hoje hegemônico, discutir-se a emergência de um sujeito migrante, que transita entre culturas e línguas diferentes, ora aderindo a uma, ora a outra, ora às duas e, por vezes, a nenhuma, buscando uma terceira ou quarta via, imprevista.

VERGÍLIO FERREIRA E A FILOSOFIA DO SENSÍVEL EM *NA TUA FACE*

Álison Alves da Hora - UFPE
alisson_dahora@yahoo.com.br

Dentro do seu projeto estético-literário, o romancista Vergílio Ferreira sempre trilhou um caminho no qual o pensamento da movimentação do ser humano face ao mundo e face aos seus semelhantes esteve em primeiro lugar. O questionamento filosófico desse movimentar-se, seus conflitos e problemáticas, transparece nos seus romances como questionamentos limites dos seus personagens, inseridos quase sempre num ambiente no qual o absurdo do mundo aparece amplificado. Em *Na tua face*, a reflexão sobre a arte e a sensibilidade, o

belo e o grotesco, seguida pelo contínuo jogo de visibilidades e invisibilidades e a percepção do mundo traz à tona, dentro do plano narrativo ferreiriano e ao seu modo particular, novos conceitos, impactos no senso comum, subvertendo os alicerces de um mundo internamento constituído. Sob o prisma do pensamento de Maurice Merleau-Ponty, em *Fenomenologia da Percepção* (1999) e *O visível e o invisível* (2007), analisamos esse romance, buscando sempre demonstrar a articulação de alguns dos pressupostos do pensamento fenomenológico com o projeto literário de Vergílio Ferreira: a questão do corpo, do olhar, do invisível aos olhos e da percepção do mundo como algo agudo e caótico. De tal forma, o romance vergiliano se inscreve no que o filósofo francês denomina de *filosofia do sensível*.

A PERSISTÊNCIA DA PALAVRA POÉTICA AFRICANA: VOZES TRANSNACIONAIS EM CONCEIÇÃO LIMA, DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Amarino Oliveira de Queiroz - UFRN
amarinoqueiroz@yahoo.com.br

Dentro dos estudos literários africanos que mapeiam as experiências em língua portuguesa, o arquipélago de São Tomé e Príncipe é frequentemente identificado como um território de poetas, muito embora possamos apontar uma expressiva quantidade de prosadores e ensaístas que a partir dali se têm destacado nas últimas décadas. Através da obra da escritora Conceição Lima, por exemplo, confirma-se parcialmente essa tendência. Dispondo-se entre o jornalismo e a literatura, a temática africana e a identidade cultural santomense em seus textos aparecem, muitas vezes, permeadas por um caráter relacional entre o factual e o poético. Sua poesia, em particular – para dizê-lo com palavras da crítica santomense Inocência Mata – situa-se num plano de reflexividade que constrói o relato de uma geração, mas onde também são enfatizados o fluxo histórico e a análise da consciência individual, em confronto com a coletiva. A experiência da emigração e a afirmação de uma identidade afro-insular, temas igualmente evocados pela autora através de seus versos, fornecem importantes elementos de análise e assimilação da realidade sócio-cultural de São Tomé e Príncipe. Sua militância internacional através do texto jornalístico possibilita, também, a abertura de outras frentes de atuação em que várias outras vozes, dispostas em paralelo, mas somando-se à força da palavra poética, são amplamente alinhadas a serviço da população comum e do público consumidor de literatura, tema ao qual se dedica este estudo.

A PAISAGEM AUSENTE NA POÉTICA DE MANUEL DE FREITAS

Ana Beatriz Affonso Penna - UFF
anabeatriz.a.penna@gmail.com

O presente trabalho tenciona analisar a obra do poeta português contemporâneo Manuel de Freitas sob a abordagem teórico-crítica do conceito de paisagem desenvolvido pelo ensaísta

francês Michel Collot. A paisagem, não mais reduzida por uma perspectiva apenas fisiológica da visão, é concebida por Collot como um espaço percebido que tem seu sentido organizado por uma subjetividade. Assim, as configurações poéticas dos elementos paisagísticos revelam-se estruturas de sentidos construídas numa confluência histórico-cultural entre sujeito, escrita e mundo. No que concerne à obra do poeta Manuel de Freitas, a partir principalmente da análise em sua poética da ausência de paisagens naturais e do diálogo mantido com outros artistas (músicos) e poetas, esta comunicação propõe-se a traçar os contornos de uma possível nova cena lírica em contexto português. Uma cena lírica que, imersa em uma figuração paisagística urbana fragmentada, ao assumir para si, como uma das suas propostas capitais, a comunicação da experiência de seu tempo, apregoa um lirismo “de restos”. Este texto vincula-se à iniciação científica no âmbito do Projeto de Pesquisa, apoio CNPq, “Paisagem e cidade na poesia portuguesa contemporânea: a poética de Manuel de Freitas”, sob coordenação da Profa. Dra. Ida Ferreira Alves - UFF, Niterói, RJ.

UMA SEDUTORA PEQUENA HEROICIDADE EM DESVIO – *O TRIGO E O JOIO*, DE FERNANDO NAMORA

Ana Carla Pacheco Lourenço Ferri - UFRJ
louferri@ig.com.br

O objetivo deste trabalho é a leitura crítica do romance de Fernando Namora, publicado em 1954, *O Trigo e o Joio*. Partindo da premissa de que a palavra literária tem a singular capacidade de escapar do autoritarismo do uso cotidiano da linguagem, a leitura orienta-se por privilegiar elementos que comprovem haver no romance de Fernando Namora um apelo estético que se sobrepõe ao discurso ideológico predominante no modelo tradicional do romance neo-realista português. Este artigo pretende observar como, a partir de uma temática neo-realista, o autor conseguiu criar um requintado discurso ficcional capaz de transformar a compra de uma burra num projeto coletivo, numa metáfora de libertação. Para tanto, o estudo recorta a forma de heroicidade em desvio representada pela figura do pícaro, sugerindo que os pequenos heróis construídos pela narrativa *O Trigo e o Joio* – por também serem sobreviventes de uma realidade hostil e opressora – podem ser vistos como alegorias dessa figura marginal.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN E NOÉMIA DE SOUSA: CARTOGRAFIAS POÉTICAS NO IMAGINÁRIO PÓS-COLONIAL

Ana Cláudia Félix Gualberto - UFPB
guanna@uol.com.br

O presente trabalho tem como finalidade analisar as nuances entre discurso e poder que delimitam o sujeito pós-colonial a partir do texto poético da portuguesa Sophia de Mello Breyner e da moçambicana Noémia de Sousa. A escolha destas poetisas deu-se pela experiência política, vivenciada por ambas, em relação ao processo ditatorial e colonial experimentados por Portugal e Moçambique. A poesia de Noémia, mais do que a de

Sophia, marca bem seu engajamento político através da denúncia social e do protesto a respeito da imposição ocidental européia em relação à cultura moçambicana. Assim, o texto poético de Noémia buscou incentivar a reconstrução individual e coletiva do imaginário e das tradições daquela cultura. Nesse sentido, os conceitos da representação e da auto-representação na literatura, cotejados com o pensamento de Ella Shohat e Robert Stam a respeito da crítica da imagem eurocêntrica, irão nortear o debate sobre a importância em reconhecer o lugar de enunciação para que se possa ocupar uma posição de agenciamento no contexto Pós-Colonial.

MIA E SOPHIA: DIÁLOGOS EM JESUSALÉM

Ana Cláudia da Silva - UNESP
anaclsv@uol.com.br

Em seu mais recente romance, *Antes de nascer o mundo* (2009), Mia Couto propõe novamente o intertexto com a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. Trata-se de um diálogo paratextual, que tem lugar nas epígrafes do romance, tal como ocorrera anteriormente em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (COUTO, 2003). O escritor moçambicano empresta da poesia de Sophia Andresen imagens que dialogam com a realidade ficcional do romance; temas como a viagem, o amor e a morte são os mais abordados nos fragmentos poéticos que constam das epígrafes de Couto. Tais recortes são motivados pelo fato de que o romance tem como espaço privilegiado um lugarejo remoto chamado Jesusalém, para o qual migrara Silvestre Vitalício, dois filhos e o cunhado, após a morte da esposa. O amor, a morte e a viagem, fatos que estão na origem da fábula desta narrativa, são, pois, ressignificados e recuperados nas epígrafes, sempre abundantes e profundamente significativas na obra de Mia Couto. Vale ressaltar que este romance traz muitas epígrafes de autoria feminina: além da intertextualidade com Sophia Andresen, encontram-se também, nos paratextos deste romance, poemas de Hilda Hilst e Adélia Prado, reforçando os laços com outras culturas de língua portuguesa que têm sido determinantes na obra do autor. Neste trabalho, apenas a vertente portuguesa desse diálogo é focalizada; a análise dos poemas de Andresen que comparecem nas epígrafes do romance de Couto procura determinar as formas pelas quais a poesia portuguesa amplia as possibilidades de leitura desta narrativa moçambicana.

LER, ESCREVER E BEM FALAR: O *METHODO PORTUGUEZ-CASTILHO* E SEU MÉTODO DE DIVULGAÇÃO

Ana Comandulli - UNIRIO/PPRLB
ana.comandulli@gmail.com

O Núcleo de Literatura Portuguesa do Pólo sobre Relações Luso-Brasileiras, sediado no Real Gabinete Português de Leitura, está realizando estudo histórico-cultural da obra de António Feliciano de Castilho e esta comunicação refere-se à área ligada à educação. Através da leitura minuciosa dos livros *Methodo Portuguez-Castilho*, *Alegria pela agricultura* e *Alegria pela educação*, foi estabelecido um *corpus* ainda mais específico: análise histórica e cultural de seus Prólogos, entendendo que a época de Castilho é a de um Portugal oitocentista, período de confronto entre a tradição e a renovação. O quadro histórico mostra um país cuja população era composta de maioria analfabeta, ligada a uma agricultura carente de progresso, longe da revolução industrial dos países não ibéricos. Portanto, era necessário mais que um método de aprendizagem, era necessária uma nova escola, uma modernização do conceito de educação e agricultura. Buscando garantir a execução de seus projetos, Feliciano de Castilho produz seus textos dedicando sua obra a quem possa colocá-la em prática e em evidência. Através do estudo desses prólogos é possível delinear traços do momento histórico e cultural do Portugal oitocentista.

CHEGADAS E PARTIDAS EM *APARIÇÃO* E *ESTRELA POLAR*

Ana Cristina Fernandes Pereira Wolff - UTFPR/UEM
anacris.wolff@gmail.com

Indissociável da ideia de viagem, a diáspora é um fenômeno antigo na história do homem, marcando sua existência desde a Antiguidade. A fase contemporânea da diáspora – que teve início com o final da Segunda Guerra Mundial e perdura até hoje – tem oferecido um rico material para o estudo das identidades e subjetividades em trânsito. Noções como pertencimento, memória e cultura se entrelaçam na tênue rede que permeia a vida daqueles que são, voluntária ou involuntariamente, obrigados a abandonar sua terra natal. A literatura oferece uma miríade de textos que, dentre diferentes possibilidades de leitura, permitem também a identificação do sujeito diaspórico e as consequências advindas da mudança. Com base nisso, a proposta deste trabalho é observar os efeitos que o deslocamento provoca em dois dos narradores-protagonistas de Vergílio Ferreira: Alberto e Adalberto. Ambos, no início de *Aparição* e *Estrela Polar*, respectivamente, encontram-se em trânsito: Alberto chega a Évora, Adalberto retorna a Penalva. A partir desse momento inicial, procura-se verificar os embates travados entre eles e o novo espaço, bem como os desdobramentos desse recomeço em suas vidas. É visível que a permanência nesses lugares alterou completamente a vida dos dois narradores, conduzindo-os a novos caminhos e levando-os a re-construir sua história pela memória.

MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL. *O ÚLTIMO CAIS*, DE HELENA MARQUES

Ana Isabel Moniz
Universidade da Madeira – Portugal
anamoniz@uma.pt

Direccionando este trabalho para os percursos da Utopia e Viagem na Literatura Contemporânea, proponho-me dedicar ao livro *O último cais*, de Helena Marques, de modo

a considerar a problematização da viagem na sua relação com a memória e busca de identidades. As relações entre Utopia e Viagem, tendo em conta proximidades e desvios destas áreas do saber, poderão conduzir-nos à reflexão sobre as diversas modalidades da viagem pelo espaço e pelo tempo da escrita (itinerários identitários, ruptura e aprendizagem, busca de raízes, sentidos da existência) na escrita da autora. A perspectiva da Emigração, associada à problematização da viagem na sua produção, constituirá também objecto particular da minha atenção ao longo deste trabalho. As deslocações contadas e ficcionadas por Helena Marques nem sempre mostram a dureza de um mundo pesaroso e complexo em que o sofrimento seria o denominador comum sobre o qual se poderia distinguir um pano de fundo cultural e próprio. A violência da deslocação/viagem emerge quase por inerência ao próprio acto de partir, das despedidas no cais, dos cheiros a maresia que o viajante/emigrante sempre (pres)ente em outros lugares e das constantes evocações de paisagens da ilha, dando a ver mapas culturais e identitários.

CAMILO E BALZAC: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Ana Luísa Patrício Campos de Oliveira - USP
isaludovica@ig.com.br

Ao lançarmos um olhar comparativo aos exemplares ficcionais escritos por Honoré de Balzac e Camilo Castelo Branco, escritores de fundamental importância para a compreensão da literatura oitocentista em França e Portugal, levantou-se a hipótese de que nem só de semelhanças marcantes se nutre o cotejo entre estes cânones romanescos. Nesse sentido, o objetivo central do presente artigo é o de analisar uma questão ainda inédita no que tange à comparação entre o legado balzaquiano e camiliano: a diferente concepção que os respectivos narradores veiculam acerca dos efeitos sociais no homem – a benevolência humana que, por vezes, consegue superar a influência maléfica da materialista sociedade francesa oitocentista *versus* a incontornável incidência nefasta da argentária sociedade portuguesa do século XIX. Ainda, apontaremos como a referida perspectiva balzaquiana se afasta e a mencionada visão camiliana se aproxima da teoria rousseauiana, consoante a qual o homem é bom, mas a sociedade o degenera, conceito expresso no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Vale ressaltar que tomaremos como *corpus* literário desse estudo as obras *Eugénie Grandet* (1833) e *Onde está a Felicidade?* (1856), romances que, como procuraremos evidenciar, mostram de maneira clara as diversas mundividências literárias propaladas pelas instâncias narrativas balzaquiana e camiliana.

REFLEXÕES SOBRE ROMANCEIROS: SIMBOLOGIA E CONTINUIDADES

Ana Márcia Alves Siqueira - UFC
anaemar2003@yahoo.com.br

Romanceiro é a designação atribuída ao gênero literário de tradição oral constituído pelo conjunto de breves poemas tradicionais ou romances cuja origem remonta à Baixa Idade Média. Gênero este nascido ao sabor das mais variadas influências, que vão desde a poesia

épica às baladas, passando pela fixação de sucessos históricos, tem sido caracterizado pela dificuldade de se definir uma forma fixa e única a esta produção, que sobrevive há cerca de 700 anos e que tem como principal referência a tradicionalidade. Assim, a partir do pressuposto de que estes romances ou poemas não devem ser considerados objetos poéticos definitivos, em consequência de seu caráter oral inerente, isto é, de se constituírem como criações em constante *devir*, devido ao processo de tradicionalização, que leva implicitamente à assimilação desta produção pelo povo. Pressupondo uma ação continuada e ininterrupta que reproduz e recria variantes, este trabalho procura discutir e analisar a simbologia e as continuidades presentes nas transformações e/ou recriações deste repertório de textos transmitidos ao longo dos séculos, bem como refletir sobre a permanência deste gênero.

CRUZAMENTOS ENTRE A LITERATURA CANÓNICA E A LITERATURA INFANTIL: TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

Ana Margarida Ramos
Universidade de Aveiro – Portugal
anamargarida@ua.pt

Dividindo a sua produção literária por diferentes públicos, definidos em função de uma faixa etária e aos quais corresponde, necessariamente, uma competência leitora distinta, muitos escritores contemporâneos de língua portuguesa, dos quais destacamos José Saramago, António Lobo Antunes, Lídia Jorge, Urbano Tavares Rodrigues, Mia Couto, Ondjaki, Gonçalo M. Tavares, José Eduardo Agualusa, Manuel Alegre, Jorge Sousa Braga, Manuel António Pina ou Francisco Duarte Mangas, entre outros, repartem por ambos os universos um conjunto mais ou menos estável de preocupações, literariamente reescritas, através de temas e motivos, cuja assiduidade e insistência permitem identificar poéticas globais, não circunscritas a um público-alvo preferencial. Não configurando necessariamente um fenómeno de *crossover literature*, tal como foi definido por Sandra Beckett (2009), mas mantendo com ele alguma afinidades pontuais, no sentido em que tanto as produções, para adultos como para crianças, daqueles autores, são devedoras das mesmas inquietações, percorridas por temas universais, incluindo questões complexas como a vida e a morte, a recriação da memória e do passado, a problematização do conhecimento, da Ciência e da História. A abrangência temática e genológica que caracteriza a Literatura para a Infância e Juventude contemporânea explicarão a abertura de fronteiras a um conjunto cada vez mais significativo de autores, para além dos mais habitualmente conotados com esta produção. Deixando, sobretudo a partir da década de 90, de estar circunscrita a temáticas habitualmente conotadas com o universo infantil, criadoras de uma certa ambiência positiva e uma tonalidade eufórica na criação de um mundo onde o fantástico, o maravilhoso e a tranquilizadora positividade tinham lugar garantido, a literatura infantil contemporânea abre-se a todas as visões do mundo, mesmo as tradicionalmente consideradas apoéticas, aumentando consideravelmente o espectro de leituras e, conseqüentemente, de análise. Tão potenciadora de leituras múltiplas como a sua irmã maior, a literatura para a infância contemporânea percorre, com evidente

originalidade, como este estudo pretende mostrar, caminhos novos, propondo leituras alternativas à maniqueísta organização do mundo dos textos tradicionais, dando voz a conflitos interiores, às inquietudes do indivíduo, à questionação, à fragilidade do mundo, num caleidoscópio cada vez mais multifacetado e multicolor.

AS NAUS: PARÓDIA DA EPOPÉIA PORTUGUESA

Ana Paula Silva / Prof. Dr. Gerson Luiz Roani - UFF
apsrevisora@yahoo.com.br

As naus, de Lobo Antunes, reinventa o passado de conquistas que Camões exalta em *Os Lusíadas*. No romance, personagens vinculados à gesta das conquistas e um poeta chamado Luís são inseridos na realidade portuguesa da descolonização. Num viés paródico, evidenciando as problematizações pós-modernas e criticando a situação político-social de Portugal do século XX, *As naus* devolvem a Portugal os heróis da epopéia camoniana. Personagens como Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama, Diogo Cão, dentre outros, são “os retornados”, ou seja, ex-colonos que voltam da África fracassados e vagam por Lisboa, destituídos da grandiosidade e do caráter heróico. Chamando a atenção também para as guerras coloniais na África, o romance faz repensar essa identidade cultural condicionada pelo espírito épico de exaltação às aventuras marítimas e conquistas territoriais. Assim, a narrativa de Lobo Antunes dessacraliza o mito da lenda nacional ao presentificar o passado, sob a perspectiva do questionamento. Dessa maneira, o discurso épico é desafiado pelos mecanismos de ficção no universo romanesco e pelas críticas à realidade atual do país em contraposição ao mito de nação predestinada à glória. Neste trabalho, pretende-se mostrar como essa narrativa pós-moderna, por meio da paródia e da ironia, se apropria do texto épico, bem como de figuras históricas das grandes navegações portuguesas, para subverter seu discurso e assim problematizar a aclamação ao passado, numa relação dialógica.

ASPECTOS DA AUTOGNOSE EM VIAGENS NA MINHA TERRA

André Luiz Alves Caldas Amora - PUC-Rio
andrecaldasrj@gmail.com

Possuindo uma vida política engajada e atuante, e considerado um dos cânones do Romantismo em Portugal, João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett apresenta uma obra vasta, na qual encontramos elementos que a elevam como uma das mais valiosas produções literárias da história da Literatura Portuguesa. Além de autor do belíssimo poema intitulado *Camões* - obra que inaugura o Romantismo em Portugal, em 1825 -, vemos em Almeida Garrett um grande poeta, dramaturgo e romancista. Da sua primeira obra publicada, *Retrato de Vênus*, em 1821, até a sua última, *Folhas caídas*, em 1853, apareceram diversas outras obras que certamente representam o que há de melhor na literatura portuguesa de oitocentos: o seu conhecido e valioso *Auto de Gil Vicente*, o drama *Frei Luís de Sousa* e os romances *O Arco de Santana* e *Viagens na minha terra*. Publicado em livro no ano de 1846, após sua publicação em folhetins na *Revista Universal Lisbonense*, entre 1843 e 1844, *Viagens na minha terra* pode ser considerado, em nosso

ponto de vista, uma das obras precursoras do que o ensaísta português Eduardo Lourenço chama *autognose*. A viagem, com suas constantes digressões, que o narrador faz de Lisboa a Santarém, acaba por revelar o pensamento de um autor que procura encontrar os porquês do estado de decadência de Portugal, nessa “pátria *a ser feita* e não apenas *já feita*”, termos do próprio Lourenço, no célebre livro *O Labirinto da Saudade*. Nosso estudo tem por objetivo pensar os aspectos da autognose presentes na obra garrettiana, buscando mostrar como o autor de *Camões* antecipa, no século XIX, a revisão de valores nos campos social, político, cultural e, principalmente, histórico de uma sociedade portuguesa arraigada em sua débil grandeza de outrora.

MAPAS POÉTICOS DE LUANDA: ENTRE CAMARADAS E MUJIMBOS

Andrea Cristina Muraro - USP
a.muraro@uol.com.br

Analisa-se nesta comunicação duas narrativas angolanas, uma delas *Quem me dera ser onda* de Manuel Rui (1941), publicada em 1982, e *Bom dia camaradas*, de Ondjaki (1977), publicada em 2000, em dois pontos de convergência: o discurso utilizado pelos protagonistas através da palavra “camarada” e o espaço como disseminador do discurso político-ideológico. Ao entrar por espaços diversos de Luanda, a forma de tratamento “camarada” provoca um choque lingüístico que é um choque do ‘ser’ com ‘o outro’, que desconstrói, desmonta e desarruma zonas de fricção, isto é, de formação do enredo. Essa “zona de fricção” está na oralidade, já que a estrutura textual das narrativas se assemelham a de um mujimbo, que é como a comunicação circula extraoficialmente, criando novas tensões, ou seja, uma estrutura interna que o teor do discurso marxista-leninista como um corpo externo e estranho tenta invadir. QMDSO e BDC desconcertam seus leitores porque desarrumam o discurso político vigente em Angola no pós-Independência. Nas obras - tribunas, desfiles em datas cívicas, racionamento, gregos na escola, propagação do discurso político através da Rádio Nacional - transformam-se de política em poética, uma estética de mujimbos no mapa de Luanda.

MEMÓRIAS COMPARTIDAS: IMAGENS E VOZES MIGRANTES EM NAÇÃO CRIOLA DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Andréa do Nascimento Mascarenhas Silva - UNEB
marenhas@yahoo.com.br

A partir da investigação de textos da cultura capazes de fazer as vezes de “arquivos” de oralidade – centro investigativo que elejo para estudar/pesquisar atualmente, busca-se, aqui, na esteira dos estudos intersemióticos, olhar para a literatura de Agualusa com vistas a vislumbrar outros horizontes sensoriais, ou seja, no câmbio entre memória e percepção

verbo-visual é capaz de se pintar um traçado pejado de alteridades ou atuais contornos crítico-interpretativos da arte e da cultura. Com isso, pretende-se “ver/ouvir” vozes e imagens migrantes como que escondidas entre palavras e metáforas das “cartas” impressas pela *Nação crioula* do autor africano, por sua vez já genuinamente dialogantes não só com as “cartas” de Eça de Queiroz, com também com tempos e espaços vividos e imaginados nas demais literaturas de língua portuguesa. Dessa leitura/decifração, perceber outros mapas-rotas-viagens que a memória é capaz de trilhar quando a pena literária se propõe a desenhar H/histórias e imaginários não presos a qualquer amarra. Desse passeio crítico é possível sentir que entre nações e expressões literárias ainda há muito palimpsesto cultural a ser visto/revisto e entrever neste “arquivos” alternativos das gentes e suas linguagens.

O ESPLENDOR DE PORTUGAL E VINTE E ZINCO, POR MOÇAMBIQUE: IMAGENS HODIERNAS DE NAÇÃO E SUJEITO PÓS-COLONIAL

Andréa Viana Falcão dos Santos
Centro Educ. Marquês de Abrantes/Prefeitura de Camaçari-BA
dea_viana@yahoo.com.br

A partir do estudo dos romances *O esplendor de Portugal*, de António Lobo Antunes, e *Vinte e Zinco*, de Mia Couto, o presente trabalho examina os processos de (re)configuração das idéias de nação e nacionalidade e os mecanismos do discurso colonial de construção de identidade e alteridade presentes em tais obras, que encontram, em seus aportes temáticos, um ostensivo ponto de articulação: a fratura do regime colonial português e o deflagrar múltiplo de ondas de descolonização em Angola (*O Esplendor de Portugal*) e Moçambique (*Vinte e Zinco*), consideradas as particularidades e diferenças nos tratamentos conferidos por ambos os autores dos romances aos momentos decisivos abordados. São objeto de investigação as estratégias de construção do sujeito (pós-)colonial, destacando a estereotipia e seus diversos protocolos de discriminação, a partir da avaliação das principais personagens femininas dos romances citados: Isilda, personagem de António Lobo Antunes, que se recusa a deixar Angola e o passado, mesmo após o fim do regime colonizador; e Irene, personagem de Mia Couto, irmã da matriarca da família colonizadora portuguesa, que chega a Moçambique e termina por criar laços identitários em terras africanas. Destacam-se como alicerce teórico-crítico para as reflexões empreendidas acerca de tais temas as postulações da Literatura Comparada e a interdisciplinaridade com as áreas das Ciências Humanas e Sociais.

O QUE DIZEM AS CARTAS DE AMOR DE PERDIÇÃO

Andreia Alves Monteiro de Castro - UERJ
andreiaacastro@yahoo.com.br

A presente comunicação tem como finalidade analisar as várias funções exercidas pelo discurso epistolar no romance *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. Sejam elas

ligadas à forma ou intrínsecas à elaboração de conceitos e significados. Muito em voga na época, as cartas se fazem presentes em muitos outros romances oitocentistas, como as missivas de Eurico para Hemengarda, em *Eurico, o Presbítero* (de Herculano), a carta final de Carlos para Joaninha em *Viagens na Minha Terra* (de Garrett) e as cartas de Basílio e Luísa em *O Primo Basílio* (de Eça de Queirós). Neste contexto, é possível salientar a grande importância da análise desse elemento ficcional. Outro objetivo seria o de evidenciar que as cartas trocadas por Simão Botelho e Tereza Albuquerque revelam muito mais do que uma história de amor contrariado, que seguiria os moldes da escola romântica, como muitos ainda defendem. Essas cartas, e o romance como um todo, retratam antes de tudo os anseios, os conflitos e as pressões sociais vividas no Portugal do século XIX. É neste viés que verdadeiramente aparece o olhar perspicaz, inquieto e, até mesmo, desesperançado de Camilo Castelo Branco, que critica os valores da sociedade na qual está inserido sem muitas das vezes avistar uma saída possível. A obra de Camilo com certeza transcende os limites da classificação por estilo de época, classificá-lo apenas como romântico seria no mínimo ter uma visão superficial e simplista do seu legado.

A INFLUÊNCIA MACHADIANA E A IRONIA PRESENTES NO DO DISCURSO DO NARRADOR MULTIFACETADO EM *PEDRO E PAULA*, DE HELDER MACEDO

Andreia Ferreira Alves Carneiro - UEFS
deia_lves@yahoo.com.br

Pedro e Paula caracteriza-se por ser um romance muito mais que histórico, ele retrata algo que “poderia ter acontecido”, ou as mudanças que realmente aconteceram em Portugal durante a ditadura do salazarismo. Com um linguajar simples e tratando a história de maneira sutil, Helder Macedo, leitor assíduo de Machado, discorre ao longo do romance a mudança de valores e pensamentos que estavam ocorrendo no país através da trajetória de dois irmãos gêmeos. Irmãos estes que, opostos e similares também passavam por estas transformações, e que fazem o leitor retornar a memória os personagens Pedro e Paulo, da obra machadiana *Esau e Jacó*. Para dar credibilidade a sua narrativa, o autor lança a mão do artifício de um narrador-personagem sob a pele de um narrador-observador, ou mesmo um narrador-autor, tão incerto sua identidade quanto o papel ao longo do romance. Ao iniciar o romance afirmando que estava narrando o que possivelmente não aconteceu o narrador mostra que não é confiável, isentando-se de futuros erros, tentando ganhar credibilidade do leitor. Este narrador no decorrer de toda história defende-se de possíveis erros, alegando que apenas contava o que ouviu o que lhe disseram. Deste modo aproveita para opinar sobre os acontecimentos, ironizando a ação de alguns personagens e narrando o que faria se fosse esta ou aquela pessoa. Desta maneira este estudo perpassará sobre Helder Macedo enquanto leitor machadiano e suas influências, ao passo que chega ao pseudo-narrador, ou apenas o narrador observado que opina sobre o destino das personagens, alegando que não sabe o que fazer com algumas delas e como agiria se fosse um deles. Ele aproveita ao longo do romance para opinar sobre os acontecimentos, algumas vezes com sutil ironia, debochando das atitudes de personagens como, por exemplo, Gabriel, que inicialmente resistiu às investidas de Paula.

O ARQUIPÉLAGO DA INSÓNIA E A SEGREGAÇÃO DOS AFETOS

Ângela Beatriz de Carvalho Faria - UFRJ
angela.faria@ig.com.br

Reflexões sobre o romance de António Lobo Antunes, *O arquipélago da insónia*, publicado em 2008. “A estética de negatividade e onirismo”: “isto não é um livro, é um sonho”. A questão da representação narrativa: a presença de “círculos concêntricos que se estreitam e aparentemente nos sufocam”, a compulsividade da escrita e a indecisão inerente a ela; as superposições espaciais e temporais; a confluência de vozes manifestas, as elipses narrativas e a animização de objetos simbólicos. A captação do mundo e dos outros, a partir do olhar de um autista - “navio à vela a desfazer-se nas rochas”. As subjetividades em conflito e o naufrágio existencial: a indeterminação das identidades dos sujeitos que se assemelham, por vezes, a fotografias retidas na memória; a desagregação da casa e da família; a desolação, “a penúria e o isolamento dos lugares” e dos seres. A estética da crueldade: a opressão do latifúndio, a desigualdade social e econômica, a ausência de afetos, a “noite” da memória - os “motivos existenciais e poéticos de anulação e obscurecimento do humano”.

CRÓNICA FEMININA, DE INÊS PEDROSA: NA MEMÓRIA DOS DIAS, O COMPROMISSO COM A ESCRITA.

Angela Maria Rodrigues Laguardia - UNIPAC-MG
angelamrl@gmail.com

Publicada em 2005, *Crónica Feminina* reúne crônicas que a jornalista e escritora Inês Pedrosa vinha publicando há vários anos no Semanário *Expresso* e revela o seu comprometimento com a palavra, mobilizada através das crônicas, como espaço de luta e reflexão. Testemunha temporal dos acontecimentos cotidianos, a crônica guarda na memória dos fatos a alma do cronista. Espelhada por uma perspectiva subjetiva, busca temas que podem ampliar ou reduzir a história de uma sociedade, de um povo ou país. Consciente desta importância do gênero, Inês Pedrosa aborda temas inquietantes como o aborto, a violência sobre as mulheres, a educação e a justiça entre outros. Sua palavra afiada sonda os fatos e a essência dos acontecimentos, propiciando, assim, um terreno que aproxima a jornalista da escritora, a escrita comprometida e a sedução da romancista.

UMA INSÓLITA MEMÓRIA: A INSERÇÃO DO INSÓLITO EM “DO DEUS MEMÓRIA E NOTÍCIA”, DE MÁRIO DE CARVALHO

Angélica Maria Santana Batista - UERJ
angelicamsbatista@gmail.com

O escritor português Mário de Carvalho, em sua obra *Contos da Sétima esfera* (1990), recupera, a partir da inserção de elementos insólitos não ocasionais na narrativa, imagens caras à formação de Portugal. Essa obra dialoga com tradições místicas, míticas e literárias

de que se nutre, e relendo a tradição de seu país repensa o mundo em que se inscreve a partir de transfigurações do que tem sido comumente visto como “real” pelo senso comum. A partir de imagens importantes para o imaginário Ocidental como o mar e o deserto, *Contos da Sétima esfera* tem como principal temática a origem de reinos e o nascimento de heróis. Entre os contos da obra, destacar-se-á aqui “Do deus memória e notícia”. Por meio da formação de Ghard-Nova, um novo território de uma Ghard invadida por bárbaros, pode-se inferir a própria construção da identidade ibérica. Em paralelo à constituição da cidade, que prospera, enquanto a velha Ghard tomba diante dos invasores, existe a figura de um deus gigante e caprichoso que se considera único e verdadeiro, mas acaba paulatinamente vencido pela história reescrita intencional e deliberadamente por Sarténides, filósofo da cidade. No decorrer do conto, percebe-se que o deus e a cidade são compostos tanto pela memória como pela escrita, que dela dá conta, construindo-a, desconstruindo-a e reconstruindo-a, conforme interesses do historiador. Isso significa que o que existe é antes de tudo uma relação de permanência e mudança para além do poder de deus e dos homens. O poder é uma construção da memória, que se faz pela notícia da cidade e do deus. Pode-se inferir que, por meio de um texto que relembra as narrativas primordiais recheadas do universo maravilhoso, é possível repensar a própria identidade portuguesa.

UMA CONSTELAÇÃO DE DANAÇÕES. UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE O PROBLEMA DOS JUDEUS EM PORTUGAL NA OBRA *ORÍON*, DE MÁRIO CLÁUDIO

Angelo Adriano Faria de Assis - UFV
angeloassis@ufv.br

Este trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa “Literatura, História e (Re)construção da Memória”, que coordeno no Mestrado em Letras da Universidade Federal de Viçosa. Após séculos de bom convívio entre cristãos, mouros e judeus na Península Ibérica, o fim do século XV seria marcado como um momento de reviravoltas. Primeiro na Espanha, em 1492 e, em seguida, em Portugal, nos anos 1496-97, os mouros e judeus seriam expulsos, obrigados a decidir entre se tornarem cristãos batizados ou permanecerem judeus, partindo em exílio. Nos dois reinos, o processo de monopolização religiosa traria especificidades bastante cruéis, como injúrias, perseguições, chacinas contra os que eram oriundos de outra crença religiosa. Destaque, em Portugal, para as medidas tomadas pelo rei D. João II que, em 1496, ordenaria a retirada dos filhos de judeus com idade até 12 anos dos braços da família para serem entregues a famílias cristãs que habitavam o arquipélago de São Tomé e Príncipe. Este drama é narrado pela escrita do autor português Mário Cláudio, que retoma a história em forma de romance para tecer as misérias sofridas por estas famílias de judeus separadas à força. Trata-se de *Oríon*, publicado em 2003, segundo de uma tríade de romances baseado no nome de constelações (os outros dois são *Ursa Maior*, de 2000, e *Gêmeos*, publicado em 2004). A narrativa do autor mistura história e ficção, e, segundo o mesmo, “a trilogia se debruça sobre o discurso do poder, e sobre as várias reações a ele”. Em *Oríon*, vislumbra-se o poder da Igreja sobre o destino de sete crianças judias: Abel (que é o narrador das histórias), Raquel, Débora, Caim, Benjamin, Séfora e Jairo. Este trabalho tem como objetivo analisar as interligações entre o processo de criação literária e o seu referente histórico, a partir do olhar do escritor sobre os acontecimentos.

MARIA MONFORTE COMO GÊNESE DO MAL EM OS MAIAS, DE EÇA DE QUEIRÓS

Anne Caroline Moraes de Assis - UFC
carolineassismab@gmail.com

O comportamento de algumas personagens femininas da literatura reforça o estigma de que a mulher carrega em si a essência do mal – pensamento desenvolvido principalmente durante os séculos XI à XIV. Maria Monforte, uma das personagens mais conhecidas da obra de Eça de Queirós, chocou a sociedade de sua época ao trair e abandonar o marido e o filho, ainda pequeno, para viver uma paixão numa época em que a mulher devia ser submissa e obediente ao seu cônjuge, à Igreja e à sociedade. Tal atitude transgrediu preceitos religiosos, sociais e morais, e ainda desencadeou uma série de tragédias que acometeram a família Maia, como o suicídio de Pedro, o relacionamento incestuoso entre os irmãos Carlos Eduardo e Maria Eduarda e a morte de Afonso. Para compreender melhor a associação feita entre a postura da referida personagem com a *mentalidade* negativa que se tinha a respeito da mulher no período do medievo fez-se necessário localizá-la no tempo e no espaço, pontuando os aspectos históricos, morais, sociais e religiosos de sua época, os quais se configuram como *resíduos* medievais. A Teoria da *Residualidade* foi o viés teórico desta pesquisa e o fio condutor entre os valores defendidos pela Igreja e pela sociedade do medievo e do Realismo eciano. Após a leitura da obra percebeu-se a participação de Maria Monforte, direta ou indiretamente, nos fatídicos episódios desta narrativa, confirmando que, neste caso, a *mentalidade* que envolveu essa personagem, em muito, remonta aquela do perfil da mulher maligna e malévola disseminada e rechaçada durante a Idade Média.

“A ENCANTADA E FANTÁSTICA COIMBRA”, DE EÇA DE QUEIRÓS.

Antonio Augusto Nery - USP
gutonery@hotmail.com

Eça de Queirós cursou a graduação em direito, na Universidade de Coimbra, entre 1861 e 1866. Esses quatro anos parecem ter sido fundamentais para o estabelecimento de idéias e ideais que, conforme pretendemos averiguar neste trabalho, permaneceram ao longo da vida do escritor, presentes em diversos de seus textos, ficcionais ou não. Voltando nossa análise especificamente para a temática religiosa, constante na produção literária de Eça, procuraremos demonstrar que muito embora não houvesse a preocupação do escritor, nesses tempos de juventude, com os temas sociais pelos quais ficou eternizado, e que a vida boêmia, junto com os devaneios ligados à fantasia, fossem mais vivenciados do que a reflexão acerca da realidade que cercava ele e seus amigos acadêmicos, quando o assunto envolvia temas religiosos, a crítica ferina de Eça já se fazia presente de forma clara, direta e muito peculiar. O tempo passado em Coimbra transparece guardar indícios do sentido que a crítica, voltada à Instituição religiosa e a tudo o mais que estivesse correlato a ela, tomaria nos textos do autor que ainda estavam por vir. De fato, se havia algum indício de revolta presente nos “cavalgadores da fantasia”, como Eça se refere a si e a seus companheiros de

universidade, era contra a Instituição religiosa, nomeadamente a Igreja Católica, que exercia considerável influência na Universidade de Coimbra nestes idos.

O DISCURSO DA MEMÓRIA: DE FERNÃO LOPES A SARAMAGO

António Moniz
Universidade Nova de Lisboa – Portugal
am.moniz@fcs.unl.pt

O tecido da Memória, associado à acção inspiradora das Musas de Apolo, filhas de Zeus e da Harmonia, designadamente a Clio, a Musa da História, constituiu, desde sempre, a marca fundamental de uma identidade colectiva, qualquer que seja o ponto de vista do cronista, do historiador ou do poeta épico. No entanto, em épocas de crise e viragem cultural e civilizacional, como a actual, tal tecido assume foros de urgente caracterização e revisitação. Da Literatura Portuguesa escolheremos um percurso cronológico elucidativo de uma pluralidade de perspectivas do registo da Memória, ainda que unidas por uma base comum de identificação nacional: Fernão Lopes (do protagonismo do Mestre de Avis à acção da arraia-miúda); João de Barros (a gesta épica e o encontro com o Outro); Fernão Mendes Pinto (o claro-escuro dos heróis); Diogo do Couto (o diagnóstico decadentista); Luís de Camões (o canto dos valores éticos e o desencanto com o real); José Saramago (o contraste entre as figuras do poder e os heróis de pé descalço).

A RECEPÇÃO DA LITERATURA PORTUGUESA NO BRASIL MERIDIONAL DO SÉCULO XIX

Artur Emilio Alarcon Vaz - FURG
arturvaz@terra.com.br

Sempre se comenta a intensa influência da literatura portuguesa na brasileira ao longo do século XIX, principalmente até o início do Romantismo, quando teria começado - tanto politicamente, quanto esteticamente - uma lusofobia, coincidindo com a ascensão progressiva da cultura francesa. Apesar da repetição dessa ideia em vários autores e histórias da literatura brasileira, pouco se verificou esse argumento em fontes primárias do século XIX, como testamentos, propagandas de jornais e catálogos de bibliotecas e livrarias. Esse é o objetivo dessa pesquisa, parte integrante do projeto de pesquisa “Sistema literário de Rio Grande: formação e consolidação”, focando esse movimento de forma específica na cidade gaúcha de Rio Grande, primeira cidade fundada no Rio Grande do Sul (1737) e único porto marítimo do estado. A pesquisa baseia-se em quatro fontes: (a) os livros citados em testamentos registrados em Rio Grande, entre 1800 e 1850, e coletados por Jorge Araújo em seu livro *Perfil do leitor colonial*; (b) a lista de livros publicados em Rio Grande, entre 1831 e 1869, coletado por esse projeto; (c) as propagandas de livreiros entre 1849 e 1855, coleta também deste projeto; (d) os livros incluídos no *Catálogo de 1877*, da atual Biblioteca Rio-Grandense. Ainda que parcialmente, pretende-se assim mostrar que a importância da literatura portuguesa na formação e consolidação do sistema literário na cidade gaúcha de Rio Grande, pois mesmo a literatura de outras línguas lida

aqui era conhecida e divulgada através do olhar (e obviamente das tipografias) da ex-metrópole.

EDIÇÕES CRÍTICAS, DIVERGÊNCIAS LÉXICAS E LEITURAS DE TEXTOS MEDIEVAIS PORTUGUESES

Aurelina Ariadne Domingues Almeida - UFBA
ariadnealmeida@uol.com.br

Estudos literários são desenvolvidos a partir de textos editados criticamente. Afinal, em suas edições críticas, os filólogos buscam, na medida do possível, oferecer ao público interessado textos fidedignos; fontes confiáveis para a elaboração de múltiplos trabalhos. No que concerne aos textos medievais portugueses, mais especificamente ao cancionero galego-português, verificamos a existência de edições críticas que servem de base para a realização de pesquisas literárias, entre outras. Algumas dessas edições são feitas, por exemplo, a partir do gênero da cantiga: se de amor (VASCONCELOS, 1990), se de amigo (NUNES, 1973), se de escárnio e de maldizer (LAPA, 1995); outras são desenvolvidas visando à obra de um determinado trovador, a exemplo da edição preparada por Panunzio (1967) para o cancionero de Pero da Ponte. Constatamos que há algumas desigualdades, no tocante às leituras propostas pelos editores críticos para um mesmo texto. Para este Congresso, nos deteremos particularmente nas diferenças léxicas presentes em algumas edições das cantigas satíricas. A fim de produzirmos o estudo dessas divergências, examinaremos, em princípio, variadas edições, como a edição preparada por Lapa (1995) e como aquela elaborada por Lopes (2002). Com esse exame, objetivamos, inicialmente, proceder ao levantamento das lexias dissonantes, para, na seqüência, efetivarmos propriamente um estudo léxico-semântico a respeito dessas unidades léxicas, observando possíveis deslocamentos de sentidos ocasionados pelo uso de uma ou de outra lexia. Destarte, pretendemos discutir como as edições faceadas interferem nas leituras de cantigas satíricas trovadorescas. Supomos que os resultados da comunicação ora proposta, de algum modo, podem colaborar para um debate acerca da relação entre edições críticas e leituras de textos satíricos trovadorescos, o que poderá ser uma contribuição, ainda que bastante modesta, para alguns professores de Literatura Portuguesa.

MEMÓRIA E IDENTIDADES EM TRÂNSITO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS EM *O HOMEM DUPLICADO*

Aurora Gedra Ruiz Alvarez
Universidade Presbiteriana Mackenzie
auroragedra@hotmail.com

Lílian Lopondo
USP/Universidade Presbiteriana Mackenzie
lopondo@uol.com.br

Não é por acaso que o protagonista do romance *O Homem Duplicado*, de José Saramago, é um professor de História interessado pelas antigas civilizações. Também não é por acaso que seu duplo, António Claro, seja um ator. Ambos percorrem uma trajetória em que o passado adquire importância capital, em parte responsável pela compreensão do aqui e agora. No caso do primeiro, os mesopotâmios, o código de Hamurabi e os mitos, principalmente o de Anfitrião, eixo da obra. No do segundo, a guerra de Tróia, figurada em sua esposa, Helena, e as artes da representação, presentes no famoso discurso de Hamlet ao contratar os atores na peça do mesmo nome. Caminhos tão diferentes cruzam-se quando Tertuliano Máximo Afonso depara com Daniel Santa-Clara, pseudônimo do ator, ao assistir a um filme de vídeo. Tem início, então, um jogo de gato e rato que culminará tragicamente. O objetivo desta comunicação centra-se nos laços entre a memória e a identidade, os quais conferem à narrativa o estatuto de universalidade ao situar as personagens no limiar entre o ontem e o hoje, entre a tradição e a ruptura. Para tanto, será examinada a estrutura em abismo, sobre a qual se alicerça o texto, desembocando na questão da homogeneidade e da heterogeneidade das relações eu/outro.

LINGUAGEM E INDIFERENÇA: RICARDO REIS É VERSO

Bárbara de Oliveira Santos - UERJ
babi_santos@hotmail.com

A escrita que desempenha Ricardo Reis imputa aos versos que assina – uma vez que não os cria – a tarefa de abrigar *qualquer coisa por onde se note que existiu Homero*. Tal situação pode ser tomada como o cumprimento do resguardo da memória da própria literatura, uma vez que a assinatura Ricardo Reis confere ao ato criativo a tarefa de ser *a velha vestimenta gasta até o fio*. No processo de despersonalização envolvido no projeto artístico pessoal – assinaturas heteronímicas –, a impessoalidade conferida à execução da obra poética é compreendida como uma forma de aceite da precedência da linguagem, entidade estranha e auto-suficiente, cujos compromissos, expostos no traço ordinário da palavra, provocam anseios de arte. Essa ideia leva-nos a percorrer a obra poética de Ricardo Reis de modo a percebê-lo como verso em vez de sujeito criador ou poeta, uma vez que a criação poética deve compor-se pelo mesmo gesto de indiferença da linguagem que o gerou. Isso significa que Ricardo Reis, criado pela indiferença da linguagem, deve ser verso gerador de versos, renunciante à ideia de assinatura enquanto marca de autoria. Tal postura conjuga-se com sua tarefa artística, com a realização do cumprimento do fim da arte: imitar a natureza. Ricardo Reis, uma vez concebido pela indiferença da linguagem, pode imitar a natureza fazendo de si o que a natureza faz de si mesma, que é ser essencialmente pura e inapreensível *poiesis*, potência criadora. Dessa forma, Ricardo Reis realiza não a escrita de uma memória, mas a memória de uma escrita – oferece ao poema moderno a postura clássica de uma coluna grega, pois, ao cumprir o fim da arte, inscreve a indiferença nos versos que assina, conferindo-lhes uma natureza que nunca teve história: linguagem.

GABRIELA, CRAVO E CANELA SOB A ÓTICA DE UM ANTROPÓLOGO
PORTUGUÊS

Benedito Veiga - UEFS
bveiga@uol.com.br

Gabriela, cravo e canela, originária de uma ficção jorgeamadiana, é tomada por Miguel Vale de Almeida para análise e comentários, considerando, entre outros, o sucesso, na década de 70, de uma telenovela brasileira com o mesmo tema, em Portugal. Ironicamente, escreve como uma forma dita de colonização inversa, sem deixar de considerar o aspecto negativo da mídia empregada. O antropólogo português mostra também que se trata de uma narrativa de construção tríptica, permitindo três interpretações diferenciadas: no quadro da harmonia social brasileira, na cordialidade entre desiguais; no quadro de uma realidade escondida, revelada graças à análise social; e no quadro de um projeto, que comportaria análises de certas clivagens pós-modernas ou não. Aproveitando uma visita sua à cidade de Ilhéus, o estudioso faz um ligeiro apanhado sobre a utilização temática do romance no aspecto cultural e no turístico do local. Emite opiniões sobre o autor de *Gabriela*, no que toca à elaboração de imagens da região cacauzeira, sobretudo associando essa obra a outras de seu escritor, anteriores ou posteriores. A personagem Gabriela é tomada em relação a dois contextos: o de figuras semelhantes a ela na literatura brasileira ou o de outras figuras na obra de seu criador. Concluindo, afirma o ensaísta ser *Gabriela* uma espécie de “marca registrada”: é a representação de uma pessoa-corpo, que guarda “o estatuto de símbolo denso, contendo em si as tensões de ‘raça’, classe e gênero”.

ABRINDO CAMINHOS

Benjamin Abdala Junior - USP
benjamin@usp.br

A trajetória acadêmica da professora Maria Aparecida Santilli pautou-se pela abertura de caminhos, em termos teóricos, críticos e metodológicos. E, sobretudo, em relação ao sentido político-cultural de seus gestos, onde suas ações acadêmicas e científicas confluíram para inserções ativas da cidadania. Em tempo de ditaduras, no Brasil e em Portugal, voltou-se para o que nos faltava, a liberdade. Estudou o Neo-Realismo. Na abertura política, foi importante promover a diversidade: foi pioneira na introdução das literaturas africanas de língua portuguesa, rompendo preconceitos. Esse mesmo desenho de suas inclinações mais gerais (por exemplo, na formação do embrião da futura UNESP, em Assis), também se configurou nas orientações de pós-graduação, sempre “abrindo caminhos”, respeitando a diversidade, nunca impondo receituários que muitas vezes constituem formas de preservação da colonização de nosso imaginário.

O DIFÍCIL EQUILÍBRIO: NOTAS SOBRE JOÃO CABRAL DE MELO NETO E CARLOS DE OLIVEIRA

Bernardo Nascimento de Amorim - UFMG
be.amorim@hotmail.com

João Cabral de Melo Neto, em *Poesia e composição*, conferência pronunciada em 1952, na Biblioteca de São Paulo, afirmava que certo “desprezo pela atividade intelectual” havia

tomado conta de sua época. Em oposição a este desprezo, o poeta concebia o trabalho artístico como processo em que a racionalidade deveria ter lugar central. Carlos de Oliveira, em um texto chamado *Almanaque literário*, publicado por volta de 1971, apontava, como um sintoma da crise de após a segunda guerra mundial, a “descrença na cultura”. No mesmo texto, o autor português relacionava o ofício do escritor ao domínio das palavras, assim como ao “aprofundamento dos meios de expressão”, com vistas à “reestruturação da técnica narrativa ou poética”. Ambos os poetas realizaram, em boa parte de suas obras, uma poesia voltada para a explicitação dos modos de construção relacionados ao trabalho poético. Em *Micropaisagem*, de 1969, Carlos de Oliveira faz da auto-análise da fatura do poema um procedimento central, ao mesmo tempo em que se opõe ao que é ornamental e eloquente. O mesmo faz João Cabral em *Psicologia da composição*, de 1947, onde se vê o poeta em combate contra o excesso, em busca da ordem, da depuração. Em ambos os livros, por outro lado, apontam-se limites ao controle dos processos de criação. Na *Fábula de Anfion*, é o acaso o que espreita. Em *Micropaisagem*, o que ameaça uma desejada concentração é a dilatação, a quebra do equilíbrio. É meu interesse, neste trabalho, comparar as tensões que se manifestam mais fortes, no que diz respeito aos projetos construtivos dos dois livros e ao seu desenvolvimento.

ZOOLOGIA DAS PALAVRAS. EXORTAÇÃO AOS CROCODILOS, DE ANTONIO LOBO ANTUNES, OU A TRAGÉDIA NA NARRAÇÃO DA VERDADE

Biagio D’Angelo - PUC-SP
biagiodangelo@gmail.com

A literatura contemporânea acentua hoje não apenas a força do fragmento, mas também atualiza a interrogação sobre uma nova “subjetividade” que re-propõe a pergunta existencial de cada tempo, descrevendo, assim, um sujeito – animal – que se disfarça atrás de uma *máscara* e que perdeu o uso da razão, no sentido de ter deixado de buscar ou de indicar uma verdade. A alegoria “ruinosa” da máscara revela a impossibilidade de ser testemunha. Porém, se o ser testemunha é impossível, o “testemunho” valoriza-se no tecido trágico do texto narrativo. Na escrita de Lobo Antunes, assiste-se a uma fragmentação sempre mais acentuada do eu textual. Em *Exortação aos crocodilos*, Lobo Antunes, seguindo a regra de outros grandes narradores como, por exemplo, William Faulkner (*The Sound and The Fury*), apresenta vários personagens que dão suas próprias e diferentes versões de relatos sobre episódios que vivenciaram. A desestabilização da verdade atualiza o mecanismo da tragédia. Narrar ou falar é possível somente *sobre a e a partir da* morte. A literatura é um ato de resistência e de regeneração vital que se apóia na incoerência e na besteira da fala.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO: BREVE PERFIL BIOGRÁFICO E RECOMPOSIÇÃO DE PARTE DE SUA OBRA

Bianca Santos Coutinho dos Reis - UERJ
reis.bia@hotmail.com

O presente trabalho, desenvolvido para conclusão do curso de especialização em literatura portuguesa da UERJ, procura analisar a relação da autora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) com os periódicos do Rio de Janeiro da virada do século XIX para o século XX. Nosso primeiro objetivo tem sido o resgate de seus escritos, tão importantes sob vários aspectos, sobretudo para o entendimento da posição das mulheres na sociedade daquele tempo. Esposa de Gonçalves Crespo, poeta brasileiro, Maria Amália Vaz de Carvalho, considerada por muitos herdeira da Marquesa de Alorna, escreve em um período de transformações em Portugal e no Brasil. A obra desta autora é vasta e versátil: contos, crônicas, críticas literárias, poesias, biografias, etc., porém o conjunto destes escritos encontra-se desgastado, por não haver novas edições, apenas as que datam do século XIX, início do século XX, ou à espera em periódicos desta mesma época armazenados em bibliotecas. Após levantamento de sua biografia, foi realizada uma “caça ao tesouro” pelos periódicos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Foram encontrados textos no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro e n’*O Paiz*, da mesma cidade. Tentamos compor um *corpus* partindo de 1878. Dados biográficos nos levam a crer que seria seu ano inaugural na imprensa carioca. Fomos até 1890. Deste período há quase cem crônicas e contos breves, mais da metade inéditos em livro.

TRÂNSITOS CULTURAIS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO EM A CASA DO RIO, DE MANUEL RUI

Bruno Emanuel Nascimento de Araújo - UFBA
brunoearaujo@ig.com.br

O presente trabalho examina discursos sobre trânsitos e trocas culturais entre Angola e Portugal a partir do texto literário *A casa do rio*, do escritor angolano Manuel Rui Monteiro, problematizando os deslocamentos de pessoas, bens simbólicos e suas relações com processos de subjetivação histórica e discursiva nos contextos da pós-colonialidade e da globalização que envolve os dois países. O trabalho desenvolvido encontra-se em fase inicial de pesquisa em nível de iniciação científica, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Maia Ribeiro, e vincula-se ao projeto *Discursos de Migrações, êxodos e retornos, trânsitos e trocas culturais em/entre países de língua oficial portuguesa, em contexto de globalização e pós-colonialidade — Fase I – Angola – Portugal – Brasil*.

A NECESSIDADE DA POESIA EM MEIO A ANGÚSTIA DO HOMEM A FALAR DE DEUS: RUY BELO E DANIEL FARIA

Camila Pinheiro do Nascimento - UFRJ
camilapinheiro@ufrj.br

Deus: muito assunto, muito a ser dito. Aqui trataremos de como a figura de Deus vem sendo vista e falada dentro de um Portugal predominantemente Católico Apostólico Romano. A proposta deste trabalho é pensar a angústia do sujeito contemporâneo que fala de Deus, tendo como fonte de estudo alguns poemas selecionados de dois grandes poetas

portugueses da contemporaneidade: Ruy Belo e Daniel Faria. Estes poetas perseguem obsessivamente uma figura inominável, de maneira angustiada. É esta angústia o ponto chave deste trabalho. Poderíamos chamar a essa obsessão necessidade de Deus, ou da poesia como aproximação de Deus, ou ainda, necessidade da morte. E morte como único caminho para se chegar a Deus. E poesia como único meio de trilhar esse caminho. De forma mais concreta, o trabalho se propõe a estudar como na literatura portuguesa contemporânea essa angústia é revelada. Investigar o diálogo das poéticas de Ruy Belo e de Daniel Faria sob a ótica dessa angústia visa verificar como os poetas a enfrentam de modo diferente entre si. Para a análise, servirão de mote os poemas “[Poderia ter escrito a tremer de respingares tão longe]”, “[Precisava de falar-te ao ouvido]” e “[Ando um pouco acima do chão]” de Daniel Faria e “Versos do Pobre Católico” e “Nós os vencidos do catolicismo” de Ruy Belo. Dessa forma, além do que já foi exposto, pretendemos, à luz de textos teórico-críticos sobre este poetas, elucidar a maneira como a questão é vivida por Belo e Faria, para que leitores de todos os tempos possam ter certa noção de como é pensar, falar e viver certas perspectivas Deus em determinada época de Portugal e em Portugal.

HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA: MOUROS E PORTUGUESES, DO ANTAGONISMO À IDENTIFICAÇÃO

Carla Carvalho Alves - USP
carla.carvalhoalves@gmail.com

Mais do que a negação dos monumentos históricos, observamos na *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago, uma recusa ao tratamento generalizante dos fatos oficiais. O narrador aproveita-se ao máximo da liberdade conferida pelo lugar literário de sua enunciação, para elaborar considerações bastante argutas e inusitadas extraídas, principalmente, das subjacências dos fatos abordados. Um exemplo disso pode ser verificado pelo modo como o dado histórico, referente ao cerco realizado pelos portugueses, suscita formas interessantes de estruturação, no interior da trama ficcional, que mantêm uma relação de contigüidade com a idéia de cerco. Outro tipo de elaboração, tangencial ao contexto fabular aí contemplado, refere-se à maneira como o antagonismo das partes envolvidas no cerco, portugueses/cristãos e mouros/muçulmanos, é relativizado. De forma bem irônica, apresentam-se contextos, nos quais as divergências entre os aspectos religiosos e culturais entre os dois lados parecem totalmente arbitrários e inconsistentes. Observa-se, de fato, ao longo da narrativa, uma articulação muito precisa e irônica, que destitui o antagonismo entre o pólo civilizador português e seu oposto, presentificado pelo bárbaro mouro, através de representações que evidenciam o caráter arbitrário dessa polarização. Buscaremos, assim, em nosso trabalho, analisar alguns dos tantos registros nos quais a figuração do mouro, nessa obra, se constitui pela aproximação ou mesmo identificação com os portugueses.

A LITERATURA DRAMÁTICA LUSO-BRASILEIRA NO SISTEMA TEATRAL GALEGO DESDE 1973

Carlos Caetano Biscaíno Fernandes

Em 1973 celebrava-se a primeira edição da Mostra de Teatro Galego e Concurso de Textos Teatrais de Ribadávia. Esta cita anual — a última teria lugar em 1980 — constituiu-se no elemento aglutinador da onda de recuperação da actividade dramática que se estendera pela Galiza desde finais da década de 60, recuperação que se inseria num movimento geral de contestação à ditadura do General Franco na procura dum espaço cívico para a participação cidadã e em defesa duma cultura, a galega, cujas manifestações foram proibidas e perseguidas pelo regime ditatorial. Começava, assim, a re-fundação do sistema teatral galego, que tem na língua galega o principal traço diferenciador. Nessa primeira etapa, a importação — mediante a tradução — de textos dramáticos doutras literaturas foi fortemente rejeitado, por considerarem que este comportamento desequilibrava um incipiente sistema ainda muito deficitário em textos dramáticos que respondessem às necessidades dos novos colectivos e por não se tratar dum teatro, o estrangeiro, achegado à realidade galega — nesta altura defendia-se um teatro “popular e realista”. Porém, o recurso à literatura luso-brasileira não se viu nunca como uma ameaça, pois se entendia que os vínculos com a lusofonia serviam para fortalecer o sistema cultural galego face o seu sistema de oposição — o espanhol —, um sistema, lembremos, com que competia pelo espaço social. É por isso que os palcos galegos conheceram nesta altura várias encenações de textos dramáticos brasileiros e portugueses. No presente relatório, analisara-se a evolução, desde essa altura até o presente, da presença da literatura luso-brasileira no sistema teatral galego, assim como da sua recepção.

REAÇÃO AO CABRALISMO EM *EURICO, O PRESBÍTERO*, DE ALEXANDRE HERCULANO

Carlos Eduardo Soares da Cruz - UFRJ
eduardodacruz@gmail.com

Herculano foi uma personalidade importante no Liberalismo português, seja atuando diretamente, seja polemizando em suas diversas participações em periódicos, seja como referência a outros intelectuais e políticos, que recorriam à Ajuda e ao Vale de Lobos buscando seu auxílio ou opinião. Respeitado, inclusive por opositoristas, por sua força moral e intelectual, termina por não se afastar definitivamente dos assuntos públicos nem durante a ditadura cabralista, nem quando sua desilusão o empurra ao exílio em sua própria pátria, quando se decepciona com a Regeneração e se retirou de Lisboa para cultivar oliveiras. Tendo em vista a força de sua influência nas discussões da época, imagina-se que suas ideias não estivessem presentes apenas nos escritos políticos ou históricos, mas também na produção ficcional. Este trabalho, resultado de pesquisa realizada no mestrado, analisará a obra de maior sucesso editorial que Herculano escreveu: *Eurico, o Presbítero*, publicado durante os primeiros anos do Cabralismo. Nesse período (ditadura de Costa Cabral) pode-se notar um afastamento de Alexandre Herculano dos periódicos políticos, focando seus trabalhos na criação literária e nos estudos históricos. Assim, a partir de então, suas ideias políticas migram para um novo campo de trabalho, onde puderam ser apresentadas sem represálias. Este estudo pretende mostrar como *Eurico, o presbítero*

representa uma reação tanto ao capitalismo, que modificava a sociedade ao expandir-se com a revolução industrial, quanto ao governo centralizador de Cabral. Além disso, pretende mostrar que está presente ali o acordo social proposto por Herculano para Portugal, baseando-se no Cristianismo como forma de conter a barbárie que acompanha a civilização.

"CAMÕES NO BORDEL"

Carlos Quiroga
Universidade de Santiago de Compostela
carlos.quiroga@usc.es

É sabido que na cultura grega a paixão erótica não convive com o sentido da castidade que o cristianismo elevou a virtude positiva e exemplar. O amor na Grécia era objecto duma extrema franqueza, sentido estreitamente vinculado a uma orde física e libertado de impedimentos morais (a pederastia ou a homossexualidade, por exemplo, eram perfeitamente aceites). Também o erotismo latino, que bebe na cultura grega, mostra na sua manifestação poética um tremendo desejo de gozar, estando igualmente ausente qualquer conceito de pecado. Camões, equilibrando-se entre uma recuperação dessa antiguidade distante e um ameaçante discurso cristão que apesar de tudo continua a vigorar no seu tempo, usa a cultura clássica como método de encobrimento e contenção nos limites permissivos, mas ao mesmo tempo serve-se dela como forma de legitimação do amor corporal. Consta o contato do soldado Camões com a prostituição no plano humano, e tem sido apontada cá e lá, muito discretamente, a transferência dessa relação para o plano poético. Pretende-se aqui a revisão de tal elo, escolhendo o lupanar como referente concreto, e não só no que atinge à vida do poeta –de que constam algumas certezas em tal sentido–, mas também no aproveitamento literário que evidencia na sua produção lírica, e ainda na épica, tendo em conta especialmente o canto IX d'*Os Lusíadas*.

TEMAS DA LITERATURA E DA SOCIEDADE PORTUGUESA NA OBRA DE ANTONIO VARIAÇÕES

Carlos Rogério Duarte Barreiros - USP
blimunda@uol.com.br

Uma das grandes contribuições da pesquisa de Luiz Tatit sobre a canção brasileira é o estabelecimento de método para a análise deste objeto ainda estranho, em alguma medida, aos estudos literários – a canção. A combinação de letra, melodia e arranjos musicais é fundamental para a composição do sentido, que deixa entrever, por exemplo, temas e

imagens da literatura nacional, segundo a *dicção* dos cancionistas. A hipótese desta apresentação é a de que, por meio da análise de canções de António Variações, compositor do *pop rock* português do fim da década de 70 e início da de 80 do século XX, é possível observar, além de temas e imagens da literatura portuguesa, contradições e dilemas em que se via a sociedade lusitana no período imediatamente posterior à Revolução dos Cravos – momento, de certa forma, de abertura de Portugal a gêneros musicais estrangeiros como o *pop rock* e o *new wave*. A finalidade da apresentação é expor e debater as linhas gerais que devem orientar a pesquisa de doutorado do apresentador, a respeito da obra de António Variações e seus diálogos intertextuais com textos literários – especificamente o poema “Canção”, do Cancioneiro de Fernando Pessoa – e com outras canções portuguesas, especificamente o fado “Povo que lavas no rio”, do poeta Pedro Homem de Mello, imortalizado na voz de Amália Rodrigues.

HISTÓRIA E IMAGINAÇÃO, EROTISMO E AFETOS: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A POESIA ANGOLANA PÓS-1990

Carmen Lucia Tindó Secco - UFRJ
carmen.tindo@gmail.com

A Literatura como leitora privilegiada da História: algumas reflexões teóricas. O lirismo angolano que se delinea no Pós-Independência, principalmente nos anos 2000. Os “mecanismos inertes” dos tempos atuais regidos pelas leis de mercado. Angola: contradições entre modernidade e tradição. A corrosividade do tempo e as descontinuidades históricas. Ambigüidade, minimalismo, flashes esgarçados da História. Amor, dor, odor: erotismo. Dispersão e heterodoxia. Vozes e silêncios. Rupturas e transgressão. As fissuras da memória e o canto dissonante de uma poesia fugaz que se impõe como antídoto à crescente paralisia contemporânea dos sonhos.

O GROTESCO, O TRAUMÁTICO E O CÔMICO EM *O ESPLENDOR DE PORTUGAL*, DE LOBO ANTUNES

Carolina Barbosa Lima e Santos/Rosana Cristina Zanelatto Santos - UFMS
carolsartomen@yahoo.com /rzanel@terra.com.br

António Lobo Antunes viveu em Angola, prestando serviço militar obrigatório de 1971 a 1973, no lento processo de descolonização daquele país de jugo português, tomando conhecimento sobre as situações e os fatos escabrosos, e a psiquiatria, profissão que exerceu até há pouco tempo, compondo a fonte de onde retira o substrato para o aprofundamento na alma portuguesa, marco de sua obra literária. Em *O Esplendor de Portugal*, Antunes se vale de elementos estéticos como a desconstrução da narrativa, a comunicação interrompida, a morte, o cômico, a repetição alucinatória dos fatos, o tempo e o espaço entre o real e o ficcional para traduzir a agonia, a dor e o medo de um trauma coletivo (e individual) oriundo da guerra de descolonização da Angola. Ao valer-se desses elementos estéticos para apresentar, por meio dos testemunhos, suas personagens (Carlos, Isilda, Clarisse e Rui), António Lobo Antunes propõe-nos uma reflexão baseada na ironia,

no horror e no humor, a respeito de nossa própria natureza humana, propícia tanto a amar quanto a desprezar e a se comprazer diante da dor dos outros. Propomos neste trabalho uma leitura da obra de Lobo Antunes voltada ao horror, baseando-nos na análise desses elementos estéticos, bem como seus efeitos sob o leitor, a partir da perspectiva de autores teóricos que tratam da feiúra no plano das artes, como Umberto Eco; da violência na Literatura, como Ronaldo Lima Lins; da comicidade, como Aristóteles; da memória e do testemunho, como Marilene Weinhart e do gosto do ser humano pela dor alheia, como Susan Sontag.

O RISO DIABÓLICO RESIDUAL NAS *OBRAS DO DIABINHO DA MÃO FURADA*

Carolina de Aquino Gomes - UFC
aquino.carola@gmail.com

O riso como princípio proveniente do Mal é uma concepção oriunda do período medieval, tendo seu apogeu na Alta Idade Média. Partindo desta origem diabólica do riso, observamos a sua *remanescência* nas *Obras do Diabinho da mão furada*, atribuídas ao escritor luso-brasileiro Antônio José da Silva, o Judeu. O ciclo temático do Demônio logrado, classificado assim por Luís da Câmara Cascudo, em seu livro *Contos Tradicionais do Brasil*, é retomado desde a Idade Média nas narrativas populares, em que uma personagem firma um pacto com o Diabo. No entanto, este sempre escapa logrado de suas aventuras. Assim procede com o Diabinho apresentado na novela em estudo. André Peralta, soldado desertor, pactua com o endiabrado Fradinho da mão furada para acompanhá-lo em suas aventuras em troca de um pote de ouro. Satanás se apresenta de forma ambígua como um frade, mostrando um tom de crítica à sociedade clerical da época, provavelmente século XVIII, o que nos leva a confiar na autoria atribuída ao Judeu, falecido aos 34 anos, acusado de heresia pelos clérigos da Inquisição. Esse caráter ambíguo do Demônio o afasta da condição de representante absoluto do Mal, fazendo-o vítima da astúcia humana. Conclui-se, provisoriamente, a partir deste estudo, que tem por base a *Teoria da Residualidade*, de autoria do Prof. Dr. Roberto Pontes, ser possível a *remanescência* da *mentalidade* medieval acerca do riso como princípio do Mal nas *Obras do Diabinho da mão furada*. A comunicação ora apresentada reitera a importância de se realizarem mais pesquisas pautadas num período tão importante para a formação da cultura e da literatura ocidental como a Idade Média.

DE JANELAS QUE PERGUNTAM: A RETÓRICA DO VISÍVEL NA POESIA DE MARCELO SORRENTINO E DANIEL JONAS

Célia Pedrosa - UFF
artecelia@gmail.com

A presente proposta de comunicação se inscreve no âmbito do GRPESQ UFF/CNPq “Poesia e contemporaneidade”, coordenado por mim e pela professora Ida Alves na UFF. E pretende integrar uma proposta de mesa-redonda intitulada “Visualidade e subjetividade: estudos comparativos de poesia contemporânea brasileira e portuguesa”, a ser formada também pelos professores Luís Maffei e Adalberto Müller. Ela tem como objetivo a leitura comparada dos dois poetas referidos, em princípio aproximados por dados comuns como a idade, o tipo de formação e o caráter recente de suas publicações. A partir deles, pretendemos observar o modo como, na dicção poética de ambos, de formas ao mesmo tempo semelhantes e distintas, uma intensa figuração de imagens visuais se articula a uma também intensificada e eloqüente discursividade verbal. Nossa hipótese é que, desse modo, a linguagem poética performa uma relação com a experiência perceptiva, afetiva e intelectual que talvez possa representar uma variante problematizadora das demandas tanta vezes dicotômicas de “volta ao realismo” na produção e na leitura da poesia contemporânea.

REESCRITA DA MEMÓRIA EM *TURISMO*, DE CARLOS DE OLIVEIRA

Chimena Barros da Gama - UNESP
chimensmsb@hotmail.com

A poesia de Carlos de Oliveira é, frequentemente, escrita da memória. Nas tramas da linguagem poética e na densidade peculiar da lírica do autor, mais do que lembrança, mais do que volta ao passado, é a imagem poética do que se gravou na memória que se apresenta, como o “cristal” de *Entre Duas Memórias*, obra de 1971, ou os componentes da “Descrição da Guerra em Guernica”, cujas imagens desvelam a obra de Picasso através do olhar e da rememoração transfiguradora do ato poético. Desde seu primeiro livro, *Turismo*, de 1941, esta espécie de (re)apresentação do que está na recordação e na imaginação (o ponto de apoio e completude da memória) aparece: as duas partes em que o autor dividiu a obra, “Amazônia” e “Gândara”, são escrita de lugares guardados pela memória. Porém, ainda na primeira versão, o poeta, vinculado a determinada poética neo-realista que então surgia em Portugal, não permitiu aos poemas uma total transfiguração, e a questão da memória, em algum deles, está vinculada ao circunstancial. No entanto, ao reescrever toda a obra, Oliveira presenteia o seu leitor com uma espécie de memória mítica, sem tempo e lugar, própria do espaço poético. É sobre essa reescrita que o presente trabalho, vinculado à tese de doutorado “Do ideológico ao estético: neo-realismo e poesia”, irá se debruçar.

AS RELAÇÕES ENTRE O ARTISTA, O PODER E O PÚBLICO EM *QUE FAREI COM ESTE LIVRO?*, DE JOSÉ SARAMAGO.

Cíntia Renata Gatto Silva - UEL
cindycat@hotmail.com

No texto dramático *Que farei com este livro?* (1980), de José Saramago, o escritor revisita a história para contar a difícil trajetória da publicação da obra maior de Camões – *Os Lusíadas*. A ação ocorre em Almerim e Lisboa, entre 1570 e 1572, entre a chegada de Luís

de Camões a Lisboa, vindo da Índia e Moçambique, e a publicação da primeira edição de *Os Lusíadas*. Ao recontar a história do passado de Portugal e de Camões, Saramago reflete sobre as relações entre o artista e o poder e os elementos políticos que determinam o destino da obra de arte. Diante disso, o presente trabalho pretende discutir, a partir da conjuntura da peça, as condições da recepção literária em uma sociedade que organiza os discursos por meio de procedimentos cujos limites não podemos estabelecer ao certo, e buscar compreender qual é o alcance da leitura, em um contexto no qual quem está no poder ou quem busca esse poder, pode se aproveitar da ausência de univocidade de sentido do que é lido para corroborar os seus interesses. Certamente, é perceptível a incapacidade de dar às perguntas respostas exatas, pois elas dependem inteiramente de fatores “externos” à obra de arte e rapidamente mutáveis, mas cuja natureza semelhante permite a mesma discussão, seja na época de Camões, seja nos dias atuais.

A REVISTA MODERNA: FATOS E RETRATOS DE UM SÉCULO QUE TERMINA

Cíntia Bravo de Souza - UFF
cintiabravo@ibest.com.br

A *Revista Moderna* foi uma grande empreitada jornalística que uniu os maiores nomes da intelectualidade do Brasil e de Portugal no final do século XIX. Esta publicação não só chama a nossa atenção pelo capricho empreendido em sua confecção - ilustrações diversas, papel especial, dimensões maiores que a maioria das publicações da época - como, e principalmente, traz entre seus colaboradores os maiores nomes da literatura e do jornalismo desses países, tais como o escritor Eça de Queirós, Eduardo Prado, Domício da Gama, Maria Amália Vaz de Carvalho e Magalhães de Azeredo, entre outros. Tratava-se, então, de uma publicação de alto luxo, de requintada edição e que dispôs de um elenco estelar formado por brasileiros e portugueses que tanto se admiravam. Em meio ao turbilhão de informações que chegavam com o século que terminava, anunciando um momento de ruptura com os valores da época, a *Revista Moderna* nos revela, ao longo de suas luxuosas páginas, a visão desses artistas tão importantes para as literaturas portuguesa e brasileira, questionando as expectativas e indicando frustrações diante de um período tão conturbado na transição entre os séculos XIX e XX. Desse modo, nosso trabalho pretende analisar a *Revista Moderna* como um veículo que mostrou este período finissecular, não só pela apresentação, mas principalmente pelo que há de questionador sob este aparente capricho visual, deixando-nos, na verdade, um importante registro sobre um mundo que mudava radicalmente.

RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E POESIA NO COMENTÁRIO DE ROBORTELLO

Clara Carolina Souza Santos - UESB
claracarolina@gmail.com

Prof. Dr. Marcello Moreira - UESB

Esta comunicação baseia-se na leitura de alguns comentários sobre a conhecida passagem aristotélica que especifica os usos da poesia relacionando-a com a história em algumas Poéticas que tiveram certa circulação na Península Ibérica e são hoje aceitas como referenciais para a leitura de textos produzidos na América Portuguesa no século XVIII. Propomos como foco para esta comunicação a leitura dos comentários de Francisco Robortello, impressos em Florença, em 1548, a fim de pensar os gêneros e espécies de textos produzidos na América Portuguesa, em específico o livro impresso em 1730 na oficina de Joseph Antonio da Silva, oferecido ao D. João V: o *História da América Portuguesa* de Sebastião da Rocha Pita. Para esta comunicação, partiremos de uma leitura pormenorizada de alguns excertos do comentário de Robortello sobre a reunião dos textos que ficou conhecido como a *Poética* aristotélica, nas partes em que Robortello comenta o que se convencionou chamar de Capítulo IX e XXIII da *Poética* e que tratam da relação entre poesia e história. Com isto, buscamos reconhecer usos específicos das doutrinas autorizadas pelo comentário e demonstrar como estes usos específicos são sempre e apenas atualizações de homens que ocupam lugares institucionais e, neste sentido, particulares, sendo por isso necessário especificar o uso que se faz após o século XIX das palavras *particulares, universal, necessidade e verossimilhança*.

MEMÓRIAS E HISTÓRIA: UMA LEITURA DE *NAS TUAS MÃOS*

Claudia Atanzio Valentim

Faculdade Machado de Assis/Faculdades Integradas Campo-Grandenses
catanzio@uol.com.br

No romance *Nas tuas mãos*, Inês Pedrosa faz uso de escritas (auto)biográficas para estruturar a narrativa. A leitura de *O diário de Jenny*, *O álbum de Camila* e *As cartas de Natália* proporciona ao leitor acompanhar os desdobramentos da história portuguesa ao longo de quase todo o século XX, testemunhando, sob a ótica das personagens, o impacto dos grandes acontecimentos nas vidas cotidianas. Propomo-nos a refletir sobre o entrelaçamento das escritas pessoais e da escrita histórica em *Nas tuas mãos*, observando de que maneira o relato pessoal ficcionalizado potencializa a tragicidade do acontecimento.

VEREDAS AO SUL: A ESCRITA FICCIONAL DE RUY DUARTE DE CARVALHO

Claudia Fabiana de Oliveira Cardoso - UFF
claubiacardoso@hotmail.com

As veredas percorridas pelo autor em romances como *Vou lá visitar pastores* (1999) e *Os papéis do inglês* (2000), as linhas intertextuais com inúmeras outras obras de diversas áreas do conhecimento – Antropologia, História, Literatura, Sociologia – e, principalmente, as pesquisas particulares de Ruy Duarte para um trabalho de produção científica e de elaboração de uma estética apurada vão nos revelando um projeto literário que abre caminhos do particular para o universal, escrita de fronteiras que se alargam na medida mesma do encontro das vozes. Porque os pastores também estão em toda parte. Porque a lavra é do homem. Tomaremos a ficção de Ruy Duarte de Carvalho justamente a partir das

múltiplas vozes encenadas por um narrador-autor que, através de suas “deambulações etnográficas”, problematiza a narrativa ficcional e reencena uma geografia situada ao sul, de “outros tempos, outras idades”, promovendo uma reflexão sobre a chamada “colonialidade do poder e do saber” (Mignolo, 2003) e o lugar de Angola no mundo contemporâneo. Assim, este trabalho propõe fazer uma leitura da obra *Os papéis do inglês* e tem como objetivo principal refletir sobre a construção do romance por um narrador que, através da experiência e da recuperação de inúmeros textos e linguagens, dá versões sobre papéis e paisagens culturais. Destacaremos os caminhos e os papéis da narrativa, os recursos de linguagem utilizados pelo autor e as veredas intertextuais percorridas na (re)apresentação de um espaço marcado pela exclusão, o sul angolano. Levando-se em consideração versões da estória e da História, experiências e paisagens culturais encenadas, procuraremos no decorrer da análise refletir sobre as relações entre escrita e oralidade, tradição e modernidade problematizadas na obra.

VOZES EM MURMÚRIO: O RUÍDO DA GUERRA

Cláudia Maria de Souza Amorim - UERJ
claudia.amorim@uol.com.br

Este trabalho pretende fazer uma leitura comparatista entre os romances *A costa dos murmúrios* (1988), da portuguesa Lúcia Jorge, e *Terra sonâmbula* (1992), do moçambicano Mia Couto. Em ambas as narrativas, lêem-se os conflitos do sujeito em meio à guerra pela independência de Moçambique (África), ocorrida entre os anos 1965-1975. No romance de Lúcia Jorge, o horror da guerra é visto pela esposa de um oficial português, que tem na escrita um meio para sobreviver às terríveis descobertas que fez durante os meses em que esteve na Beira, cidade do litoral de Moçambique, enquanto esperava o retorno do marido com quem casara recentemente. No romance moçambicano, a guerra é vista por um menino que, enquanto se desloca por sua terra para fugir dos conflitos bélicos, encontra o diário escrito por outro garoto vitimado pelos recentes conflitos em seu país. A produção de uma escrita, no primeiro caso, e a recepção da escrita, no segundo, são os elos entre o romance português e o moçambicano que versam sobre a terrível experiência da guerra e o consequente desenraizamento do sujeito em trânsito num mundo conturbado.

OS JOGOS DE CONSTRUÇÃO FICCIONAL EM *SEM NOME*, DE HELDER MACEDO

Cláudia Patrícia de Oscar - PUC-MG
cpatricia.oscar@gmail.com

Neste trabalho, que faz parte de nossa dissertação de mestrado, com o mesmo título, fazemos uma análise do romance *Sem nome*, de Helder Macedo, a partir de três aspectos: as heranças da tradição e as influências do pós-moderno presentes na obra; a construção da ironia no texto e como em determinados momentos da obra esta permanece ambígua; a construção abismal do romance, na qual narrativas e personagens se refletem e se espelham. Em um primeiro plano, apontamos as características da obra que a colocam em suspenso sobre dois momentos literários: a tradição e o pós-modernismo. Nessa

perspectiva, levantamos aspectos intertextuais da obra com outras obras da tradição e o efeito da verossimilhança na tessitura do texto. Em um segundo momento, investigamos as estratégias de construção em *Sem nome*, no intuito de demonstrar a presença da ironia, que ora é utilizada para críticas contundentes à sociedade, ora se faz de incongruências e lacunas deixadas pelo narrador para manter a ambigüidade. Esse narrador, que acreditamos ser um embusteiro, ora desnuda o teor de ficcionalidade da obra, ora se esconde sob máscaras, para enredar o leitor em uma teia de ilusão e fingimento. E em um terceiro momento, estudamos os aspectos da *mise en abyme* em *Sem nome*, na construção de personagens que se encontram diante de um espelho, nos duplos, nas narrativas que se encaixam e se sobrepõem, e nos gêneros textuais que convergem na teia constitutiva do romance.

OBSERVAÇÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA NO TEATRO DE JOSÉ SARAMAGO

Cláudio de Sá Capuano
Colégio Militar do Rio de Janeiro
cscapuano@hotmail.com

O escritor José Saramago publicou cinco peças. Pretende-se nesse trabalho apontar alguns aspectos da representação da história (e da reflexão que se pode abstrair dela) das três primeiras. Ambientada no século XVI, entre 1570 e 1572, *Que farei com este livro?* trata de Camões e da publicação de *Os Lusíadas*. O livro a que o título da obra se refere é o poema épico camoniano e seu autor, o homem Luís Vaz, é personagem central da peça. *A noite* (1979), cuja história se passa no momento em que eclode a Revolução dos Cravos, tem sua ambientação na noite de vinte e quatro de abril de 1974. *A Segunda Vida de Francisco de Assis* (1987) aborda a vida de São Francisco, personagem medieval, mas a ação propriamente dita nos é contemporânea ou talvez até avance no tempo. As observações preliminares constantes do presente trabalho centram-se na análise das representações históricas e biográficas, no âmbito do gênero dramático. Para tal, há que se levar em conta dois principais eixos. O primeiro é a abordagem da história e da construção biográfica feita por José Saramago ao construir um texto literário. O segundo, que permeia o anterior, é fruto do amálgama da própria história portuguesa e suas peculiaridades factuais e o estilo próprio de José Saramago. É a ironia que atravessa toda a leitura que a peça faz do passado, do presente e do longo caminho que os separa. É pela via da ironia que se abre um interessante canal de observação crítica, pois ela é capaz de revelar uma necessidade de repensar de forma política o que é dito ironicamente.

SOBRE A CIDADE EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

Cláudio do Carmo Gonçalves - UESC
claudiodocarmo@ibest.com.br

A condição pós-moderna aliada à noção de uma cultura contemporânea tem no eixo da representação umas das suas vertentes sintomaticamente relevantes. Ora, os *usos da cultura* se tornaram elementos discursivos dos mais tradicionais, pois vigoraram vinculados à noção de representação construída numa perspectiva diacrônica. Mas se a condição pós-moderna problematiza de forma dramática a representação, é concebível que haja um entendimento no sentido de que a cidade se veja desafiada quanto à sua constituição. Os repertórios ficcionais exprimem uma espécie de *musealização*, pois expõem formas diferenciadas de assento que não mais somente os tradicionais. Tais formas, amorfas, imateriais, intangíveis, ocupam um espaço carente de sentido, pois não estão disponíveis ao uso imediato e são insensíveis a práticas políticas. O problema se posta quando percebemos a relação da cultura contemporânea com as novas modalidades de expressão. Se por um lado há uma tendência ao contrato efêmero em detrimento da perenidade que experimenta um contumaz desprestígio, por outro, e aí vai uma contradição, há um excesso na visibilidade, da cena que, em última análise, longe de ser uma reafirmação, dissimula um sentido preciso. O excesso da cena nos faz desviar do verdadeiro sentido, como se a sobreposição desta cena significasse imagens no espelho que nos dão apenas falsas realidades. Desta maneira, a experiência de cidade é em si um texto que nos remete a outros textos, como nos sugere Ítalo Calvino, e neste jogo de intertextos os repertórios que corporificam tal experiência se mostram decisivos no sentido de sua apreensão. O livro *Ensaio sobre a cegueira*, oitavo romance do escritor português José Saramago, traz-nos algumas inquietações que se inscrevem na cartografia maior das possibilidades que emergem na ambiência cultural da chamada pós-modernidade e que a literatura, mais do que representar, apreende no sentido de ser umas das articulações possíveis neste imaginário.

AUTORIA FEMININA NA LITERATURA PORTUGUESA

Conceição Flores - UNP
cflores@natal.digi.com.br/cflores@unp.br

Durante anos foi realizada, em parceria com Constância Lima Duarte e Zenóbia Collares Moreira, uma pesquisa exaustiva em bibliotecas e arquivos portugueses sobre escritoras portuguesas, que resultou no *Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade* (2009). Foram reunidas informações sobre escritoras consagradas pelo público e pela crítica e sobre outras cujo nome é apenas conhecido em pequenas vilas ou pelos familiares. Foi realizado resgate de escritoras com vasta produção e acolhimento junto ao público da época e caídas, hoje, no ostracismo; feita identificação de pseudônimos através de verbetes remissivos; reunidas informações dispersas de tempos diferentes, congregando mulheres que ao longo dos séculos têm publicado ou deixado seus textos manuscritos, posteriormente, redescobertos por investigadores/as. Princesas, infantas, damas da corte, religiosas, plebéias, anônimas e famosas, de mulheres que fizeram da escrita a sua profissão a diletantes, o dicionário abriga portuguesas nascidas no Brasil, nas antigas colônias de África, nos Açores, na Madeira, em Portugal continental e até aquelas que, nascidas no estrangeiro, fizeram de Portugal a sua pátria ou, nascidas em Portugal, no estrangeiro se fixaram e publicam em língua portuguesa. Para esta comunicação, faço uma breve retrospectiva sobre escritoras do passado, para me deter no diálogo estabelecido por duas

autoras que, separados no tempo, estão unidas por laços de sangue e de ideologia: Teresa Margarida da Silva e Orta (1711-1793), a primeira romancista de língua portuguesa, precursora do feminismo, e Maria Teresa Horta, a mais feminista das escritoras portuguesas.

A ODISSÉIA DE GARRETT: REFLEXÕES SOBRE O CONTRA-SEBASTIANISMO EM *VIAGENS NA MINHA TERRA*

Cristiana Mota - UEA
crismtx@gmail.com

O sebastianismo constituiu-se, por muito tempo, na forma de sustentação ideológica de Portugal, visto que partia da idéia quimérica de que o passado voltaria como uma espécie de salvação para a conjuntura social na qual se encontrava o país. Todavia, o povo lusitano adotou para si a crença sebastianista e, vivendo dessa utopia, manteve um projeto expansionista falido que o impedia de ver a própria terra portuguesa como um espaço desconhecido. Buscando trazer esse olhar continuamente lançado para o exterior, Almeida Garrett, em *Viagens na Minha Terra*, traça um caminho de re-conhecimento da história nacional, num misto de narrativa de viagem, romance, novela e diário. Por meio de um narrador irônico, somos levados a refletir sobre o passado como forma de repensar um ideal de futuro que recolocasse o país na ordem do progresso e restabelecer-lhe enquanto nação. Nesse sentido, a presente comunicação, que se origina do projeto de pesquisa *A Nau portuguesa: história, memória e literatura no mundo lusófono*, o qual é dividido em dois eixos, sendo um deles “Viagens pelo mundo lusófono: literatura e sebastianismo”, que propõe uma análise dos elementos contra-sebastianistas na referida obra, tomando como apoio teórico-crítico os ensaios de Eduardo Lourenço, Helder Macedo e Teresa Cerdeira.

MARIA: ADVOGADA NOSSA

Daiane da Fonseca Pereira - UEFS
daypereyra@yahoo.com.br

Buscamos compreender, nas *Cantigas de Santa Maria*, como durante a Idade Média foi construída a imagem da Virgem intercessora. Para tanto, utilizamos algumas das *Cantigas* de Afonso X que abordam a temática do embate da Virgem Maria com o Diabo. Nesse ensejo, buscamos dados que nos auxiliassem no desenvolver desse estudo. Por isso, julgamos necessário traçar uma espécie de percurso da representação da mulher no imaginário cristão para dessa forma melhor compreender a importância do culto dedicado a Virgem Maria, bem como este foi valorizando-se ao longo da Idade Média devido à substituição da imagem de mulher inimiga que contribuía para o desprestígio feminino, o modelo da mulher pecadora, a filha de Eva, pelo papel da boa mãe e esposa, o que culminou num grande impulso no culto mariano elevando a Ave ao patamar de modelo a ser seguido. Feito o percurso, passamos a observação, nas cantigas, de como Maria ganhou o *status* de “Advogada nossa” e, também, de como o Diabo insere-se nesse contexto em que a Virgem Maria com seu manto protetor torna-se um dos temas centrais do

cristianismo, passando a ser, juntamente com seu filho, aquela que irá estabelecer uma relação afetiva entre os homens e o Espírito Santo.

O TRÂNSITO DOS POETAS FÁUSTICOS NA LITERATURA PORTUGUESA

Dalila Machado - UFBA
dalilacordeiromachado@hotmail.com

A partir do conceito pensado em *Os tempos fáusticos na lírica do lugar* – tese de Doutorado, ora transformada em livro –, a respeito da ocorrência, na Bahia, de uma lírica cuja tendência é destacar o demoníaco, ligado às forças dionisíacas, como um caminho para o conhecimento, o termo “poeta fáustico” foi criado, com o intuito de distinguir poetas cuja lírica transgressora percorre uma trilha semelhante a dos poetas malditos franceses, na rebeldia e no paroxismo da realização poética. Surgidos em momentos expressivos da poesia nacional, Luiz José Junqueira Freire (1832-1855), no final do Romantismo, Pedro Kilkerry (1885-1917), no Simbolismo e Alberto Luiz Baraúna (1948-1971), na Contemporaneidade, escreveram sob a ótica do mal, do ponto de vista cósmico, utilizado nos textos como uma categoria literária, para expor desejo de ruptura, questionamento e liberdade, como formas de conhecimento. Tal propósito os aproxima da vertente demoníaca existente na literatura ocidental e os conduz ao contexto da literatura brasileira, como três dos melhores poetas brasileiros de todos os tempos, pelo caráter inovador e transgressor de suas obras. O trânsito dos poetas fáusticos na literatura portuguesa é observável na poética contestatória de Junqueira Freire, que se afina implicitamente com a lírica de Alexandre Herculano, na utilização de elementos emocionais semelhantes, na concepção dos poemas inquiridores. Por sua vez, a poesia de Pedro Kilkerry apresenta um tipo de perquirição do poeta a sondar-se no próprio instante da criação, recurso que o aproxima de Fernando Pessoa. E, finalmente, a poesia de Alberto Luiz Baraúna realiza a heresia ancestral do revisionismo em relação ao precursor, o Original Supremo, Luís de Camões. Ao retomar a tradição da literatura portuguesa através da herança camoniana, Baraúna assume a influência poética como débito (BLOOM, 1991) e se torna um grande revisionista da lírica de Camões.

NA MATÉRIA E NA ALMA: FIGURAÇÕES BARROCAS NA ESCRITA DE LOBO ANTUNES

Dalva Calvão - UFF
dalvacalvao@terra.com.br

As ações narradas em *Boa tarde às coisas aqui em baixo* (2003), de António Lobo Antunes, decorrem em dois espaços – Portugal e Angola – e em tempo posterior ao 25 de Abril e à independência dos países africanos. Em relação a esses componentes da narrativa, portanto, o romance referido repete as escolhas realizadas em outros livros do autor, como *Os cus de Judas* (1979) e *O esplendor de Portugal* (1997). Diferentemente desses romances, no entanto, *Boa tarde às coisas aqui em baixo* amplia, de forma significativa, o leque de composição de personagens, de narradores e de enredos, os quais ultrapassam, em muito, o

foco principal centrado numa individualidade ou num grupo familiar, como vemos acontecer nas duas obras anteriores. No romance aqui destacado, as múltiplas tramas e as múltiplas personagens se sucedem e se mesclam numa dimensão de características alucinatórias, que faz da leitura uma experiência particularmente desafiadora e vertiginosa. Assim sendo, todos os recursos anteriormente utilizados pelo autor potencializam-se nesse livro, em que as elipses, os deslocamentos, as anamorfoses, os movimentos espiralados da frase, o jogo polifônico, as repetições, a técnica do inacabado, a prática alegórica, entre outros, configuram uma extraordinária composição caleidoscópica em que, incessantemente, novas formas e novos significados são oferecidos à percepção do leitor, que se vê enredado por uma arquitetura verbal que, em vários aspectos, remete a configurações da arte barroca. Evidenciar, nesse romance de 2003, alguns dos procedimentos apontados, destacando sua vinculação a temas também essencialmente barrocos – tais como a obsessão pela morte, a percepção da história como ruína, a experiência do descentramento, a constituição melancólica do sujeito, a contradição entre o jogo e o luto – será a proposta deste trabalho, que se relaciona ao projeto de pesquisa “Do barroco ao neobarroco: figurações da ficção portuguesa contemporânea” que venho desenvolvendo na Universidade Federal Fluminense.

A “SUICIDÁRIA MODERNIDADEⁱ” E OS ITINERÁRIOS DA ESCRITA CALEIDOSCÓPICA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Daniela Galdino Nascimento - UNEB
galdinodaniela@yahoo.com.br

O presente trabalho visa à abordagem da poética de Mário de Sá-Carneiro em seu caráter de “des-canto”, no sentido de constituir-se a partir de uma visão intensamente negativa em relação a toda e qualquer aproximação autêntica do Moderno, ou seja, do triunfo técnico. Analisa-se as transformações modernas e o desenvolvimento de uma consciência cosmopolita, aspecto que impinge fortemente na literatura portuguesa do entre-séculos XIX e XX, sobretudo no famigerado grupo de Orpheu. No entanto, a ênfase recai numa espécie de adaptação artificial, evidenciada pelo sujeito lírico, às sensações provocadas pelos maquinismos e pelo ritmo frenético da vida moderna. Apesar de não se constituir como um estudo de caráter biográfico, aborda-se, em sentido dialógico aos aspectos elencados, as auto-imagens de Sá-Carneiro enquanto “o emigrado”, o “lacaio invertido”, o “mago sem condão”, autêntico ícone de uma geração fadada ao crepúsculo dos deuses. Dessa maneira, a partir do *corpus* constituído pelas obras *Dispersão* (1913) e *Indícios de Ouro* (1913, 1915) e algumas missivas de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa (produzidas entre a 1912 e 1916), enfatiza-se as intersecções de planos múltiplos, numa contradança de paisagens intranquias, fazendo do poema um espaço simbólico composto por visões justapostas, as quais remetem à angústia da consciência milimétrica. Daí os efeitos do ato cognoscente: o estrangeirismo, o auto-aniquilamento e a não identificação com o espaço e tempo representados.

A GUERRA COLONIAL EM MOÇAMBIQUE E A SUA PERSPECTIVA FEMININA PELO ROMANCE A *COSTA DOS MURMÚRIOS*, DE LÍDIA JORGE

Débora Leite David - USP
dleitedavid@uol.com.br

A partir de um discurso de cunho desconstrucionista em seu romance *A costa dos murmúrios*, Lúdia Jorge questiona as bases de um poder hegemônico vazio de suas prerrogativas iniciais, a então decadente ditadura salazarista. Contrapondo-se à tradição da construção dos relatos de guerra e atos de heroísmo que partem do olhar do homem, do herói, este romance privilegia a perspectiva feminina e destaca vozes plurais que instauram um viés diverso do seu tempo histórico. A voz feminina que conta a guerra está à margem do campo de poder e por sua narração recupera o passado para melhor compreender o presente e projetar um devir histórico. É a revisão de fatos com a articulação de outros sujeitos com perspectivas próprias, em que o sujeito feminino está presente numa afirmação identitária crescente por meio das personagens femininas que buscam seu próprio discurso, rompendo com o discurso hegemônico e totalizante existente na sociedade em que vivem. Diante da precariedade da representação da guerra e da posição fragilizada dessa voz feminina, parece-nos que a sua perspectiva pode colocar-se criticamente no campo intelectual por meio de uma literatura de guerra, em que é possível cruzar a fronteira do inenarrável numa singular representação do trauma. Desse limite do indizível, o sujeito feminino tem para si um novo campo possível onde pode movimentar-se para reconstruir os fragmentos dessa narração problemática. Nesta comunicação buscaremos perscrutar esta narrativa do período pós-25 de Abril - uma escrita construída pelo procedimento de subversão do relato histórico, problematizando não apenas a voz hegemônica, mas também as vozes que estão à margem.

VIAGENS NA MINHA TERRA, A AVENTURA DO AUTO-RECONHECIMENTO

Débora Renata de Freitas Braga – UEA
deborarenatabraga@yahoo.com.br

Em questão de décadas, os portugueses fizeram o que nenhum outro europeu havia conseguido antes: enfrentaram o desconhecido, em viagens muitas vezes sem volta, para empreender o gigantesco projeto da expansão ultramarina. Ao realizar essa façanha, a “pequena ilha lusitana”, foi a primeira a se lançar ao mar. Tal qual Ulisses, herói da *Odisséia*, os portugueses viajaram e se fascinaram com um mundo novo, ansiando, todavia, em retornar à pátria, mas, ao sabor das ondas, os portugueses foram levados cada vez mais longe. O encontro entre culturas deu frutos, mas e o encontro de Portugal consigo mesmo? Neste artigo, pretendemos abordar a necessidade do retorno à pátria durante o sucesso da empreitada marítima, em uma espécie de retorno simbólico; depois analisaremos a obra *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, como retorno propriamente dito, pois desesperados foram os que arriscaram a sair do país em busca de melhor sorte; corajosos os marinheiros que alcançaram as Índias e conquistaram o Brasil; mas ousados foram os que retornaram para encontrar um Portugal em ruínas. A aventura dos descobrimentos não findou, apesar de no mar ter-se iniciado. Enfim, baseando-nos em ensaios do filósofo português Eduardo Lourenço, utilizaremos a narrativa de Garrett como ilustração do

sentimento saudosista português e a inclinação às viagens, desta vez, não em direção ao mar, mas rumo à própria terra.

AS FALAS DA DIÁSPORA: O AUTOR DENTRO E FORA DO SEU ESPAÇO

Débora da Silva Chaves - UESC
dekachaves@hotmail.com

A partir das experiências apresentadas no livro *Viagem a Portugal*, do escritor José Saramago, e nas crônicas do escritor João Ubaldo Ribeiro, este estudo pretende fazer uma comparação entre a forma de recepção dentro e fora dos espaços desses respectivos autores, pensando na escrita como uma forma de legitimação de pertencimento desse espaço e como essa legitimação discute a formação identitária desses autores, ou seja, ambos escrevem relatos de experiências de diáspora, sendo que o primeiro fala de dentro de seu espaço de representação, enquanto que o segundo usa o fato de estar fora desse espaço para registrar sua experiência de convivência com os seus conterrâneos. Através dessa escrita de dentro ou de fora de seu lugar de origem, o autor pode construir sua identidade em diferentes direções de tal modo que essas identificações vão sendo constantemente deslocadas. A idéia consensual de diáspora na contemporaneidade freqüentemente nos remete à dispersão. Estudos contemporâneos, notadamente os relacionados aos Estudos Culturais, vêm colocando a diáspora como uma das principais manifestações relacionadas à emigração e a necessidade de expandir, priorizando circunstâncias que incentivam esse deslocamento. Embora a identidade do sujeito diaspórico seja marcada por traços característicos desse espaço de origem, ele passa a visualizar em outro espaço a razão do desejo de legitimação e de pertencimento, como uma busca pela sua realização individual; essas possibilidades podem ser percebidas em teóricos culturais contemporâneos como Edward Said, Homi Bhabha e Stuart Hall, eles próprios sujeitos diaspóricos, já que, provenientes de centros periféricos, transitam em direção a culturas diferenciadas.

A VIAGEM DO ELEFANTE, DE JOSÉ SARAMAGO: LUGARES POÉTICOS

Deneval Siqueira de Azevedo Filho - UFES
denevalf@gmail.com

Este trabalho pretende trazer à baila algumas reflexões a respeito do romance *A Viagem do Elefante*, de José Saramago: a fina ironia do roteiro histórico, o humor sem limites que vêm nos mostrar o dual “triunfo” e “esquecimento”, em se tratando da estrutura do sentimento humano, dos deslocamentos da linguagem poética à configuração histórica presente na narrativa. Estes elementos buscam ilustrar, de maneira cética, mais uma vez, a miséria humana em toda sua plenitude, contrastada à imagem de um elefante fanfarrão - Salomão - usado por Saramago para nos levar a uma profunda análise da humanidade, estudando e expondo mordazmente todas as suas ideias pré-concebidas, contradições e fraquezas, elevando dois heróis distintos que dependem, estreitamente, um do outro: um elefante chamado Salomão (depois “Solimão”) sem falsos moralismos que se vê, de um momento para o outro, como o centro de atenções, podendo ver, de perto, uma sociedade madraستا e,

ao mesmo tempo, risível, e o seu cornaca (tratador) chamado Subhro (depois “Fritz”), que dele o cuida e ama, sendo, provavelmente, a humanização do outro animal, já que tantas características partilham. Convém realçar também a parte onde o autor decide, e anuncia-o na narração, converter os processos de medida utilizados no século XVI (como a légua) para os da atualidade (o quilômetro, por exemplo), para ser mais inteligível ao leitor (e compara esta modificação histórica a um filme legendado, dado que, como sabemos, e parafraseando Saramago, as legendas suprem a ignorância ou um insuficiente conhecimento da língua falado pelos atores. É também de salientar que esta ligeira mutação nos termos utilizados na narração ocorre porque, supostamente, o leitor, caracterizado por ser “curioso e amante do saber” (serão todos?), pergunta ao narrador como se entendiam os portugueses, perante tantos processos de medida, respondendo Saramago, nesse diálogo meramente fantasioso que tem conosco, com uma pergunta, “como nos entenderemos nós?”.

DIÁLOGOS COM BRECHT: *O MUNDO COMEÇOU ÀS 5 E 45*: FÁBULA EM UM ACTO (1946), DE LUIZ FRANCISCO REBELLO

Denise Rocha - UNITINS
denise.r@unitins.br

A esperança por dias melhores, depois da consolidação da ditadura salazarista e do final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), motiva Luiz Francisco Rebello, aos 22 anos, a escrever *O mundo começou às 5 e 47*: fábula em um acto, na qual apresenta um momento vital de transformação na sociedade de classes, fortalecida pelo capitalismo financeiro e industrial. Escrita em 1946 para ser integrada ao segundo espetáculo do Teatro- Estúdio do Salitre, a peça teatral, caracterizada pelo autor como “experimental”, representa o marco de ruptura cênica portuguesa com a dramaturgia aristotélica tradicional. Para denunciar o sistema injusto entre opressor e oprimido, imerso na engrenagem capitalista, que reduz as pessoas à mercadoria, bem como delinear o surgimento de lideranças e sua luta em prol de uma nova ordem social, plena de justiça, igualdade e fraternidade, Rebello dialoga com Bertold Brecht (1898-1956), o qual utilizava o marxismo para estudar as relações humanas, expressando uma concepção dialética da ação histórica. Por meio do distanciamento épico do teatro anti-ilusionista de Brecht, de elementos de parábola, por vias simbólicas, alegóricas e metafóricas, entre outros aspectos, Rebello registra o entusiasmo avassalador da geração pós-1945, crente em utopias nacionais e internacionais.

SOB O SIGNO DA DÚVIDA MELANCÓLIA: A POESIA REFLEXIVA DE FLORBELA ESPANCA

Derivaldo dos Santos - UFRN
sderivaldo@ig.com.br/derisantos@bol.com.br

Este trabalho focaliza a obra poética de Florbela Espanca, verificando como o sujeito lírico se move sob a experiência da dúvida melancólica, na encruzilhada, a um só tempo, do tudo e do nada, do sonho e da queda abissal. Celebrando o impreciso e o avesso das coisas, a dúvida aqui é vista como um disjuntivo prolongamento do múltiplo na interface do vivido e do indagado, demasiado desassossego capaz de silenciar o estável diante do artifício da discórdia, fazendo do incerto o seu abrigo. Nessa direção, vemos a movência do incerto na poética de Florbela Espanca situar-se fora das verdades habituais em torno do pensar cartesiano, na medida em que o dizer lírico vai colocando certezas “autênticas” a girar de cabeça para baixo. Tendo como principais pontos de apoio o pensamento teórico de autores como: Freud, Julia Kristeva, Foucault, Kierkegaard, Jennifer M. Hecht, este estudo verificou que a dúvida desempenha um papel decisivo na poética de Florbela, definindo a atitude básica do eu-lírico em face de suas próprias angústias e das muitas faces que o mundo comporta. No primado do incerto e da mutabilidade do ser, a poeta trouxe para o interior de suas poesias alguns dos procedimentos específicos do barroco moderno: vertigem, simulacro, decadência do ser no labirinto mundo da existência.

BARROCO E GREGÓRIO DE MATOS: UM TEMPO, UM HOMEM, A POESIA.

Dinamarque Oliveira da Silva - UFV
dinaolisilva@yahoo.com.br

O presente trabalho faz parte do projeto de dissertação de mestrado *Poetas no tempo são pólen ao vento – Gregório de Matos e Tomás Antônio Gonzaga*, iniciado em março do corrente ano. Essa comunicação fará um recorte da abordagem total desse projeto, que é o estudo de dois períodos literários intensamente vinculados aos seus respectivos tempos históricos e à problematização da sátira nos processos de criação poética, dos quais se serviram Gregório de Matos e Tomás Antônio Gonzaga. Esta comunicação traz o início desse estudo, enfocando a tessitura poética associada ao movimento histórico-artístico Barroco, que enredou literatura, como reflexo da sociedade e da consciência histórica do homem Gregório de Matos. O poeta barroco viveu nessa sociedade seiscentista e dela extraiu o fulcro do seu fazer poético. Além disso, expor numa abordagem ainda superficial, as relações dialógicas estabelecidas entre o artista baiano e o poeta mineiro, cujo vínculo entre as obras e seus respectivos tempos e estilos literários se configura segundo posturas ideológicas e relações de poder, consciente ou inconscientemente atadas à coroa portuguesa. Os principais conceitos a serem desenvolvidos nessa comunicação remetem, na obra poética de Gregório de Matos, à poesia satírica e, na obra de Tomás Antônio Gonzaga, às *Cartas Chilenas*.

A EUGÊNIA DE CASTRO ALVES: ELA ERA LUSA E LINDA...

Edilene Matos - UFBA
edilenediasmatos@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo revisitar a trajetória da poeta e atriz portuguesa Eugênia Câmara, apontando os traços que lhe conferem um status de grande artista de teatro, de poeta, de tradutora e de musa inspiradora da lírica amorosa de Castro Alves.

DIÁLOGOS: O TEXTO ABELAIRIANO E O *NOUVEAU ROMAN*

Edimara Luciana Sartori
IF-SUL – Campus Passo Fundo
edimara.sartori@ig.com.br

O *nouveau roman* francês promoveu a difusão de novas estratégias no cenário ficcional de meados do século passado. Tais inovações no fazer literário contribuíram para a renovação da arte literária num momento histórico-cultural de profundas transformações e abalos, repercutindo na obra de artistas posteriores, o que trouxe à luz novas técnicas de composição. O *nouveau roman* foi um movimento aberto, que favoreceu ao criador a possibilidade de conceber a sua obra sem as amarras e as tendências preconizadas por uma escola. Cada artista representava o universo conforme sua percepção imagística. Por esse viés, o objetivo deste trabalho é explorar as estratégias discursivas e estruturais e sua relação com a questão temática desenvolvidas pelos escritores Michel Butor e Alain Robbe-Grillet. Os romances *La jalousie* e *L'employ du temps* serão analisados verificando-se a influência dessa arte na obra de Augusto Abelaira, sobretudo no romance *Bolor*. Aspectos como a falta de ação no desenrolar do enredo, a representação fragmentada e multifacetada do tempo, a falta de encadeamento do enredo, o corte, a relatividade dos fatos são alguns dos recursos utilizados para representar a complexidade da existência humana. Por seu turno, Abelaira retoma tais características, transitando entre o *nouveau roman* e o neo-realismo a fim de problematizar a obra literária, desconstruindo a noção de gênero literário e dos elementos da composição narrativa tradicional.

A OUSADIA E AS DESILUSÕES DE UMA RAPARIGA APAIXONADA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS CANTIGAS DE AMIGO DE MARTIN DE GINZO

Edinage Maria Carneiro da Silva - UEFS
edinage@ig.com.br

Nas cantigas de amigo, diferentemente das cantigas de amor, encontramos a audição da voz feminina. Colocando-se no lugar da mulher, o trovador assume a personalidade feminina que, desta feita, sai do pedestal de adoração, não sendo mais aquela a quem o poeta presta vassalagem amorosa, como ocorre na cantiga de amor. A representação dessa voz mostra outra ambientação que não a da corte. O cenário é popular e evidencia-se uma situação de separação entre a rapariga e o seu amigo (namorado). Na verdade, a cantiga constitui o lamento ou desabafo da moça por conta da ausência do amado. Ela confia suas dores à natureza, às amigas ou à mãe. Embora tenham uma aparência um tanto quanto ingênua, por meio dessas cantigas, vamos assistir ao desabrochar do amor na donzela do povo, passando por diversas etapas que vão da euforia à desilusão, mostrando uma gama de nuances. O *corpus* de Martin de Ginzo é formado por oito cantigas de amigo. Com exceção de apenas

uma, as cantigas se enquadram no subgênero “de romaria” e a análise conjunta delas revela, como as demais de amigo, o sentimento de uma rapariga apaixonada, cujo namorado se encontra ausente, o que lhe causa a coita amorosa. Nosso objetivo, nesta comunicação, é a observação do percurso amoroso dessa rapariga, através da análise de todo o *corpus* do autor. Ela desabafa com a mãe de quem espera o apoio para o (re)encontro com o amado, o que não ocorre. Ao final, a sua dor maior é a de ter sido traída.

GÊMEOS: UM DESAFIO AO LEITOR

Edit Maria Alves Siqueira - UFV
edithsiqueirav@yahoo.com.br

Mário Cláudio é um dos mais singulares narradores portugueses contemporâneos. É um escritor que associa ao aspecto original de suas histórias uma enorme atenção aos nossos antepassados, especialmente àqueles que melhor exprimiram o nosso modo de ser e de sentir. O presente trabalho pretende refletir sobre os procedimentos narrativos que tornaram o livro *Gêmeos*, de Mário Cláudio, uma das obras mais marcantes e inovadoras da literatura portuguesa contemporânea. O romance se estrutura a partir da revisitação das obras do pintor espanhol Dom Francisco de Goya y Lucientes, destacando a vivência humana do personagem, mesclando o histórico e o ficcional, as memórias e o imaginário. Segundo o autor, a ficção à volta do personagem D. Francisco serve para refletir sobre o que somos e para visitar outros lugares e outras épocas. O objetivo desse estudo é analisar o papel da contextualização histórica e da memória na construção dessa narrativa. Entretanto, é importante destacar que não se trata de uma biografia tradicional, com seqüência linear. A obra é a leitura de uma realidade que não é estática, uma visão pessoal da vida do grande pintor espanhol. Abordam-se, em particular, os anos finais da vida do artista, quando ele já se encontra já bastante idoso e com delírios pelo estado de decadência e pela surdez. O estudo pretende mostrar, ainda, como Mário Cláudio ultrapassou o processo de “Ekphrasis”, estabelecendo um alto grau de interatividade entre as imagens e as palavras. No romance, os personagens e as cenas vão surgindo, saltando da tela para o papel, dialogando entre si e ilustrando os pesadelos que assombraram os últimos anos da vida desse famoso pintor.

LITERATURA E AUTORITARISMO: JOSÉ J. VEIGA E LÍDIA JORGE

Edvaldo Aparecido Bergamo - UFG
edvaldobergamo@hotmail.com

O romance de ênfase social em língua portuguesa da segunda metade do século XX focaliza momentos históricos decisivos do período: a Ditadura Militar no Brasil, o Salazarismo em Portugal e o colonialismo na África. A configuração romanesca mira tais acontecimentos com o objetivo de representar o processo de desagregação social orquestrado por regimes autoritários caracterizados pela violência e pela repressão. Entre as literaturas de língua portuguesa, nas quais, muitas vezes, literatura e autoritarismo caminharam obrigatoriamente juntos por força de obras que retratam uma conjuntura

politicamente tirânica, o procedimento comparativo possibilita o reconhecimento dos parâmetros estéticos e ideológicos que dão o contorno das tendências que movimentam os vários sistemas literários, pautados pela unidade e pela diversidade, num dinamismo demarcado pelo diálogo intertextual constante. Nessa ótica, o referido método comparativo evita a armadilha do débito cultural que hierarquiza e subordina a produção literária em padrões antiquados. Tendo como alvo o cotejamento de romances brasileiros e portugueses que representam simbolicamente contextos totalitários, nesta comunicação, pretendo realizar uma leitura comparativa das obras *A hora dos ruminantes* (1966), de José J. Veiga, e *O dia dos prodígios* (1980), de Lídia Jorge, privilegiando-se a análise do espaço romanesco como categoria da narrativa que indicia enclausuramento, exclusão e opressão.

O PROLETARIADO NO ROMANCE *OS MAIAS DE EÇA DE QUEIRÓS*.

Elaina Carla Silva Xavier - UERJ
elainacarla@oi.com.br

Este trabalho enfoca a importância do proletariado no romance *Os Maias* de Eça de Queirós. Apresentaremos um breve percurso sobre a temática do trabalho no século XIX e o papel da mulher portuguesa neste contexto. A valorização de alguns estratos sociais – a classe política, a burguesia e as elites –, em detrimento de trabalhadores de outros setores – o “pessoal doméstico”, por exemplo –, é uma lacuna a ser preenchida pelos estudos acadêmicos. É neste âmbito, um tanto quanto inexplorado ainda, que seguiremos. Para tanto, escolhemos acompanhar o percurso de personagens que passam quase despercebidas no romance, ou seja, as personagens secundárias, dotadas de mínima intervenção na ação, mas que, como componentes da história, obtiveram um processo de caracterização também bastante elaborado: Miss Sarah, Mr. Brown, Batista. Pretendemos também investigar em que medida Eça de Queirós traz para o romance, através destes personagens, um pouco da discussão que se travava à época em torno do embate entre o dado particular da sociedade portuguesa (Batista) e o universal, que viria da França e da Inglaterra, supostamente “civilizadas”.

O BRASIL POR MANUEL RODRIGUES LAPA E MANUEL RODRIGUES LAPA PARA BRASILEIROS

Eliana da Conceição Tolentino - UFSJ
elianat@ufsj.edu.br

No curso de doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal de Minas Gerais, iniciei meu trabalho de pesquisa no *Suplemento Literário do Minas Gerais* seguindo os rastros que o poeta Ernesto Manuel de Melo e Castro deixou no texto, “Memórias, fragmentos e recomposição”, publicado em *A trama do arquivo*. Nesse texto sobre a participação, na década de 60, de escritores portugueses de vanguarda, são citados vários nomes, como Ana Hatherly, António Barahona da Fonseca, António Ramos Rosa, entre outros. Intentava pesquisar a participação dos então jovens escritores portugueses no *Suplemento Literário*, entretanto, chamou-me atenção a presença de outros intelectuais que não pertenciam ao grupo de vanguarda. Nesse sentido, a presença do crítico literário Manuel Rodrigues Lapa no periódico foi destaque, pois não só publicou ensaios sobre a literatura brasileira como mereceu dois números especiais a ele dedicados, organizados pelo escritor mineiro Rui Mourão. Pretende-se nesse trabalho uma apresentação sobre a presença do professor Manuel Rodrigues Lapa no Brasil através dos textos que publicou no *Suplemento Literário* e nos números especiais a ele dedicados. Tem-se o intuito de destacar o diálogo Brasil/Portugal como uma forma de reconhecimento identitário entre os dois países através dos textos presentes no *Suplemento literário do Minas Gerais*. O mito da fraternidade mútua entre o colonizador português e o colonizado brasileiro vem à tona nessas publicações. Nesse sentido, o *Suplemento Literário* configura-se como um espaço dinâmico do diálogo Brasil/Portugal na medida em que encena um descentrar de saberes e fraternidades imaginadas.

A MEMÓRIA DE ARES: UMA LEITURA LÉXICO-SEMÂNTICA DA GUERRA EM OBRAS DE FERNÃO LOPES

Eliana Correia Brandão Gonçalves - UNEB/UNIJORGE
elianabrand@bol.com.br

É inegável que a história e a memória dos povos podem ser analisadas por meio dos textos. Dessa forma, para aqueles que se interessam pelo estudo da língua, cultura e literatura portuguesa, é importante saber o que nos revelam os textos da prosa medieval, pois os mesmos nos permitem dialogar com a história, preservar a memória dos fatos, a fim de que ela não seja apagada pelos homens, como as ondas trazidas pelo tempo, e servindo como fonte para a reinterpretação do presente. (DUBY, 1999) Assim, lembramos, em consonância com CHARTIER (2007), que, no decorrer da história da escrita e dos textos, o desejo de preservação foi sempre incessante, pois preservar significava lutar contra a destruição, a perda e o esquecimento dos tempos e dos homens; mantendo acesa parte da cultura dos povos e permitindo-nos ler, descrever, compreender e interpretar a nossa história. Desse modo, seguindo o fio do tempo, ao revisitarmos a trajetória do povo português, impressa nas Crônicas de Fernão Lopes, escritas no século XV, percebemos que o tecedor, Lopes, por meio da tessitura do seu texto, deixa aflorar, em sua escrita, os elementos arquivados na memória, sobre o empreendimento bélico português, revelando a luta de um povo para sobreviver e afirmar-se perante outras comunidades. Assim, nossa proposta é mostrar como o estudo léxico-semântico de obras de Lopes pode servir como fonte para resgatarmos, nas “tabuletas da memória”, os registros da trajetória dessa nação. O estudo evidencia, assim, o percurso marcado pelas escolhas lexicais do autor, constantes em sua obra, pois o *modus scribendi* de Lopes representa marcas de sua forma de

expressão, seu estilo, sua intenção autoral, suas escolhas, mas também sua incumbência de manter viva, à luz dos signos léxicos utilizados pelo autor, a história das façanhas do povo português.

A GERAÇÃO DA OCULTAÇÃO NA HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA PORTUGUESA: PROCEDIMENTOS E IDEOLOGIAS

Elias J. Torres Feijó
Universidade de Santiago de Compostela
eliasjose.torres@usc.es

Determinados procedimentos e concepções da literatura, neste caso portuguesa, conduzem a mostrar uma história da literatura (e, por vezes, da *nação*) que não se corresponde com a elucidação do real. A delimitação, a periodização, o ideologismo, o a-historicismo e o entendimento puramente historiográfico-passadista dos fenómenos estão entre essas causas. Exemplifica-se aqui, entre outros, com os casos da lírica medieval (João Airas de Santiago, Airas Nunes, Bernal de Bonaval, entre outros), o século XVIII: Camilo Castelo Branco e Teixeira de Pascoaes/Fernando Pessoa e Camões.

MA VIE EN ROSE: A COMICIDADE EM JULIO DINIS

Elisabeth Fernandes Martini - UERJ
bethmartini40@yahoo.com.br

O presente trabalho visa a destacar as marcas de comicidade presentes n' *As Duas Cartas*, de Júlio Dinis, e situar personagens e enredo do referido texto teatral oitocentista, a partir das marcas modais de tempo e espaço. Há que discriminar o humor de palavra, situação e personagem, a partir do estudo de Henri Bergson, enquanto pilar da estrutura dramática, não só por manter a assistência atenta ao desenrolar dos acontecimentos, mas também dado o viés pedagógico que o autor buscou imprimir a suas obras. O riso foi o veículo preferencial do jovem dramaturgo para descortinar o ridículo das baixezas humanas e abrir uma janela em direção ao *Bem*, sua aposta incondicional numa sociedade mais justa, haja vista crer na regeneração do homem pelo próprio homem. Tendo como principal mote o *juízo de valor* dos personagens, em função do *status quo* vigente, *As Duas Cartas*, a partir da troca de apresentações dirigidas a uma viúva bem aquinhoadada, oportuniza um *qüiproquó* bem ao gosto das comédias de Plauto, o que repercute no tratamento dispensado aos seus portadores. Em função do equívoco, todos os demais circunstantes dirigem-se aos dois “forasteiros” homônimos, mas de estratos sociais diferenciados _ o primeiro filho de um trolha e o segundo, de um capitalista _ situando cada um no lugar “devido”, no seio da tradicional sociedade portuguesa, em pleno Oitocentos. Cabe, por fim, analisar, a partir do conceito de *leitura transversal* de Richard Demarcy, a modalização do discurso como mais um pilar que possibilita a efetiva recepção do texto, vindo a contribuir com uma visão à luz da Semiótica, dentre as várias leituras possíveis, da dramaturgia dinisiana.

A REPERCUSSÃO DE MANUEL BANDEIRA NA POÉTICA CABOVERDIANA

Elisalva Madruga Dantas - UFPB
elismadruga@gmail.com

De acordo com José Guilherme Merquior, “nossa poesia modernista teve um batedor, um mentor e uma fonte. O batedor se chamava Oswald de Andrade. O mentor, Mário de Andrade. Bandeira foi a fonte”. Para reiterar sua observação, o citado crítico acrescenta ainda uma afirmação de Murilo Mendes, por meio da qual este outro grande poeta modernista, falando sobre Bandeira, assevera que “Todos bebemos no teu canto”. Para além da sua ressonância entre nós, o que por si só, já lhe garante o lugar que tem na nossa literatura, a poesia de Bandeira, ultrapassando as fronteiras nacionais, chega, entre outros lugares, à África Portuguesa, motivando o fazer poético do outro lado do Atlântico como o comprovam os versos iniciais do poema “Exortação”, do angolano Maurício Gomes, no qual se lê: “Ribeiro Couto e *Manuel Bandeira* / poetas do Brasil, /do Brasil, nosso irmão / disseram: ‘É preciso criar a poesia brasileira, / de versos quentes, fortes, como o Brasil, / sem macaquear a literatura lusíada’”. Mas é em Cabo Verde que sua voz poética ecoa mais forte e fertilmente, onde também, conforme pretendemos mostrar nesse trabalho, pode-se dizer que seu canto poético foi fonte para muitos outros cantos ali produzidos e que se não todos, muitos nele beberam. Fato que nos instiga a verificar, através da análise de alguns textos poéticos caboverdianos, as motivações ideológicas e estéticas que contribuíram para essa repercussão de Bandeira entre os poetas de Cabo Verde.

A REINVENÇÃO IMAGÉTICA DA CIDADE NA CONDIÇÃO PÓS-MODERNA UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* E *HOTEL ATLÂNTICO*

Elisandra Pereira dos Santos Reis - UESC
elisandra.reis@hotmail.com

A imagem de cidade se configurou na memória dos sujeitos urbanos, notadamente a partir do século XIX, como forma fixa e conceitualmente delimitada. Propagou-se a idéia de que viver na urbe pressupõe usufruir de uma vida de facilidades, uma vez que a cidade sempre foi considerada como o lugar do progresso, e por isso, do melhor. Na pós-modernidade essa concepção cidadina passa a ser contestada e reinventada por meio da representação, nos textos literários da época. Na obra *Ensaio sobre a cegueira*, Saramago apreende cidade enquanto experiência sensitiva; sempre como um espaço de mobilidade, de conflitos, de registros e memórias afetivas; mais do que de construções concretas, limitadas geograficamente, a cidade é fluida e viva. Em *Hotel Atlântico*, João Gilberto Noll apresenta a cidade em seus traços dramaticamente conflitantes, através de registros que são sugeridos e sentidos, muito mais que definidos. Este estudo investiga, numa perspectiva comparativista, o topos real/imaginário de cidade nas obras “Ensaio sobre a cegueira”, de José Saramago e “Hotel Atlântico”, de João Gilberto Noll, verificando como se dá o estatuto da representação cidadina em ambos os textos literários, partindo de uma concepção sensitiva de cidade e do sujeito urbano, frente à estrutura social proposta e argüida pela pós-modernidade. Durante a pesquisa, se percebe o construto de memória no processo de recriação da cidade na ficção de Saramago e de Noll, configurando a

“reinvenção de cidade”. A pesquisa perpassa pelas teorias referentes ao estatuto da representação, à cidade, à memória, ao contemporâneo, sobretudo aos estudos críticos da cultura.

A REPRESENTAÇÃO DO GIGANTE ADAMASTOR NA *HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA* E NA OBRA DE CAMÕES

Elisângela Helena de Souza - PUC-RJ
elisangelahsouza@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise comparativa de um dos relatos da coletânea de doze naufrágios *História Trágico-Marítima*, organizada por Ricardo Gomes de Brito em 1998 (intitulado “Relação da mui notável perda do galeão grande São João, em que contam os grandes trabalhos e lastimosas cousas que aconteceram ao capitão Manuel de Sousa Sepúlveda e o lamentável fim que ele e sua mulher e filhos e toda a mais gente houveram na Terra do Natal, onde se perderam a 24 de junho de 1552”), com o Canto V da obra *Os Lusíadas*, (1572), de Luis Vaz de Camões, evidenciando a forma como a personagem Adamastor é enfocada em ambas narrativas. Se no relato da *História Trágico-Marítima*, Sepúlveda – o capitão que tenta chegar às Índias com sua família e, para isso, desafia o Cabo das Tormentas (local onde se acreditava que vivia o monstro Adamastor), mas naufraga na volta – é o protagonista, no canto camoniano, a personagem que se destaca é justamente a do monstro. Por meio desse procedimento, Camões chama a atenção para a coragem do Herói, individual ou colectivo, que enfrenta, apesar do medo, desafios superiores do poder do Homem, porque renega a sua emoção seguindo a ordem de el-rei, legitimando assim, os grandes feitos dos Ilustres lusitanos.

NARRATIVA, MEMÓRIA E FICCIONALIZAÇÃO EM JOSÉ SARAMAGO E JORGE LUIS BORGES

Elisângela dos Reis Oliveira/ Patrícia Kátia da Costa Pina - UESC
guapaelis@gmail.com

A presente comunicação estabelece um estudo comparativo entre o livro de contos *Ficciones*, do escritor argentino Jorge Luis Borges, e o romance *O ano da morte de Ricardo Reis*, do escritor português José Saramago, sob a perspectiva da concepção da literatura como produto ficcional do imaginário. Na obra de Borges, encontra-se um conto – entre os dezesseis que a compõem – intitulado “Examen de la obra de Herbert Quain”, através do qual o narrador cita títulos e breves sínteses das obras do referido autor, após noticiar sua morte em Roscommon, província da Irlanda. *The God of the Labyrinth* é, segundo este, o primeiro livro escrito por Quain. Curiosamente, este é também o livro que carrega consigo Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa ficcionalizado por José Saramago no romance já citado. A premissa deste trabalho é identificar, através da pesquisa bibliográfica de críticos da literatura pós-moderna, resquícios de que Saramago, ao ficcionalizar Quain (personagem da ficção de Borges) e Ricardo Reis (heterônimo de Fernando Pessoa) busca reafirmar a teoria borgeana de que “La irrealidad es condición del arte”. Destarte, conclui-se também que o romance de José Saramago representa uma prolongada discussão acerca das relações possíveis da realidade pela linguagem narrativa e as inserções operadas pela imaginação no universo ficcional.

CADA HOMEM É UMA PASSAGEM

Elizabeth F. A. Marinheiro
UFPB/UEPB/PEN CLUB DO BRASIL/
Academia Paraibana de Letras
elizabethfamarinheiro@oi.com.br
palomavlima@yahoo.com.br

Se a memória é um dos *lugares* onde se guardam vidas, *valores*, estórias e História, é inegável que muitos Escritores façam uso dela, seja como invenção, seja como lembrança. Por consequência, a narratologia esconde testemunhos de vida que, se “escutados”, desvelam a cumplicidade do sujeito e suas circunstâncias. Partindo do princípio de que os conceitos de raça são redutores e minimizando-se os essencialismos, acolhemos a construção da *nacionalidade* como algo ainda complexo e problemático. Com este olhar, apresentamos uma leitura da obra de Mia Couto – *Cada Homem é uma Raça* – que vincará alguns *elementos significativos* da construção literária e tentará observar, até que ponto a *moçambicanidade* comunga os postulados dos *Discursos Pedagógico e Performativo*, na perspectiva de H. Bhabha.

FIGURAÇÕES POÉTICAS DO MAR ENTRE PORTUGAL, ÁFRICA E BRASIL

Elizabeth Gonzaga de Lima - UFBA
betylyma@gmail.com

Em torno do Atlântico e do Índico, construíram-se múltiplos imaginários, especialmente a partir do século XVI, com o trânsito de caravelas, povos e mercadorias. Seja na História, seja na Literatura, o mar sempre desafiou, amedrontou, seduziu e, sem dúvida, instigou a imaginação de portugueses, africanos e brasileiros. Tal imaginário ganha expressividade pulsante na poesia de Luís Vaz de Camões, Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner, Alda do Espírito Santo, Virgílio de Lemos, José Craveirinha, Castro Alves, Cecília Meireles, entre outros. A inspiração poética no mar, em última instância, na água, nos remete às considerações de Gaston Bachelard (1998) sobre a existência de uma poesia da água, pois, segundo o filósofo, a água é “a senhora da linguagem fluida, da linguagem sem brusquidão, da linguagem contínua, continuada, da linguagem que abranda o ritmo, que proporciona uma matéria uniforme a ritmos diferentes”. Essa relação entre linguagem e água pode ser ilustrada nos versos do poeta moçambicano Virgílio de Lemos (2001): “Cada palavra é um mar/ mistério/ do que foi e se recria”. Pretende-se, neste trabalho, examinar as figurações poéticas do mar elaboradas no trânsito literário e cultural entre Portugal, África e Brasil, evidenciando de que maneira essas figurações ganham uma dimensão social, memorialística e estética sob a força lírica da(s) língua(s) portuguesa(s) que busca(m) unir o que o mar separa.

POÉTICA DA NEGATIVIDADE: UMA LEITURA DE *NÃO ENTRES TÃO DEPRESSA
NESSA NOITE ESCURA*, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Elizabeth Maria dos Santos - PUC- MG
bethm_santos@hotmail.com

Leitura do romance *Não entres tão depressa nessa noite escura*, do escritor português da época contemporânea António Lobo Antunes. O objetivo é realçar elementos caracterizadores da poeticidade da obra, considerando a temática da negatividade. Partimos do ponto de vista de que a construção do texto, fundamentada na ambivalência da encenação e experimentação de signos negativos, tais como a morte e a melancolia, problematiza o pragmatismo dos discursos e propõe perspectivas em torno da (des)constituição de uma subjetividade estético-literária. O estudo expõe os resultados de pesquisas realizadas pela autora, em virtude de sua participação no Grupo de Pesquisa “As máscaras de Perséfone: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas”, sobre a coordenação da Profa. Dra. Lélia M. Parreira Duarte — PUC-Minas. Pretendemos demonstrar que, nessa narrativa antuniana, a negatividade se tece como veio fértil de produção discursiva, como estratégia de reavaliação da condição do sujeito. O olhar da narrativa sobre esse sujeito cindido é, ao mesmo tempo, um olhar suspeito sobre a tradição (histórica e cultural); um olhar que hesita criticamente diante de símbolos e cânones, não como investimento de retorno ou resgate dessa tradição, mas como “invenção”. Desse prisma, podemos dizer que o melancólico-negativo exposto na obra é aquele que se elabora na consciência da espessura inefável de sua voz e da precariedade de sua condição subjetiva. Fundamentam nossas perspectivas concepções teóricas que, direta ou indiretamente, lançam luz à estética negativa, como, entre outros, os estudos que relacionam a linguagem e a morte como lugar da negatividade, por Giorgio Agamben, a configuração de um espaço literário e a experiência estética como dimensão do “fora”, por Maurice Blanchot, o pensamento da exterioridade, por Michel Foucault, a crítica de uma razão positivista e de uma chamada “lógica” discursiva, por Gilles Deleuze.

A *FARSA*, DE RAUL BRANDÃO: PAISAGEM EM CLARO-ESCURO PESADELO

Eloísa Porto Corrêa - UERJ/USS
eloisaporto@gmail.com

Este trabalho objetiva uma análise do projeto estético de *A Farsa*, de Raul Brandão, tendo como foco principal a exploração de tonalidades contrastantes e do agressivo efeito claro-escuro expressionista – visível em certa estética do horror na descrição das paisagens –, em contraposição a uma poética da afetividade em relação aos humildes, presente até na abordagem da condição humana, investigada na obra. Para além do projeto prioritariamente estético de sua obra, Brandão acaba dando relevo a figuras humildes – desprovidas de heroísmos, habitantes de espaços precários –, problematizando-as, questionando suas relações interpessoais e investigando a condição humana. A construção de um projeto estético atrelado a indagações de caráter existencial acaba por diferenciar o texto brandoniano do de todos os seus contemporâneos. Por trás dessas histórias patéticas de almas, desse “ferveiro de vidas insondáveis que o tempo não esgota”, nota-se, por um

lado, uma voz que demonstra profundo desprezo pela sociedade, pelo estado de coisas que conduziram à miséria muitos personagens; e uma inconformação desgostosa e desesperançosa. Por outro lado, também, nota-se ternura, simpatia, complacência em relação aos humildes, observadas na “santificação” da tríade feminina Joana, Sofia e a Cega, de *A Farsa*.

SARAH BERNARDT:
“PERSONALIDADE-PERSONAGEM” DE EÇA DE QUEIRÓS

Elza Mine - USP/CNPq
mineelza@gmail.com

Entre continuidades observáveis entre ficção e jornalismo na obra de Eça de Queirós, a comunicação tem em vista focalizar, em textos de imprensa de sua autoria publicados na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, a instituição de figuras públicas em “personalidades-personagens”. Para tanto, além das respectivas caracterizações e apresentações, serão examinadas as estratégias a que recorre o narrador-jornalista para plasmá-las, bem como serão levadas em conta as exigências dos tipos de texto de imprensa em que estão inseridas e a presunção de perfil de leitor a que se destinavam. Embora as observações a serem apresentadas estejam presentes em diferentes matérias jornalísticas queirosianas (a serem evidentemente referidas), especial atenção será dedicada, nos limites da presente comunicação, aos três Bilhetes de Paris, publicados na *Gazeta de Notícias* em fevereiro de 1897.

NOVOS CAMINHOS DA LITERATURA E IDENTIDADE NACIONAL NA ÁFRICA
DE LÍNGUA PORTUGUESA: JOÃO MELO E NELSON SAÚTE

Emanuelle Rodrigues dos Santos - USP
emanuelle.santos@gmail.com

A importância da literatura na constituição a identidade nacional é cabal. Sob essa perspectiva, muitos dos trabalhos publicados no campo dos estudos de literatura africana em língua portuguesa se concentram no estudo das literaturas nacionais das ex-colônias portuguesas em África cuja importância foi inegável para a constituição da identidade de seus povos. O presente estudo analisa os contos do angolano João Melo, em *Imitação de Sartre e Simone de Beauvoir* (1998), e do moçambicano Nelson Saúte, em *O Rio dos Bons Sinais* (2008). Em ambas as obras, as formas clássicas de abordagem da identidade nacional, como a construção de personagens-tipo e de uma entidade coletiva, são substituídas por temas que remetem à subjetividade e a fragmentação dos indivíduos. O nacional e coletivo cedem lugar ao particular e intimista, evidenciado assim que a constituição da identidade do sujeito nessas literaturas segue em processo avançado, posterior ao seu momento de formação e alinhado com as mais modernas correntes de pensamento dos estudos pós-coloniais. Tais conclusões além de evidenciarem um processo de constituição literária e identitária em marcha, obrigam a crítica literária em língua portuguesa a uma interessante revisão de conceitos nas discussões das relações entre

literatura e identidade nacional, tarefa extremamente importante para a compreensão não só desse fenômeno literário, mas também do homem que se insere nesses espaços.

ORPHEU, LISBOA-SODOMA:
A POÉTICA DO CORPO NO MODERNISMO PORTUGUÊS

Emerson da Cruz Inácio - USP
einacio@usp.br

Partindo da tese de que os movimentos modernistas portugueses, além de promoverem a atualização estética e cultural, também se ocuparam de dar ao corpo o seu efetivo lugar dentro da Literatura Portuguesa, este trabalho quer, baseando-se na análise de trechos das obras de Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Raul Leal e José Régio, demonstrar como este corpo se estabelece em termos de representação literária. Paralelamente, procurar-se-á estabelecer um diálogo com a assertiva de Eduardo Lourenço, quando este afirma que a Presença foi o primeiro espaço em que um corpo não-vazio teve lugar na literatura produzida em Portugal, no sentido de demonstrar como, na verdade, o “enigma-corpo” sempre foi uma preocupação, tanto dos participantes de Orpheu, quanto dos presencistas. Assim, cabem algumas considerações acerca de como o corpo se institui e constitui como matéria e temática da Literatura Portuguesa nas primeiras décadas do século XX, desde a sua ocorrência finissecular, em *O Barão de Lavos*, até as formulações modernistas. Deve-se notar que o que estará em discussão é justamente o processo de instauração de um corpo erótico, sexualizadamente homoerótico e a crescente esteticização dos discursos literários a seu respeito.

ENTRE A CASA E A RUA: O LUGAR DA MULHER
NA POESIA DE ALDA ESPÍRITO SANTO, ALDA LARA E NOÉMIA DE SOUSA

Érica Antunes Pereira - USP
erica.antunes@gmail.com.br

Alda Espírito Santo, Alda Lara e Noémia de Sousa são as poetisas que melhor representam, respectivamente, as literaturas são-tomense, angolana e moçambicana de autoria feminina no período pré-independência. Levando em consideração que as obras dessas autoras se aproximam tanto pela abordagem temática, quanto pelo projeto de busca por identidade(s) feminina(s), apresentamos, neste trabalho, algumas reflexões decorrentes de nossa pesquisa de doutoramento em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, que vem sendo desenvolvida na Universidade de São Paulo e é intitulada “Da catana ao batom: a formação da identidade feminina nas poesias angolana, moçambicana e são-tomense”. Tomando como ponto de apoio teórico a “hermenêutica do cotidiano” (DIAS, 1994; 1998), cujo foco de atenção é a experiência vivida e os papéis informais, analisamos os poemas “Às mulheres da minha terra” (SANTO, 1978, p. 81-85), “Miserere” (LARA, 1984, p. 19) e “Moça das docas” (SOUSA, 2001, p. 92-94), para comprovar que a mulher, portadora de uma voz aparentemente silenciosa e marcada pelo cotidiano, ao ter consciência das injustiças que permeiam a sociedade, pode se inscrever nela e transformá-la.

EÇA DE QUEIRÓS, A PAIXÃO AMOROSA E O REALISMO

Eunice Terezinha Piazza Gai - UNISC
piazza@unisc.br

O trabalho apresenta uma leitura do conto “No moinho”, de Eça de Queirós. Tem o propósito de retomar os pressupostos da estética realista a partir da sua configuração no texto de um autor que aderiu às idéias que a constituíram. Nesse conto, as temáticas e suas abordagens lembram outros momentos da criação queirosiana, como aquelas retratadas em *O primo Basílio* e em *O crime do padre Amaro*, por exemplo, e é essa a razão da escolha. Narra a trajetória de Maria da Piedade, personagem que passa de santa a prostituta no decorrer do conto. O fato desencadeador de semelhante vicissitude é o surgimento de uma paixão que não se realiza e a lança, primeiro, nos domínios abissais da imaginação e, depois, incita-a à prática do adultério. Aparentemente, o conto teria uma intenção moralizante que enunciaria mais ou menos o seguinte: a leitura de romances, de ficção, é perigosa, especialmente para as mulheres fragilizadas e sem uma sólida educação. Ainda, o adultério provoca a degradação feminina, a destruição da família, a desordem do lar. Ou também, os seres humanos estão irremediavelmente presos ao espaço, fator relevante no contexto literário do Realismo. No âmbito dos estudos relacionados ao autor, tais concepções são comuns, pois querem assinalar a perspectiva crítica de Eça de Queirós. O presente estudo retoma os temas da leitura e seus efeitos, do espaço e suas metáforas, da paixão amorosa, do adultério e de sua perspectiva no âmbito do Realismo. Pretende, com isso, rever os princípios da estética realista e investigar em que medida a ironia fez parte desse ideário.

GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO: OU QUANDO A NARRATIVA ENFRENTA A ESCURIDÃO

Everton Luís Teixeira - UFPA
evertonveredas@hotmail.com

Com base em alguns pressupostos teóricos da Estética da Recepção de Jauss (1921-1997) e numa leitura que relaciona a literatura e a sociedade, este trabalho traça um exame sobre os romances *Grande sertão: veredas* (1956), de João Guimarães Rosa (1908-1967), e *Terra sonâmbula* (1992), de Mia Couto. Nestas narrativas, a recriação (ou brincadeira) da linguagem — forjada pelo ficcionista mineiro e tomada de empréstimo pelo moçambicano — serve a dois nobres propósitos: 1) poetizar os relatos de memória dos personagens e 2) criar a última e talvez única forma de resistência humana diante de manifestações que reduziram a civilidade no século XX, como o jaguncismo nordestino e as guerras em Moçambique. Sobreviventes da brutalidade, Riobaldo e o jovem Muidinga se lançam nos territórios da memória e da linguagem ansiosos por compreender os fatos ocorridos em suas existências e em seus espaços sempre em estado de movimento e mutação. Ao lançar um estudo comparativo destas duas produções ficcionais, a presente comunicação tem como objetivo mostrar a importância do pacto forjado entre o literário o factual para a interpretação da História recente dos países do Terceiro Mundo e de suas literaturas, uma

vez que, seja para restituir o aprendizado do sonho como fazem os refugiados de Mia Couto, seja para responder às questões metafísicas do ex-jagunço rosiano, eles, assim como nós, precisam compactuar, muitas vezes, com o mítico para lutar contra a loucura das práticas intoleráveis de suas épocas.

CANTAM PRETOS, DANÇAM BRANCOS: COREOGRAFIA DA COLONIZAÇÃO EM *NHA FALA*, DE FLORA GOMES

Fabiana Buitor Carelli Marquezini - USP
fbcarelli@yahoo.com

Este trabalho pretende iluminar alguns aspectos do filme *Nha Fala* (França/Guiné Bissau, Luxemburgo/Portugal, 2002, Drama, 90 min, Cor), dirigido pelo guineense Flora Gomes, buscando verificar *se e de que modo* essa obra cinematográfica se constitui enquanto manutenção e/ou reversão dos estereótipos europeus a respeito da cultura africana e levando-se em conta a complexidade da linguagem fílmica, bem como seus aspectos de produção. Para tanto, é preciso considerar que *Nha Fala* utiliza certos recursos fílmicos e narrativos, como a estrutura do gênero musical, a mistura do crioulo com o francês, referências à história do país misturadas a aspectos de um certo realismo mágico, que afasta a obra do discurso realista propriamente dito, doses generosas de cor e muita música, para contar a história de Vita, uma jovem proibida de cantar por uma maldição que acompanha sua família e que rompe essa tradição, gravando um CD em Paris. Esta análise de *Nha fala* inscreve-se num amplo projeto de pesquisa, no âmbito da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, que objetiva a análise das produções cinematográficas de ficção dos países africanos de Língua Portuguesa (mesmo que em co-produção com outros países), em especial a partir da década de 1960, no âmbito da sua linguagem específica (o cinema) e nas suas inter-relações com a literatura, especialmente com a narrativa de ficção, bem como a interpretação dessas obras à luz das teorias pós-coloniais, ou seja, enquanto discursos e contradiscursos produzidos num contexto de diálogo, negociação e superação de modelos hegemônicos e contra-hegemônicos.

CARLOS DE OLIVEIRA: POESIAS PARA LIBERTAR

Fábio Moreira - PUC/RJ
biofons@gmail.com

Carlos de Oliveira foi um escritor profundamente comprometido com a consciência e a luta de classes, combinando a preocupação de uma intervenção social com uma reflexão sobre a escrita no processo de sua produção. Com sua obra, pretendeu arrancar a sociedade portuguesa do seu estado de sono, de sua inércia moral para um questionamento, para um repensar da história de Portugal, que se fazia fundamental na primeira metade do século XX. Assim, este trabalho tem a finalidade de analisar o posicionamento crítico e político do intelectual Carlos de Oliveira e a sua articulação dentro do movimento neo-realista português, movimento indissolivelmente ligado à luta pela liberdade e à democracia e contra a ditadura fascista em Portugal. Através de alguns poemas publicados nos livros

Turismo (1942), *Mãe Pobre* (1945) e *Colheita Perdida* (1948), examinaremos o modo como o escritor Carlos de Oliveira põe sua palavra à disposição da luta social, em prol de um projeto histórico que acreditava na transformação social de um país cerceado e dominado pela ditadura salazarista. A análise dos poemas procurará, ainda, estabelecer a relação entre a poesia e o mundo, entre a voz do poeta - que é coletiva e portadora de uma eficácia simbólica de conscientização do povo para modificar a obscura realidade - e seus destinatários.

O PROCESSO INVESTIGATIVO EM *BALADA DA PRAIA DOS CÃES*

Fernando Henrique Crepaldi Cordeiro
UNESP/Campus S.J. do Rio Preto/SP
fhcc2001@yahoo.com.br

Prof^a Dr^a Sônia Helena de O. Raymundo Piteri
UNESP/Campus S.J. do Rio Preto/SP

Este trabalho se propõe como um estudo de *Balada da Praia dos Cães* (1982), de José Cardoso Pires, obra que se constrói em torno de uma investigação policial e que faz do processo investigativo o elemento estrutural de sua narrativa. Procuramos demonstrar como no texto do escritor português há um desdobramento da noção de investigação que passa a se propagar por todo o romance. Nesse sentido, observamos como, para além da inquirição promovida pelo detetive Elias, na obra cardosiana o processo investigativo ganha destaque em pelo menos dois outros sentidos: enquanto pesquisa das possibilidades narrativas do romance e enquanto uma revisitação crítica da história portuguesa recente. No que se refere à primeira questão, deve-se destacar principalmente como se institui, na obra de Cardoso Pires, uma espécie de diálogo com o gênero policial, que se manifesta, por um lado, pela apropriação de temas e procedimentos de tal gênero, tais como o recurso a uma estrutura que contém o que Todorov (1970, p.95-96) chama de “duas histórias”; e, por outro, pela sua subversão. No que diz respeito a essa subversão ganha relevo o desvio realizado no romance, que focaliza o processo investigativo não como um meio para se chegar à resolução de um enigma, mas como o ponto fulcral da narrativa. Desse modo, não há a preocupação em se construir uma verdade, como nos romances policiais tradicionais, em que geralmente a resolução do enigma ou do crime constitui o clímax do relato; a ênfase reside em revelar que a verdade é uma construção, uma narrativa. Quanto à revisão da história portuguesa destaca-se o modo inventivo como o romance de Cardoso Pires, a partir de um crime aparentemente político ocorrido em Portugal na época da ditadura salazarista, mobiliza um momento significativo da história portuguesa contemporânea, entrelaçando história e ficção.

BREVES PALAVRAS SOBRE UMA LONGA QUESTÃO: REFLEXÕES SOBRE A FORMA DE TRANSCRIÇÃO DOS MANUSCRITOS INÉDITOS DO *ROMANCEIRO* DE ALMEIDA GARRETT

Fernando Maués - UFPA

Um dos primeiros artigos dando conta do descobrimento, em 2004, de manuscritos inéditos do *Romanceiro* de Almeida Garrett nos porões de uma casa lisboeta foi escrito por Ofélia de Paiva Monteiro. Nele, além do relato do “achamento”, a eminente garrettianista reproduz um dos romances tradicionais inéditos presentes no volume usando, para isso, o chamado verso longo, e justifica: “adotou-se o critério de transcrição em verso longo, o mais seguido pelos estudiosos do romanceiro”. Acontece que Garrett, em suas edições de romances tradicionais publicadas entre 1828 e 1853, e mesmo em seus cadernos manuscritos particulares, prefere sempre o verso curto, em redondilha. O procedimento não é gratuito e obedece a critérios de edição de romanceiros que datam das primeiras décadas do século XVI, quando *pliegos sueltos* espanhóis e cancioneros como o de Hernán del Castillo abrem suas páginas para este gênero tradicional. Mais ainda, o próprio Garrett, em vários momentos, dá mostras de a opção pelo metro breve é consciente. O que pretendemos, neste trabalho, é refletir sobre esta questão que tem animado tantos debates: a forma mais apropriada para transcrever os romances da tradição oral e, em especial, demonstrar que a forma mais fiel para a edição do material inédito de Garrett é o metro breve.

O EVANGELHO ÀS AVESSAS DE SARAMAGO

Fernando Segolin - PUC-SP
edifer@fox.com.br

Este ensaio procura explicitar o jogo paródico-inversivo do discurso em O Evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago, com a finalidade de pôr em realce aquela que nos parece ser a questão fulcral do referido romance: a humanidade do divino, feito à imagem e semelhança de seu criador humano.

IMAGENS DA CHINA EM CAMILO PESSANHA

Fernando Ulisses Mendonça Serafim - UNESP
fernando.mser@yahoo.com.br

O exotismo transcendente e a estupefação ante as paisagens natural e citadina são alguns dos temas recorrentes da poesia de Camilo Pessanha. Legenda do Simbolismo português, o poeta radicado em Macau personifica a atração dos decadentistas por uma cultura autóctone, resistente, original e, de fato, surpreendente como a dos chineses. A experiência da fugacidade, do olhar efêmero sobre o fluido movimento das imagens mentais, liga-se à sinologia a partir do espectro de um homem cujo exílio perfaz um trajeto dúplice de afastamento e apego à pátria de origem: memórias da China e de Portugal, sob este paradigma, se fundem no palco das impressões fugidias. Reconstituir-se-á este tênue espaço limítrofe entre um imaginário no qual convergem a estética da sublimação, a insistente intervenção da nostalgia e a (de)composição de planos exteriores eivados de referências culturais marcantes e diametralmente opostas. Não se trata de atribuir sentido à biografia de

Pessanha a partir de sua vivência no Oriente. Antes, buscar-se-á na textualidade dos escritos do autor de *Clepsydra* as tramas que compõem uma paisagem de exotismo sob o crivo de uma sensibilidade cindida e inquieta, cuja principal característica é a impermanência das sensações. As pouco numerosas cartas do autor e em especial a obra *China: estudos e traduções* terão papel primordial na análise dessa temática, a qual representa uma das possibilidades de compreensão e leitura de suas obras. Indubitavelmente, o entendimento desses *topoi* se faz necessário a fim de que sejam questionados alguns rótulos e equívocos teóricos que frequentemente são impostos à complexa poesia de Camilo Pessanha.

HISTÓRIAS DE VIANDANTES: O PÉRIPLO DO MUNDO

Flávia Aninger de Barros Rocha - UNEB
flavianinger@yahoo.com.br

O tema do viajor como metáfora da condição humana apresenta-se na leitura de “Homero” de Sophia de Melo Breyner Andresen (*Contos Exemplares*) e de “Antiperipléia” de Guimarães Rosa (*Tutaméia*), contos que ecoam o texto grego e que trazem uma imagem do mundo como périplo a ser completado. Os personagens centrais dos contos são viandantes que ruminam o sentido das coisas através da linguagem, demonstrando o desejo de ver o mundo como impulso primordial. Tomé, o personagem rosiano, é um mendigo cego que deseja ver através das palavras que lhe dizem, já que estas são sua única referência sobre a beleza e o amor. Tal desejo de ver compõe uma alegoria da condição humana na experimentação do mundo. Tomé é guiado por um companheiro anão, figura que remete a Hermes, como o guia entre os mundos, o *journeyer* por excelência. É através da ação deste guia que se instaura uma hermenêutica, uma busca de sentido para a cisão entre palavras e objetos, ou para o antipériplo, que seria um possível retorno ou encontro com a transcendência. No texto de Breyner, encontramos, para além do chamamento do mar, elemento que proporciona o périplo de Ulisses e que se constitui em desejo essencialmente português, o personagem Búzios, também mendigo. Supostamente louco, sua figura sugere que a condição de vagamundo, além de representar a busca ou sentido da viagem, pode representar a integração do homem consigo mesmo através da poesia e da arte, integrando nomes e coisas, revelando sentidos e revertendo a condição moderna que cindiu signo e objeto.

PRÊMIO DE LITERATURA DA AGÊNCIA GERAL DAS COLÔNIAS: UMA FERRAMENTA DE DOMINAÇÃO DO ESTADO NOVO PORTUGUÊS

Flávia Arruda Rodrigues - PUC-Rio
flaviaarodrigues@yahoo.com.br

A presente comunicação, que se insere no âmbito dos projetos de pesquisa “Áfricas: literatura, cultura e política em Moçambique, Angola e Brasil”, da PUC-Rio, e “Reconfigurações identitárias”, da UFBA, tem o objetivo de identificar mecanismos de dominação presentes em obras que receberam o Prêmio de Literatura Colonial, concedido

pelo Estado Novo português entre os anos de 1926 e 1951. A seleção era feita por um dos órgãos governamentais da época, a Agência Geral das Colônias (AGC), fundada em 1924. Dividida em três categorias, a outorga estatal se estendia não somente a romances como a reportagens e estudos de caráter sociológico e geográfico, entre outros. Tinha, como função estratégica, a divulgação da ideologia de governo salazarista (tanto na colônia quanto na metrópole) e funcionava como propaganda a favor da longevidade da máquina colonial portuguesa. O estudo em questão relaciona as obras com o ambiente político-cultural de Portugal e o de suas colônias africanas, especialmente Angola, na intenção de fazer um estudo da representação de brancos e negros nesses territórios. O ponto de partida será o uso do idioma português como ferramenta de diferenciação (e, por consequência, de controle), entre o colonizador e as populações dominadas. O trabalho é parte da pesquisa que dará origem a uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio, e é desenvolvido com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

INFÂNCIA: INÍCIO E FIM DO CICLO DA ESPERANÇA

Flávia Cristina Bandeca Biazetto - USP
fla_bandeca@yahoo.com.br

A temática da guerra é recorrente na produção literária dos países africanos, cujo idioma oficial é o português. Este assunto também aparece com frequência em romancistas contemporâneos lusitanos. A partir desta convergência histórica e ficcional dos países de Língua Portuguesa, pretende-se analisar comparativamente a forma como os narradores das crônicas do português António Lobo Antunes e do moçambicano Mia Couto retratam e se posicionam diante das lembranças de tempos de conflito armado. Para o desenvolvimento deste estudo comparativo, enfocam-se as narrativas “Esta maneira de chorar dentro de uma palavra”, publicada no *Segundo Livro de Crônicas*, de Lobo Antunes, e “Filho da Morte”, presente em *Cronicando*, de Mia Couto. O ponto de intersecção entre elas não é só o cenário de luta, mas também a presença de órfãos da guerra. Esta análise busca compreender o papel que representa cada uma destas crianças dentro do contexto de conflito armado para os narradores. Deve-se ressaltar que os cronistas tematizam lutas distintas – notadamente a colonial e a civil moçambicana. Apesar de ficcionalizarem guerras diferentes, é possível fazer aproximações entre as recordações expressas nas crônicas de ambos. Se por um lado a temática permite uma aproximação, por outro as perspectivas adotadas pelos narradores diante da história e da realidade social de seus respectivos países são distintas, permitindo desta forma destacar semelhanças e diferenças entre as crônicas mencionadas.

TRÂNSITOS, IDENTIDADE E CULTURAS
EM AS MULHERES DO MEU PAI, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Flávia de Araújo Teles Brito - UFBA
flaviasa10@yahoo.com.br

Essa comunicação apresenta e aborda o romance *As Mulheres do meu pai*, de José Eduardo Agualusa, na perspectiva de reflexão de identidade, trânsitos e culturas, e é resultado do trabalho de conclusão da disciplina *Trânsitos Culturais I* do curso de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia, lecionada pela docente Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima M. Ribeiro. O romance *As mulheres do meu pai*, de José Eduardo Agualusa, é marcado por conflitos e diálogos culturais e se apresentam como um filme entrecortado por cenas *imaginárias* de paisagens africanas capazes de entreter o leitor através da descrição e depoimentos de personagens. A narrativa literária — dividida em cartas, diário e entrevistas desprovidos de compromisso com a linearidade de fatos — conta a estória da personagem portuguesa Laurentina que viaja ao continente africano acompanhada por seu namorado Mandume (português com descendência africana) a procura do seu pai. Na obra, o autor nos guia majestosamente pela África do Sul, Moçambique e Angola, intercalados com acontecimentos no Brasil e em Portugal. A obra *As mulheres do meu pai* é uma abordagem da alteridade e da questão identitária por apresentar aspectos de identificação cultural e revelar conflitos interiores e de idéias dos personagens. O hibridismo de narrativas permite ao leitor compartilhar a visão de mundo de cada personagem, seus anseios, desejos e frustrações. Uma leitura com mistura de vivências e encantos de povos, muitas vezes, desconhecidos pela cultura eurocêntrica.

PAISAGENS DO EXÍLIO NAS POÉTICAS E JORGE DE SENA E RUI KNOPFLI

Flavia Tebaldi Henriques de Queiroz - UFF
flavia.tebaldi@oi.com.br

O século XX foi marcado, em Portugal e em suas colônias em África, por profundas transformações políticas e sociais. Uma das consequências do regime de exceção que perdurou no país por mais de cinquenta anos foi o surgimento de uma legião de exilados que se dispersaram, entre outros lugares, pela Europa, Brasil e Estados Unidos da América. Outra consequência foi a emersão de uma literatura que se queria denunciadora dos conflitos entre sistema de governo e sociedade num momento em que as vozes no país eram cerceadas. Neste contexto, compreender a maneira como o intelectual exilado, figura de resistência política ao *status quo*, via sua nação é também um modo de reler e reescrever a história. A partir dos estudos de Michel Collot sobre as percepções da paisagem na poesia, segundo o qual a percepção visual surge como uma primeira forma de construção simbólica, organizando e interpretando o que se vê, e transformando-o em mensagem, este trabalho pretende fazer uma leitura de alguns dos mais representativos poemas do escritor português Jorge de Sena e do moçambicano Rui Knopfli escritos durante os anos de exílio de cada um dos poetas, analisando de que forma espaço e paisagem se afiguram em suas poéticas, buscando compreender a relação entre subjetividade e construção imagética nas obras em questão.

A VULGARIZAÇÃO DE TEXTOS LATINOS ANTIGOS
NO PORTUGAL QUATROCENTISTA: ÉTICA E ELOQUÊNCIA
EM ALGUNS PRÓLOGOS E DEDICATÓRIAS

Flávio Antônio Fernandes Reis - USP
baroque@usp.br

Esta comunicação tem como fim apresentar o estudo sobre algumas vulgarizações de textos latinos em língua vulgar portuguesa realizadas na corte de Avis, no século XV. Na leitura das fontes quatrocentistas, tivemos o cuidado de observar os costumes retóricos de escrita verossímeis ao tempo dos textos analisados. Nesse sentido, utilizamos, não os conceitos e as teorias modernas, mas sim as doutrinas retóricas antigas que possuem longa duração nos costumes letrados ocidentais. Analisamos textos quatrocentistas tais como: cartas e prólogos do letrado Vasco Fernandes de Lucena e a dedicatória a D. Duarte que acompanha a vulgarização do *De Officiis* de Cícero, composta pelo Infante D. Pedro de Coimbra. Com isso, pudemos observar dois aspectos principais: as dificuldades que se impunham aos letrados na passagem do texto latino à língua vulgar e os usos elocutivos e, sobretudo, éticos destes textos vulgarizados.

NOVOS SÓLITOS PASSEIOS PELOS INSÓLITOS BOSQUES DA NARRATIVA
CURTA DE MÁRIO DE CARVALHO: UMA LEITURA CRÍTICO-INTERPRETATIVA
DE “O BASILISCO”, SER IMAGINÁRIO

Flavio García - UERJ
flavgarc@gmail.com

O insólito, categoria operacional empregada neste estudo, engloba eventos ficcionais que a crítica tem apontado ora como extraordinários – para além da ordinaryidade – ora como sobrenaturais – para além do natural – e que são marcas próprias de gêneros literários de longa tradição, a saber, o Maravilhoso, o Fantástico e o Realismo Maravilhoso. Insólito abarca aquilo que não é habitual, o que é desusado, estranho, novo, incrível, desacostumado, inusitado, pouco freqüente, raro, surpreendente, decepcionante, frustrante, o que rompe com as expectativas da naturalidade e da ordinaryidade, a partir do senso comum vigente, representante de um discurso oficial hegemônico. Ao manifestar-se na narrativa, o insólito ficcional põe em cheque o previsível ou irrefutável segundo uma ótica referencial estabelecida, constituindo-se, assim, em força que fragiliza sobremaneira o que era visto tradicionalmente como sólito, habitual, em consonância com os usos e costumes. Portanto, o insólito guarda consigo uma carga negativa, marcada semanticamente pelo prefixo “in”, também presente, por exemplo, em incrível, incomum, impróprio, inesperado, inusual, inaudito... Propõe-se, aqui, uma leitura da narrativa curta “O basilisco”, do escritor português Mário de Carvalho, a partir desses pressupostos crítico-teórico-metodológicos acima apresentados, dando continuidade a pesquisas já desde há muito iniciadas e que vêm sendo tornadas públicas em eventos acadêmicos variados – nomeadamente nos Encontros da ABRAPLIP, desde 2001, e nos Encontros Regionais e Congressos Intenacionais da ABRALIC, desde 2005 – bem como através de publicações de ordem vária.

O TRATADO DE METRIFICAÇÃO PORTUGUESA: CASTILHO E A POESIA FINISSECLAR

Francine Fernandes Weiss Ricieri - FAPESP/UNICAMP
francine.idt@terra.com.br

A presente proposta de comunicação deriva do desenvolvimento de um projeto de pesquisa intitulado “Poesia brasileira do final do XIX: historiografia, crítica, teorias do poético”. O projeto recebeu bolsa de pós-doutorado da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e vem sendo implementado desde abril de 2007. Ainda que o projeto inicialmente fosse voltado para a poesia brasileira desenvolvida nos últimos anos do século XIX e início do XX, verificou-se, no andamento dos trabalhos, o quanto seria proveitoso para os objetivos propostos um redimensionamento no sentido de se estabelecerem relações diretas ou indiretas com os panoramas português e francês a propósito, especificamente, das transformações relativas aos aspectos técnicos da fatura do poema e do verso no período recortado. A partir especificamente, do estudo do tratamento técnico dispensado ao poema por parte de Machado de Assis, chegou-se ao estudo do *Tratado de Metrificação Portuguesa*, de Antônio Feliciano de Castilho. Entre portugueses, escrevendo a partir de um contexto romântico, Castilho introduziu preocupações que coincidem com muitas das conquistas simbolistas (como a orquestração verbal e a busca de recursos que conferem expressividade aos sons do poema), sendo responsável pela inserção da tradição francesa nos procedimentos de contagem métrica em língua portuguesa. Castilho opõe-se francamente ao que seria a facilidade dos românticos que lhe são contemporâneos, valorizando, ainda, uma concepção da escrita como trabalho e esforço de transformação pelo domínio da técnica. Essa comunicação almeja divulgar resultados iniciais de investigações sobre o diálogo entre as concepções de forma poética contidas no *Tratado* de Castilho e as realizações poéticas no Brasil de fins do XIX.

PAISAGENS EM MIGUEL TORGA E MANUEL DA FONSECA

Francisco Ferreira de Lima - UEFS
lima.franciscoferreira@gmail.com

Com o avanço e sistematização da Geografia Cultural, a paisagem deixou de ser morfologia ou cenário para transformar-se em vivência, marca e matriz de práticas humanas. A paisagem, dizem os novos geógrafos, é construção social, portanto, teia de significações, portanto, textualidade. As paisagens trasmontanas de Miguel Torga e alentejanas de Manuel da Fonseca são, mais que marcas, emblemas de um Portugal sofrido, abandonado e dividido, disfarçado de um mundo harmônico inventado pela “paz rural” salazarista. Em moldes comparativos, a comunicação objetiva mostrar como esses dois autores, nem tão próximos estética e ideologicamente, se irmanam no tratamento da paisagem rural portuguesa, vendo-a como unidade entre homem e território, visto que um — não importa a ordem — não seria sem o outro.

RELAÇÕES ENTRE DOENÇA E ESPAÇO: SEBASTIÃO UCHOA LEITE E GONÇALO M. TAVARES

Franklin Alves Dassie - UFF
franklin.alves@hotmail.com

Neste trabalho, que faz parte das reflexões que desenvolvo na minha tese de doutorado, dentro do grupo de pesquisa *Poesia e contemporaneidade*, articulo a experiência da doença ao espaço em poemas do brasileiro Sebastião Uchoa Leite (que encenou esta experiência em seus últimos livros) e do português Gonçalo M. Tavares (que tem a obra atravessada pela doença). Pretendo, assim, investigar as relações e os sentidos que o sujeito-doente estabelece com aquilo que chamei de *espaços da doença*. Em primeiro lugar, e a partir de definições que relacionam doença e espaço, sobretudo as de Georges Canguilhem, discuto a diminuição na capacidade de intervenção que a experiência patológica causa e a interiorização aí solicitada. Em segundo lugar, analiso a problematização deste processo, mostrando como nas encenações propostas pelos poetas há a criação de um movimento interessante entre interior e exterior, que, por um lado, corresponde às estratégias de ficcionalização da experiência biográfica (a tensão entre a dimensão privada e a pública, que desenvolverei a partir das reflexões de Leonor Arfuch) e que, por outro lado, diz respeito à recorrência de imagens de portas e janelas nas respectivas poéticas. Estas imagens indicam outra situação, também muito freqüente, que é a de *estar por um fio*, ou seja, como a proximidade da morte faz com que os espaços da doença sejam vivenciados como se fossem os *últimos lugares*. E isto se desdobra na leitura do conceito de *limiar*, proposto por George Didi-Huberman, que nos ajuda a compreender como a doença e a morte são experiências que podem ser articuladas e, sobretudo, como elas são encenadas nestas representações.

ARQUIVOS DO 25 DE ABRIL: O DIÁRIO DE NATÁLIA CORREIA

Gabriel da Cunha Pereira/Josyane Malta Nascimento - UFJF
josyanemalta@yahoo.com.br/gabrieldacunhapereira@yahoo.com.br

Na madrugada do dia 25 de abril de 1974, a escritora portuguesa Natália Correia iniciava seu diário *Não percas a rosa* motivada pela notícia que era dada em seu rádio na: algumas horas depois da meia-noite, acontecia o que a História chamou de Revolução dos Cravos, movimento que marcou a queda do regime político do Estado Novo em Portugal. O diário não foi sistematicamente escrito dia a dia, mas conta com o relato da escritora de um ano e sete meses de período revolucionário, marcado por sucessivas mobilizações populares. Portanto, a obra configura-se não só como um diário propriamente íntimo, mas como um relato crítico da experiência de Natália sobre o movimento revolucionário português. O artigo trabalha o livro da escritora em dois aspectos: 1. os limites entre a realidade e a ficção, pois sendo um diário, a obra admite a subjetividade de Natália e a invenção poética de si. Por outro lado, por apresentar características de um relato, não dispensa a referencialidade dos acontecimentos imediatamente posteriores à Revolução; 2. trabalhamos o texto da escritora como *arquivo* de uma época, no sentido filosófico do termo, conforme Jacques Derrida o entende. Ambas as abordagens propostas são norteadas

pelas reflexões de Jacques Derrida em dois de seus livros: *Gêneses, genealogias, gêneros e o gênio*, e *Mal do arquivo* – uma impressão freudiana.

“NÃO SE ENCONTRA SÓ O QUE SE ENCONTRA, MAS TAMBÉM O QUE SE PROCURA”: UMA BREVE ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA NACIONALIDADE PORTUGUESA A PARTIR DA LEITURA DE *EQUADOR* DE MIGUEL SOUSA TAVARES

Gabriela Fernandes de Carvalho - UFBA
fcarvalho.gabriela@gmail.com

Pretende-se debater no presente trabalho a representação da nacionalidade portuguesa a partir da análise do romance histórico *Equador*, de Miguel Sousa Tavares. Para tanto, propõe-se discutir a imagem do personagem Luís Bernardo Valença como metáfora do sonho – inconcluso – português de nação-império, desde a sua vida “descompromissada” e “independente”, perpassando pela predisposição ao novo e às aventuras, até o seu “fracasso” diante da realidade inóspita da colônia. Ao ser convocado pelo rei D. Carlos para uma missão na colônia de São Tomé e Príncipe, Luís Bernardo é colocado em confronto entre os seus ideais e o que realmente poderia transformar na prática, e é nesse dilema que se constrói a narrativa e, também, o personagem. Contudo, possíveis alusões do romance com a relação Portugal/Brasil não são desprezadas, contando que a realidade sócio-histórica de São Tomé e Príncipe se assemelha às condições brasileiras, tanto pelo fato de terem em comum o colonizador, quanto por suas semelhanças climáticas, e, principalmente, por fazerem parte de um projeto mítico e utópico português. Tanto para a análise do sentimento patriótico português, quanto para a relação que este trava com outros países lusófonos leva-se em conta, principalmente, as definições trazidas por Eduardo Lourenço para sentimentos como: pátria, nacionalidade, melancolia e saudade.

HISTÓRIA E FICÇÃO EM *OS FILHOS DE DOM JOÃO I*, DE OLIVEIRA MARTINS

Gabriela Machado Ventura - UFRJ
agabrielaventura@gmail.com

Joaquim Pedro de Oliveira Martins foi expoente da chamada Geração de 70, que definiu gostos e lançou diretrizes para a cultura portuguesa do fim de século. Tendo nascido e morrido dentro do século XIX (1845-1894), foi efetivamente o que se pode chamar de “um homem do seu tempo”: como historiador, uma de suas principais referências era Proudhon e o Socialismo como evolução para uma sociedade sem classes. Sua relação com a história será, portanto, mais inventiva e menos árida, mais afeita às análises do que às sínteses. Não à toa Oliveira Martins declarava-se admirador de Alexandre Herculano, o pioneiro romancista histórico de Portugal. O presente trabalho propõe-se a analisar a obra *Os Filhos de Dom João I*. A dicção de Oliveira Martins encontrará eco no narrador que nos é apresentado por Walter Benjamin. Em seu artigo intitulado *O Narrador – considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov*, Benjamin aponta a abertura a diversas interpretações que a narração propicia. Segundo ele, o primeiro grande narrador foi Heródoto. Citando o célebre

tema de Psammenit – o rei que, rendido pelos inimigos, agüentou sem aparente sofrimento a visão da filha rebaixada à condição de criada e do filho condenado à morte, mas que desabou em prantos ao ver um velho miserável no cortejo dos cativos – indica a supremacia da narrativa sobre a informação pura que Oliveira Martins tanto se esmera em evitar.

FORA DE SI? UMA PROPOSTA SOBRE LUIS MIGUEL NAVA

Gabriela Maria Nobre - UFF
seroa1@yahoo.com.br

O presente trabalho tem como proposta a leitura da poética de Luiz Miguel Nava. Poética de limites e fronteiras desfeitas, na qual não sabe-se ao certo onde e como delimitam-se corpo, mundo e escrita, a poesia naviana pode ser lida como prova quase tátil de um transbordamento do sujeito, motivo pelo qual penso ser produtiva a leitura deste poeta frente à teoria do horizonte e da paisagem que propõe Michel Collot, teórico francês. Mais precisamente, queremos aludir a seu texto “O sujeito lírico fora de si”, que procura pensar novos caminhos para uma lírica moderna, colocando o sujeito lírico em relação a um *em torno*, por oposição à teoria hegeliana do lirismo, que concebe a subjetividade sem considerar um exterior. Collot propõe a relação do sujeito a uma *estrutura de horizonte*, o que termina por afirmá-lo como um ser que “transborda de si e para fora de si” (Collot). A proposta dessa estrutura de horizonte parte da fenomenologia de Husserl com seu pensamento centrado, igualmente, na experiência de mundo por um sujeito, na propriedade da consciência de “estar sempre dirigida a algo”.

A poética de Luis Miguel Nava propõe um corpo que não só ocupa o mundo, mas que concebe esse mesmo mundo em si, em suas próprias entranhas. Mas isso não se dá sem um paradoxo: há o sujeito que se lança em busca de um “fora” mas que, ao mesmo tempo, não foge de limitar ao espaço da escrita e da linguagem esse próprio corpo.

MAR DE CONCRETO: UMA LEITURA DA CIDADE E DE SUA RELAÇÃO COM O MAR NOS POEMAS DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Gabriela Potti Cerqueira - USP
gabrielapotti@usp.br

Com base no projeto de pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvido sobre a poeta Sophia de Mello Breyner Andresen, na Universidade de São Paulo, a apresentação propõe uma leitura da cidade e da sua relação com o mar nos poemas da autora. Num contexto em que o elemento urbano é apresentado como espaço de dor e o marítimo, de felicidade, a proposta é mostrar como essa relação é construída na obra da poeta. Partindo da observação do sujeito poético no contexto da modernidade e das múltiplas tendências que este conceito agrega, a apresentação vai focar a configuração da cidade, um dos temas recorrentes na criação poética da modernidade. A idéia é identificar a leitura que o sujeito poético perfaz acerca do espaço urbano. Símbolo daquilo que é construído pelo homem, a cidade muitas vezes rivaliza com o espaço natural, tema também recorrente na poética da autora e comumente associado à idéia de pureza, limpidez, paz e júbilo. No entanto, convém

ressaltar que a leitura do espaço urbano nem sempre recai apenas sobre seu aspecto negativo, existindo poemas nos quais a dualidade se apresenta como cifra da imagem da cidade, misto de fascínio e repulsa. E, finalmente, diante da presença incisiva do elemento marítimo na obra da poeta, a apresentação também abrirá espaço para o diálogo que esse espaço estabelece com a cidade em alguns poemas. Apesar de num primeiro momento apenas rivalizarem entre si, mar e cidade podem ser lidos também dentro de uma conjuntura mais ampla que transita entre antagonismo e correspondência.

DEPOIS DE 1959: JORGE DE SENA E OS INTELECTUAIS PORTUGUESES EXILADOS NO BRASIL

Gilda Santos - UFRJ/RGPL
gilda.santos@globo.com

O *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, realizado em Salvador, em agosto de 1959 assinala o início do exílio brasileiro de Jorge de Sena, que se estende até 1965. Findo o evento, o escritor adere de imediato ao grupo de intelectuais portugueses exilados em São Paulo que, em 1956, fundara o jornal *Portugal Democrático*, o qual, livre da censura de Salazar, conseguia publicar matérias impensáveis para a imprensa portuguesa da época, graças a uma diversificada, e algo clandestina, rede de contactos internacionais. Embora constituído por militantes de várias filiações político-partidárias, o antisalazarismo comungado produzia a necessária coesão, possibilitando a miraculosa vitalidade do jornal, até 1975, ou seja, até pouco depois do “25 de Abril”, quando obviamente perdeu a razão de existir. Num jornal de configuração avançada para a época, mais voltado para a análise conjuntural do que para a notícia pura e simples, liam-se longos artigos sobre os rumos da repressão no caduco Estado Novo e da política externa portuguesa, em particular os concernentes ao colonialismo em África. Contam-se acima de trinta textos desse teor de autoria de Jorge de Sena, que partilhava as páginas mensais com outros nomes cimeiros da cultura portuguesa, como Adolfo Casais Monteiro e Fernando Lemos.

A par dessa aberta atuação política e grande interação com os compatriotas, Jorge de Sena também intensifica seu diálogo e convívio com a intelectualidade brasileira da época.

Em termos criativos, aqui produz muitas das suas melhores obras literárias, sendo extremamente fértil essa sua “fase brasileira”. O mesmo se passa em sua atividade acadêmica, geradora de intenso ensaísmo, sobretudo voltado para Camões e Fernando Pessoa.

DUAS MULHERES, DOIS OLHARES, A MESMA FOME: DESEJO E PEREGRINAÇÃO EM *MEMORIAL DO CONVENTO*, DE JOSÉ SARAMAGO E EM *PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM*, DE CLARICE LISPECTOR

Gilson Antunes da Silva - UFBA
gilsonfi@bol.com.br

Este trabalho tem como objetivo traçar um estudo comparativo entre os romances *Memorial do convento* (1982), do escritor português José Saramago, e *Perto do coração selvagem*

(1943), da ficcionista brasileira Clarice Lispector. Toma como ponto central de análise a trajetória das personagens femininas que animam as duas narrativas (Blimunda e Joana), focalizando o caráter estranho de ambas as heroínas, movidas por uma inquietação que as domina e as impulsiona para além de um cotidiano alienante. Blimunda, dotada de poderes estranhos, experimenta a vida de forma livre e transgressora, num mundo em que toda regra é incapaz de detê-la ou escravizá-la. Capaz de enxergar as vontades humanas, ela é a representação desse desejo de mais além. Nessa busca incansável, a vidente de Saramago, foge aos padrões ético-sociais tradicionais e direciona seu propósito para uma transformação de cunho mais geral, evidenciando assim uma inquietação mais ampla e mais social. Joana, por sua vez, a víbora lispectoriana, centrada numa “ética da unicidade”, cujo narcisismo acentuado é dominante em suas relações, perfaz uma travessia homérica rumo à satisfação de uma vontade de natureza mais particular; tem-se aí, a peregrinação do desejo rumo a uma realização sempre postergada. Ambas, entretanto, padecem do mesmo mal: o mal do olhar aguçado para o qual o mundo se apresenta em sua precariedade, em sua pobreza. A fim de romper com essa carência mundana, as duas personagens deslizam por essa realidade em meios a questionamentos e incertezas, rumo a uma existência mais plena e autêntica. Portanto, utilizando-se de uma metodologia comparativista, este trabalho entrecruza as duas narrativas e evidencia a trajetória das duas personagens, movidas por um desejo que se direciona a objetivos semelhantes.

EÇA DE QUEIRÓS, MACHADO DE ASSIS E A CONSTRUÇÃO DO REALISMO/NATURALISMO NO SÉCULO XIX.

Gisele de Carvalho Lacerda - UFF
giclacerda@yahoo.com

Nessa comunicação, pretendemos apresentar uma pequena descrição do andamento do projeto que estamos desenvolvendo no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, na Universidade Federal Fluminense: “Ecos machadianos em *O Crime do Padre Amaro*”. Iremos também apresentar algumas das nossas reflexões iniciais acerca da construção do Realismo/Naturalismo por Eça de Queirós e Machado de Assis, bem como sobre o diálogo de Eça de Queirós e Machado de Assis em decorrência da publicação da crítica machadiana a respeito de *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio*. Tal diálogo, muito provavelmente, contribuiu para a reescrita de *O Crime do Padre Amaro* e, conseqüentemente, se essa hipótese for verdadeira, na construção do Realismo/Naturalismo, no século XIX, em língua portuguesa. Utilizaremos, outrossim, alguns dados da história da transmissão de textos acima citados como pontos de partida de nossas considerações. Trabalharemos com instrumental da Crítica Textual de autores modernos. Nosso Projeto está vinculado a um dos projetos de pesquisa de nossa orientadora, Professora Doutora Ceila Ferreira Martins: “Edição crítico-genética das narrativas de viagens de Eça de Queirós: *O Egito e outros relatos*”.

DA CEGUEIRA À LUCIDEZ: UMA FABULAÇÃO DE UM ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA MAIS HUMANO E SOLIDÁRIO

Gislene Teixeira Coelho - UFJF
gisa407@yahoo.com.br

Este trabalho propõe suas questões a partir das obras *Ensaio sobre a cegueira* e *Ensaio sobre a lucidez*, do escritor José Saramago, as quais corroboram a formulação de um pensamento crítico sobre os conceitos de humanismo e civilização. Pretendemos discutir a precariedade e a instabilidade dos projetos nacionais elaborados a partir dos ideais de ordem, similaridade e unidade, tendo como modelo os princípios eurocêntricos que fundamentaram a criação dos Estados-Nação e estão ainda presentes no nosso entendimento de civilização. Desenvolveremos uma reflexão crítica acerca da brancura nos dois romances, que pode ser lida como representação da razão iluminista e da epistemologia ocidental, os quais advogam a favor de uma lógica essencialista, totalitária e etnocêntrica. Contudo, o romancista cria uma situação de estranhamento ao associar a brancura a elementos contraditórios como cegueira, treva, loucura, caos, os quais transgridem sua simbologia e são apresentados como desdobramentos de uma mesma política racionalista e civilizatória, que utiliza, para tanto, a força repressora para impor a ordem e a unidade nacional. Saramago problematiza o ideal civilizacional a partir da vivência de uma experiência radical – a cegueira branca – que desperta entre as pessoas reações distintas, oscilando entre um comportamento instintivo e um comportamento mais solidário e humano. O escritor português suscita um modelo de civilização alternativo, em que se aprimoram as leis da convivência, pensamento que desenvolveremos a partir da reflexão teórica de Jacques Derrida sobre o conceito da hospitalidade.

A SIMBOLOGIA DO SAGRADO E DO PROFANO:
UMA VIAGEM NO COMBOIO DE *MÃE, MATERNO MAR*.

Guadalupe Estrelita dos Santos Menta Ferreira - UEL/ UTFPR-CP
guadalupe.estrelita@hotmail.com

A questão estética em Literatura é um dos elementos fundamentais para sua consagração e no âmbito do discurso, dos símbolos, dos não-ditos, representa, por meio da ficção, o homem e seu espaço circundante. A proposta deste trabalho é de demonstrar o universo simbólico presente na Literatura Africana de Angola, em *Mãe, Materno Mar*, de Boaventura Cardoso, que se apropria de elementos da natureza como a terra, a água e o fogo, símbolos enfim, desde a antiguidade, de vida/morte, sagrado/religiosidade e erotismo/paixão/ sexo, respectivamente, causando o caos sobre a trajetória do comboio que permeia o enredo. Uma viagem que dura 15 anos e que se configura como microcosmo de uma sociedade em que comportamentos, crenças e linguagens se entrelaçam, desencadeando uma desordem na ordem construída. Essa técnica antitética ordem/caos pode estar enraizada na memória coletiva dos africanos, sob o tema do tempo no imaginário angolano, articulado ao sagrado e à religião. Com o rompimento da linearidade e o movimento do comboio, a narrativa se constrói, corroborando com a continuidade, as mudanças, o caos, que, para mobilizar, às vezes desagrega a ordem instituída. Como um chamado aos antepassados, na esfera linguística são recuperados elementos que remetem à oralidade,

tendo em vista a problemática discursiva dos textos angolanos, sobretudo nos de Boaventura Cardoso em que a diglossia parece ser um ponto fundamental.

O CHEIRO E O SOM DA HISTÓRIA NÃO-OFICIAL
EM A *COSTA DOS MURMÚRIOS*, DE LÍDIA JORGE

Guilherme Augusto dos Santos Povia - UFV
gapovia@gmail.com

Georg Lukács, em seu ensaio “Narrar ou Descrever”, afirma que somente os atos e ações do homem podem manifestar concretamente sua própria essência. A busca pela memória, pela história, pelo passado, é uma atitude inerente ao ser humano, pois a memória é uma forma de compreender a si mesmo, de assumir uma identidade. A literatura, como campo que abarca essa *praxis* humana, através da narrativa, se torna também um domínio privilegiado, onde a memória tem um papel fundamental na lembrança, na construção de um passado que se experiência ou que talvez se conhece através da experiência de outros. A prática de contar histórias oralmente pode ter sido perdida – como propõe Walter Benjamin em “O Narrador” – mas a materialização da experiência em escrita culminou no que conhecemos hoje como romance. Por se tratar de um gênero híbrido por excelência, ele dá margem para que os discursos da história, da antropologia ou da sociologia, por exemplo, se manifestem em seu texto. Em *A Costa dos Murmúrios*, Lídia Jorge utiliza a memória como ferramenta para a construção da História – que, em um contexto onde a independência ainda era algo novo para as colônias africanas – se encontrava em ruínas, necessitando assim de uma reconstrução. A memória, como linguagem, se torna mais do que constituinte da História, se torna elemento constituinte do próprio romance em questão. Eva Lopo, ao narrar suas memórias, faz uma tentativa de recuperação daquele contexto pós-guerra, ainda marcado pela forte presença da censura (não somente a física, mas a psicológica também); mas, principalmente, no que concerne à sua constituição enquanto sujeito feminino, que se recusava a compactuar com o posicionamento das outras pessoas em relação a seu tempo – transgredindo, modificando e criando, assim, sua versão da história oficial.

OS ANOS DE PÓLVORA:
A GUERRA EM NARRATIVAS DE ANGOLA E DE MOÇAMBIQUE.

Gustavo Aparecido Lisboa - USP
tavito@usp.br

A presente comunicação se inclui como projeto de iniciação científica no grupo de pesquisa da Dra. Tania Celestino de Macedo: “Os Anos de Pólvora: ficção, história e memórias em narrativas de Angola e Moçambique”, em que se propõe a estudar romances de Angola e de Moçambique em que a guerra tenha papel preponderante, a fim de refletir em que medida ela constitui não apenas tema, mas também conforma, de acordo com a característica com que se apresenta nos textos, um tipo de personagem e/ou narrador que pode ser tipificado como herói guerreiro, solar – que realiza a convergência da valentia com a ética e o valor -,

ou o herói desiludido, crepuscular (em que o desencanto e o cansaço tomam o posto de comando).

Para tanto estudará dois textos do escritor angolano Pepetela (*Mayombe* e *A geração da Utopia*) e um texto do moçambicano Mia Couto (*Terra Sonâmbula*), visando a focalizar a guerra como fenômeno que conforma a história e as produções culturais das jovens nações africanas, e, através dela, como se dá por meio de escritas e da memória a preservação destas identidades, sem perder de vista o cânone português, ocidental.

Assim, pode se verificar que o eixo que norteia a pesquisa é o da articulação entre literatura e sociedade, portanto o tema que orienta nossa pesquisa será focalizado na tensão dialética que o texto estabelece com o contexto.

POESIA PORTUGUESA: A GERAÇÃO DE 1970

Gustavo Cerqueira Guimarães - UFMG
gustavocguimaraes@hotmail.com

Um dos critérios convencionados pelos críticos portugueses para delimitar a geração de poetas portugueses de 1970 é simples e ao mesmo tempo arbitrária e pouco satisfatória: ter o primeiro livro publicado entre 1970 e 1979; a essa regra foge António Franco Alexandre, que publicou *A distância* em 1969. Entre os principais poetas dessa geração estão, entre outros: Al Berto (Alberto Pidwell Tavares), Helder Moura Pereira, Joaquim Manuel Magalhães, João Miguel Fernandes Jorge, Nuno Guimarães e Nuno Júdice.

No entanto, para agregá-los num mesmo grupo e para melhor compreender os contornos dessa poética, apenas esse critério é insuficiente. Faz-se, então, necessário neste breve ensaio explorar outros elementos comuns entre tais contemporâneos. Um deles é a própria dificuldade em abarcá-los numa geração, como aponta Eduardo Prado Coelho ao caracterizá-los “por uma grande diversidade de estilo e tendências e por uma acentuada ausência de geração”. (*A noite do mundo*, 1988, p. 128). Porém, não se pode negar que há pelo menos três características próprias desses poetas: a primeira diz respeito à própria escrita – temática; a segunda é relativa ao marcante contexto histórico; e a terceira e última refere-se às principais ressonâncias literárias.

O CORPO, O TEXTO, A VIDA: *PHOTOMATON & VOX* E A QUESTÃO AUTOBIOGRÁFICA

Gustavo Silveira Ribeiro - UFMG
gutosr1@yahoo.com.br

Photomaton & Vox, do poeta Herberto Helder, é uma obra inclassificável: reunião vertiginosa de textos que vão do poema ao ensaio, do fragmento narrativo ao aforismo, ele desafia qualquer abordagem crítica que se queira fazer, restando sempre como enigma nas mãos do leitor. Mesmo correndo o risco de parecer contraproducente, nosso esforço nesta comunicação é o de apresentar uma leitura do livro a partir da questão autobiográfica, tentando mostrar como esse conceito pode lançar luz sobre certos aspectos do complexo processo escritural de Helder. Porém, a aproximação que faremos entre *Photomaton & Vox*

e a noção geral de autobiografia não se dará de modo simples, e isso porque o livro nos impõem seu ritmo e demandas específicas. Como rapidamente mostraremos, a representação de experiências pessoais do poeta no texto (experiências conhecidas do público através das poucas referências biográficas disponíveis sobre o autor) é ínfima; não há pacto algum firmado entre o autor e seus leitores (conforme as conhecidas formulações de Philippe Lejeune); nenhuma referência externa, tampouco, garante a veracidade das informações que ali vão transfiguradas. No entanto, o que nos permitirá afirmar o teor autobiográfico do volume e lê-lo a partir dessa questão é o duplo trabalho levado a cabo pelo poeta: de um lado, a tentativa de dessubjetivação da linguagem e, de outro, a ficcionalização total do eu que se processa nos interstícios do texto e dá a ele seu caráter ao mesmo tempo lúcido e caótico.

LITERATURA, MITOS E RACISMO NO BRASIL E EM GOA

Helder Garmes - USP
helder@usp.br

A partir da distinção entre as idéias de assimilação e de segregação que caracterizaram o debate acerca dos conflitos culturais oriundos das políticas colonialistas portuguesa e inglesa na África, presentes no seminal ensaio de Peter Fry, “Culturas da diferença: seqüelas das políticas coloniais portuguesas e britânicas na África austral” (2006), serão discutidos dois romances de língua portuguesa: *O Guarani*, de José de Alencar, publicado no Brasil em 1857, e o *Os Brâmanes*, de Francisco Luis Gomes, publicado em Portugal e na Índia, em 1866. O intuito dessa comparação é procurar demonstrar que as noções de assimilação e de segregação funcionam de modo muito distinto nos contextos do Brasil e de Goa, evocando mitos também distintos a partir de um mesmo princípio assimilacionista, que marcou profundamente a política portuguesa no século XIX. Como parte de um projeto de pesquisa, o resultado do confronto entre esses dois romances é ainda impreciso para o próprio pesquisador, mas já faz suspeitar que as ideias de assimilação e de segregação racial ligadas a Portugal e à Inglaterra, respectivamente, talvez sejam mais recentes do que se possa supor, assim como o mito da “democracia racial”, cuja origem remontaria apenas ao próprio século XIX.

EM PORTUGAL E ALHURES: *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

Helena B. C. Pereira
Universidade Presbiteriana Mackenzie
helenabcp@yahoo.com.br

Os recursos narrativos habitualmente empregados por Saramago, presentes no *Ensaio sobre a cegueira*, não impedem essa narrativa de destacar-se por um enredo eletrizante, em uma tensão crescente que se torna insuportável à medida que os episódios se sucedem. A representação do sujeito perdido, fragmentado, à mercê dos acontecimentos no caos da metrópole contemporânea, constitui uma das mais perturbadoras criações de Saramago. Tais aspectos foram valorizados por Fernando Meireles, quando decidiu adaptar essa

narrativa para o cinema. É inegável seu intuito de manter o espectador, como faz o livro ao leitor, em um suspense ininterrupto, cujas pausas não aliviam, ao contrário, intensificam o mal-estar provocado pelas cenas.

Neste trabalho, vinculado ao Grupo de Pesquisa Literatura no contexto pós-moderno (UPM-CNPq), apresenta-se um breve cotejo entre o livro e o filme, com base em soluções fílmicas que se mostram bastante funcionais, no sentido da manutenção dos significados da obra original. Apesar da intenção de fidelidade do cineasta, a filmagem da trama ocorreu em cidades de países diferentes – mesmo que tudo permaneça, ficcionalmente, em uma única metrópole – o que situa o filme no mundo globalizado em que vivemos. Cenas norteadas pelo desejo de reproduzir o texto saramaguiano em imagens correspondentes às narradas no discurso literário alternam-se com outras marcadas pela liberdade poética, como a do primeiro casal a protagonizar um episódio de cegueira. No filme, em lugar de um casal tipicamente português, depara-se o espectador com um casal relativamente jovem, de traços orientais, com sofisticados hábitos de consumo. A roteirização, a escolha de personagens e espaços, bem como o aproveitamento de recursos próprios da fotografia, iluminação e sonorização, intensificam os sentidos da narrativa literária. Conflui nessa mesma direção o empenho do cineasta em recriar, em imagens, as limitações e os impasses da condição humana e da vida em sociedade, tão presentes na narrativa saramaguiana.

DINOSSAURO EXCELENTÍSSIMO NO FIO DA NAVALHA DA CENSURA

Helenice Nazaré da Cunha Silva - PUC-RJ
helenice_cunha@uol.com.br

A presente comunicação quer demonstrar como, em *Dinossauro Excelentíssimo*, de José Cardoso Pires, a fábula se transfigura em um texto ambivalente, simultaneamente de caráter político e pedagógico que, no fio da navalha da censura, vai questionar e revelar a época do Estado Novo português. A reflexão sobre essa retomada de um gênero clássico - a fábula - em que a escrita é convertida em signo ambivalente, capaz de entrelaçar novos sentidos a conteúdos fixados pela tradição, possibilitou ao escritor interrogar as memórias do cotidiano da ditadura salazarista, incorporando, na ficção, acontecimentos que marcaram a história política recente da sociedade portuguesa. Entendemos que essa escolha foi feita de modo intencional, pois a transgressão do gênero fábula nos remete a ideia primordial de seu sentido, “dizer sem dizer”, ou velar para denunciar. Nesse sentido, a fábula às avessas de Cardoso Pires narra um discurso motivado pela História, isto é, uma alusão à ditadura salazarista, e também a estória de oprimidos e opressores, comum ao enredo das fábulas. Esse procedimento pode ser verificado nas relações entre as estratégias que o autor mantém da fábula clássica e a releitura que faz de seus recursos técnico-literários, propondo outra visão desse código discursivo e em conformidade com o contexto em que o autor a produziu.

POR BRECHAS, À ESPREITA: OLHARES CONTEMPORÂNEOS DE
SEBASTIÃO UCHOA LEITE E JOAQUIM MANUEL MAGALHÃES

Ida Alves - UFF/CNPq
idalves@vm.uff.br

No âmbito de projeto de pesquisa sobre figurações / desfigurações da paisagem na poesia portuguesa contemporânea, estamos desenvolvendo a leitura crítica de um conjunto de obras poéticas portuguesas publicadas nas décadas de 70 e 90 do século XX, com o objetivo de demonstrar a produtividade reflexiva do tema da paisagem, presente nessa produção, como elemento configurado ou desfigurado de acordo com experiências líricas específicas que articulam espaço e visualidade, espaço e cultura, espaço e subjetividade. Também participante do grupo de pesquisa *Poéticas da Contemporaneidade* (UFF), temos procurado desenvolver estudos comparativos entre a escrita poética portuguesa e a brasileira, com a discussão intensificada sobre lirismo, subjetividade e visualidade. Assim, este trabalho trata de provocar o diálogo entre o poeta Joaquim Manuel Magalhães, nome fundamental para compreensão da poesia portuguesa a partir dos anos 70, e Sebastião Uchoa Leite, poeta dos mais referenciados no panorama contemporâneo da poesia brasileira. Buscamos examinar em suas obras como o olhar se estrutura como ação crítica sobre o mundo, formulando temas próprios a uma realidade urbana de grandes contradições sociais, culturais e identitárias, onde a paisagem é ausente ou desfigurada. Este trabalho insere-se na proposta da mesa-redonda *Visualidade e subjetividade: estudos comparativos de poesia contemporânea brasileira e portuguesa*, formada por participantes do grupo de pesquisa acima referido.

SOBRE AS RUÍNAS DE NARCISO: *CAMPO DE SANGUE*, DE DULCE CARDOSO

Idmar Boaventura Moreira - UEFS
idmarboaventura@yahoo.com.br

Campo de sangue, romance de estréia de Dulce Cardoso, apresenta a história de um anti-herói pós-moderno: tendo fracassado na difícil tarefa que a modernidade tardia nos impõe – forjar a narrativa da auto-identidade – o anti-herói em questão tenta desesperadamente, a partir de um narcisismo deformado, inventar uma imagem de si mesmo. Forjar a narrativa da auto-identidade implica ajustar-se às extensas e intensas mudanças impostas pela modernidade tardia, e, constantemente, reescrever a história de si mesmo. O protagonista de *Campo de sangue* não consegue fazer isso. Ele se comporta como um narcisista, no sentido moderno do termo. Em seu caso, o sentido do eu está fraturado; não há, nele, “sentido de continuidade biográfica”; apresenta, também, uma sensação de “descontinuidade na experiência temporal”, o que torna difícil manter uma história coerente de si mesmo. A impossibilidade de controlar todos os acontecimentos à sua volta e, dessa forma, manter sua auto-imagem fraudulenta, leva-o ao desespero, à loucura e ao crime. A análise de sua trajetória pode lançar luz sobre um dos aspectos mais marcantes da modernidade tardia: a construção da auto-identidade em um ambiente instável, altamente mutável e, muitas vezes, hostil.

A APRENDIZAGEM DO *OUTRO*:
ARTICULAÇÕES LITERÁRIAS NA REINVENÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Inocência Mata
Universidade de Lisboa
mata.inocencia@gmail.com

De entre os usos diferentes que uma língua pode ter, conta-se o uso estético como uma das práticas culturais mais diferenciadoras. Talvez mais em sociedades emergentes, como as dos países africanos, com um passado colonial recente, a literatura torna-se veículo muito importante na construção da identidade cultural, de que a literária é uma vertente.

Assim, por razões que têm a ver com a especificidade do processo libertário dos Cinco países africanos de língua oficial portuguesa, a identidade literária tornou-se uma componente fundamental do cadinho da identidade que se pretende nacional. Universo privilegiado de reinvenção da diferença, a literatura é, simultaneamente, tanto *lugar* de entendimento intercultural (ainda que proporcione a singularização de *lugares* culturais) como de divulgação do *outro* – e não de rarefação identitária. E essa identidade, que tem que pensar-se sempre plural, realiza-se a partir da construção de uma *outra língua* para traduzir geografias culturais que muitas vezes revelam a descontinuidade e a transformação das formas linguísticas que continuam a ser matéria-prima dos escritores vivendo, produtivamente, um “bilinguismo colonial” (Albert Memmi).

O objectivo desta comunicação é reflectir sobre esta questão através do trabalho sobre a língua portuguesa de três escritores africanos: Luandino Vieira, Uanhenga Xitu (Angola) e Mia Couto, herdeiro, em Moçambique, do trabalho pioneiro de Ascêncio de Freitas.

CRÍTICA E FICÇÃO NA PRODUÇÃO DE JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA DE 1949

Isabelita Maria Crosariol - PUC-RJ
isabelitacrosariol@yahoo.com.br

A comunicação tem por objetivo analisar a incursão do crítico de artes e historiador português José-Augusto França no universo das artes, elegendo-se o ano de 1949 como momento paradigmático para essa reflexão. 1949 corresponde não apenas ao ano em que o Grupo Surrealista de Lisboa – do qual o escritor fazia parte juntamente com Alexandre O’Neil, António Dacosta, António Pedro, Marcelino Vespeira, Fernando de Azevedo, entre outros – realiza a sua primeira e única exposição coletiva, mas também o ano em que José-Augusto França tem seu ensaio *Balanço das Actividades Surrealistas em Portugal* editado pelos Cadernos Surrealistas. Data ainda da mesma época a publicação de *Natureza Morta*, romance escrito por França após retorno de uma viagem a Angola, cuja definição como surrealista é alvo de contradições por parte da crítica. Aqui, tomando-se como contraponto obras do surrealismo francês, tais como *O camponês de Paris*, de Louis Aragon, verifica-se que o romance de fato não se configura como obra surrealista. Na verdade, seu traço distintivo reside no fato de a imagem da África nele mostrada ser bem diversa da idealizada na metrópole portuguesa e amplamente difundida pelo Estado Novo. É desse modo que, no

romance de José-Augusto França, “o mundo que o português criou” é desmistificado à medida que são evidenciados os problemas gerados pelo colonialismo.

CARTAS DA GUERRA, ANTÓNIO LOBO ANTUNES:
A MEMÓRIA ENTRE A GUERRA E O SUBLIME

Ismahelson Luiz Andrade
Universidade Nova de Lisboa
ismahelson@yahoo.com.br

António Lobo Antunes é uma presença marcante no campo memorialístico da Literatura Portuguesa e Internacional, com a sua impactante obra literária, a saber, os seus romances e as suas crónicas. Por meio de uma narrativa com cenários compostos por narradores vinculados a recordações contundentes, lembranças aguçadas, densas e, algumas vezes sublimes, o leitor é seduzido a acompanhar os seus narradores com as suas lembranças impregnadas de fantasmas, fragmentos discursivos, imagens traumáticas. Enfim, (re)construções, na memória, de um tempo passado e entrelaçadas num tempo presente.

A partir das características narrativas proporcionadas por Antunes, a proposta do nosso artigo é, considerando o percurso dos seus narradores, pela memória, realizar uma leitura de abordagem memorialística da sua obra, tendo em consideração seus romances e crónicas, designadamente “*D`este viver aqui neste papel descrito – Cartas da guerra*”. Trata-se de uma compilação das cartas escritas para a sua esposa, compiladas por suas filhas e que compreendem o período de janeiro de 1971 a janeiro de 1973, quando o escritor esteve na guerra colonial em Angola. Um cenário, portanto, que percorre entre o espaço de guerra e o espaço de amor, revelando sentimentos distintos: a hostilidade e o amor, a solidão e a vida. Para a nossa análise, tomaremos como referências principais algumas considerações de Paul Ricoeur, resultado de suas investigações sobre a memória e apresentadas em *A memória, a história, o esquecimento*.

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS PRESENTES: A CONFIGURAÇÃO
DE UMA IDENTIDADE CULTURAL ATRAVÉS DOS TRÂNSITOS CULTURAIS
DISCURSIVOS NOS ROMANCES *PARTES DE AFRICA* E *VOU LÁ VISITAR*
PASTORES

Ítalo Almeida de Oliveira - UFBA
italo.almeida@yahoo.com.br

Esta comunicação, a ser apresentada no XXII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP), tratará de temáticas como memória, representações narrativas, história e identidade cultural, sendo estes temas inseridos nas perspectivas dos trânsitos culturais discursivos amplamente abordados pelos livros *Partes de África*, do autor português, nascido em Moçambique, Helder Macedo, e *Vou lá Visitar Pastores*, do antropólogo angolano Ruy Duarte de Carvalho. A proposta de apresentação dos assuntos acima faz parte do projeto de pesquisa “O escritor como

intelectual em países de língua portuguesa”, atuante numa linha literária comparativista que trabalha com os romances produzidos pelos autores Helder Macedo, Ruy Duarte de Carvalho e Bernardo de Carvalho, abordando um contato literário entre Brasil, Portugal e Angola. Este projeto está sob a orientação do professor doutor Sandro Ornellas.

A partir destes conceitos enumerados, analisa-se como são formulados conceitos de memória e história caracterizadores de identidades culturais construídas pelos trânsitos dialógicos entre os autores representantes das literaturas de Portugal e Angola. Esses trânsitos, que incluem em sua matéria narrativa discursos múltiplos, são constituídos nos livros por fatos e acontecimentos históricos ocorridos nos lugares de origem dos romancistas, tendo como característica funcional em seus livros a representação numa escrita fragmentada, dotada de sentidos, na qual escritor e leitor passam a fazer parte da mesma configuração.

JOGOS INTERPRETATIVOS EM TRÊS CANTIGAS DE FERNAN PAEZ DE TALAMANCOS: ENTRE O RISO E O POLÍTICO

Itatismara Valverde Medeiros - UFBA
itatismara@gmail.com

Discute-se a representação sócio-cultural da sexualidade de alguns religiosos a partir da leitura de cena de três cantigas satíricas galego-portuguesas, editadas criticamente por Rodrigues Lapa, a saber: [*Com vossa graça, mia senhor*] (LAPA 134); [*Non sei dona que podesse*] (LAPA 135); e [*Quan'd eu passei per Dormãa*] (LAPA 136) do trovador Fernan Paez de Talamancos, um dos mais antigos trovadores galego-portugueses documentados. Assim, demonstra-se que a leitura isolada das cantigas cerceia a compreensão das relações intertextuais do ciclo escarninho dirigido à abadessa, pois a invectiva se completa progressivamente ao longo das três cantigas. Com isso, observa-se como o trovador, autêntico representante da sociedade laica, reconhece as (in)coerências do comportamento dos religiosos na sociedade de seu tempo. Além disso, infere-se que a sátira nessas cantigas não é obra de mera ludicidade (a despeito do entendimento de Giuseppe Tavani, quando percebeu pobreza cultural no movimento trovadoresco ibérico); ao contrário, está comprometida com a insinuação de aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos de uma sociedade cujos poderes políticos e eclesiásticos andavam lado a lado. Ressalta-se que uma das razões para que o entendimento desses textos se faça sem quaisquer complicações é a sobrevivência motivadora da sátira ao longo das transformações sócio-culturais.

FIGURAÇÕES DA LEITURA EM PEDRO PAIXÃO E ROBERTO ARLT

Ivan Takashi Kano - UFF
ivtakk@gmail.com

Ao propor um diálogo entre um romance publicado em 2001 – *Portokyo*, do português Pedro Paixão – e uma novela argentina cuja primeira edição data de 1926 – *El juguete rabioso*, de Roberto Arlt –, pretendemos ensaiar uma reflexão acerca do modo como o universo da leitura dá consistência aos dilemas encenados em cada texto. Em meio à recuperação sempre problemática da memória, embora com nuances distintas, ambas narrativas traçam as feições de personagens que, ao perceberem o caráter, no mínimo, deslocado de suas identidades, demarcam o espaço da leitura como mediador do processo de aprendizagem, processo este implicado na própria concepção do relato de viagem ou nas memórias de um protagonista adolescente. As diversas figurações da leitura permitem não apenas repisar as questões teóricas referentes à relação intertextual inerente aos textos, mas nos interessam, sobretudo, na medida em possibilitam analisar a dimensão simbólica que os atos de leitura podem exercer no processo de negociação das identidades de cada protagonista, ou, dito de maneira mais clara, comparar de que maneira cada autor esboça a categoria *leitor* como paradigma mais seguro de identidade, estabelecendo-o ora como um modo de estar e ordenar as coisas em um mundo de valores cambiantes – como parece ser o deste novo século; ora como meio de transgredir a própria ordem burguesa que dá suporte ao processo de modernização vivenciado na Argentina de inícios do século XX.

DA FACE PAISAGEM ÀS MÃOS VAZIAS: LEITURA DE *ARMÁRIOS VAZIOS*, DE MARIA JUDITE DE CARVALHO

Iza Terezinha Gonçalves Quelhas - UERJ
izaq@uerj.br

Este trabalho apresenta uma leitura das personagens femininas a partir da concepção de complexidade (não pluralidade), focalizando-se as linhas de força - instabilidade, descontinuidade e abertura - apresentadas no romance *Os armários vazios* (1966), de Maria Judite de Carvalho (1921-1998, Lisboa, Portugal): “ (...) *suas mãos* semiabertas sobre os joelhos, como *conchas mortas que o mar abandonara?*(...)[grifos meus]”(Carvalho, 1966, p. 9-10). Longe da especulação metafísica, no romance, as perguntas construídas pela narradora *radiografam* personagens, cenários, objetos, enquanto descrevem-se caminhos insuspeitados em direção à abertura, rompendo com as formas de enclausuramento e/ou interioridades, de opressão pelo outro ou de auto-opressão. A complexidade orienta-se para a instabilidade, a descontinuidade e o não-fechamento (Foucault, 2008), convergindo, portanto, para uma concepção de subjetivação pelo processual e provisório, o movimento contínuo e a própria metamorfose inscritos na letra romanesca - do romance em direção ao presente de leitura. Irrupção de novas e outras conexões, lugar produtivo também para pensar o romance e a linguagem de Maria Judite de Carvalho no campo de estudos da linguagem e da teoria da literatura.

O NEO-REALISMO NA CENA LITERÁRIA PORTUGUESA

Izabel Margato - PUC-Rio
izabel.margato@uol.com.br

Esta comunicação está vinculada ao projeto de pesquisa “Realismo, Realismos: Matrizes e Transformações”, apoiado pelo CNPq. A comunicação tem como objetivo percorrer o neo-realismo português para verificar a forma com que o movimento equacionou e reescreveu a exigência da arte centrar o seu interesse no estudo da sociedade. Analisando a obra de arte a partir de suas estratégias de interpretação da sociedade e de produção de sentidos, pretende-se examinar alguns textos – literários e de intervenção – que desdobraram e reelaboraram o conceito de realismo, a partir de novas configurações e de uma concepção de arte onde o real passa a ser muito mais “visado” do que “representado”, ou “reproduzido”. Propõe-se identificar as propostas artísticas iniciais do movimento e as principais vertentes teóricas e críticas que orientaram a produção artística e cultural da época. Pretende-se, ainda, recuperar os textos que polemizam as propostas do movimento, dando maior destaque ao diálogo travado com os seus principais interlocutores: o grupo de *Presença* e o Estado Novo Português. Por fim, buscar-se-á analisar produções textuais – literárias, de intervenção e de teorização estética – que desdobraram, ou reconfiguraram, os pressupostos do neo-realismo. É nessa perspectiva que os textos de Carlos de Oliveira, Mário Dionísio e Joaquim Namorado serão analisados, avaliando-se como cada um deles, à sua maneira, soube desenvolver uma *política de ficção*, um mecanismo de barragem às práticas de censura e de “branqueamento” com que o Estado Novo Português impôs, como única, a sua versão do mundo.

DEMAGOGIA COERCITIVA NOS DISCURSOS RELIGIOSOS DE PADRE AGAMEDES, DE *LEVANTADO DO CHÃO*, DE JOSÉ SARAMAGO

Jaime dos Reis Sant’Anna - UEL
jsantann@hotmail.com

Nas falas religiosas de Padre Agamedes, personagem do romance *Levantado do chão*, de José Saramago, encontramos as marcas da ilusão da reversibilidade do discurso religioso, segundo a teoria formulada por Eni P. Orlandi (*A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*). Para a linguista, este tipo de discurso atua como instrumento eficaz para a manutenção do *status quo* injusto e opressor e tem como principal marca “o autoritarismo coercitivo, articulado sob a falsa possibilidade de livre-arbítrio por parte de seus interlocutores”. O objetivo desta comunicação é apontar as intervenções retóricas de padre Agamedes no contexto da ditadura de Antonio Salazar, por meio da apropriação de temas importantes da teologia cristã, tais como a trindade, o reino de deus, a soteriologia e a escatologia, avaliando a maneira como elas legitimam ideologicamente a violência do poder dominante dos latifundiários e da ditadura salazarista contra os pobres camponeses do Alentejo. Tal violência é diluída por uma ilusória sensação de que os famélicos interlocutores dos discursos de Padre Agamedes poderiam ser os responsáveis por decisões que, sabidamente, não lhes competem, pois foram determinadas anteriormente pela

imposição autoritária da vontade soberana do Deus em nome de quem o sacerdote fala. O deus que brota destes discursos religiosos, longe dos atributos do deus presente nos textos canônicos da tradição judaico-cristã, se confunde com a chamada Trindade do Mal – Latifundiário, Estado e Polícia Política – as sagradas entidades comprometidas com a “sublime missão” de manter o poder e domar o povo.

O CÔMICO NA LÍNGUA RÚSTICA SAIGUESA DO TEATRO DE GIL VICENTE

Jamyle Rocha Ferreira - UEFS
myle.mestrado@gmail.com

Os primeiros textos dramáticos de Gil Vicente, escritos no início do século XVI, são inspirados na tradição literária do falar rústico cultivada pelos dramaturgos espanhóis Juan del Encina e Lucas Fernández, ambos contemporâneos de Vicente. Sabe-se que se deve a Encina e Fernández a estilização da língua dos pastores.

Vicente leva para os palcos palacianos autos escritos em castelhano, utilizando-se, vez por outra, do dialeto literário rústico, e em que estão boa parte dos temas pastoris: a vigília de Natal dos pastores, a descrição da noite de inverno, a troca das *pullas* (luta de palavras), os jogos etc. O dialeto saiguês, portanto, era um recurso linguístico que o dramaturgo português lançava mão para particularizar o mundo pastoril. A partir do jogo de contrastes entre a linguagem rústica e a linguagem cortesã, constrói-se a comicidade dos autos. Nesse sentido, o presente estudo pretende analisar os aspectos cômicos que o dialeto rústico exprime ou mesmo aqueles que o próprio dialeto cria com os seus mecanismos e desvios. Assim, a fala típica pastoril será analisada nas suas diversas nuances, buscando compreender os recursos de comicidade no saiguês utilizado por Gil Vicente. Para tanto, terá como subsídio textual as três primeiras peças vicentinas: *Auto da Visitação* (junho de 1502), o *Auto Pastoril Castelhana* (Natal, entre 1502 e 1509) e o *Auto dos Reis Magos* (Janeiro, entre 1503 e 1510).

UM CORAÇÃO FEMININO REVELADO: VIRTUDES E PAIXÕES

Jane Adriane Gandra - USP
jaggandra@usp.br

Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895), polígrafo português do período oitocentista, permanece até hoje no ostracismo literário, enquadrado num lugar à sombra até mesmo de escritores menores, nas histórias literárias, devido, em partes, as polêmicas que travou com Eça de Queirós. Portanto, sua obra multiforme ainda não foi estudada, não se sabendo ao certo quais as concepções literárias desse escritor, que é desqualificado também pela crítica literária por ter participado do Ultrarromantismo. Pretendemos com este ensaio analisar a construção do feminino em Pinheiro Chagas, especificamente em dois romances históricos, *A máscara vermelha* e a sua continuação, *O juramento da Duquesa*, ambos de 1873, e nos romances urbanos de mesmo ano, 1866, *A flor seca* e *Tristeza à beira-mar*. Vale citar que nosso autor apresenta em seu imaginário a convivência de um feminino binário, entre o diabólico e o angelical. É bastante sugestivo, ainda, os nomes dessas mulheres que, geralmente, remetem-nos aos clássicos da Literatura e da História de Portugal. Sabendo-se

que, de forma intertextual, o psicológico de algumas se espelha nas shakespearianas, como Lady MacBeth. Há, portanto, na trama, uma desconstrução da imagem da mulher romântica, dando lugar a um feminino, subversivo e perverso.

ESPAÇOS DE PERCEPÇÃO EM A ÁRVORE DAS PALAVRAS

Jane Rodrigues dos Santos - UFF
jane.dos.santos@hotmail.com

O presente trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa *Narrativa portuguesa contemporânea* – UFF/CNPQ e objetiva analisar o romance *A árvore das palavras*, da autora portuguesa Teolinda Gersão (único de seus romances a ser publicado no Brasil). Para tanto, será considerado o entrelaçamento dos aspectos memória, história e escrita, no percurso Portugal e África, em recente descolonização. Neste sentido, este estudo irá privilegiar a releitura de teorias que problematizem o espaço como cenário dos acontecimentos narrativos; lugar de trânsito dos sujeitos ficcionais; local de eleição do sujeito-narrador, que o descreve ou reescreve a partir de uma percepção balizada pelo seu olhar e permeada por suas ideologias. Posicionamentos estes sempre grafados por estratégias textuais que fujam ao achatamento das dicotomias políticas, possibilitando o salutar diálogo: personagens, texto e espaço. Em suma, tratará das expansões do espaço literário, tanto aquelas referentes ao ser social quanto àquelas próprias da composição textual e de sua espacialidade no papel. Desta forma, destacam-se, principalmente, os escritos sobre os espaços lisos e estriados de Gilles Deleuze e Félix Guattari, pensados não como instâncias estanques, mas sim combinações decorrentes do movimento reflexivo de escrita-leitura.

DAVID MOURÃO-FERREIRA E OS DESCAMINHOS DA ESCRITA FANTÁSTICA

Janaina de Souza Silva - UFRJ
jassva@hotmail.com.br

David Mourão-Ferreira publica em 1968 o livro *Os amantes e outros contos*. Envolve em uma atmosfera que enlaça o onírico, o erótico e o fantástico, a obra permite uma reflexão acerca deste autor como um dos poucos que conseguiram em sua época se desviar de uma escrita panfletária e de combate para, através da literatura e da escrita, refletir sobre as questões do seu tempo. É através da tessitura de uma escrita aparentemente alheia aos acontecimentos que o conto “Nem tudo História” se configura como um convite ao gozo da própria linguagem. A escolha do fantástico, esse modo de não-dizer apenas o verossímil, significa, no limite, um convite ao deslumbramento através de uma literatura que, ao lado de muitas outras já esvaziadas de significado em face da própria repetição da receita militante, se coloca como uma alternativa, em primeiro plano, pela valorização da literatura, e, em segundo plano, pela contestação ao *status quo*.

IMPÉRIO, NACIONALISMO E LITERATURA

Jeane de Cássia Nascimento Santos - UFSE
jeanecn@terra.com.br

Das várias particularidades do Estado Novo português, a idéia de unidade entre a Metrópole e as colônias foi preponderante no discurso impetrado pelo regime. Para um povo cantado em prosa e verso pelos grandes feitos ultramarinos, a imagem de grandeza territorial reforça ainda mais o nacionalismo dos portugueses bombardeados pela propaganda de Salazar, responsável por disseminar sua ideologia em eventos que têm como lema, a repetitiva mensagem do duradouro Império português e sua dimensão, representada na natural extensão territorial do império, se consideradas as colônias ultramarinas como prolongamento de Portugal.

Com a Constituição de 1933, o Estado Novo se assegura constitucionalmente, e ao longo de quatro décadas um trabalho de doutrinação, lançado em vários setores da vida nacional, irá confirmar o nacionalismo português e sua “vocação imperial”, baseada na veneração de feitos históricos da pátria portuguesa e de seus heróis. Verificamos nesse período um país marcado por um profundo nacionalismo, funcional ao governo centralizador de Salazar.

Nesse contexto político, observamos o incentivo a uma produção literária, denominada Literatura Colonial, que além de servir como meio de propaganda da ideologia do regime, seduz uma parte da população atraída por aventuras e exotismo. Esses textos, pelo que pudemos observar, não fazem parte, infelizmente, dos registros da História da Literatura Portuguesa, principalmente, na vigência do Modernismo português, período em que se poderia inseri-los, percebemos sua ausência como opção dos críticos portugueses.

A DUPLA CONSCIÊNCIA TROPICAL NA ANGOLA COLONIAL: LEITURAS DE YAKA

Jesiel Ferreira de Oliveira Filho - UFSE
jesielf@yahoo.com.br

A leitura brasileira das literaturas africanas em língua portuguesa demarca um espaço teórico, pedagógico e vivencial com um enorme potencial estratégico para os esforçoes contemporâneos de revisão da memória colonial, e de análise de seus efeitos instituintes, nas margens tropicais do Atlântico negro. Potencial que pode ser desenvolvido a partir de um trabalho polifônico de reativação e de atualização de sentidos, que amplie nossa compreensão acerca dos efeitos perduráveis da experiência colonial na definição ideológica de estruturas nacionais como a miscigenação, a cordialidade, o “jeitinho” e o racismo dissimulado. A reconstrução da sociedade luso-angolana feita no romance *Yaka*, de Pepetela, põe em destaque as complexas divisões culturais e psicológicas geradas nos contextos ambíguos das mestiçagens afro-luso-brasileiras. Tentando produzir um “novo Brasil” em Angola, os agentes coloniais portugueses mobilizam um racismo assimilacionista cujas práticas e significações se estruturam através de relações de poder marcadas pela conjugação entre intimidade, tutelaagem e violência, sincretismo, coopta o e aliena o. Em contraponto às teses luso-tropicalistas e aos mitos da morenidade, o romance apresenta uma visada crítica para a operação psicossocial desses processos, realçando e

articulando em seu enredo a persistente confrontação das populações angolanas à exploração colonial e a conflituosa situação dos sujeitos brancos africanizados. A discussão de *Yaka* proporciona, assim, uma importante perspectiva contrastiva para o estudo das redes discursivas e dos processos de subjetivação que agenciam posturas racistas nas sociedades constituídas pelas heranças da mestiçagem. Considerando esses insumos, estimular uma conversa cruzada sobre identificações e questionamentos raciais angolanos e brasileiros é o objetivo principal da comunicação proposta.

ENSINO DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA, OU DO ENCONTRO LÚDICO COM POETAS PORTUGUESES

Jilvania Lima dos Santos Bazzo - UNIJORGE/UCSAL
comel2007@gmail.com/jilvanials@ucsal.br

Este trabalho visa a contribuir para o fortalecimento de abordagens metodológicas que promovam a aprendizagem da língua e literatura portuguesa, por conceber a constituição do texto como momento privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que nele se desencadeia o processo de significação, incluindo aí a relação *aluno-leitor* com outras linguagens e a prática de leitura não-escolar. Parte-se do questionamento sobre a função primordial do professor de língua e literatura e se verifica a necessidade de um ensino focado na leitura e na escrita e reescrita de textos através de atividades lúdicas, acreditando que ocorram tanto o aprendizado dos recursos linguísticos disponíveis e quanto a socialização, interação e comunicação humana, nas dimensões social, política, emocional e cognitiva. O desafio posto, então, constitui-se em responder o seguinte: “O que ler e como ler em sala de aula?” A solução para problemática encontrou acento na perspectiva de um ensino exploratório e imbricado entre língua e literatura, buscando primar pela relação *autor-texto-leitor*, assim como pensar em proposições que, mesmo provisórias e precárias, possam favorecer o desenvolvimento da competência do saber fazer-se professor de língua e literatura portuguesa. Portanto, compreende que na leitura se configura o espaço da discursividade, instaurando-se um modo específico de significação e a adoção do discurso lúdico para promover polissemia e rupturas ao tempo em que concebe a mediação como relação constitutiva, como ação que transforma, bem como a linguagem como trabalho e o modo de sua produção enquanto parte da produção social e histórica em geral. Desenvolvidas ao longo do curso de formação de professores de língua portuguesa para a educação básica algumas experimentações, como realização pelos alunos de leitura dramática da vida e obra de poetas portugueses, a exemplo de Almeida Garrett, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Cesário Verde, Mário de Sá-Carneiro, Antero de Quental e Sophia de Mello Breyner, criou-se um espaço de leitura denominado “encontro com poetas portugueses”, numa espécie de sarau literário no qual a penetração empática e o processo de intertextualidade se configuraram como elementos favorecedores da apropriação de conhecimentos para o fazer-aprender literatura. A expectativa é que perspectivas exploratórias de imbricação entre língua e literatura possam ajudar a mudar o modo de apropriação do conhecimento pelos estudantes da educação básica, em especial das instituições públicas de ensino.

O REALISMO NA ÍNDIA PORTUGUESA E A IRONIA NÃO COMPREENDIDA

João Figueiredo Alves da Cunha - USP
joaofacunha@usp.br

Como observou Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira*, no nosso país a literatura surgiu como parte integrante do sistema literário português e assim permaneceu até atingir um estágio de produção e recepção que lhe deu autonomia. O mesmo tem ocorrido com as literaturas de outras ex-colônias portuguesas, embora por processos distintos.

Goa nunca teve independência política, mas o final do século XIX revela uma certa dinâmica intelectual que em certos aspectos se aproximam daquilo que Candido designa por sistema literário autônomo. Com o surgimento do realismo naquela colônia, marcado pela publicação da obra *Jacó e Dulce – cenas da vida indiana*, podemos constatar a existência de uma estética bastante peculiar, que alcança grande reconhecimento local, sem jamais ter qualquer expressão na metrópole. O autor Francisco João da Costa aborda a temática do “casamento arranjado” para representar ironicamente a sociedade goesa, mas tanto em sua linguagem, quanto na organização de seu texto, rompe com a produção dos escritores do império.

Desse modo, a chegada do realismo institui um debate literário peculiar em Goa, acompanhando o crescente debate político em toda a Índia portuguesa. Revela-se ali uma lógica própria, incompreensível, em um primeiro momento, a quem não conheça certas especificidades da cultura goesa.

Tendo por base trechos do romance *Jacó e Dulce – cenas da vida indiana*, procurarei exemplificar como a compreensão da ironia na obra, depende de um complexo trabalho de tradução cultural, o que a tornou um ícone na literatura indiana de língua portuguesa, que ainda hoje permanece praticamente desconhecido no meio literário de língua portuguesa.

CRIME E CASTIGO NO BASÍLIO DE EÇA DE QUEIRÓS

Joelson Santiago Santos - UEFS
j.santhiago@hotmail.com

O presente trabalho se dispõe a fazer uma análise da personagem Luísa do romance *O Primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós, dentro das perspectivas que os estudos de gênero oferecem na atualidade, além da bibliografia de especialistas da obra queirosiana. A partir da construção de Luísa, o romance apresenta, simbolicamente, uma representação da mulher lisboeta, bem como da sociedade que a circunda com suas matrizes hierárquicas e patriarcais. Analisaremos um perfil de mulher da sociedade ficcional de Lisboa, através dessa personagem do romance de Eça de Queirós, apontando para o tratamento desigual que é dado à mulher naquele entorno, baseado no modelo social vigente, no qual o adultério feminino é severamente punido de forma contundente.

EÇA DE QUEIRÓS E O CAPÍTULO 19 DE *MIMESIS*

José Carlos Siqueira - USP
jsiqueira@usp.br

No capítulo 19 de *Mimesis*, Auerbach estuda, já no final de sua obra, a corrente literária que se consagrou sob o título de “Realismo”. Nesse capítulo, o filólogo alemão expõe suas idéias a respeito do que os escritores dessa escola trouxeram de novo à literatura ocidental, em especial com relação à “realidade exposta”, tema central de *Mimesis*. Nesta comunicação, pretendemos apresentar as concepções de Auerbach sobre o que ele considerava o tipo de obra realista *bem-sucedida*, verificar como os limites impostos por elas de certa maneira deixariam de fora autores como Machado de Assis e Eça de Queirós (para nos restringirmos aos principais realistas em língua portuguesa), e, escolhendo como “estudo de caso” a personagem Totó de *O crime do padre Amaro*, de Eça, demonstrar que há características no realismo desse autor português, não avaliadas por Auerbach, que possuem alto rendimento literário e são capazes de representar de forma extremamente crítica a realidade da sociedade burguesa do século XIX, nos termos propostos pelo autor alemão.

A COSTURA DE TEMPOS E ESPAÇOS EM “O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL”

José Carlos Vieira da Fraga - PUC-RJ
peicy@bol.com.br

Esse trabalho pretende demonstrar como o poeta português Cesário Verde constrói aquela que é considerada sua obra-prima, o poema “O Sentimento dum Ocidental”, escrito em 1880 para o *Jornal de Viagens*, com o intuito de homenagear o centenário de Luís de Camões. Esse poema possibilita inúmeras análises e reflexões, no entanto, é o objetivo principal desta comunicação investigar as diferentes intersecções de tempos e espaços tão bem exploradas por esse grande poeta português oitocentista. Através de sua escrita, percebemos como o autor, a exemplo de Baudelaire na França, anuncia a modernidade portuguesa que se vislumbra no andar do eu - caminhante pelas ruas de Lisboa. Embora seja contemporâneo dos escritores que formaram a Geração de 70, os quais tencionavam, entre outras coisas, a construção de um projeto de futuro para Portugal a partir da constatação do que faltava naquele país em comparação com a França. O poeta não se limita como estes a um olhar de deterioração, pelo contrário, ele já podia ver toda uma confusão causada pela modernidade em Lisboa. “O Sentimento dum Ocidental” é composto por quatro seções e onze quadras; construído tal qual uma colcha de retalhos, une diferentes tempos (passado, presente e futuro) e espaços (Lisboa, o mar, “Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo”). Dizemos uma colcha de retalhos, pois sabemos que no limiar entre os retalhos há um ponto comum interseccionado. É nesse ponto comum da escrita do poema que Cesário faz a justaposição de vários planos ou espaços, assim como num jogo imagético, impondo um fluxo temporal, que leva o leitor a um verdadeiro percurso espacial pelas ruas de Lisboa e História de Portugal.

A VIOLÊNCIA COMO ESCRITA DO CORPO NAS OBRAS DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA E MV BILL

José Henrique de Freitas Santos - UFBA
henriquebeat@gmail.com

A partir da análise das obras *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, de José Eduardo Agualusa, e *Cabeça de porco*, de MV Bill, escrito em parceria com outros autores, bem como de alguns videoclipes deste *rapper*, este trabalho discute não apenas as representações da violência, mas reflete sobre a violência como força fundante de uma *gnose* e de um diálogo ambivalente entre Angola e Brasil. Gravitando por conceitos forjados na obra de MV Bill como o “traficar informação” e o “preto-em-movimento” para flagrar a produção de um *saber liminar*, reivindicado também por Agualusa em sua obra, o aporte teórico deste trabalho constitui-se ainda dos textos de Stuart Hall e Paul Gilroy sobre a diáspora e de Jacques Derrida, Michel Foucault e Severino Nogueira, dentre outros, que problematizam os conceitos hegemônicos de paz e hospitalidade, veiculados historicamente como potentes discursos para desmobilizar forças periféricas intempestivas que se lançam em direção à liberdade, a fim de questionar a produção de corpos dóceis.

O DISCURSO DA POLIFONIA NEGATIVA COMO IDEOLOGIA E UTOPIA EM TRÊS ESCRITORES PORTUGUESES DA ATUALIDADE: AUGUSTO ABELAIRA; ANTÓNIO LOBO ANTUNES E LÍDIA JORGE

José Luís Giovanoni Fornos - FURG
jlgf@vetorial.net

O presente trabalho apresenta uma síntese teórica acerca da expressão *polifonia negativa*, considerando a leitura das obras de três importantes escritores portugueses da contemporaneidade. A metáfora da *polifonia negativa* é o resultado extraído da leitura dos romances de Augusto Abelaira, António Lobo Antunes e Lídia Jorge, situando-os nessa diretriz estético-político. A confluência da polifonia expressa por Bakhtin e a dialética negativa formulada por Adorno possibilita contradições exemplares que, mediadas pela experiência individual e coletiva, alcançam um processo crítico auto-reflexivo devastador das formas culturais e sociais hegemônicas. Dessa forma, a síntese desse acordo manifesta-se no termo *polifonia negativa*, metáfora da interpelação continuada dos reflexos da relação sociedade e produção cultural.

ASPECTOS DO DECADENTISMO NA LÍRICA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

José Manuel Teixeira Castrillon - UNEB
jmtc@terra.com.br

A poética de Mário de Sá-Carneiro projeta-se sobre um cenário variado, cuja voragem das primeiras décadas do século XX acelera e faz girar em torno a diversos eixos atraentes. Assim, a recepção a sua obra explicita as conexões possíveis: romantismo alemão, saudosismo, paulismo, decadentismo (nefelibata), simbolismo, impressionismo sensacionista, modernismo... Para além, e concomitante a essa intrincada rede, constituía-se uma leitura de sua obra erigida à sombra colossal do mito do autor suicida. Neste enquadramento privilegiamos a vertente decadentista de sua produção lírica. — Aqui subjaz a pergunta: O que Mário de Sá-Carneiro modula sob uma alegada rubrica decadentista é essencial a seu lirismo? — A volúpia mórbida, a exterioridade luxuosa e refinada, os campos da hiperestesia em que medida são representativos de sua poética? O mesmo poderiam suscitar as representações de narcisismo e individualismo exacerbado. Para levar a cabo esta investigação, tomamos como obras de referência *Dispersão*, *Indícios de ouro* e *Últimos Poemas*, não exclusivamente, destacando deste conjunto poemas que se nos afiguraram particularmente expressivos como “Caranguejola”, “Feminina”, “Bárbaro”, “Salomé” e “A desigualável” (Publicada em *Orpheu* -1915). A ocorrência do perfil feminino não é casual, estando ligada ao mesmo objetivo central da análise, nele indicando uma faceta aguda.

LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS NO BRASIL: O LEGADO DE ALÉM-MAR

José Nicolau Gregorin Filho - USP
jngf@usp.br

O presente trabalho é fruto dos estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa *Literatura Infantil-Juvenil e Sociedade*, coordenado pelo autor e desenvolvido com docentes de várias instituições universitárias brasileiras e alunos de pós-graduação da Universidade de São Paulo. O trabalho que ora se propõe tem como objetivo a discussão da herança ibérica, principalmente portuguesa, na formação da literatura para crianças e jovens no Brasil. Sabe-se que Portugal implantou no Brasil um sistema de ensino nos moldes europeus e, com isso, também foram trazidos os textos literários a serem utilizados no âmbito escolar. Após o século XIX, a literatura para crianças e jovens começa a ser sistematizada na Europa e, com a expansão desse gênero, passam a ser veiculados textos traduzidos em Portugal nas escolas brasileiras. É exatamente esse início e as viagens desses textos, que antes passavam pela sociedade portuguesa de então, que se retende colocar para análise. Propõe-se um breve panorama de alguns dos principais fatores desse legado, tais como: a disseminação desse gênero literário no ambiente escolar, a própria configuração do sistema escolar da época, a forma dos textos e suas temáticas, além dos processos de utilização dessa literatura que no início se confunde com instrumento pedagógico para uma educação moralizante da juventude.

JORDÃO EMERENCIANO, O ENSINO E A PESQUISA DA LITERATURA PORTUGUESA EM PERNAMBUCO – UMA MEMÓRIA “CONSTRUÍDA”

José Rodrigues de Paiva - UFPE
rodriguespaiva@uol.com.br

O presente trabalho resulta de pesquisa realizada em torno do Professor Severino Jordão Emerenciano, docente da Universidade Federal de Pernambuco no período de 1952 a 1972 (ano do seu falecimento), colocando em destaque a sua importância para o ensino e a pesquisa da literatura portuguesa em Pernambuco. Ainda ao tempo da Universidade do Recife, o Prof. Jordão Emerenciano criou, em 1954, na Faculdade de Filosofia de Pernambuco, da U.R., o *Instituto de Estudos Portugueses* – hoje *Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano*, entidade vinculada ao Departamento de Letras – realizando, a partir de 1956 e até 1971, uma série de doze “Seminários de Verão”, reuniões de especialistas em Literatura Portuguesa abertas à interdisciplinaridade, particularmente com a História. Tais Seminários marcaram época na vida acadêmica e cultural recifense, o que merece destaque na “construção” desta memória do docente, entre outros aspectos importantes da ação cultural que ele desenvolveu na Universidade e como Diretor do Arquivo Público Estadual.

GASTÃO CRUZ, UM POETA EM VOZ ALTA

Jorge Fernandes da Silveira - UFRJ
jfdasilveira@uol.com.br

Leitura de três poemas de Gastão Cruz - saudando a presença do Poeta no Congresso e o lançamento do seu primeiro livro no Brasil (uma antologia) - com o propósito de apresentar como a constante presença da temática da morte em seus versos é na verdade a sua profissão de fé na vida da poesia.

REGISTRO ETNOGRÁFICO COMO MEIO DE SUPLEMENTAÇÃO DO ARQUIVO: O OLHAR DE SARAMAGO SOBRE RICARDO REIS

Jorge Luiz Mendes Júnior - UFJF
jlmletras@yahoo.com.br

O presente trabalho busca tecer algumas reflexões sobre a obra *O ano da morte de Ricardo Reis*, do escritor português José Saramago, tendo como principal objetivo sugerir uma hipótese de leitura da obra em questão que corrobore a sugestão de se repensar a noção de arquivo na contemporaneidade. Para tal empreendimento, o trabalho sugere a existência, no romance de Saramago, de um processo semelhante à prática etnográfica, o que contribui para o que se propõe como processo de humanização e historicização do protagonista.

Nesse ínterim, são discutidas relações entre literatura e história, relações de iberismo e intertextualidades, como a de José Saramago com o escritor argentino Jorge Luiz Borges. Com isso, pretende-se discutir a noção preconcebida de o arquivo ser imutável e propor o contrário, ou seja, encará-lo como uma instância sempre em aberto, sujeita a constantes visitas, modificações e acréscimos. O trabalho, vinculado à linha de pesquisa Literatura e Crítica Literária, toma como principais escopos teóricos as obras dos filósofos franceses, Jacques Derrida e Michel Foucault, a saber, *Mal de Arquivo* e *Arqueologia do saber*, respectivamente. No que tange à etnografia, tomar-se-ão a obra *A experiência etnográfica*, de James Clifford e o artigo “Narrativa ficcional e narrativa etnográfica”, de Júlio Diniz.

ARMÁRIOS DEVISSADOS:
HOMOEROTISMO E RESISTÊNCIA NA FICÇÃO DE GUILHERME DE MELO

Jorge Valentim - UFSCar
jvvalentim@gmail.com

Recuperando a conhecida metáfora do armário, enquanto índice desvelador de uma postura e de uma epistemologia homossexual, preconizada por Eve Sedgwick (*Epistemologia do Armário*), e a constatação de uma resistência em determinadas manifestações narrativas, sublinhada por Alfredo Bosi (*Literatura e Resistência*), intentamos, a partir do romance *O que houver de morrer* (1989), propor uma linha de leitura da ficção do escritor português Guilherme de Melo, privilegiando a abordagem da temática homoerótica, a sua presença no cenário literário lusitano e a emergência de uma abordagem crítica do referido *corpus*.

Escritor português, radicado muitos anos em Moçambique, nome de citação obrigatória quando da abordagem da consolidação de um certo homoerotismo na ficção contemporânea, Guilherme de Melo está associado não só ao exercício romanesco, mas também ao jornalístico, ao documental e ao ensaístico, sendo responsável, inclusive, pela recuperação de nomes praticamente esquecidos pela crítica, como é o caso do poeta Reinaldo Ferreira. Para além da sua produção ficcional direcionada à temática homoerótica, pretendemos, portanto, destacar a ênfase do referido tema, colocando-o em lugar de destaque e consagração, estabelecendo, assim, nítidas ressonâncias com a produção portuguesa contemporânea, sobretudo em títulos de Álvaro Oliveira e Frederico Lourenço.

LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM DEBATE: A PAR DE
FRONTEIRAS, COSMOPOLITISMOS, E LEGITIMAÇÕES

Joseneida Mendes Eloi de Souza - UFBA
josyufba@yahoo.com.br

Maria de Fátima Maia Ribeiro
fatimari@ufba.br

Exame das relações entre Literaturas de Língua Portuguesa, Mercado e Políticas Culturais no Brasil, com foco na questão editorial. Tomando por referência a coleção *Ponta de Lança*

publicada pela Editora Língua Geral, problematizam-se as relações de fronteiras e de trânsitos culturais flagradas na cena contemporânea de produção e circulação das Literaturas de Língua Portuguesa, com ênfase no imbricamento de investimentos mercadológicos com políticas culturais institucionais diversas, principalmente de legitimação de autores e obras. Para tanto, discute-se à luz de formulações teóricas pertinentes às ciências humanas, aos estudos culturais e literários, convergências e divergências presentes na problemática apresentada, tendo em vista atualidade das questões propostas e os desdobramentos das concepções de globalização, lusofonia, pertencimento e identidade.

A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS: HISTÓRIA E FICÇÃO EM *A NOITE* DE JOSÉ SARAMAGO

Juciene Silva de Sousa Nascimento - UEFS
cieneufs@gmail.com

A análise refere-se à presença da temática em torno da Revolução dos Cravos, a qual proporcionou a criação de um imaginário preocupado com as questões do real, manifestada nas obras de José Saramago, especialmente em *A noite*, em que o enredo manifesta um conflito que está, no tempo presente da narrativa, atingindo todo cidadão português, que é a repressão, a censura do livre pensamento, a obediência cega ao sistema, o medo de expressar-se e, por conseqüência, ser alvo fácil da Polícia Política (PIDE). O estudo verifica a utilização de elementos, explorados nos diálogos entre as personagens, que possibilitam a verossimilhança com a cultura portuguesa, com o ambiente de um jornal e com o sistema vigente da época. O suporte teórico respalda-se em SIMÕES (1998); MOISÉS (1979); NUNES (2000); entre outros. Neste é considerada a ideia de que o autor reflete, através do imaginário, em sua narrativa as angústias e desejos da população, principalmente a indagação dos escritores quanto ao fato de a verdade não ser revelada aos leitores no período salazarista. Enfim, o espaço do imaginário revela a verdade histórica bem como a verdade literária, não dissimulando o que realmente deveria ser conhecido pelo povo.

A MEMÓRIA DO EXORCISMO DO MONSTRO EM *UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA*, DE MIA COUTO

Juliana Ciambra Rahe - UFMS
julirahe@hotmail.com

Rosana Cristina Zanelatto Santos - UFMS/CNPq

Este trabalho visa analisar a manifestação física do duplo na obra literária *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do escritor moçambicano Mia Couto, como projeção consciente do conteúdo reprimido pela personagem Dito Mariano, que se transformou em monstro ao tomar atitudes que tiveram como consequência a anulação de sua identidade. A função do duplo é exorcizar o monstro, não por meio da reconstrução identitária, ou pela recuperação de uma identidade pura, anterior, pelo retorno às raízes culturais, aquilo que Robins chama de "tradição", contudo, da reinvenção de uma identidade cultural como

produto de várias histórias e culturas interligadas, como o resultado da negociação com novas culturas, sem que com isso os vínculos com as próprias origens e tradições sejam afrouxados. Nessa empresa de reinvenção da identidade cultural, cabe ao duplo buscar o conhecimento do passado e resgatar a tradição, a fim de evitar as tendências de diluição cultural da globalização. Assim, na tarefa de exorcizar o ser monstruoso por meio da reinvenção da identidade cultural, a reatualização do passado deve ser realizada por meio da memória, que constitui uma maneira de tradução dialógica do passado, que reconhece a comunicação com o 'outro' como formador do 'eu' e que se afasta de um fundamentalismo cultural exacerbado que procura a autoafirmação do 'eu-Nação' via extermínio do 'outro'.

ESPAÇOS DE SOLIDÃO, SILÊNCIO E MEMÓRIA EM *A MANTA DO SOLDADO*

Juliana de Campos Florentino - USP
juflorentino@yahoo.com.br

Este artigo visa apresentar a relação entre os espaços e a trajetória das figuras que povoam os cenários do romance *A manta do soldado*, de Lídia Jorge. Apoiando-nos em teorias sobre espaço e lugar de Gaston Bachelard, Marc Augé e Maurice Blanchot, procuramos realizar um percurso apontando os “espaços de solidão”, silêncio e memória existentes na casa patriarcal portuguesa. O processo de escrita realizado por parte da protagonista da obra, em que memória e imaginação caminham juntas numa relação espaço-temporal que mescla passado dos fatos e presente da narração, serve como meio para que ela possa buscar a si mesma, reunindo pedaços de uma identidade esfacelada que a impedem de posicionar-se como um sujeito diante da família que a renega. Todo o processo de vir a ser da narradora culminará no nascimento de um autor dentro da narrativa, forma encontrada por ela de construir sua identidade, amalhando, apropriando-se e ressignificando discursos memoriais das pessoas que habitam o espaço da casa de Valmares, local fictício onde se desenrola o enredo. O papel relevante da escrita e do discurso no processo de gestação de um sujeito e de um autor na obra é discutido levando-se em conta as teorias de Foucault sobre escrita como meio de autoconhecimento e a importância do discurso entremeadas aos conceitos de enunciado e enunciação elaborados por Benveniste, Bakhtin e Dominique Maingueneau. Este trabalho está vinculado à minha pesquisa de mestrado que procura averiguar a ligação entre discurso, memória e autoria na obra da escritora portuguesa Lídia Jorge.

PAISAGEM E MEMÓRIA NAS ÁGUAS DO RIO: UM ESTUDO COMPARATIVO DE “O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA-BATA” E “OS PÁSSAROS DE DEUS”, DE MIA COUTO

Juliana Morais Belo - UFMA
julianamoraisbelo@hotmail.com

Nos últimos anos, o olhar sobre a importância do espaço na narrativa tem se acentuado, pois os estudos acerca deste elemento estão restritos ao local onde a ação da trama da narrativa ocorre. Mediante a interrelação da criação literária com o olhar da Geografia

Humanística, percebemos que os anseios humanos presentes nas representações da paisagem estão presentes nas narrativas literárias. Este trabalho tem como objetivo o estudo comparativo de dois contos do escritor moçambicano Mia Couto: “O dia em que explodiu Mabata-bata” e “Os pássaros de Deus”. Pode-se perceber em ambas narrativas a interrelação do espaço literário com aspectos que envolvem a memória e a história do país. Na primeira narrativa, temos, no episódio da morte do boi Mabata-bata, a referência às minas terrestres, cuja estratégia de guerra fez muitas vítimas no país. Tal episódio é carregado de mistério, e nas figuras do elemento “rio” e “relâmpago” somos apresentados a tradições e aspectos da cultura moçambicana, tal como o pássaro “ndlati”, a ave relâmpago. Outro ponto que merece destaque é a importância do elemento “rio” tanto na primeira quanto na segunda narrativa, pois é possível evidenciar que este tem a representação de fronteira e de caminho a ser percorrido. Este aspecto também pode ser evidenciado na narrativa “Os pássaros de Deus”, cujo personagem principal está numa canoa a percorrer caminhos. Deve-se ressaltar que Ernesto Timba é comparado a um peixe, o que revela a profunda relação do personagem com a paisagem. Desta forma, em ambas narrativas temos o rio como elemento primordial e de fundamental importância para a construção da memória e da história de Moçambique, em seu processo de (re)construção.

PERSPECTIVAS CULTURAIS EM CAMILO: ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

Juliana Yokoo Garcia - USP
juliana.yokoo.garcia@usp.br

Podemos ser unânimes em dizer que Camilo Castelo Branco é, hoje, um dos nomes mais representativos da ficção portuguesa do século XIX. O autor de *Amor de perdição* – epíteto, aliás, quase indissociável do próprio nome do escritor – é citado nos mais diversos estudos relacionados à História Literária Portuguesa. Entretanto, essa luz deitada sobre o romancista, ao iluminar sua representatividade enquanto escritor, essencialmente, de novelas passionais, finda por ofuscar as demais perspectivas que podem ser observadas em sua obra ficcional. Uma delas está ligada à representação cultural que Camilo opera nas entrelinhas de suas pretensamente lamuriosas histórias de amor. Neste breve trabalho, apresentaremos uma descrição dessa perspectiva cultural, baseada na ideia de Cultura de massa e focada, principalmente, nas relações entre escritor, obra ficcional, público e mercado editorial. A partir desse ponto de vista, poderemos discutir a forma como o escritor agrega, ao mesmo tempo, em sua ficção, a necessidade profissional de atender ao gosto popular – já que, como sabemos, vivia daquilo que produzia – e a necessidade (ideológica?) de criticar este gosto e denunciar a discrepância entre o imaginário cultural de seu leitor e a realidade imediata. Nesse sentido, buscaremos evidenciar de que maneira um olhar diferenciado pode trazer nova luz a uma obra aparentemente já tão conhecida e difundida.

O EXISTENCIALISMO NA LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA: ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Juscelino Francisco do Nascimento - UFPI
juscelinosampa@hotmail.com

O Existencialismo é uma corrente *filosófica* e literária surgida entre os séculos XIX e XX, que destaca a liberdade *individual*, a *responsabilidade* e a *subjetividade* do ser humano e considera cada homem como um ser único, mestre dos seus atos e do seu destino. Essa corrente afirma, basicamente, o primado da *existência* sobre a *essência*, segundo a célebre definição do filósofo francês Jean-Paul *Sartre*: "A existência precede e governa a essência." Na Literatura Portuguesa Contemporânea, há alguns autores que trabalham o Existencialismo, notadamente identificado em suas publicações. Neste artigo, temos por escopo profícuo evidenciar a corrente existencialista especificamente na obra de António Lobo Antunes (1942), *escritor português*, reiterando, assim, estudos que constituem o projeto *Do Existencialismo na narrativa portuguesa pós 74: entre lembranças e resquícios*, do Grupo de Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea, GELPC – CNPq, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, vinculado ao Departamento de Letras e ao Núcleo de Estudos Portugueses – NEP. Por fim, este artigo busca perfazer, ainda de forma inicial e breve, o percurso existencialista na obra do citado escritor, circunscrevendo o Existencialismo como movimento que privilegia a subjetividade e o diálogo com o ontológico.

OLHARES FEMININOS EM CONVERGÊNCIA: IDENTIDADE CULTURAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA PROSA DE PAULINA CHIZIANE (MOÇAMBIQUE –ÁFRICA), OLGA GONÇALVES (PORTUGAL) E ANA MARIA MACHADO (BRASIL)

Jussimara Lopes de Jesus Simões - UNEB
jlopesmara@hotmail.com

No presente trabalho, temos por objetivo investigar os romances *Ventos do apocalipse*, de Paulina Chiziane, *Tropical Sol da Liberdade*, de Ana Maria Machado e *Contar de subversão*, de Olga Gonçalves. Consideramos que em tais narrativas há convergências porque têm em comum o fato de serem produzidas por escritoras de língua portuguesa. Mas também analisaremos como essas artistas traçam a trajetória da história cultural, social e política dos espaços em que estão inseridas, a partir da reconstituição de alguns fatos neles ocorridos e que estão inscritos em suas memórias. Promovem, assim, através de uma enunciação politizada, a revisitação crítica da identidade cultural e de representações sociais e como tais aspectos ajudam a promover a consolidação dessas vozes femininas na afirmação de narrativas nacionais.

LLANSOL E BECKETT: DIÁLOGOS E CONSTRUCTOS DO “NADA”

Karina Marize Vitagliano - UNESP
kavitagliano@yahoo.com.br

Profª Drª Sônia Helena de O. Raymundo Piteri - UNESP
piteri@ibilce.unesp.br

Este trabalho tem como objetivo relacionar os contos de *Os pregos na erva* (1962), de Maria Gabriela Llansol, e a peça de Samuel Beckett, *Esperando Godot* (2005). As duas obras estão pautadas no esvaziamento do signo e na sua plasticidade ou visualidade, na temática da morte e da solidão e em uma forma de construção artística que acentua o enclausuramento do espaço e das personagens. A atmosfera estática e sem vida é acompanhada por um tom depressivo que marca a quase inexistente fabulação, proporcionando ao leitor a sensação do inacabado. Os acontecimentos dão lugar a cenas, fragmentos de situações díspares que vão se entrecortando, dando origem a um texto praticamente sem enredo, no qual o leitor não consegue detectar um mundo reconhecível, pois a representação de cunho realista dá lugar a outras formas de configuração estética. Uma delas, em afinidade com o que Barthes (1999, p. 72) denomina figuração, é a que transforma a experiência da escrita numa erótica a ser (de)flagrada pela leitura. No cotejo dos textos de Beckett e Llansol, o número reduzido de ações compõe o cenário de ausências, intensificando a sobreposição de vazios que acarretam estruturas cíclicas pautadas no impacto da imagem e da exploração da palavra. Nesse campo inerte vislumbra-se a lapidação do próprio signo “nada”, que acentua a imobilidade narrativa e constrói o espaço claustrofóbico da espera.

UM “PASSEIO INATUAL” POR TERRAS LUSITANAS: CECÍLIA MEIRELES E AS CRÔNICAS DE VIAGEM

Karla Renata Mendes - UFPR
krmendes@yahoo.com.br

Cecília Meireles destaca-se no cenário da literatura brasileira como um de nossos poetas mais “universais”. Tal título já lhe rendeu críticas, por exemplo; em plena explosão do movimento modernista, associava-se a uma falta de comprometimento com as causas nacionais. Por outro lado, evidencia a arte poética da autora, capaz de erigir uma obra que, sem deixar a tônica brasileira de lado, permite que os mais variados leitores identifiquem-se com aquilo que escreveu. Um dos países que acolheu a obra ceciliana é Portugal, lugar com o qual sempre manteve uma proximidade, reforçada ainda mais pelas origens portuguesas de seus avós e mãe nascidos nos Açores. Muitos críticos julgam que a poesia de Cecília foi reconhecida e admirada em terras portuguesas antes mesmo do pleno reconhecimento no Brasil. Da mesma forma, a autora tinha grande interesse pela poesia produzida em Portugal, sendo provavelmente umas das primeiras admiradoras brasileiras de Fernando Pessoa. E atuando na divulgação da poesia portuguesa, chegou a conceber a antologia *Poetas novos de Portugal*. Ao lado da ancestralidade lusitana, destaca-se também o fato de que o primeiro marido de Cecília era português, o que aproximou e estreitou ainda mais laços de amizade e o carinho com o país. Resultado também desses “trânsitos” literários e familiares são algumas viagens realizadas pela autora até Portugal. Viagens essas que renderam crônicas em que descreve muito mais do que seus passeios e visitas, mas constrói um verdadeiro relato sentimental de sua ligação com o país. Dentro dessa

perspectiva, espera-se avaliar uma dessas crônicas – “O passeio inatural” – e revelar como se dá a percepção de Cecília Meireles. Textos que mesclam aquilo que se vê e aquilo que se evoca, onde tudo ganha um contorno mais subjetivo e lírico quando se trata de Portugal.

UMA ESCRITA PRODIGIOSA: A POLISSEMIA SECRETA EM JORGE DE SENA

Katharine Alecrim Pontes - UFRJ
kathealecrim@gmail.com

O poema “Apontamento”, do heterônimo Álvaro de Campos, serve como uma epígrafe de apresentação para o escritor Jorge de Sena. Desta forma o poema será uma alegoria para este autor, pois como no eu-lírico de “Apontamento” temos em Sena também uma fragmentação, um dilaceramento.

Jorge de Sena demonstra um caráter plural em sua produção textual, pois que atua em vários setores intelectuais, como, por exemplo, na poesia, na prosa, no teatro, na história, na crítica literária, na tradução. Esses dados passam a ser relevantes para análise literária, porque são “biografemas”, que segundo Barthes, são “traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia”.

Um desafio acontece na leitura dos textos de Sena, uma vez que se encontra um caráter questionador na sua literatura – e o questionamento é o elemento fomentador para a multiplicidade de análises possíveis para os textos senianos. Assim mostra-se que através da deliberação é que os textos aderem a um aspecto lacunar, enigmático e, portanto, plural. O escritor português apresenta-se como o sujeito lírico de “Apontamento”. Os dois são um “espalhamento de cacos”, constituídos de “cacos conscientes”. É através dessa pluralidade que a literatura seniana estabelece-se, por processo metonímico às avessas, e também pode partir-se como o “vaso vazio”, e desta forma revelar os vários cacos possíveis, que representam as leituras permitidas pelo texto literário.

Lidaremos com dois textos de Jorge de Sena: o primeiro, “História do peixe-pato” – um conto sobre um homem e um animal num espaço e tempo narrativos não precisos. E o segundo, o conto “O grande segredo” – que narra a história de uma freira que, para fugir da vida mundana, se refugia num convento.

Uma análise do maravilhoso – a história de animal híbrido (peixe-pato) que ama e amado por um homem – e do insólito – uma religiosa que se vê possuída por uma força inexplicável – possibilita ler o texto sagrado pelo texto injurioso.

TRÂNSITOS E IDENTIDADES CULTURAIS NAS OBRAS *LUANDA BEIRA BAHIA*, DE ADONIAS FILHO, E *FILHOS DA PÁTRIA*, DE JOÃO MELO

Kelly Ane Evangelista Santos - UFBA
keevanufba@yahoo.com.br

O presente trabalho, de caráter transdisciplinar, vincula-se ao projeto “Discursos de migrações, êxodos e retornos, trânsitos e trocas culturais em/entre países de língua oficial portuguesa, em contexto de globalização e pós-colonialidade”, desenvolvido em nível de

iniciação científica, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Maia Ribeiro. O atual recorte examina questões relacionadas a migrações, trânsitos de sujeitos, identidade étnica e cultural nas obras *Luanda Beira Bahia*, de Adonias Filho (Brasil), e *Filhos da Pátria*, de João Melo (Angola). A partir da temática selecionada, investigam-se relações com os embates sociais, políticos e culturais presentes no contexto de produção e recepção das obras, atentando para os trâmites da globalização e da descolonização dos espaços em tela, Brasil, Angola, Moçambique, confrontados a coordenadas de políticas pós- e neocoloniais em curso. A análise pretendida articula-se ainda a estudos comparatistas, buscando apontar nos discursos selecionados diferenças e aproximações de abordagem, assim como suas relações com discursos historiográficos acerca das temáticas suscitadas.

A ADAPTAÇÃO DE *OS MAIAS* PARA A TELEVISÃO: UMA ANÁLISE DA AUTORIA DO TEXTO AUDIOVISUAL

Kyldes Batista Vicente - UNITINS
kyldesv@gmail.com

Um ponto controvertido, no estudo da literatura, é o que cabe ao estudo do autor. Isso pode ser verificado devido a duas grandes idéias de discussão, no campo dos estudos literários, do lugar do autor na obra literária. A primeira delas identifica o sentido da obra à intenção do autor (idéia ligada ao positivismo, ao historicismo e à filologia). A segunda, mais moderna, denuncia a pertinência da intenção do autor para determinar ou descrever a significação da obra, sua divulgação foi feita pelo estruturalismo francês, o formalismo russo e o *New Critics* americanos. Essas correntes de discussão acerca da autoria na literatura se desenvolveram devido ao fato de que o lugar do autor no texto literário apresenta-se como elemento marcante no processo de identificação de estilo, características, aspectos de formação social da obra.

No campo da teledramaturgia não é diferente. A discussão de autoria está relacionada a estratégias de reconhecimento e consagração de toda equipe de produção. Nesse aspecto, é importante considerar que uma telenovela ou uma minissérie (assim como o cinema) é construída a partir de uma equipe de profissionais com as mais diversas especialidades. Equipe essa ligada à direção geral e à direção de produção. Além disso, antes de o texto ser apreciado por essa equipe, há um autor-escritor, que também é acercado por uma equipe.

Na minissérie *Os Maias*, adaptada por Maria Adelaide do Amaral e dirigida por Luiz Fernando Carvalho, o texto de Eça de Queiroz recebe uma abordagem para a televisão. Isso pressupõe que a roteirista e o diretor compartilham a autoria do texto audiovisual. Este trabalho se propõe a discutir os elementos que caracterizam a autoria de Maria Adelaide do Amaral e de Luiz Fernando Carvalho a partir do texto de Eça de Queiroz.

ROUBO OU RAPTO? LÍNGUAS EM EMBATE NA ARENA LITERÁRIA ANGOLANA

Laura Cavalcante Padilha - UFF
lcpadi2@terra.com.br

O texto quer discutir a questão do encontro, muitas vezes nada pacífico, entre as línguas nacionais angolanas e a língua portuguesa, esta, desde 1975, escolhida como língua oficial do País. Através desse jogo lingüístico, percebe-se a desobediência epistêmica (Walter Mignolo) praticada pelos ficcionistas que querem pôr em causa a hegemonia cultural do Ocidente. Em especial, se fará uma reflexão sobre as obras *De rios velhos e guerrilheiros* 1. *O livro dos rios*, de Luandino Vieira, e *O quase fim do mundo*, de Pepetela.

PRESENÇA DA LITERATURA DRAMÁTICA PORTUGUESA NA CRIAÇÃO DO TEATRO NACIONAL GALEGO (1919-1923)

Laura Tato Fontaiña
Universidade d'A Coruña - Galiza
ltato@udc.es

No primeiro terço do século XX, durante o denominado Segundo Renascimento, o sistema cultural galego foi submetido a um amplo processo de revisão e modernização por parte das gerações das Irmandades da Fala e do Grupo Nós com a intenção de superarem a influência espanhola e, à vez, criarem uma literatura e uma arte nacionais. Quanto ao teatro, precisavam renovar tanto a literatura dramática como a dramaturgia, assim como incidir na formação dos actores e a ampliação de públicos. Como instrumento para cumprir este objectivo, criaram o Conservatório Nacional de Arte Galega (1919) e puseram à sua frente a Fernando Osório, actor formado no Conservatório de Lisboa, na altura um dos centros mais modernos da Europa. Como proposta dramática, tanto para que servissem de modelo aos dramaturgos galegos como para ir afazendo o gosto do público a cousas melhores, adaptaram ao galego as obras que foram encenadas pelo denominado 'Teatro Livre' português, criado por Manuel Laranjeira. Nesta comunicação analisaremos as peças (*Amanhã, Uma anedota, Rosas de todo o ano...*) e autores portugueses (Manuel Laranjeira, Marcelino Mesquita, Júlio Dantas...) representados pelo Conservatório e a sua influência na dramaturgia galega da época.

DIÁLOGOS DE SÃO GREGÓRIO: SOBRE UM FÓLIO EXÓGENO

Laurete Lima de Guimarães - UFBA
laurete1803@gmail.com

O Manuscrito da *Livraria 522*, cópia trecentista ou quatrocentista dos *Diálogos de São Gregório*, que se encontra depositada no Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo (IANTT), em Lisboa, foi recentemente editado e estudado por Machado Filho (*Diálogos de São Gregório: edição e estudo de um manuscrito medieval português*. Salvador: EDUFBA; Mosteiro de São Bento, 2008), com o intuito de oferecer, à comunidade científica interessada, o acesso a mais um testemunho dessa obra, cuja tradição foi bastante popular durante toda a Idade Média portuguesa. Esse testemunho veio completar o estema conhecido dessa obra até então, originalmente proposto por Mattos e Silva, em 1971. Não obstante, ao apresentar sua edição, Machado Filho (2008, p. 37) identifica acrescentamentos textuais tardios no verso da folha de rosto que, conforme registra, “mereçam, oportunamente, pesquisa e edição cuidadas por especialistas em letras cursivas modernas”. Escrito em um única coluna em letra cursiva por *scriptores* diferentes, ou seja mãos diferentes, *scriptae* diferentes, compõe esse fólio de três narrativas diferenciadas, sendo duas em português e uma em latim, trazendo ainda, anotações realizadas à margem, um título na parte superior e uma assinatura na parte inferior da página, respectivamente. O trabalho aqui proposto diz respeito à transcrição desse fólio, ao estudo de suas *scriptae*, do traçado de cada uma delas e do teor da narrativa, bem como a localização sócio-histórica do documento. Procedeu-se da seguinte maneira: inicialmente, realizou-se a leitura superficial do documento no intuito de identificar o teor das *scriptae*. Em seguida a leitura paleográfica com a respectiva transcrição seguindo os critérios definidos para esse tipo de edição. Justifica-se a oportunidade dessa edição pela necessidade constante de material pertencente à história da língua portuguesa, que tem sido objeto de interesse do Grupo de Pesquisa *PROHPOR* (Programa para a História da Língua Portuguesa) e dos projetos a ele integrados, a exemplo do Dicionário do Português Arcaico (DEPARC), que congrega hoje um *corpus* para análises lingüísticas de aproximadamente quarenta e cinco milhões de palavras.

HOMENAGEM A NAI EF SÁFADY

Lélia Parreira Duarte - PUC-MG
leliaduarte2@gmail.com

A homenagem pretende lembrar a figura ímpar de Naief Sáfady, Professor Catedrático de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da UFMG. O prefácio de Antônio Soares Amora ao seu livro *Introdução à análise de texto*, publicado em 1961, seria suficiente para justificar a presença de Naief Sáfady entre os professores que, em tão boa hora e com tanta justiça, a ABRAPLIP decidiu homenagear neste seu XXII Encontro. Soares Amora lembra o aluno brilhante, a rápida carreira com que Sáfady chegou ao magistério superior, ao Doutorado e à Livre-docência na USP e à cátedra de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia de Assis / SP. Fala também de suas qualidades de crítico e de autor de obras de ensino, ressaltando as qualidades do livro despretensioso que apresentava, e cujo objetivo seria apenas o de ajudar estudantes de Letras nos primeiros passos de análise e interpretação literária. Na realidade fruto de saber doutrinário e de experiência profissional responsável, esse livro avançava no sentido de superar a preocupação com a historiografia literária, para focalizar a trama do texto (numa atitude precursora de grandes estudos da atualidade, podemos acrescentar).

Tendo sido monitora e posteriormente assistente do Professor Naief Sáfady, na Faculdade de Letras da UFMG, para onde ele se transferiu através de concurso para Catedrático, pretendo lembrar outros trabalhos seus e, especialmente, testemunhar as suas qualidades de coordenador de equipe e de professor desafio, capaz de ouvir e estimular alunos interessados, tanto em sua atividade didática quanto em suas pesquisas e publicações.

“A ARTE LIVRA-NOS ILUSORIAMENTE DA SORDIDEZ DE SERMOS”:
O LIVRO DO DESASSOSSEGO RECRIADO POR
MÁRIO CLÁUDIO EM *BOA NOITE, SENHOR SOARES*

Lélia Parreira Duarte - PUC-MG
leliaduarte2@gmail.com

Ao descrever Bernardo Soares, do seu *Livro do desassossego*, Fernando Pessoa usa expressões como “semi-heterônimo, devaneio e mutilação de personalidade”, elementos certamente presentes na personagem misteriosa e fascinante criada por Mário Cláudio em *Boa noite, Senhor Soares* (2008), na perspectiva do narrador Antônio – um jovem moço de escritório curioso e ingênuo. Buscando o auxílio de teóricos como Maurice Blanchot, Giorgio Agamben e Márcio Seligmann-Silva, e na perspectiva do grupo de pesquisa “De Orfeu e de Perséfone: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas” (que coordeno na PUC Minas), pretendo demonstrar que a novela de Mário Cláudio recria a sugestão pessoana de mistério, reserva e enigma que caracteriza Bernardo Soares – cujo discurso não traz ensinamentos, mas se apresenta como reino da estranheza e lugar do impoder – e, seduzindo narrador e leitores, reflete sobre o papel do autor e o do leitor na criação, elaborando ao mesmo tempo “verdades do desassossego” típicas do ser humano e especialmente do mesquinho cotidiano salazarista da década de 30, com seus pequenos e malogrados desejos. Espero poder concluir que *Boa noite, Senhor Soares* é exemplo de canto de Orfeu e de ambiguidades de Perséfone, pois “nos livra ilusoriamente da sordidez de sermos”, por configurar-se como uma literatura que testemunha o seu tempo e cumpre o papel de impulsionar a imaginação, inscrevendo uma presença cuja singularidade se tece como canto de sereia em que nada há a transmitir, a não ser o processo e a função significante.

MASSAUD MOISÉS, O MESTRE E O TEÓRICO

Lênia Márcia Mongelli - USP
lmongelli@gmail.com

A vasta obra de Massaud Moisés reúne e entrelaça, com coerência nunca traída, uma autêntica vocação de professor e de crítico literário. No primeiro caso estão seus livros didáticos - as várias "histórias", da prosa, da poesia, da Literatura; as "antologias" e os "dicionários"; no segundo, os textos ensaísticos - com estudos tantas vezes irretocáveis sobre autores brasileiros, portugueses e estrangeiros - ou reflexões de teor conceitual, sempre no encaixe de compreender as complexas relações entre o leitor e a obra de ficção. Nesse leque de interesses esteve em causa, desde o início, um *método de trabalho*, muito

mais do que a transmissão de conteúdos. Sob o rigor de tal "aprendizado de desaprender" foram passando os numerosos alunos por ele formados na Universidade de São Paulo (USP), onde assentou praça ao longo da vida acadêmica.

Como tive a sorte de estar entre eles, sirvo-me aqui dessa experiência para examinar os ângulos mais relevantes de um verdadeiro projeto crítico-pedagógico.

“ESCREVO PORQUE PERDI O MAPA”:
DEPOIS DE JOÃO CABRAL, DEPOIS DE CARLOS DE OLIVEIRA

Leonardo Gandolfi - UFF
gandolfi123@yahoo.com.br

Entre outros, o tópico da paisagem foi e é frequentemente usado para configurações de identidades culturais. Não será difícil demonstrá-lo em estéticas pré-românticas, românticas ou ainda hoje em afirmações do nacional e em estereótipos, volta e meia, veiculados por campanhas publicitárias. No entanto, será também pelo tópico da paisagem que essas mesmas identidades culturais, em tempos de franca dissolução, não encontram mais sua razão de ser. Em uma época como a nossa, de vacas magras, o caráter constitutivo da paisagem não só perde sua força, como também criticamente ganha outras conotações do passado até hoje. A literatura é um desses espaços em que podemos nos deparar com essa perda e essa espécie de memória destituída. Assim de *Os Lusíadas* até *Viagens na Minha Terra* podemos levantar subsídios para essa dissolução que, em nossa leitura, termina na *Micropaisagem* de Carlos de Oliveira. O mesmo desse lado do Atlântico: de Gonzaga e Alencar até Euclides da Cunha, perceber como a paisagem ganha um escopo que tanto justifica, por exemplo, “a cor local”, como também desautoriza essa mesma cor, abrindo espaços vazios ou excedentes que nem conformam nem configuram. Melhor, conformam e configuram outra coisa. Em nossa leitura – ainda em processo – a poesia de João Cabral é o ponto de chegada. Enfim, esses dois autores, Carlos de Oliveira e João Cabral, no que têm de mais construtivistas, fazem contraditoriamente com que se extraviem descrição, ordenação, sujeito e outras coisas tão do nosso tempo. Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa “Poesia e Contemporaneidade”, coordenado pelas professoras Ida Alves e Celia Pedrosa.

RESGATE(S) DO PASSADO, REDIMENSÕES DO PRESENTE
NA OBRA DE IRENE LUCÍLIA ANDRADE

Leonor Martins Coelho
Universidade da Madeira - Portugal
leomc@uma.pt

A relação entre o passado e o presente na obra da escritora madeirense Irene Lucília Andrade poderá ser entendida como um périplo por duas temporalidades, permitindo o “exame” da nossa actualidade. A escrita parece tecer uma crítica ao presente da cultura da ostentação, apelando, a voz do texto, à cultura pretérita do afecto. Por razões de ordem prática, percorrer-se-á de uma forma necessariamente sumária duas obras da referida

autora, nascida na Ilha da Madeira. Um livro de poemas e uma compilação de narrativas breves – por um lado, *Água de Mel e Manacá* (2002), por outro, *A Penteada ou o Fim do Caminho* (2004), uma vez que ambos os textos apelam à preservação de vivências de outrora, alicerçadas no reconhecimento de laços fraternos, por oposição a uma cultura da indiferença e do provento fácil que parece vir, paulatinamente, a caracterizar a sociedade actual. Procurar-se-á fazer incidir a análise no vector memória/cultura/identidade de um tempo pretérito que estabelece a coesão do *corpus* em apreço, sem, no entanto, descurar o posicionamento utópico de Irene Lucília Andrade que nos parece (con)formar-se no princípio de “correção utópica” da realidade do presente. cremos encontrar na escrita de Irene Lucília Andrade, nesse resgate constante de um tempo findo, a exaltação das relações afectivas que a era da globalização tende a apagar. Nessa “cultura da memória” que tem vindo a marcar a sua obra, a escrita surge como um testemunho de uma “consciência crítica”, nascida de um sentimento de perda da cultura da fraternidade e da humildade, bem como uma “vontade de construção” de uma sociedade que não esqueça o passado na construção do seu futuro. A memória do tempo pretérito não somente resgata a existência do passado como permite perspectivar o futuro desejado. Assim, o poder construtivo da recordação abre um espaço de questionamento e revelam novas convergências numa completude que se alicerce nos valores da consolidação da amizade, no reatar de laços sociais, para poder voltar, novamente, a recuperar o que foi desaparecendo ao sabor da megalomania do Homem moderno.

VOZES DE MOÇAMBIQUE: UMA LEITURA DE *VENTOS DO APOCALIPSE*, DE
PAULINA CHIZIANE

Letícia Villela Lima da Costa - USP
levillela@usp.br

Paulina Chiziane é considerada a primeira mulher romancista de Moçambique. Entretanto, ela não se considera uma romancista, mas uma contadora de histórias.

Num país de tradição predominantemente oral, a escrita se firma como uma forma de registro, de diálogo consigo próprio e com o outro e, portanto, a literatura tem nisso um papel fundamental. Ao se auto-intitular como contadora de histórias, Chiziane procura aproximar, ou melhor, associar a tradição oral da escrita. Como é de se esperar numa literatura ainda incipiente, há a busca por uma voz própria, dissociada do discurso do colonizador, ou seja, um discurso com a “cara” do colonizado, e, para isso, a escrita tem que se fundar através da oralidade.

As histórias transmitidas oralmente de geração a geração têm fundamental importância na cultura africana, porque são responsáveis pela manutenção da memória e também um instrumento valioso de registro da tradição e da História de cada povo. Através de contos, lendas, fábulas e outras histórias, a cultura daquele povo se mantém e se perpetua. Elas são como um elo entre passado e presente. É justamente isso que a autora faz em *Ventos do Apocalipse* - seu segundo romance, que fala sobre guerra, fome, destruição, apesar de o amor também aparecer ao longo da narrativa. Através da reconstituição da memória, narra os horrores da guerra, pela voz dos diversos narradores.

“NÃO ACERTO NO CONTAR PORQUE ESTOU REMEXENDO O VIVIDO LONGE ALTO”: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE OS NARRADORES EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*, DO BRASILEIRO JOÃO GUIMARÃES ROSA, E *NÓS, OS DO MAKULUSU*, DO ANGOLANO JOSÉ LUANDINO VIEIRA.

Liliane Batista Barros - UFPA
lilibb@ufpa.br

O presente estudo enseja um diálogo comparativo entre as obras *Grande Sertão: veredas* do brasileiro, João Guimarães Rosa, e *Nós, os do Makulusu*, do angolano José Luandino Vieira. Ele é resultado do projeto de pesquisa desenvolvido com alunos do curso de Letras de Marabá, com financiamento da Pró-Reitoria de Pesquisa. Para esta comunicação, optamos o estudo da memória. Como as narrativas aqui propostas para estudos têm narradores em primeira pessoa que instauram através da memória os questionamentos em relação à condição humana, e então por meio da memória possibilitam o questionar das ações passadas, dando-lhes novos sentidos, movimentos e situações. Observamos que a memória gira em torno de *leitmotifs* como a questão do pacto e a questão da identidade, além das vozes que conduzem a narrativa. Notamos ainda que não se pode dominar a memória dos fatos passados e nem medir “suas perdas e colheitas” porque é impossível na rememoração separar a imaginação da imagem real. Por isso, identificamos reflexões que deixam dúvidas, lembranças falhas, olfato incerto e a oralidade modificada. É necessário salientar que, para Riobaldo e Mais-Velho, o regresso na memória não tem a função apenas a reviver ações passadas, mas tem a intenção de buscar o sentido da vida e, se possível, responder as indagações existenciais, bem como para suprir uma falta e fugir do presente que os atormenta.

QUALQUER MÚSICA: UMA INTERFACE ENTRE A POESIA PESSOANA E A CANÇÃO BRASILEIRA

Lisa Carvalho Vasconcellos - USP
lisacv@usp.br

Fernando Pessoa foi um autor que sempre incorporou elementos musicais em sua poesia. Seus versos, freqüentemente, se utilizam de elementos estilísticos típicos das canções – como o refrão, o estribilho, ou a metrificação em redondilhas maiores – com o objetivo de obter um ritmo cantante. Cenas musicais também são um dos importantes *topoi* da arte desse grande português. O leitor deve se lembrar de vários versos famosos que lidaram com esse assunto. “O tocadora de harpa, se eu beijasse teu gesto, sem beijar tuas mãos!”, “Ela cante, pobre ceifeira, julgando-se feliz talvez”, ou ainda “Qualquer música, ah, qualquer” são alguns deles. O próprio título que Fernando Pessoa escolheu para encabeçar sua poesia ortônima – *Cancioneiro* – faz alusão às tradicionais cantigas portuguesas. No Brasil, essa relação, entre música e poesia, veio a ser retrabalhada por compositores e interpretes que criaram acompanhamentos para os poemas de Fernando Pessoa. Podemos citar pelo menos cinco bons exemplos de importantes trabalhos de gravação inspirados pela obra desse grande poeta. São eles: o disco *A música em Pessoa* (1985) organizado por Olívia Hime e Elisa Byington; o disco *Mensagem* (1985) e o DVD *Mensagem 2* (2006), ambos com

música de André Luiz de Oliveira; o álbum duplo intitulado *Imitação da vida*, de Maria Bethânia, onde a interprete associa poemas de Pessoa a cações populares escolhidas por ela mesma; e, finalmente, o álbum *Remix em Pessoa* (2007), que tem interpretações Jô Soares com acompanhamento musical do tecladista Billy Forghieri. Todos esses trabalhos possuem, além de um óbvio valor estético, o mérito de serem releituras incrivelmente válidas de certos aspectos da poesia de Pessoa. O presente artigo será dedicado justamente a analisar a contribuição que esses projetos nacionais deram para a literatura de Fernando Pessoa.

HELDER E LLANSOL: CALIGRAFIAS EXTREMAS

Luanna Guimarães Belmont - UFF
luanna.belmont@gmail.com

As poéticas de Herberto Helder e Maria Gabriela Llansol são, hoje, na Literatura Portuguesa, as que mais radicalmente encarnam uma concepção do mundo e, por extensão, da literatura atravessada pela tradição surrealista e por uma certa orientação mística que redefinem a experiência do sujeito com a linguagem. Deflagradas a partir da década de 60, essas duas potências textuais, a helderiana e a llansoliana, prosseguiram suas trajetórias individuais de sucessivas publicações até agora, abrindo dois clarões no horizonte da poesia portuguesa dos últimos anos, ao mesmo tempo contrastando e contaminando sutilmente, com sua escrita híbrida e solar, a poesia dos mais jovens, mesmo diante do generalizado “retorno ao real” e da suposta “rasura do sujeito” com que se costuma diagnosticar essa produção recente. *A poética* desses dois autores, identificadas agora num único singular para efeito desta proposta de reflexão, assenta-se sobre (1) uma conexão profunda entre os processos de leitura e escrita, (2) uma visão utópica do texto como lugar de encontro da diferença e de reverberação dos afetos, e (3) uma compreensão do sentido como metamorfose contínua, à semelhança do ciclo da vida: nascimento, reprodução, morte, nascimento... A princípio, tais pressupostos não justificariam a excepcionalidade dessas duas figuras, a não ser pelo fato de que acreditar nisso os leva a transgressões desiguais no cenário da poesia atual e, ao mesmo tempo, muito semelhantes entre si. Em outras palavras, o que se cogita é o forjar, no código linguístico, de um novo modelo (mais um...) para a relação do sujeito com o real, cujo sucesso não estaria condicionado à pretensão de uma linguagem autônoma na sua própria ficção, desvinculada do real, mas, ao contrário, tão fiel a ele que, em nome de encarná-lo em seu devir, deforma-se às custas de suas próprias leis, a sintaxe, a semântica, a gramática. O poeta operaria, então, esta entrega sacrificial da linguagem, seria um doador da vida, na medida em que a reconhece na alteridade das paisagens humanas e não humanas que seus sentidos físicos são capazes de percorrer, e sua subjetividade é capaz de reconfigurar na linguagem, para isso extrapolada em seus próprios limites.

NA CASA DA SAUDAÇÃO, UM ENCONTRO COM OS CANTORES DE LEITURA

Luci Ruas Pereira - UFRJ/UGF
luciruas@uol.com.br

Neste trabalho pretende-se empreender a leitura do último livro de Maria Gabriela Llansol, publicado em 2007, e intitulado *Os cantores de leitura*, a partir de pressupostos estabelecidos no projeto “De Orfeu e de Perséfone: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas”, ao qual se filia. Acolhidos na Casa da Saudação, ou Casa dos Afectos, ou fundamentalmente na Casa da linguagem, os cantores da leitura se entregam ao prazer do texto. Lá é possível chegar à fruição “pela coabitação das linguagens”. Nesse texto, garante-se mais uma vez a possibilidade de visitar, pela memória, outros textos da escritora e sua “comunidade textual”. Subvertendo mais uma vez a ordem das narrativas, o texto abre-se ao encontro da comunidade llansoliana, feita de figuras conhecidas ou não. Esvaziadas de qualquer significado pré-estabelecido, essas figuras constituem um novo espaço de convivência, nessa Casa da saudação que se abre à escrita e à leitura, ou ao ensaio para um novo canto, ou para um novo cantar. Reunidos nessa Casa que também é Casa dos afetos, os habitantes experimentam o amor, mas do modo como afirma Agamben em relação a esse amor na poesia dos trovadores, que implica não simplesmente expressar em palavras a experiência do vivido, mas em “viver o próprio topos”, isto é, viver “o evento de linguagem como fundamental experiência amorosa e poética”. A esse convite deve aceder o leitor: da experiência do nada, do que é negatividade, participar do grande evento em que um eu “chei[o] de emoção da fonte do criador”, verá brotar a flor da escrita e saudará esse que pode vir a ser “o textuador desconhecido”.

MARIA GABRIELA LLANSOL E A ESCRITA DA DESMEMÓRIA

Lucia Castello Branco - FALE -UFMG
lucia.c.branco@terra.com.br

O texto de Maria Gabriela Llansol, composto por figuras, em lugar de personagens, e por cenas fulgor, em lugar de peripécias ou conflitos, como observa a própria escritora, “não avança por desenvolvimentos temáticos nem por enredo, mas segue o fio que liga as diferentes cenas fulgor”. Tal fio, embora invisível, produz um enlace que tem na desmemória o seu procedimento central.

Assim, habitado por figuras que produzem uma rasura na história oficial — como Aossê, em lugar de Pessoa, ou Comuns, em lugar de Camões —, esse texto termina por engajar o seu legente numa operação de leitura que, levando em conta a desmemória, busca uma “cura” dos nomes e da história, ao inscrever o romance fora da tradição melancólica, na linhagem espinozista da alegria.

Esta comunicação pretende focalizar a figura llansoliana da “rapariga desmemoriada”, presente em *O jogo da liberdade da alma*, localizando, no texto, a posição do legente, como aquele que, ao operar com a desmemória, é capaz de realizar a leitura na direção proposta por Llansol: “ler é nunca chegar ao final de um livro, respeitando-lhe a sequência coercitiva das palavras, e das frases”. A uma escrita da desmemória corresponderia um legente desmemoriado, capaz de deixar “espaço entre as palavras”, fazendo-as ressoar, ressuscitar.

OS PRIMEIROS CONGRESSOS LUSO-BRASILEIROS: ALCANCE ACADÊMICO E DIMENSÕES SIMBÓLICAS

Lucia Maria Paschoal Guimarães - UERJ
luciamp@uol.com.br

Desde meados do século XIX, os congressos científicos internacionais se multiplicavam na Europa. Paris teria mesmo ficado conhecida como capital cultural do Velho Mundo devido à incidência de eventos acadêmicos e de exposições universais, assimiláveis à tradição enciclopédica francesa, na busca de contemplar todos os domínios da ciência. A par disso, aquelas iniciativas constituem a gênese de movimentos de cooperação internacional, porquanto os representantes oficiais dos países participantes costumavam aproveitar a ocasião para negociar acordos, protocolos de cooperação e intercâmbio, firmando resoluções de valor normativo. No Mundo Luso-Brasileiro, apesar da afinidade lingüística e das tradições históricas partilhadas, esse movimento custou a germinar. Sabe-se que em 1907, quando se anunciou a viagem do rei D. Carlos ao Brasil, o Barão do Rio Branco planejou convocar um congresso de História, reunindo estudiosos das duas margens do Atlântico para o exame de temas comuns, mas o assassinato do monarca fez malograr a viagem e o projeto. Já em 1922, por ocasião das comemorações do centenário da Independência, a comitiva do presidente português Antonio José de Almeida aventou a possibilidade de realizar uma jornada científica, privilegiando questões literárias, o que também não passou do terreno das intenções. No âmbito dos estudos históricos, o primeiro evento que reuniu especialistas dos dois países foi o Congresso Luso-Brasileiro de História, realizado no contexto das Comemorações Centenárias de Portugal, em 1940. A comunicação pretende discutir o alcance acadêmico deste evento, bem como as suas dimensões simbólicas no estreitamento dos laços entre as duas nações.

GESTOS DE UMA VIDA (DE) ESCRITA

Lúcia Melo de Sousa - UFF
luciams27@uol.com.br

O texto da comunicação tem como objetivo mostrar o diálogo da obra do escritor português Mário Cláudio com o pintor modernista Amadeo de Souza-Cardoso. O trabalho aqui apresentado faz parte de minha pesquisa no doutorado em Literatura Comparada desenvolvido na Universidade Federal Fluminense.

MERO ENTRETENIMENTO? A REALIDADE SOCIAL SOB OS OLHARES CAMILIANO E MACEDIANO

Luciene Marie Pavanelo - USP
lucienemp@yahoo.com.br

Camilo Castelo Branco e Joaquim Manuel de Macedo publicaram suas extensas produções literárias praticamente no mesmo período, entre as décadas de 1840 e 1880, tendo sido responsáveis pela introdução e consolidação do romance social em Portugal e no Brasil. É comum encontrarmos a associação desses escritores ao sentimentalismo ultra-romântico (em parte devido ao sucesso de *Amor de Perdição*, para Camilo, e *A Moreninha*, para Macedo), o que gera um apagamento do restante da obra desses autores, muitas vezes mais afeitos ao despertar do riso do que da lágrima. O fato de terem muito produzido, a fim de que pudessem se sustentar apenas com o trabalho literário, além do esforço para agradarem ao mercado editorial, oferecendo enredos que vendiam, acabou erigindo em torno deles uma imagem, de certa forma, estereotipada, encontrada sobretudo nas historiografias literárias. Mesmo críticos importantes como Antonio Candido e Jacinto do Prado Coelho reforçam essa imagem: o primeiro afirma que Macedo é o escritor brasileiro oitocentista “mais ajustado a esta via de comunicação fácil” (2007, p. 454), enquanto o segundo defende que o romance camiliano é “para recrear a imaginação” e “fazer vibrar a sensibilidade” (2001, p. 393). A partir dessas afirmações, é possível depreender que as obras desses escritores são vistas como mero entretenimento, destinadas ao consumo, e não à reflexão. Procuraremos, contudo, mostrar que tanto o romance camiliano como o macediano são mais complexos do que aparentam, e que, se são construídos para o deleite do leitor, também promovem a reflexão sobre a realidade social de seu tempo, através de um arguto olhar crítico. Ressaltamos, aqui, que este trabalho está vinculado ao projeto de doutoramento “Camilo Castelo Branco e Joaquim Manuel de Macedo: convergências na ascensão do romance nas periferias do capitalismo”.

ESPAÇO DA ERRÂNCIA EM *PERDIDO DE VOLTA*, DE MIGUEL GULLANDER

Lucilene Soares da Costa - UEMS/USP
lucilenecosta@usp.br

O romance de estréia de Miguel Gullander, *Perdido de Volta* (2007), estrutura-se de forma complexa e labiríntica, mobilizando uma série de referências que conduzem a um universo desconcertante. A trama desenvolve-se, real ou imaginariamente, entre Europa, África e Ásia e impõe certa atitude ao leitor: a de considerar o acaso, o fantástico, o absurdo como elementos estruturais da narrativa e, por conseqüência, da própria existência. Nesse sentido, existem dois movimentos identificáveis no texto: o primeiro, interior, psicológico, penetra na subjetividade conturbada do narrador central (e de alguns outros narradores secundários) a fim de confirmar esses elementos de estranhamento; o segundo, exterior, referencial, insere as personagens em espaços físicos bem marcados, os quais estão impregnados de significação histórica e simbólica. Sobre esse segundo movimento, vamos nos deter com maior atenção na presente análise, uma vez que o trânsito das personagens por lugares perfeitamente verificáveis enquadra esta narrativa num movimento diferente da maior parte dos romances do século XX, voltados, sobretudo, para a representação do tempo psicológico. Por meio da deambulação de suas personagens, *Perdido de volta* inscreve-se numa perspectiva crítica da literatura pós-colonial nas quais as tensas relações que permeiam os Hemisférios Norte e Sul são continuamente explicitadas.

UMA POLÊMICA ESQUECIDA:
PODE A LITERATURA BRASILEIRA INFLUENCIAR A PORTUGUESA?

Luís Bueno - UFPR
luis@ufpr.br

A polêmica que envolveu José Régio e Álvaro Cunhal nas páginas da *Seara Nova* entre 1938 e 1939 é bastante conhecida e reputada mesmo como um momento definidor da oposição que marcaria as relações entre presencistas e neo-realistas. Há, no entanto, um aspecto dessa polêmica que permanece obscuro, não obstante seus numerosos desdobramentos. É o que poderíamos caracterizar, segundo a perspectiva de alguns críticos portugueses, como uma espécie de inversão da “normalidade” que representava a possibilidade de a literatura brasileira influenciar a literatura portuguesa. É verdade que José Régio é quem levanta essa bandeira, naquela polêmica, ao expressar seu desagrado com o romance *Os Corumbas*, de Amando Fontes, que considerava falho. Neste trabalho, discutiremos, é claro, além dos textos de Régio, outros materiais. É o caso dos artigos publicados no “Suplemento Literário” do *Diário de Lisboa*, onde João Gaspar Simões mantinha sua coluna que chegou a publicar um artigo de Mário de Andrade sobre a questão; e de páginas de moços – vale dizer a nova geração que formulava as bases doutrinárias do neo-realismo –, publicadas em jornais de diversas cidades portuguesas, em especial *Ecos do Sul*, de Vila Real de Santo António, e *A regeneração*, de Figueiró dos Vinhos, que abrigaram um inquérito que abordou diretamente essa questão.

DIZER DO MUNDO, GAGUEJAR O MUNDO:
PAULO HENRIQUES BRITTO, LUÍS QUINTAIS

Luis Maffei - UFF
luis.maffei@terra.com.br

Luís Quintais é nome forte da poesia portuguesa mais recente – tendo estreado em 1995, já publicou oito livros de poemas. Paulo Henriques Brito, poeta já referencial da poesia brasileira das últimas décadas, publicou, desde 1982, cinco livros. Não obstante as diversas peculiaridades de ambas as obras, ocupantes de lugares bastante próprios em suas literaturas nacionais, existem, entre os dois poetas, algumas tangências que ultrapassam a similaridade do idioma. Se a poesia de Luís Quintais desloca-se não apenas geograficamente, mas também entre o poético e o histórico, o passado e o presente e a linguagem e seu lugar no mundo, a de Paulo Henriques Brito não abdica, dentro do lugar da poesia, do desafio de procurar certa dizibilidade fora desse lugar. Assim, num e noutro existe uma constante reflexão acerca dos limites do discurso poético, que se relaciona, modernamente, com a necessidade de pensar a si próprio, mas, também modernamente, com a premência de um enfrentamento do mundo. Por isso, será relativamente frequente, em ambos os autores, a presença de outros poetas e outras poesias (Fiamma Hasse Pais Brandão e Wallace Stevens, por exemplo, em Luís Quintais; Pessoa, por exemplo, em Paulo Henriques Brito), mas as obras, para além do intertexto e também a partir do intertexto, acusarão a necessidade da fala poética e a contraface disso: a invencível distância entre a mesma fala poética e o mundo. Luís Quintais e Paulo Henriques Brito

podem ser encontrados no preciso lugar dessa defasagem. Este trabalho insere-se na proposta da mesa-redonda *Visualidade e subjetividade: estudos comparativos de poesia contemporânea brasileira e portuguesa*, formada por participantes do grupo de pesquisa acima referido.

ARTES POÉTICAS EM DIÁLOGO: LONGINO E FERNANDO PESSOA.

Luiz Roberto Zanotti - UFPR
luizzanotti@terra.com.br

Assumindo a premissa que as mais diversas concepções poéticas, ainda que distantes no tempo e no espaço, geralmente continuam dialogando; o objetivo da nossa reflexão é a verificação de até que ponto os conceitos apresentados na arte poética clássica de Longino, *Do sublime* (séc. I d.c.); continua presente na arte poética contemporânea de Fernando Pessoa, em sua obra *Livro do desassossego* (1982). Para a consecução deste objetivo, usamos a metodologia comparativa que apresenta semelhanças, diferenças, re-apropriações, numa análise sincrônica. Apesar das semelhanças entre as obras analisadas, pois ambas se apresentam como a resultante do processo criativo que opera sob o impulso da emoção e concretiza as percepções, sentimentos e pensamentos dos poetas, existe uma importante diferença, pois enquanto Longino, através de sua arte poética, está se rebelando contra o *status quo* da sua época, e em particular à poética de Cícero, que não tratava da emoção (inspiração), Pessoa parece estar mais preocupado em definir sua posição entre as artes poéticas de seus contemporâneos, através da subversão e negação. Assim, podemos afirmar que, apesar de separados por um período de quase vinte séculos, existem vários conceitos de Longino que podem ser averiguados em Pessoa, sobretudo pelo fato de mostrarem que é absolutamente necessário que haja uma perfeita sintonia entre o dom e o método para que seja possível a construção do sublime (obra de arte).

O SEU A SEU TEMPO (1966):

O ANTI-DISCURSO E O NOVO DISCURSO NA OBRA DE LUIZA NETO JORGE

Luiz Roberto Rodrigues Jannarelli - UFRJ
luizbetorj@gmail.com

Ao lado de poetas como Gastão Cruz e Fiama Hasse Pais Brandão, Luiza Neto Jorge iniciou sua obra nos anos 60, década na qual se procurava por um discurso novo na poesia portuguesa. Acredita-se que o enriquecimento da obra desses jovens poetas mostre parte da evolução da poesia portuguesa da segunda metade do século XX. Problematizando a tendência dos estilos, Luiza Neto Jorge se posicionou à deriva do Surrealismo, constituindo-se, então, o que os críticos chamam de estilo surrealizante, isto é: um discurso fragmentado de tal maneira a ser caracterizado como criação (do) inconsciente. Este trabalho tem por objetivo o estudo do fazer poético de Luiza Neto Jorge, utilizando como mote o livro *O Seu a Seu Tempo*. A análise da poética rítmico-imagética de Luiza tem o intuito precípua de mostrar como a forma fragmentada do discurso é elemento fundamental na obtenção do sentido da obra. Assim, aponta-se para a origem da dicotomia do discurso

fragmentado e processo prosificador, ressaltando a evolução da mesma nos demais livros da poeta. Em desenvolvimento às primeiras investigações, pretende-se observar como Luiza relê o gênero épico e o tema das viagens, eixo temático tão importante na tradição literária portuguesa.

IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE LINGÜÍSTICA EM SARAMAGO

Madson Góis Diniz - UFCG
madsongois@gmail.com

A obra de José Saramago constitui um 'manual' de metalingüística, 'ensaios' de relatos atentos para a vida cotidiana, 'catando' as linguagens-vozes nos 'arquivos imperfeitos' da escritura, através das tessituras do imaginário. Nesse sentido, a língua para Saramago está ancorada numa dimensão auto-reflexiva, um dialogismo bakhtiniano, que permite uma pluralidade de perspectivas, a partir da história social, indo além do nível denotativo, uma vez que contém a possibilidade de memória da linguagem dominante e subalterna. O interesse de Saramago, no tocante ao local da língua e suas fronteiras, é o debate histórico tal como ocorre em outros escritores portugueses como Camões, Padre Antônio Vieira e Fernando Pessoa, autores que buscaram cartografar, através de sua produção literária, o *pathos* das significações entre língua e escritura. A cartografia da língua portuguesa empreendida por Saramago vai beber na tradição literária do país, encontrando seu mapeamento nos mitos fundadores através da ideia da língua-monumento na perspectiva da identidade e subjetividade lingüística. Objetiva-se, portanto, refletir sobre as dimensões da língua portuguesa e suas matrizes identitárias exercidas na discursividade saramaguiana e os desdobramentos estéticos da circularidade cultural das vozes da lusofonia.

VOZES LUSITANAS E ECOS BRASÍLICOS DA ESQUECIDA ACADEMIA BAHIENSE

Manoel Barreto Júnior - UESB
manebarreto@terra.com.br

A proposta desta comunicação será refletir sobre as composições poéticas da Academia Brasílica dos Esquecidos, através de contribuições advindas do pensamento teórico-crítico contemporâneo a partir dos chamados Estudos Culturais e Pós-Coloniais em confluência com as novas perspectivas da historiografia literária brasileira. Assim, buscar-se-á elucidar sobre a influência do engenho erudito dos acadêmicos setecentistas, na descaracterização de uma visão simplista do Estado do Brasil, sempre ligado a extrema miséria intelectual. Para tanto, a construção do escorrio investigativo pretende formar um painel meta-historiográfico à luz do tempo e local de enunciação, pelo movimento intenso de interferências e influências históricas que serão constantemente revisadas. Demandas que trazem à tona alguns elementos da história cultural do Estado do Brasil no século XVIII, pela compreensão de que a história se faz no acontecer. De tal modo, tessituras poético-narrativas e contexto histórico cruzam-se no estabelecimento de uma das primeiras

agregações intelectuais brasílicas, que através dos contornos histórico-discursivos encenam as formas de dizer seu tempo e aspirar aos tempos vindouros anunciados por homens que souberam, pelo coletivo, celebrar a intelectualidade nestas terras.

TRANSFIGURAÇÕES DE CAMÕES NO ROMANCE HISTÓRICO DO PÓS-MODERNISMO EM PORTUGAL

Manuel Ferro
Universidade de Coimbra - Portugal
manuel_ferro@sapo.pt

A figura de Camões, enquanto homem do seu tempo, cedo despertou o interesse por parte de biógrafos. Desde inícios do século XVII que Pedro de Mariz, Manuel Severim de Faria ou Manuel de Faria e Sousa fixaram os dados fundamentais da biografia camoniana. No Romantismo, com o renovado interesse pela vida do Poeta, redescobre-se a dimensão das suas vivências amorosas, recriando-se assim um verdadeiro ‘mito camoniano’, de que as viagens pelo globo, as aventuras partilhadas e o contacto com regiões ou culturas exóticas, assim como a expressão da perene insatisfação do homem ocidental, são elementos constituintes. O ‘drama de artista’ oitocentista veio igualmente enriquecer o filão de reconstituições biográficas do Poeta, cada vez mais ficcionalizadas, e Camões, além de autor admirado e seguido, torna-se o protagonista de numerosas obras, quer dramáticas, quer em prosa. Com a recente produção literária pós-moderna, além de José Saramago, com *Que farei com este livro?*, o florescimento do romance histórico implicou necessariamente também uma revalorização e reelaboração da figura do Poeta, aqui exemplificadas através de *A Musa de Camões* (2006), por Maria Helena Ventura; de *O Livro Perdido de Camões* (2008), por Maria Coriel; ou de *Adamastor* (2008), por E. S. Tagino; bem como, muito embora em tradução portuguesa, de *Os Últimos Dias de Camões* (2007), por Guillaume de Landelle.

O “SER” ANGOLANO EM *MAYOMBE*, DE PEPETELA

Manoela Falcón Silveira - UEFS
manoelafalcon@hotmail.com

O espaço angolano representado na obra literária *Mayombe*, do escritor Pepetela, retoma a tradição e ao reinventá-la redimensiona a literatura angolana para um sistema que constrói sua identidade recusando a univocidade dos sentidos. O autor, ao incorporar marcas da oralidade da língua africana e associá-las ao código lingüístico do dominador, aponta para algumas alternativas encontradas e utilizadas na construção do seu projeto literário, um projeto sócio-político-cultural altamente comprometido com a expressividade de uma nova cultura proposta pela angolinização de uma literatura que mesmo fazendo uso do código lingüístico da dominação, sempre esteve longe de representar a perda da identidade; ao contrário, a presença da consciência histórica, tão marcante na obra de Pepetela, promove uma espécie de projeto catalisador de questões definidoras do “ser” angolano quando narra o confronto entre colonizadores e colonizados no processo de construção identitária

daquele povo. Enquanto narrador que conhece bem a história do país, porque viveu seus conflitos e militou em combates pela libertação do país no MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), ao narrar a *nação* ou o espaço identitário, vemos que o faz ressaltando o caráter de ambivalência que esse termo carrega e considerando o entrelaçamento dos fios discursivos como infinito em seu interior, pois percebe a impossibilidade da concepção do espaço/nação de forma homogeneizadora e opta pela criação de uma literatura comprometida com a “disseminação”(conceito derridiano), com as possibilidades de narrações de diferenças.

MACHADO DE ASSIS E OS IRMÃOS CASTILHO: LANCES DE UM DIÁLOGO LUSO-BRASILEIRO

Marcelo Corrêa Sandmann - UFPR
sandmann@ufpr.br

Foi intensa a relação de Machado de Assis com intelectuais portugueses radicados no Brasil na segunda metade do século XIX, especialmente no período formativo do escritor. Uma das primeiras amizades literárias do jovem Machado, por exemplo, foi o também jovem e precocemente desaparecido poeta português Francisco Gonçalves Braga, a quem o escritor brasileiro dedicou alguns de seus primeiros poemas. Nas décadas de 1860 a 1880, Machado conviveu regularmente com outros nomes da colônia portuguesa no Rio de Janeiro, como Augusto Emílio Zaluar, Francisco Ramos Paz, Reinaldo Carlos Montoro, Ernesto Cibrão, Faustino Xavier de Novais e Furtado Coelho, seja no âmbito do jornalismo, seja em rodas literárias, ou ainda nos bastidores do ambiente teatral. Desse convívio, conviria salientar ainda as ligações com José Feliciano de Castilho, que vivia no Rio de Janeiro àquela altura, e, por intermédio deste, com seu irmão Antônio Feliciano de Castilho, nome importante do Romantismo português e um dos protagonistas da famosa Questão Coimbrã. Assim, tomando como ponto de partida os próprios escritos de Machado de Assis, a presente comunicação irá investigar mais de perto essa interlocução do escritor brasileiro com os irmãos Castilho, interessante tópico da biografia intelectual de Machado, posto em plano secundário, talvez até pelo lugar a que os Castilho ficaram relegados na história da literatura portuguesa a partir do advento da Geração de 70. Além de referências várias aos dois autores, que se pode conferir em poemas e textos de crítica literária, pretende-se também abordar alguns episódios significativos desse diálogo luso-brasileiro, como, por exemplo, as comemorações do Centenário de Bocage e da fundação da Arcádia Fluminense, em 1865, no Rio de Janeiro, presidida por José Feliciano; alguns dos ecos da Questão Coimbrã no Brasil, e o eventual posicionamento de Machado diante da polêmica;

bem como a ocasião da morte de Antônio Feliciano, em 1875, a quem o escritor brasileiro iria dedicar sentido necrológico.

RETRATOS REVISITADOS: UM OLHAR SOBRE A CIDADE DA INFÂNCIA NA POESIA DE CAMPOS, DRUMMOND E GULLAR

Marcelo Ferraz de Paula - USP
marcelo2867@hotmail.com

O trabalho tece algumas considerações sobre a representação poética da “cidade da infância”, tema tradicional da literatura em todos os tempos. Para isso, se concentra em três importantes poetas de língua portuguesa: Fernando Pessoa - especificamente o heterônimo Álvaro de Campos -, Carlos Drummond de Andrade e Ferreira Gullar, autores no qual a figura da cidade natal - Lisboa, Itabira e São Luis, respectivamente - ocupam um lugar de destaque como motivos recorrentes em vários de seus poemas mais importantes. Assim, esperamos não apenas analisar comparativamente a função do *tropos* na poética de cada um deles, como também acompanhar as articulações que a tematização da cidade natal fatalmente estabelece com a memória, os laços familiares, o sentimento de perda e a consciência da passagem do tempo; bem como a condição de estranhamento e angústia propiciada pelo retorno (físico ou emotivo) ao local de nascimento, muito próximo ao sentimento de exílio. Desse modo veremos a forma como tais poeta fogem da simples sensação de nostalgia para desenvolverem uma encenação profunda do drama da mudança de espaço: que se mostra, para Campos, na imagem do “estrangeiro em toda parte”, para Drummond no impasse diante do patriarcado mineiro, do qual é herdeiro e transgressor (“No elevador tenho saudade da roça/ na roça sinto falta do elevador”) ou no retrato visceral da São Luis – “mítica e realíssima”, como define Alfredo Bosi – que Gullar leva a cabo no *Poema Sujo*.

MEMÓRIAL PANEGIRICAL: LOUVOR E COESÃO IDENTITÁRIA NAS LETRAS LUSO-BRASILEIRAS DO S ÉCULO XVII

Marcello Moreira - UESB
moreira.marcello@gmail.com

Objetiva-se apresentar uma análise de dois poemas compostos na segunda metade do século XVII, um da autoria de Manoel Botelho de Oliveira, poeta que em seu livro *Música do Parnasso*, impresso em 1705, mais especificamente na dedicatória ao Duque do Cadaval, Nuno Álvares Pereira de Melo, afirma ter sido o primeiro poeta brasileiro a fazer imprimir os seus versos; o outro, de António Lopes Cabral, freire professo da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, capelão da Corte e cantor da Capela Real, hoje em dia quase esquecido. Ambos os poetas à mesma época compuseram panegíricos em louvor do Marquês de Marialva e Conde de Cantanhede. O que a análise visa a demonstrar é como a poesia laudatória, que comemorava as mesmas personagens em diferentes pontos do Império Português em um mesmo momento, reforçava os laços de vassalagem e a coesão identitária no espaço imperial luso, ao tempo em que promovia a memória da nobreza de

espada e de toga e da própria monarquia constituindo sua perenidade pelo agenciamento do canto poético.

PAISAGEM E LITERATURA EM ANGOLA:
A PLURISIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO VIVIDO EM LUUANDA

Márcia Manir Miguel Feitosa - UFMA
marciamanir@terra.com.br

Um dos livros que compõem o conjunto da produção romanesca de José Luandino Vieira, *Luuanda*, publicado em 1963 e banido por mais de uma década da Angola colonial, esforça-se por recriar a oralidade quando decide por contar histórias do povo oprimido de Luanda, morador dos musseques, os bairros pobres da capital angolana. Três histórias que contam casos curiosos e que se insinuam em meio a um cenário rico de imagens poéticas e simbólicas. O espaço em *Luuanda* adquire vida à medida que os personagens lutam por sobreviver ante as adversidades da miséria e as angústias do amor. Assim, o presente trabalho incidirá seu foco de análise sobre a paisagem vislumbrada nessas histórias, mais propriamente em “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, em que é possível descortinar a plurisignificação do espaço vivido por meio das ricas descrições do fenômeno da chuva e da ação inexorável do vento, a fustigarem os musseques pobres de Luanda. À luz da teoria da percepção da paisagem, será dada ênfase à estreita interrelação entre representação literária e espaço geográfico, graças aos trabalhos do renomado geógrafo chinês Yi-Fu Tuan, autor, dentre outros, de *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, publicado em 1983, e de Gaston Bachelard, autor de *A poética do espaço* (1989), já numa perspectiva filosófica e psicanalítica. Fruto, pois, do projeto de pesquisa aprovado pelo CPNq e intitulado: “A teoria da percepção da paisagem: um estudo do conto moderno e contemporâneo de língua portuguesa à luz da ciência da geografia e da literatura”, esse trabalho visa dar relevo à aproximação complexa entre a arte e a ciência, ao justapor a arte literária e a Geografia Humanística.

“NADA É O QUE É” – SIMULACROS E FINGIMENTOS
EM *NATÁLIA*, DE HELDER MACEDO

Márcia Souto Ferreira - PUC-MG
marciasofer@ig.com.br

O meu trabalho propõe uma leitura de *Natália*, de Helder Macedo, considerando questões relativas à encenação do eu que se enuncia no ato da escrita. A partir da afirmação de Maurice Blanchot (*O livro por vir*) de que o romance surge do encontro do Canto das Sereias com a narrativa, proponho um estudo das estratégias de sedução que são utilizadas pela narradora de *Natália*, assim como as metamorfoses identitárias com que se constrói a personagem-título do romance-diário. Neste livro de Helder Macedo, nada é fixo, desde as posições/papéis das personagens até os conceitos de bem e mal, verdade e mentira. O fingimento, marca da personalidade do Avô, é constante, tendo como consequência uma disseminação desse comportamento em todas as narrativas que compõem *Natália*. A narradora escreve/conta sua história para sobreviver a ela, desse modo, as histórias-enigmas

que estruturam seu diário podem representar uma busca desesperada por um significante que garanta à Natália uma significação. Natália parece procurar um significante que a faça vencer as ausências do passado e do presente. No entanto, este Se. procurado é escorregadio, Canto das Sereias, portanto é sedução e vazio. Natália escreve o diário para dividir com o leitor as ausências que compõem as suas histórias de vida. Num jogo de disfarces, em que, numa história de fantasmas, Natália se faz personagem de si mesma, não há nada estático, tudo está em processo, uma vez que a narrativa se faz diante dos olhos do leitor. “Nada é o que é”, a promessa do Canto não leva ao conhecimento da verdade, mas aos inúmeros disfarces com que as verdades se apresentam.

AS NAUS DE REGRESSO (E A MEDIDA DA INSIGNIFICÂNCIA)

Márcia Valéria Zamboni Gobbi - UNESP
mvzg@fclar.unesp.br

A leitura do romance *As Naus* (1988), de Antonio Lobo Antunes, que aqui se propõe, situa-se no amplo campo da reflexão sobre as relações entre ficção e história. Como se sabe, a literatura portuguesa contemporânea tem, por meio do exercício ficcional, revisitado criticamente a história da nação lusíada. Faz isso, especialmente, recolocando em cena um certo “corpo” de figuras e acontecimentos históricos significativos que vieram modelando, ao longo dos séculos, uma determinada identidade para o “ser” português - identidade que, necessariamente, é problematizada por esta ficção, na medida mesma em que os textos que a representam fazem eco às exigências de um novo posicionamento - político, cultural, econômico - de Portugal diante de sua “europeização” em processo, amparada, de fato e de direito, por seu ingresso na União Européia. Estamos, portanto, diante de uma “subjetividade em trânsito” - a da própria nação portuguesa. A trajetória literária de Lobo Antunes mostra como sempre esteve em sua mira a rediscussão crítica dos “andaimos” que sustentam a memória nacional, ironicamente deslocados pela ficção. Tal estratégia, que se pode aproximar da paródia, no sentido que lhe confere Linda Hutcheon (1985), é utilizada na composição de narrativas de grande complexidade formal, as quais promovem uma abertura polissêmica que tensiona o processo histórico e a construção *imaginária* da identidade lusíada. São esses aspectos que desejamos ressaltar em nossa leitura.

NUN'ÁLVARES PEREIRA, ...*EM QUEM SE ENCERRA TODO O VALOR:* AINDA SOBRE A HISTÓRIA N'OS LUSÍADAS

Márcio Ricardo Coelho Muniz - UFBA/ UEFB
marciomuniz@ufba.br

Nossa comunicação pretende discutir as relações entre ficção e História n' *Os Lusíadas*. Para tanto, analisa, em particular, como foi delineado por Camões a figura do Condestável Nun'Álvares Pereira.

criação artística e tradição na prosa ficcional de Nuno Bragança

Marcos Aparecido Lopes - UFGD
mlopes1968@hotmail.com

Nuno Bragança (1929-1985), um dos fundadores da revista *O tempo e o modo*, importante periódico de atualização da inteligência católica portuguesa da segunda metade do século XX, produziu uma obra ficcional marcada pela influência da literatura americana dos anos 40 (Faulkner e Hemingway) e, em alguma medida, pela poesia modernista inglesa (T.S. Eliot). De figura de proa do círculo de intelectuais ligados ao catolicismo progressista, torna-se, por conta da radicalização das suas opções políticas, um militante do Movimento de Ação Revolucionária e da “Resistência Cristã” nos anos 60. Essas referências sucintas sobre o escritor português sugerem a importância de seu papel político, artístico e intelectual para a compreensão de um dos momentos decisivos da cultura portuguesa: a passagem da década de 60 para a 70, com especial atenção para a Revolução dos Cravos de 1974. Nesta comunicação, interessa-me discutir o diálogo que os romances *A noite e o riso* (1969) e *Directa* (1977) estabelecem entre a tradição e a modernidade no âmbito das relações literárias e religiosas. Este trabalho se insere no projeto de pesquisa intitulado “Religião, filosofia e teologia na literatura portuguesa contemporânea: os escritores católicos”, em desenvolvimento na Universidade Federal da Grande Dourados.

MEMÓRIAS DO EXÍLIO: DIS-TENSÃO CULTURAL EM MIGUEL TORGA E MURILO MENDES

Marcos Roberto Teixeira de Andrade - UFJF/FAPEMIG
marcostorga@yahoo.com

As relações culturais entre Brasil e Portugal revelam-se ambíguas e conflituosas desde os tempos coloniais – e a literatura tem sido um veículo privilegiado para se pensar sobre essa problemática. Nossa formação cultural e identitária foi pensada, ao longo do tempo, entre o reconhecimento de uma matriz cultural lusitana (vide *Iracema*, de Alencar) e a rejeição a essa mesma matriz (vide o discurso *antilusitano* que vigorou em nossa sociedade em princípios do século XX). Neste trabalho, partindo da assertiva de Edward Said, em *Cultura e Imperialismo*, segundo a qual o exílio, apesar de todos os seus “elementos de perda e tristeza”, pode se tornar, também, “algo mais próximo a uma norma, uma experiência de atravessar fronteiras e mapear novos territórios em desafio aos limites canônicos clássicos” (1995: 389), tentarei averiguar como isso pode ser relacionado às trajetórias pessoal e intelectual de Miguel Torga e Murilo Mendes. No caso de Torga, suas experiências em solo brasileiro – primeiro, na adolescência, como um imigrante português que vem trabalhar na fazenda de seu tio na zona da mata mineira, depois, na fase adulta, quando retorna ao Brasil como escritor internacionalmente reconhecido para participar de um Colóquio em comemoração ao quadricentenário de São Paulo, cujo título era “A América Vista Pela Europa” – parecem ter evoluído da rejeição ao afeto; da mesma forma, Murilo Mendes, que no momento inicial de sua produção poética, ao lançar o *História do Brasil*, em 1932, rejeita abertamente nossa herança cultural lusitana, mas, posteriormente, na década de

sessenta, quando já morava em solo europeu, parece aceitar essa mesma herança no seu *Janelas Verdes*. Em ambos os casos, as experiências do *exílio*, da *desterritorialização*, do *trânsito* entre América e Europa parecem ter sido fundamentais para a mudança na recepção das culturas brasileira e lusitana em seus respectivos textos literários.

POR ENTRE POLÊMICAS: O NEO-REALISMO E SUAS PRIMEIRAS PROBLEMATIZAÇÕES

Marcos Vinicius Fiuza Coutinho – PUC-RJ
mvfiuza@yahoo.com.br

Esta comunicação insere-se no projeto de pesquisa “Realismo, realismos: matrizes e transformações”, coordenado pela professora Izabel Margato, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da PUC-Rio e tem por objetivo pensar a polêmica travada entre os integrantes do Movimento Neo-Realista português e seus interlocutores externos. Com grande apelo ideológico, o Neo-Realismo construiu-se dentro de uma perspectiva marxista, tendo seus principais temas ancorados na dinâmica histórica e social da luta de classes. Uma forte e engajada produção literária se fez ao longo dos anos, caracterizando-se por um posicionamento crítico e, neste sentido, percebemos como o Neo-Realismo parte de uma estrutura ideológica anteriormente pensada que acaba por materializar-se no fazer literário. A arte Neo-Realista se mostrou combativa e propôs um discurso politicamente engajado e estruturalmente sóbrio, já que exigiu dos artistas e da própria arte um compromisso e uma militância que eram o oposto das teorias subjetivistas vigentes. A partir disto, vemos que, neste período, contundentes debates em torno da valoração estética do Neo-Realismo se configuraram, e uma intensa produção crítica se estabeleceu, no intuito de questionar quais seriam os “verdadeiros” objetivos da arte. Pretendemos, portanto, apontar os principais pontos de divergência entre as correntes da época e procurar entender quais motivações levaram ao embate e, ainda, qual seria o ideal de arte pensada pelos neo-realistas.

A INTENÇÃO DE INSCREVER NA MEMÓRIA COLECTIVA. O SUCESSO TEXTUAL DO MOTIVO 'A MULHER DE SALOMÃO' NA NARRATIVA HISTÓRICA PORTUGUESA

Maria Ana Ramos
Universidade de Zurique - Suíça
maramos@net2000.ch

O conhecimento de uma nova versão da conhecida Lenda de Gaia, *Historja dell Rej Ramiro de lleom* [Ed. Ramos, *Critica del Texto*, VII /2, 2004, pp.791-843] dos primeiros anos do século XVI, conservada em Lisboa [BN COD. 13182], permite não só enriquecer a composição das duas versões portuguesas conhecidas [*Livro Velho de Linhagens* e *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*], como proporcionar outras interpretações sobre a emergência do motivo da 'mulher de Salomão' na estruturação da narrativa histórica portuguesa (a falsa morta, o rapto pelo amante, o adultério, o resgate épico, o castigo

exemplar). A circulação linguística e a adequação deste importante mito na tradição textual na Península Ibérica são ainda visíveis através de outras interpolações narrativas, como na *Crónica de la Población de Ávila*, de meados do século XIII [Ed. Hernandez Segura, 1966, pp. 27-29], ou no *Fragmento de la Crónica Aragonesa* [Ms. 353 da Biblioteca de Catalunya] da segunda metade do século XV. Mais do que estabelecer relações directas entre os textos peninsulares e a tradição românica conhecida [*Cliges* de Chrétien de Troyes, *Bastard de Bouillon*, *Elie de Saint Gile* ou mesmo Giovanni Boccaccio e Gentile Sermini], procurarei examinar a assimilação e a intenção de inscrever na memória colectiva este motivo, trasladando-o de um longínquo *locus* alheio para uma realidade testemunhada, como se a edificação da *memória* canónica carecesse de uma dimensão mítica, própria à recuperação do passado heróico, para revalorizar e dar sentido ao presente.

A VIDA SECRETA DAS PALAVRAS: A LITERATURA EM TEMPOS DE MUNDIALIZAÇÃO CULTURAL

Maria Andréia de Paula Silva - UFJF
adieandy@bol.com.br

Podemos imaginar um mundo no qual, como aponta Ricardo Piglia, os textos circulariam livremente sem autor, sem direitos autorais. Esse é um mundo que, entre anedotas e indignações, já está presente na era da internet. Lembra-me o livro de Cora Ronái, *Caiu na rede*, no qual, através de incidentes de apropriação e de falsas atribuições autorais, a autora revela o desejo de tantos internautas de se apropriarem das palavras escritas por outrem, ou atribuí-las a outrem, a fim de revelarem publicamente os próprios sentimentos. Talvez atribuição fundamental da literatura, talvez resposta para a constante pergunta: para que serve a literatura? Esse trabalho se propõe a mapear algumas dessas questões através da obra de Mariana Alcoforado e de Isabel Coixet. A primeira, a qual são atribuídas as *Cartas portuguesas*, exemplo paradigmático do fenómeno de falsas atribuições que merecem do leitor o mais profundo desprezo, já que estes não se preocupam com tais problemas. A segunda, a qual cabe o título de diretora e roteirista do filme *A vida secreta das palavras*, filme que narra as relações entre uma mulher seletivamente surda e um homem provisoriamente cego. Há ainda uma terceira *persona* (enquanto personagem) que comparece, no filme, em forma de alusão: a enfermeira Cora do conto “Senhorita Cora” de Julio Cortázar.

A PALAVRA SILENCIADA E A BUSCA PELA LIBERDADE EM O SILENCIO, DE TEOLINDA GERSÃO

Maria Aparecida da Costa Gonçalves Ferreira - UERN
cidaminas@hotmail.com

Renato Leitão Tomaz - IC-UERN
rnt.lt@hotmail.com

A escritura portuguesa contemporânea, a partir da *Sibila* (1954), de Augustina Bessa-Luís, se divorcia do tempo, espaço e ação; a narrativa se constrói em um volteio labiríntico e fragmentado. Teolinda Gersão (1940), em particular no romance *O silêncio*, se encaixa nesse paradigma. Hermético e com um tom quase poético, o romance é denso e se constitui de um emaranhado narrativo, abordando o tema do silêncio nas relações humanas, pauta constante das discussões atuais. Nesse sentido, o nosso objetivo com esse estudo, que é parte de uma pesquisa que desenvolvemos na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, é compreender a angústia silenciosa da personagem central Lídia, do romance *O silêncio*, e como se dá a relação dessa mulher com seu companheiro Afonso. Entendemos que a compreensão do texto, a partir da diluição das relações no mundo atual, e que a busca de se fazer ouvir em um mundo silencioso e egoísta conduzem o romance de Teolinda Gersão. Observamos, pois, que o romance se desenvolve em um cenário nebuloso. A história vai se formando a partir da junção de eventos do presente e de reminiscências que Lídia tem de sua infância, que vão surgindo mesclados na narrativa. A história de Lídia vai sendo tecida, ou torcida à medida que ela vai rememorando a vida de sua mãe Lavínia, e sua própria vida. Embora densa e complexa, a narrativa é intensa de significados que penetramos, ou tentamos penetrar, constatando, sobretudo, em nossa investida, uma busca angustiante das personagens de se libertarem de coisas que nem elas próprias conseguem definir, embora deixando pistas sobre a necessidade urgente de se compreenderem enquanto sujeitos no mundo.

IMAGENS: TEMPOS ESPACIALIZADOS NA POESIA DE ANA LUÍSA AMARAL

Maria Aparecida Junqueira - PUC-SP
junqueirama@uol.com.br

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a construção poética de Ana Luísa Amaral. A partir da análise de poemas, pretende-se apreender como sua poética é (des)tecida na tradição poética ocidental, seja por meio de imagens, que capturam um real em metamorfose; seja por meio de um sujeito lírico que se revela e esconde em situações e acontecimentos e/ou marcas dilaceradas de linguagem; seja por meio da tensão que estabelece entre tempo e espaço ao espacializar em imagen(s) tempos que se contradizem. Sua poética parece interrogar e desconstruir-se em re-ação à tradição, considerando, em diálogo, um tempo-espaço transhistórico.

O EXCESSO NA REPRESENTAÇÃO E NO REPRESENTADO: UMA ANÁLISE DA PRESENÇA DE TRAÇOS BARROCOS EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*, DE JOSÉ SARAMAGO.

Maria Cecilia Rogers Paranhos - UFF
mcrparanhos@hotmail.com

Este trabalho surgiu como desdobramento do projeto *Do Barroco ao Neobarroco: configurações da ficção portuguesa contemporânea*, de autoria da professora e orientadora Dr^a. Dalva Calvão, da Universidade Federal Fluminense. Com base em obras como *A Cultura do Barroco*, do historiador espanhol José Antonio Maravall, *A Idade Neobarroca*, do italiano Omar Calabrese e *A Dobra: Leibniz e o Barroco*, de Gilles Deleuze, este estudo se propõe a desenvolver uma análise sobre a permanência de traços barrocos característicos do excesso, presentes, tanto na forma da representação quanto no conteúdo representado, no romance *Ensaio sobre a Cegueira*, do escritor português contemporâneo José Saramago. Entenderemos como contemporânea as décadas da segunda metade do século XX até agora e denominaremos “neobarroca” essa permanência de uma forma particular de ver o mundo, que se observa, nesta obra, entre outros aspectos, pela expressão exagerada na representação da crueldade e da violência do homem, através de uma narrativa desdobrada e igualmente excessiva. A violência descrita repete assim um comportamento que, no contexto histórico do século XVII, marcou uma sociedade desencantada e pessimista. Esse mesmo desencanto e esse mesmo pessimismo vemos evidenciados nessa nossa sociedade contemporânea, esvaziada em seus valores e sonhos, em que a vida é um jogo caótico e exacerbado de agressividade do homem contra o homem. Essa similitude traz para a obra de Saramago descrições marcadas pelo exagero barroco de detalhamento das cenas de crueldade, muitas vezes pinceladas pelo prazer de impor-se ao mais fraco uma humilhante subjugação. Para explicitar esses aspectos, recortarei trechos do livro de Saramago, a partir dos quais defenderei minha análise.

DE CIFRAS OU DE ADÍLIA

Maria Christina de Azevedo Gomes - UFF
mchris.gomes@hotmail.com

Dentro do Projeto de Pesquisa “Dinheiro, mercado e valor na moderna poesia portuguesa: uma estranha necessidade”, do Professor Doutor Luis Maffei (UFF), insere-se a minha pesquisa, intitulada “Reflexos da *tença* camoniana em alguns poetas contemporâneos”. A proposta deste trabalho é deter-se na análise de “Dinheiro e literatura”, poema de Adília Lopes presente em *Sete rios entre campos*, além de outros poemas de autora que trabalhem temática semelhante. A poética de Adília Lopes não apenas propõe-se a lidar com o real de modo bastante surpreendente no cenário da poesia portuguesa contemporânea, absorvendo discursos aparentemente antilíricos, mas também a discutir profundamente o tema do valor. O eixo desta comunicação será, portanto, um diálogo com a ideia de valor e dignidade do discurso poético que figura no “Canto X” d’*Os Lusíadas* de Camões, e com o poema de Sophia de Mello Breyner Andresen, “Camões e a tença”. A fundamentação crítico-teórica advirá de estudos recentes da ensaísta portuguesa Silvina Rodrigues Lopes (os textos “Vário, singular: perseverança canto sobriedade (a deslocante contemporaneidade)” e “A especialização em literatura (e outras artes...)”, além do livro *Literatura, defesa do atrito*) e da postulação marxiana de que as relações de troca linguísticas podem ser pensadas a partir da história das relações de troca comerciais.

ESTA CASA “ONDE TUDO MUDA CONTINUANDO IDÊNTICO”:
UMA LEITURA DE *O ARQUIPÉLAGO DA INSÔNIA*, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Maria Clara Antonio Jerônimo - UERJ
mcaj@oi.com.br

“De onde me virá a impressão que na casa, apesar de igual, quase tudo lhe falta?” Apresentada pela voz de um autista, a casa, uma herdade na região do Ribatejo, é, pode-se dizer, um signo de grande destaque no romance *O arquipélago da insônia*, do renomado escritor português António Lobo Antunes. A casa é a materialização da história de uma família, de suas três gerações: o poder, o nada e o nunca. Símbolo da origem, representação do universo em toda sua unidade, a casa, no romance que este trabalho se propõe a estudar, tem múltiplos significados. Passado e presente. Glória e ruína. Construção e desconstrução. Falta e completude. Vozes e silêncio. Vida e morte. Pensando a herdade do Ribatejo, pensando a casa portuguesa, Lobo Antunes pensa o homem na contemporaneidade. Assim, propomos uma leitura de *O arquipélago da insônia* por meio do símbolo da casa, “esta casa cheia de interrogações que se destrói a si mesma”. Livro exigente, personagens espectrais articuladores de uma polifonia alucinante, passado e presente costurados por um discurso inteiramente fragmentado e incessantemente reconstruído. O romance, cujo enredo é uma linha tênue, é acima de tudo um arquipélago de palavras; palavras marcadas pelo silêncio, repletas de poesia.

DIÁRIO DE UM REAL-NÃO-EXISTENTE:
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITA LLANSOLIANA

Maria Cristina Antonio Jerônimo - UFF
mariacristina.aj@hotmail.com

O gênero diário (para muitos encarado como subgênero) tem um espaço privilegiado na obra de Maria Gabriela LLansol. O diário, como sabemos, é um tipo de obra em que o seu autor relata, de forma cronológica, na maioria dos casos, fatos ou acontecimentos do dia a dia, registra as opiniões das mais diversas, suas confissões e/ou meditações. Ao pensarmos na escrita llansoliana, sabemos que submetê-la a classificações, a eleição de um “gênero” mostram-se movediças, uma vez que tal escrita não parece se sujeitar à mera lei dos gêneros. Ainda assim, os diários, no *corpus* llansoliano, são quatro: *Diário I, Um falcão no punho*; *Diário II, Finita*; *Diário III, Inquérito às quatro confidências*; e o último, ainda inédito, o *Diário do Terceiro Ele*. O objetivo desta comunicação é discutir, propor análises para o *Diário I, Um falcão no punho*, editado pela Rolim, no ano de 1985, e reeditado em 1997, pela Relógio D’Água. Tal estudo não pretende desconsiderar que a escrita de Maria Gabriela LLansol, às vezes equivocadamente associada ao absurdo, exige do seu leitor-legente mais que o “levantar a cabeça barthesiano”, ela exige do seu legente uma tentativa de conciliação, antecedida pela necessidade de se libertar, de se destituir da “impostura da língua”.

A ARTE DA DISSIMULAÇÃO NAS FICÇÕES DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES E DE SEVERO SARDUY

Maria Cristina Chaves de Carvalho - UFF
mcriscar@hotmail.com

Nesta comunicação, apresento uma proposta que está vinculada ao meu projeto de tese de doutorado, uma análise comparada entre as obras *Que farei quando tudo arde?*, de António Lobo Antunes, e *Cobra*, de Severo Sarduy, buscando uma articulação entre os seus pontos convergentes e divergentes, examinados à medida que revelam seus procedimentos de escrita. Nesses romances são encontrados relatos - que mais se assemelham a reminiscências -, que vêm promover a exaltação do corpo e o uso de máscaras, elementos perceptíveis nas tramas do texto como uma estratégia de encenação que, para Severo Sarduy, revela a "teatralização da escritura". Nesse sentido, o gesto de travestir-se pode provocar a ilusão da aparência no corpo das palavras, considerando-se que as personagens dos romances passam por um processo de metamorfose, o qual engendra imagens, vozes e ecos como fragmentos que espelham a dissimulação num tempo recuperado pela memória

O TRÂNSITO DA TEORIA DA LITERATURA E DA LITERATURA COMPARADA: UM LUGAR PARA A LUSOFONIA FACE À EMERGÊNCIA DOS ESTUDOS CULTURAIS E DA TEORIA

Maria da Penha Campos Fernandes
Universidade do Minho - Portugal
mpenha@ilch.uminho.pt

Na segunda metade do século XX, no âmbito das chamadas «Humanidades», um leque de reflexões teóricas expandiu-se internacionalmente, alterando o campo dos Estudos Literários, onde a disciplina da Teoria da Literatura, em termos universitários de organização dos *curricula* e dos programas disciplinares, experimentou uma notória implementação até que os Estudos Culturais se impuseram, tal como o conhecido “Relatório Bernheimer” (1993) o testemunha, ao tratar das consequências desta nova hegemonia no âmbito da Literatura Comparada. O (meta)paradigma culturalista e interdisciplinar apurou-se através do intercâmbio com um complexo corrosivo de razões e sugestões globais a que se tem denominado “Teoria” (Rorty, Culler), com o qual a Teoria da Literatura, se quiser sobreviver como disciplina fundamentada no estudo de um objecto específico, se obriga a dialogar e, conseqüentemente, a modificar-se. É objectivo deste trabalho abordar este problema, privilegiando a possibilidade do contributo multicultural da lusofonia.

IRONIA E ESCRITA NO LIVRO DO DESASSOSSEGO

Maria das Graças de Castro Nogueira - PUC-MG
gnoseira@uai.com.br

Sabe-se que os heterônimos de Fernando Pessoa apresentam soluções fingidas e artificiais para a questão da angústia do ser humano. Trata-se de máscaras que se sabem máscaras: embora voltando ao mundo clássico (Ricardo Reis), fugindo para a natureza (Alberto Caeiro) ou mergulhando na modernidade e no futurismo (Álvaro de Campos), todas elas se confessam incapazes para resolver os problemas existenciais do homem moderno. A comunicação focaliza a postura do semi-heterônimo Bernardo Soares para demonstrar que ela difere da dos mencionados heterônimos, pois, valorizando o jogo da escrita, fala diretamente de negatividade, vazio e impotência. A cada fragmentação observada no *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa/Bernardo Soares, obtém-se uma visão de sua linguagem por meio de um efetivo exercício do modelo clássico da ironia: *só sei que nada sei*. Nessa retórica, buscam-se juntar a um diálogo outras posturas de ironia, por exemplo, a ironia humores que busca o término das certezas que se estabelecem entre significantes e significados, dos jogos de enganos, do paradoxo do fazer artístico do poeta que lê o ser humano, que lê a sociedade e o mundo, e da ironia romântica, cujo autor procura comunicar-se com o leitor. E tudo isso ganha a sua marca no texto pessoano e se entrelaça de modo a constituírem imprescindíveis interpretações. Nesse estudo pretende-se refletir sobre a escrita e a ironia do autor.

QUANDO O DIÁRIO É UM ARDIL:
UMA LEITURA DE *A HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR,
E de *UM FALCÃO NO PUNHO*, DE MARIA GABRIELA LLANSOL

Maria das Graças Fonseca Andrade - UESB
mgfandrade@gmail.com

Nesse trabalho, propomo-nos a examinar comparativamente a narrativa de *A hora da estrela*, da escritora brasileira Clarice Lispector, de 1977, e *Um falcão no punho*, da escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol, de 1985. Em *A hora da estrela*, que não pode exatamente ser classificado como um diário, encontramos entre as várias histórias que se conta, algo que poderia ser tomado como o diário de um autor, uma vez que nos deparamos aí com o registro do embate do escritor Rodrigo S. M. com a personagem que ele está criando (Macabéa), com a escrita, com a palavra, com a vida, com o silêncio, com a morte. Já *Um falcão no punho* é classificado como diário. Mas ao lê-lo, ao contrário do que poderíamos presumir, não temos acesso ao desvelamento de um eu, o que ele revela é, antes, um segredo impessoal. Assim, o diário de Llansol nos remete não para a anotação dos fatos, da vida vivida, porque para ela, como para Lispector, o fato notável, digno de ser notado, registrado, é a própria escrita. O que fica são as marcas indeléveis de um sujeito que arranja, de um modo singular, o corpo selvagem das palavras. Esse trabalho é resultado do projeto de pesquisa que estamos desenvolvendo junto à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, intitulado “O diário da escrita de Clarice Lispector – Uma leitura de *Água viva*, *A hora da estrela* e *Um sopro de vida*”.

SALOMÉ, O MITO. SUAS TRANSFORMAÇÕES E REFLEXOS NA LITERATURA
PORTUGUESA

Maria de Pompéia Duarte Santana e Souza - UCSAL
peiasouza@gmail.com

O presente trabalho pretende analisar um mito anterior a Cristo, como de Salomé que atravessou aquele tempo até o final do século XIX e o início do século XX e, quais as transformações sofridas na sua representação literária com base na análise de um poema de Eugênio de Castro.

DE SÃO TIAGO A SANTO ANTÔNIO E AO PADRE VIEIRA:
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A ORATÓRIA CRISTÃ

Maria do Amparo Tavares Maleval - UERJ
amparo.maleval@yahoo.com.br

Nossa proposta de comunicação se insere no âmbito da pesquisa que desenvolvemos na UERJ, com bolsa do CNPq, sobre “A retórica das hagiografias e crônicas medievais galego-portuguesa (séculos XII a XV)”. Com a brevidade adequada ao limite de tempo que a ocasião nos impõe, pretende-se inicialmente resgatar o pressuposto de que a arte de pregar medieval resultou do enlace da retórica clássica, notadamente através do magistério de Cícero, com a tradição exegeta judaica e as lições exemplares e meta-discursivas que dessa arte os Evangelhos nos fornecem. Em seguida, reconstituir a memória do dom da oratória do padroeiro de Galícia (e da Espanha) que com o seu irmão João foram denominados por Jesus Cristo de Boanerges (Filhos do Trovão). Passaremos, daí, para o resgate do destacado papel que na prédica cristã exerceram o franciscano Santo Antônio de Lisboa, que principalmente em Pádua e arredores desenvolveu a sua prédica, e o seu leitor jesuíta, Padre Antônio Vieira, português que no Brasil descobriu e exerceu a parenética. Intentamos observar como os conceitos de orador, de auditório e da matéria do discurso se apresentam em textos de ou sobre os citados santos e o jesuíta.

O RELATO MARAVILHOSO NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA
DO *AUTO DA ALMA*, DE GIL VICENTE

Maria do Carmo Faustino Borges - UEM
mariacfabo@hotmail.com

Este estudo constitui-se de uma pesquisa bibliográfica, cujo enfoque é o de observar a função do gênero maravilhoso na construção da narrativa do *Auto da Alma*, de Gil Vicente, representado em 1518. Texto que impõe ao leitor uma interpretação alegórica, ao tratar da figuração do homem que transita por um espaço de experimentação, lugar atravessado pela convergência do Bem com o Mal, que se esforça por transpor. Obra de cunho didático-moralista, os artifícios desse gênero criam identidades nas personagens que as potencializam a representar um discurso teológico intencional. O elemento maravilhoso é o que possibilita a transposição de um sermão de cunho cristão em um texto literário através da personificação da Alma, do Diabo, da Igreja, do Anjo, dos Santos e de objetos que

servem à representação do mundo idealizado pela doutrina da Igreja. Ainda que a existência do maravilhoso esteja presente nas obras desde a Antiguidade, a teoria da literatura fantástica o considera na sua consistência artístico-literária a partir do Romantismo. As referências de apoio desta pesquisa constam a partir de Todorov, Le Goff, Rodrigues e Marinho. O *Auto da Alma* tem seu enredo e seu desenvolvimento dependentes da alegoria e do maravilhoso, artifícios utilizados pelo autor para sua constituição temática e literária. Na leitura do texto, o alegórico e o maravilhoso conduzem ao repensar dos caminhos acidentados, dos conflitos e das vitórias do homem que se afastou de um bem e a ele quer regressar – valores morais presentes na literatura de todos os tempos. A busca de noções abstratas (o maravilhoso) que ultrapassam a linguagem concreta que as veicula constitui-se a nossa proposta de comunicação.

CAMINHOS DE FERRO

Maria do Carmo Pascoli - UFBA
m.pascoli@terra.com.br

Na segunda metade do século XIX, propaga-se em Portugal uma ideologia oficial de progresso identificada com o desenvolvimento material. Nesse contexto, os autores, em menor ou maior grau, pensaram a literatura pelo seu caráter documental e como denúncia da precariedade econômica vivenciada pela população camponesa, em larga medida, alheia às propostas elaboradas por aqueles que preconizavam o desenvolvimento da economia portuguesa. Em “O Filho”, conto escrito por Fialho de Almeida, a explicitação dos antagonismos que a idéia de progresso congrega alcança seu apogeu na representação do caminho de ferro; o trem é a causa direta da instauração de um novo ritmo de vida. A máquina, com sua aparência monstruosa e os sons poderosos de suas ferragens, segue vitoriosa pelos trilhos, indiferente ao camponês e a tudo que ele representa: a miséria, a estagnação e a falta de perspectivas. E se, por um lado, o autor situa o trem como símbolo do progresso material, por outro, o comboio representa a morte de um tempo feito de intimidades e certezas, de relações íntegras e duradouras, de uma afinidade com a natureza e com as formas de produção familiar. Nessa narrativa de Fialho de Almeida, a força do progresso material, simbolizada pela locomotiva, esmaga os antigos valores e anseios da família camponesa e evidencia a falta de dinamismo econômico da produção nacional, culpada da emigração dos trabalhadores portugueses para o Brasil.

DIÁLOGOS ENTRE A LÍRICA CAMONIANA E A PINTURA DE PIETER BRUEGEL- UM MUNDO EM DESCONCERTO

Maria do Céu B.Bauler - Unijorge
ceubauler@yahoo.com.br

Contemporâneos, o poeta português Luis de Camões e o pintor flamengo Pieter Bruegel estão entre as figuras mais representativas do Renascimento, por terem manifestado, em suas criações artísticas, as contradições e complexidades do século em que viveram, período marcado pela reinterpretação do homem e do mundo. O fato da revolução cultural

do século XVI não ter ocorrido de maneira uniforme no continente europeu determinou a cada um desses artistas um humanismo com características próprias, particulares, condicionado às suas origens. Apesar de estarem em locais diferentes da Europa, possuem histórias de vida distintas e se expressaram artisticamente por códigos específicos, o pintor e o poeta possuem vários pontos em comum. Artistas ímpares, legaram obras fortemente marcadas pelo traço individual, revelando domínios da vida que não eram comuns aos homens de seu tempo. Ambos exprimiram, Camões em sua lírica e Bruegel em sua pintura, o sentimento de um mundo desordenado, às avessas, em desconcerto. Através de um diálogo entre arte e literatura, partindo da análise de alguns poemas da lírica camoniana e da pintura de Bruegel (com base em leituras de Arnold Hauser, Lessing e Argan) pretendemos trabalhar o tema do desconcerto do mundo, que se revelou preocupação constante nas obras dos dois artistas. Interessa-nos buscar as raízes desse desconcerto, suas formas de representação na poesia lírica camoniana e na arte pictórica de Bruegel e como ele se reflete nos dias de hoje, visto que a angústia e a perplexidade do homem renascentista perante a realidade de um mundo em constante transformação nos soam perturbadoramente atuais.

A BUSCA DE SI MESMA NOS ANAIS DA MEMÓRIA - UMA ANÁLISE DO ROMANCE *CALENDÁRIO PRIVADO*, DE FERNANDA BOTELHO

Maria Edinara Leão Moreira - UFSM
edinaraleao@yahoo.com.br

Calendário Privado, de Fernanda Botelho, é um romance de natureza intimista. A narrativa textualiza a experiência humana em toda profundidade, de uma perspectiva psicológica e do ângulo de visão da personagem feminina principal, Aninhas. O trabalho está vinculado ao grupo de pesquisa: “Transfiguração e Representação na Lírica Portuguesa”. As vivências da personagem são recuperadas através da memória. Essa memória seletiva é o elemento que move a diegese, recolhendo do passado instantes de maior intensidade. A personagem Aninhas, ao rememorar episódios marcantes de sua existência, percebe o desperdício de seu próprio tempo de vida. Na questão amorosa, percebe a amargura de quem pauta a vida em bases falsas e buscas erradas. Após reviver seu passado, a personagem resolve voltar ao lugar das origens, para dali pensar em novos rumos. O presente trabalho pretende relacionar a noção de espaço no romance, com o universo psicológico da personagem Aninhas. O passado é buscado através da memória, que possibilita fazer os ligamentos. A personagem sai do espaço rural, de onde são suas origens; e desloca-se pelo espaço urbano, no período da vida correspondente à adolescência e mais tarde na idade adulta. A construção da personagem é revelada pelos deslocamentos espaciais, através dos quais, perfaz a visão cíclica de uma vida, revisa as escolhas assumidas e percebe limitações humanas no seu percurso, que a levam a tomar a decisão definitiva de voltar ao espaço inicial e perfazer o caminho existencial.

“MINUETE DO SENHOR DE MEIA-IDADE”:

UM “APONTAMENTO”, OU O QUE JÁ ESTAVA ESCRITO

Maria Elvira Brito Campos - UFPI
mebcampos@hotmail.com

Muitos são os estudos que privilegiam as narrativas de viagem dos portugueses, as quais constituem a memória histórica e/ou ficcionalizada daquela nação. O presente artigo faz parte de uma investigação acerca do subjetivismo existencialista na Literatura Portuguesa contemporânea, com pesquisa intitulada *Do Existencialismo na narrativa portuguesa contemporânea: entre lembranças e resquícios*, que busca marcas configuradas no retorno ao ontológico da escrita do escritor português António Lobo Antunes. Sabendo da importância e referência do citado escritor nas Literaturas de Língua Portuguesa no tempo em que estamos vivendo, trazemos à reflexão a crônica “Minuete do senhor de meia-idade”, de António Lobo Antunes, tomada por uma visada comparativa com o poema “Apontamento”, de Fernando Pessoa, na certeza de que estas corroboram um estado de imanência que dão visibilidade aos encontros das personagens consigo mesmas, delineando questões ontológicas e possibilitando reflexões acerca da densidade das paisagens psicológicas que a corrente existencialista nos permite observar. Apesar de o estudo acima referido permear a obra de Lobo Antunes e de escritores contemporâneos, justificamos a escolha do poema de Pessoa por esse se aproximar da temática e pelo possível diálogo que o poema faz com o texto do Lobo Antunes, todos imbuídos em desnudar as dores do existir, as mesmas que nos permitem imaginar como circunscrição do conceito de *Dasein*.

INTERTEXTO E UTOPIA EM A SEPARAÇÃO DAS ÁGUAS, DE LEONEL COSME, E A GERAÇÃO DA UTOPIA, DE PEPETELA

Maria Gabriela Cardoso Fernandes da Costa - UFAL
elismadruga@gmail.com

Fazendo jus ao epíteto de “construtor da angolanidade” que lhe foi atribuído pelo conjunto da sua obra, cujo denominador comum reside na preocupação com a nação angolana, Pepetela escreveu, entre os anos de 1991 e 1992, o romance *A geração da utopia*, através do qual narra a história de uma geração que, em plena época colonial, na Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, sonhava com a independência do seu país e com a possibilidade de construção de uma nova sociedade angolana, vazada no respeito à alteridade, sem dominadores nem dominados. Em 2000, o escritor português Leonel Cosme publicou *A separação das águas* (Angola 1975-1976), romance cuja ação narrativa, como o próprio nome o indica, se passa em Angola e tem como personagens um grupo de amigos envolvidos nos conturbados momentos que antecederam a Independência daquele país. Motivada pelos elos sócio/político/culturais que unem as duas narrativas, pretende-se, neste ensaio, através de uma análise comparativa das obras em pauta, observar as manifestações utópicas e distópicas que embasam a trajetória dos personagens em diferentes representações temporais e espaciais.

TÉCNICA, INOVAÇÕES E SINGULARIDADES NA CANTIGA D'AMOR DE GUILHADE

Maria Goreth Figueredo Vasconcelos - UEFS
gorethfigueredo@yahoo.com.br

A partir da segunda metade do século XII até meados do XIV, a lírica galego-portuguesa desenvolveu-se de modo tão intenso que traços literários da cultura trovadoresca passaram a influenciar as relações sociais, deixando marcas intensas na sociedade ocidental. As *cantigas d'amor* galego-portuguesas, pautadas no jogo amoroso do código de amor cortês, de influência provençal, eram direcionadas a uma dama da corte e tinham como motes fundamentais *a reserva da dama, a pena por um amor não correspondido, o elogio da dama e o amor do poeta por ela*. João García de Guilhade, trovador bastante fecundo com cantigas de todos os gêneros trovadorescos, no entanto, produziu *cantigas d'amor* com características muito interessantes por fugirem desses preceitos do código amoroso. Suas composições apresentam muitas variações temáticas e estruturais, porém sempre demonstrando perfeita utilização das técnicas trovadorescas. Nelas Guilhade inova ao cantar o desejo de viver, ao revelar a identidade da *senhor*, ao infringir regras da mesura no tratamento com a dama e ainda pela produção de cantigas dialogadas, mas principalmente por trovar o amor por uma moça, ousadas que lhe renderam elogios de conceituados estudiosos como D. Carolina Michaëlis, Segismundo Spina, Oskar Nobiling, entre outros. Assim sendo, este estudo se dedica à análise das *cantigas d'amor* deste trovador tão singular com o objetivo de tentar aclarar como se deu a criação de uma obra tão inovadora em uma tradição que enfatizava a manutenção e a reprodução dos modelos.

O ROMANCE PORTUGUÊS DOS ANOS 1930: RETRATOS FEMININOS

Maria Helena Santana
Universidade de Coimbra - Portugal
mahesa@netcabo.pt

Os anos 1930 constituem um período bastante contraditório na vida cultural portuguesa que, em plena vigência da modernidade artística, se acomoda ao conservadorismo social do regime salazarista: o espírito irreverente dos “loucos anos 20” estava ainda vivo na cultura citadina quando, em 1933, entra em vigor a ordem constitucional do Estado Novo, elegendo a Família e o Catolicismo como dois dos seus pilares ideológicos. A polarização da história literária portuguesa em torno das correntes poéticas modernistas descuroou a produção narrativa (menos interessante do ponto de vista estético), relegando-a para o segundo plano das “leituras amenas”. No entanto vale o esforço de resgatar da penumbra o romance desta década, lançando sobre ele o olhar retrospectivo que merece. Privilegiar-se-ão obras publicadas no final da década – de Almada, José Marmelo e Silva, Maria Lamas, Joaquim Paço d'Arcos – que, por razões diferentes, tiveram algum impacto no meio cultural português. Em todas elas sobressaem figuras paradigmáticas de mulheres “modernas”, sugestivas das projecções conflituais do tempo: o desejo individual e a razão colectiva, a convenção e a marginalidade, a ousadia e o conformismo. Destinados a comunicar num

contexto histórico particular, ainda hoje estes retratos de época nos são de algum modo, também contraditório, estranhos e familiares.

MEMÓRIAS/VOZES CRUZADAS NO DISCURSO FICCIONAL DE ANTONIO LOBO ANTUNES

Maria Heloísa Martins Dias - UNESP
mheloisa@ibilce.unesp.br

Com *Manual dos Inquisidores*, seu romance de 1996, Antonio Lobo Antunes estaria inaugurando o que viria a se constituir uma tetralogia do Poder em Portugal, conforme o próprio autor já assinalou. Nosso propósito não é discutir sobre tal conjunto de obras ou o ciclo que elas corporificam, mas focarmos com maior atenção um dos capítulos do romance apontado acima, “Segundo relato (A malícia dos objetos inanimados)”, examinando-o como um microcosmo textual emblemático das preocupações centrais do projeto estético de Lobo Antunes. Nesse texto antuniano, não são apenas as representações do Poder que entram em cena mas também toda uma figuração com objetos e seres inanimados que protagonizam ou contracenam com as personagens, resultando uma composição feita de muitos fios tecidos em círculo. Relações intersubjetivas abortadas, caminhos entrecruzados no jogo com o tempo e a memória, falas intercaladas, encontros e contrapontos, vozes metafóricas, enfim, é essa estrutura ficcional que atrai o leitor em busca da captura de possíveis sentidos.

ESBOÇO DE APROXIMAÇÃO: OBRAS PORTUGUESAS E AFRICANAS DA HORA

Maria Lúcia Dal Farra - UFSE
mldalfarra@sergipenet.com.br

Se considero a safra literária portuguesa e africana publicada no Brasil no ano passado, me dou conta de que a interlocução destas obras com a nossa cultura está sempre viva, a ponto de comparecer como cerne tanto em *Rio das Flores*, de Miguel Sousa Tavares, quanto em *A eternidade e o desejo*, de Inês Pedrosa. Nos livros de poemas *O osso côncavo*, do moçambicano Luís Carlos Patraquim, e em *Lisbon blues*, do caboverdiano José Luiz Tavares, poetas como Drummond, Bandeira e João Cabral ali se albergam de corpo inteiro. Aliás, estes dois volumes apresentam traços de insurreição literária que revertem a sua própria condição de periferia em bens inestimáveis. Também uma frisada preocupação de índole social e uma marca identitária pedem espaço dentro deste elenco de obras. No caso das africanas, o interlocutor central é sempre Portugal; todavia se o amálgama entre a cultura brasileira e a portuguesa se expressa possível, por outro lado, a fusão cultural entre Moçambique e Portugal se mostra impraticável no romance de Mia Couto, *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, enquanto em *Predadores*, de Pepetela, a aliança entre Angola e Portugal se dá pelo viés mais nocivo.

O colonialismo e a sombra funesta do salazarismo estão pulsantes, de uma ou outra forma, em todos os romances. A parábola, forma narrativa adaptável, serve de estrutura

ficcional para dois dos aqui elencados: *A viagem do elefante*, de Saramago, e *Aprender a rezar na era da técnica*, de Gonçalo Tavares; este último e *Predadores* narram, aliás, um mesmo percurso humano e social por meio de estilos absolutamente alheios e até conflitantes. A metaficção é o expediente recursivo no caso de quase todos os títulos, com exceção talvez do “romance histórico” de Miguel Sousa Tavares e daquele de Mia Couto porque neste, o próprio viés mágico substitui, digamos assim, tal recurso literário que, aliás, se acha ousadamente engendrado em *Cemitério de pianos*, de José Luís Peixoto, e em *Ontem não te vi em Babilônia*, de Lobo Antunes. Bizarra é também a incidência de uma temática que percorre pelo menos 4 dos 6 romances aqui elencados, o que pode ser visto quase como uma tendência deste tipo de publicação no Brasil do ano 2008. Refiro-me à preocupação de narrar uma saga familiar, observada tanto no citado romance de José Luís Peixoto quanto no de Lobo Antunes, para além dos de Pepetela e de Miguel Sousa Tavares.

SER BEGUINA HOJE, A UTOPIA DE MARIA GABRIELA LLANSOL

Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira - UFF
maluciao@hotmail.com

Condição ao mesmo tempo misteriosa, espiritual e sedutora, ser beguina em Llansol é mais do que praticar a beguinagem dos séculos XII e XIII, quando mulheres optaram pela vida em comunidades católicas laicas, fundadas nos Países Baixos. Na década de 1970, a escritora foi beguina na Bélgica, quando para lá se retirou com o marido Augusto, para livrar-se da ditadura que recrutava soldados para a guerra colonial. Do perfil originário da identidade beguina, podemos destacar alguns traços que persistem no texto de Llansol: condição feminina, irmandade, contemplação, atividade, ajuda, espiritualidade, intelectualidade, missão. O aspecto mais interessante que une as beguinas à textualidade llansoliana é o fato de terem se dedicado não só à oração, mas aos trabalhos manuais – o tecer e o bordar – e à leitura e à escrita, ações que têm a mesma etimologia: são tecelãs de tecido e de texto. Nesta comunicação, parte de um trabalho de pesquisa intitulado “Escrita e sujeito: resistência e utopia no romance português contemporâneo”, não queremos focalizar as personagens beguinas das obras de Llansol - que começam pela presença de Ana de Peñalosa n’*O livro das comunidades* (1977) -, mas a forma que a beguinagem é praticada como texto em resposta à dissolução do sujeito e dos valores na atmosfera de mal-estar da pós-modernidade. Observando este novo sentido de beguinagem, verificamos que ele se associa à recusa do narcisismo do sujeito contemporâneo tematizado por Sennett (1988), configurando-se como proposta que tem afinidades e raízes em pensadores do passado (Spinoza, Nietzsche) e do presente (Barthes, Blanchot, Foucault e Agamben). Na textualidade llansoliana há uma subjetividade declinada em feminino cuja *missão* parece ser a de recuperar a *contemplação* (‘reflexão’), a *irmandade* (convivência no planeta entre

coisas, animais e pessoas) e a *espiritualidade* laica que sustenta uma outra *intelectualidade* de matiz utópico.

ESPECTROS DA REVOLUÇÃO:
ARQUIVOS DO 25 DE ABRIL EM JOSÉ CARDOSO PIRES

Maria Luiza Scher Pereira - UFJF
mlscher@acessa.com

Esta comunicação apresenta resultados parciais da pesquisa em desenvolvimento no Projeto “Literatura e Arquivo: o autor como leitor, colecionador e produtor de elementos de arquivo” (Proc 308816/2006-4 CNPq). Considerando o livro *Espectros de Marx*, de Jacques Derrida, observou-se como o ideal da revolução se escreve em textos de Cardoso Pires, antes e depois do 25 de abril. O trabalho tem como *corpus* contos e textos de *Jogos de azar* (1963), *E agora, José?* (1977) e *O burro em pé* (1979), a partir dos quais pudemos refletir de que modo o desejo da revolução – da ordem do conceito – se confronta com a experiência da revolução – da ordem do fenômeno. O texto de testemunho do 25 de abril, escritos no calor da hora e publicados no livro de 77, reorientam a leitura dos contos e contribuem para se compreender como a vivência da Revolução dos Cravos interveio na ficção de Cardoso Pires.

A MEMÓRIA E SEUS PERCURSOS: TRÂNSITOS DA LITERATURA BRASILEIRA
NA ÁFRICA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Nazareth Soares Fonseca - PUC-MG
nazareth.fonseca@gmail.com

Muitos textos e obras da literatura brasileira estiveram presentes, nos países africanos de língua portuguesa, em momentos importantes da formação e desenvolvimento de projetos literários formulados com a intenção de se definirem feições locais para a literatura. Tendências da literatura brasileira aportaram, extemporaneamente por vezes, na África de língua portuguesa produzindo um rico repertório de imagens que indicam os modos com a terra brasileira, através da literatura, era vista a partir dos espaços africanos. Esse repertório de imagens de Brasil, construído a distancia e emoldurado pela utopia da liberdade a ser conquistada, tem feições importantes que merecem ser revistas e reconsideradas para que se compreenda os modos como a literatura brasileira se instalou em espaços africanos e como os escritores africanos, na atualidade, continuam a trilhar os caminhos literários brasileiros, com o coração em África.

MEMÓRIA E IMAGINÁRIO “DESPERTOS”
EM *TERRA SONÂMBULA*, DE MIA COUTO

Maria Perpétuo do Socorro Galvão Simões - UFPA
galvão@ufpa.br

A memória e o imaginário interatuam, através da linguagem, num processo cognitivo que promove o conhecimento e constitui espécie de indiscutível mediação das relações do homem com o mundo. O que está impresso na memória e identificado no imaginário do grupo institui-se por meio da linguagem e de sua competência comunicacional e interativa. A memória e o imaginário são construídos discursivamente como práticas de linguagem, que se organizam em forma de discurso, seja ele registro oral ou escrito. Assim sendo, memória e o imaginário são colocados à prova em toda oportunidade em que algo se enuncie com índices de memória ou marcas de imaginário. *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, é, sobretudo, um exemplo da presença da memória, nem sempre prazerosa, e da ostensiva manifestação do imaginário de um povo assinalado pela necessidade de trazer à tona o seu passado e de buscar meios de se mostrar, um mostrar-se que privilegia um mundo tumultuado pela presença da morte e atado à realidade opressora e desmerecida, de um pós e permanente guerra, enfim, os conflitos moçambicanos são de toda ordem e parecem não ter fim.

A RECEPÇÃO CRÍTICA À MORTE INTERMITENTE

Maria Rita Sousa Barbosa - UEFS
marriarita@gmail.com

Este trabalho pretende analisar a crítica destinada ao livro *As intermitências da morte*, que é lançado em 2005, no Brasil, pela editora Companhia das Letras e, em Portugal, pela editora Caminho, duas das maiores e mais importantes editoras desses respectivos países. Com uma tiragem de cem mil exemplares e o otimismo do autor de que o livro chegará à terceira edição, a mídia e a crítica recebem o novo romance de José Saramago, a princípio, com certo alarde; em seguida, com um silêncio incômodo, provavelmente muito em função da temática. Afinal, tratar a morte na perspectiva de uma reflexão mais profunda acerca da finitude humana não é exatamente um assunto confortável para a sociedade acostumada a camuflar a presença da “indesejada das gentes”, como a ela se refere o poeta Manuel Bandeira, em seu poema “Consoada”. Embora Saramago tenha afirmado em entrevistas que considera este um de seus melhores livros após o Nobel, parece haver ainda alguma resistência ao fato do autor ter trazido de volta um tema tabu. Partindo mais uma vez de uma pergunta-hipótese: o que aconteceria se...? Saramago brinca com a morte a pretexto de falar da vida. Desvestida da imagem aterrorizante, a morte humaniza-se, não apenas porque se personifica mulher, mas porque se torna sensível aos sentimentos humanos. Rastreado a crítica jornalística, à época do lançamento da obra, buscaremos discutir sua recepção.

QUE ANGOLA ESCREVE O CONTO ANGOLANO HOJE?

Maria Teresa Salgado - UFRJ
teresa@atlanticaedu.com.br

O lugar cimeiro ocupado hoje pelo conto angolano deve-se não apenas à sua proximidade com as formas narrativas do continente africano, mas, sobretudo, às múltiplas potencialidades que cedo foi chamado a exercer no espaço das literaturas que emergiram em África - sobretudo na África de língua portuguesa - transformando-se, graças a sua plasticidade, em um gênero ideal para o exercício da diversidade. João Melo, José Eduardo Agualusa e Ondjaki são os nomes que destaco nesse panorama. Em diálogo com o ensaio de Mia Couto (“Que África escreve o escritor africano?”), procuro mostrar de que modo o conto angolano contemporâneo vem escrevendo Angola hoje, saindo da armadilha de um mundo africano, evidenciando ricas mestiçagens e olhares plurais tecidos a partir de experiências de crise e contradição.

QUANDO A TERNURA VIAJA NUM BARQUINHO DE PAPEL

Maria Theresa Abelha Alves - UFRJ/CNPq
mtabelha@uol.com.br

Tempo em desassossego, vidas em desassossego, país em desassossego, eis o que o romance, *Boa Noite, Senhor Soares*, nos apresenta, quando surpreende o semi-heterônimo de Fernando Pessoa e se apropria de seu *Livro do Desassossego*. Partindo de um fragmento em que Bernardo Soares focaliza aqueles que com ele trabalhavam e outro que narra a despedida de um caixeiro que haveria de regressar à aldeia natal, Mário Cláudio faz ficção da ficção. Os personagens que fazem parte do *Livro do Desassossego* e que compõem os trabalhadores do armazém são atualizados com as mesmas características que possuíam no livro original. Do jovem aprendiz de caixeiro, António, fornece-se também uma vida familiar. Outros personagens, que não faziam parte da obra matriz, passam a figurar na nova narrativa, compondo os familiares do caixeirinho que é quem estabelece a interação entre o espaço laboral e o doméstico, tornando possível efetuar uma história da vida privada. A sociologia do tempo figura no romance por meio de uma estética de contrastes e desconsolação que coloca em campos opostos ricos e pobres, homens e mulheres, trabalhadores qualificados ou não. Tudo isso se faz mediante um discurso intertextual e metaliterário. Além da representação discursiva do social, além do discurso artístico que a si mesmo se interroga, o romance veladamente insinua uma possibilidade outra de distribuição dos modelos comportamentais, através de um muito terno e inocente discurso amoroso que comprova que o amor tem as suas sutilezas e pode se manifestar ou por um discreto “Boa noite”, ou por um abraço envergonhado entre lágrimas, ou por um barquinho de papel onde se gravou o nome que escrito estava no coração.

MEMÓRIAS EM TRÂNSITO NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS: ARTES DO IMAGINÁRIO E ACERTOS COM O REAL

Maria Zilda da Cunha - USP
mzcl@usp.br

Ao puxar fio da História, articulando formas e razões pelas quais uma obra se perpetua, busca-se irmanar, na língua e nas linguagens, povos cujas experiências literárias podem parecer diversas, mas que têm em comum uma raiz histórico-cultural compartilhada. Para isso, pretendemos acercar-nos de *Nau Catarineta*, poema romanceado, publicado no *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, de Almeida Garret em 1843, das versões contemporâneas de Antonio Torrado, Roger Mello, além do roteiro realizado por Suassuna e da *performance* de Antonio Nóbrega em *Lunário Perpétuo*. Interessa-nos, neste percurso, menos a recordação do acontecido no episódio das navegações do século XV e mais a construção dos sentidos dessa rememoração. Distanciados da concepção etnocêntrica de fontes e influências, ou de débitos e filiações, que marcaram as trocas simbólicas tradicionais e unilaterais, orientamos nossa viagem investigativa pela via do diálogo, como forma de intercambiar textos e culturas e, ao mesmo tempo, redescobri-los. Pela via da literatura para crianças e jovens, nosso exercício pretende travessias, ler nas fronteiras, na expectativa de compreender, neste tempo de reinvenção das grandes navegações, culturas mapeadas por essa realidade de fronteiras múltiplas. As reflexões que aqui empreendemos resultam de reflexões empreendidas pelo grupo de pesquisa coordenado pela autora, na Universidade de São Paulo, com a participação de alunos do curso de graduação, de pós-graduação e de professores doutores que desenvolvem pesquisas na área. Grupo que, no âmbito dos estudos comparados de literatura de língua portuguesa, estuda a produção literária contemporânea para crianças e jovens.

O AMOR NO PODER: PAULA E GABRIEL

Mariana Rocha Santos Costa - UFBA
maryrochas2@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo a discussão da imagem do amor no par Paula e Gabriel, personagens do romance português *Pedro e Paula*. Escrita por Helder Macedo, tal narrativa é bastante complexa, no sentido em que proporciona ao leitor pontos de vista bastante diversos sobre os mais variados temas: as relações intrafamiliares e o desmoronamento dos valores sociais ligados à família; os elementos historiográficos que pintam a dificuldade que Portugal viveu durante décadas em meados no século XX sob o pesado jugo imposto por Salazar até a Revolução dos Cravos; os movimentos de liberdade e antirrepressão que a juventude liderava, como o Maio de 68, e tantos outros aspectos presentes em uma única obra de cunho ímpar. Entretanto, também entre eles podem-se colocar os obstáculos e o poder expiatório do amor de uma garota e seu padrinho. Paula, que sofre um abuso sexual cometido por seu irmão, mantém uma relação amorosa com Gabriel, em que ela também procura um pai. Portanto, a idéia de incesto permeia toda a obra. Macedo traz à tona o tema bíblico de Esaú e Jacó: irmãos gêmeos que se digladiam no

contexto familiar, os quais na literatura foram ilustrados pelos personagens machadianos Pedro e Paulo. E a partir dos desenlaces nas relações familiares, ele mostra a capacidade redentora de um amor que surge para expurgar os fantasmas da violência de Pedro contra a irmã.

A ALMA ENQUANTO MÔNADA: PARA UMA LEITURA DE
ONTEM NÃO TE VI EM BABILÓNIA, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Mariana Neto Silva Andrade - UFF
mariana.and@hotmail.com

O mundo é composto por uma “infinidade de almas individuadas”; cada pessoa reflete o mundo dentro de si mesma, interpretando-o a sua maneira. A esse estatuto do sujeito, que está a um só tempo integrado ao entorno e enraizado em suas percepções, Gilles Deleuze atribuirá a condição de mônada – termo extraído da teoria leibniziana –, operando um diálogo explícito entre as ideias do teórico alemão e a percepção de mundo própria do instante barroco. A premissa por ele postulada parece-me aplicável à trama de *Ontem não te vi em Babilónia*, romance de António Lobo Antunes, escritor português, publicado no ano de 2006. É possível vislumbrar, na construção dessa obra, o mesmo conceito trabalhado por Deleuze: a alma enquanto mônada, lugar de reclusão e afastamento, que força os indivíduos a, ainda que componentes de um mesmo microcosmo social, encerrarem-se em suas convicções. Se cada indivíduo conserva a sua perspectiva sobre o que lhe é externo, é assim que esse real nos será transmitido: como uma composição, ou jogo de espelhos – outra noção essencialmente barroca – mediante o qual um mesmo acontecimento produzirá efeitos diversos e será narrado por vozes distintas. Constituindo-se enquanto mônada, cada personagem trará para a trama o seu espaço próprio e a sua percepção única da realidade. Pretendo analisar aqui, à luz do pensamento de Deleuze, o lugar das personagens na obra: aparentemente díspares, elas vão se revelando sujeitos ao mesmo tempo próximos e distantes; compartilhando insônia e memórias, fragmentando impressões e contatos. O presente trabalho é fruto de minha pesquisa em Iniciação Científica, efetuada sob a orientação da Professora Doutora Dalva Calvão e articulada ao projeto desenvolvido pela mesma, a saber: *Do barroco ao neobarroco: configurações da ficção portuguesa contemporânea*.

ESCREVER O MAR: GRAFIAS (CRONO)TÓPICAS
EM AFONSO HENRIQUES NETO E MANUEL GUSMÃO

Marleide Anchieta de Lima - UFF
marlady@uol.com.br

Este trabalho vincula-se ao grupo de pesquisa CNPq/UFF “Poesia e Contemporaneidade” e tenciona desenvolver um estudo comparativo entre a poesia contemporânea brasileira e portuguesa. Para atingir tal objetivo, serão observadas as estratégias verbais e visuais empregadas pelos poetas Afonso Henriques Neto (Brasil) e Manuel Gusmão (Portugal) na escrita e na reinvenção da imagem do mar, assim como a invocação de outras vozes que a

escreveram em diferentes momentos histórico-culturais. Ao visitarem “praias temporais” diversas, esses poetas constroem grafias cronotópicas, em que as referências ao mar sugerem vestígios mnemônicos da paisagem e do sujeito poético. Desse modo, o processo de escrever o mar propõe a diluição de fronteiras espaço-temporais e intersubjetivas, abrindo-se para encontros, tensões, descobertas, mudanças e outras possibilidades imprevistas de sentido. Com esta proposta, o trabalho, cuja temática volta-se para as relações entre visualidade e subjetividade, pretende integrar a mesa de comunicação com os pesquisadores Leonardo Gandolfi, Franklin Alves Dassie e Denise Grimm, integrantes do referido grupo de pesquisa.

A SOCIEDADE DE CONSUMO COMO OBJETO DE CONTOS DO ESCRITOR
PORTUGUÊS JOSÉ SARAMAGO E DO BRASILEIRO J. J. VEIGA:
CONFLUÊNCIAS TEMÁTICAS.

Marilúcia Mendes Ramos - UFG
marilucia_ramos@uol.com.br

Neste artigo, pretende-se cotejar contos dos três autores, os quais versam sobre a sociedade de consumo numa linguagem que por si só já instiga a uma análise. O livro escolhido do escritor português José Saramago é *Objeto Quase*, publicado pela primeira vez em 1978. Como o próprio título já sugere, o objeto é o homem quase, de tanto que homem e objetos estão co-fundidos no mundo consumista. Homem “coisificado” e coisas humanizadas, eis o estado doloroso a que o homem chegou, preocupando-se primordialmente com a proteção de seus bens de consumo. Composto por seis histórias curtas e densas, que parecem organizar a história do homem em quadros que o recompõe, o livro traz a vingança como sua força motriz. Os enredos de cada quadro são construídos de modo conscientemente ponderados, assim cada palavra chama por uma outra em busca de uma precisão que conduz também o leitor à consciência. A problemática do capitalismo que leva o homem a um estado de inconsciência também foi abordada pelo escritor goiano J. J. Veiga. Em suas onze histórias de *Objetos Turbulentos* (1997), que versam sobre objetos de desejo, ou sobre pessoas que vivem em torno de um objeto que se impõe em um determinado momento, o autor vale-se de uma linguagem simples, bem próxima da oralidade, e tal escolha o aproxima da coisa narrada, criando uma intimidade entre o mundo que narra e seu leitor, mesmo que o fantástico se imponha. As mercadorias circulam nas esteiras e a escrita se move em ciclos levando ao diálogo escritores de cá e de lá, como procuraremos discutir.

ESPAÇO E SUBJETIVIDADE EM *O PLANALTO E A ESTEPE*, DE PEPETELA

Mário César Lugarinho - USP
lugarinho@usp.br

O recente romance de Pepetela, *O planalto e a estepe* (2009), apresenta discussão que vem sendo explorada pela ficção mais recente em Língua Portuguesa desde o fim do século XX, isto é, a forma de representação do espaço geográfico e a (re)constituição de uma subjetividade. Levando em consideração que a crítica pontua a decadência das grandes

narrativas como recurso crítico incontornável da contemporaneidade, a obra de Pepetela, ao lado de extensa série literária, reacende temas literários da tradição ocidental, notadamente o amor como forma de subjetivação. Este trabalho está vinculado a projeto de pesquisa individual, financiado pelo CNPq com bolsa, triênio 2008-2011, intitulado “Subjetividade e resistência na literatura da era da globalização”.

TRÂNSITO, TRAVESSIAS E TESTEMUNHO EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO

Marli Fantini Scarpelli - UFMG
marlifan@terra.com.br

O trabalho investiga textos e contextos que encerram momentos históricos de perigo, em que confrontados por acontecimentos traumáticos e inassimiláveis, e frente ao risco de perder valores, tradições e suas próprias vidas, indivíduos adotam posturas de resistência e denúncia. Posturas que, no extremo, podem provocar a revisão de história individual e mesmo coletiva. Para tal exame, serão investigados um romance e um conto de Guimarães Rosa (Brasil): *Grande sertão: Veredas* e “a terceira margem do rio”; um romance e um conto de Mía Couto (Moçambique): *Um rio chamado tempo e uma casa chamada terra* e “O dia que explodiu Mabata-bata”. Uma tangência possível entre os textos em questão é, além de acontecimentos traumáticos, a passagem do vivido ao relato documental / testemunhal, quase sempre sob a mediação de uma outra voz (um interlocutor, um destinatário, um leitor). No limite, serão considerados, dentre outros os processos de exclusão social, histórica e simbólica gerados por colonização, ocidentalização e globalização.

O (GEO)GRAFISMO POÉTICO EM RUY DUARTE DE CARVALHO E JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Marli Paz de Souza - UFPB
marlipazsouza@hotmail.com

Colônias de Portugal, desde o século XVI, Angola e Brasil, em virtude dessa situação sócio/político/econômico/cultural, dão início a um processo de intercâmbio, marcado em seus primórdios por interesses comerciais da metrópole. Com o passar do tempo, porém, essa relação vai se estreitando cada vez mais e o contato freqüente entre angolanos e brasileiros começa a se refletir de forma cada vez mais crescente em outros âmbitos, entre eles, o literário, conforme demonstrado por inúmeros estudiosos, para os quais é fato incontestável a aproximação existente entre esses países, tanto em termos culturais como em termos físicos, entendendo por esses últimos as condições geo-climáticas neles presentes. Considerando essas convergências, pretendemos com o trabalho em pauta, através da análise dos poemas *O Sul*, do angolano Ruy Duarte de Carvalho, e *O Rio*, do brasileiro João Cabral de Melo Neto, apresentar nossas reflexões críticas em torno do que neles divisamos como traços de aproximação e distanciamento, resultantes não apenas do rigor formal que norteia o fazer de ambos os poetas, mas do seu lócus de produção, ou seja,

o universo cultural do sul de Angola com suas estiagens cíclicas e o semiárido nordestino com suas históricas secas.

INSTAURAÇÃO DA ONTOLOGIA CONTÍNUA – POESIA EM CUBATÃO

Mauricio Salles Vasconcelos - USP
vasconcelosmauricio@hotmail.com

A comunicação tem interesse em cartografar as relações entre poesia e cultura global, na análise da poética de Marcelo Ariel, em *Tratado dos anjos afogados* (2008). Dispondo de um repertório referencializado na produção artística contemporânea, o autor paulista inventaria as questões referentes à criação de literatura, no que envolve comparativismo e transdisciplinaridade, e o território da periferia. Seu diálogo com a obra do português Herberto Helder promove uma leitura instigadora de novas relações entre as poéticas de língua portuguesa e a cena político-cultural da globalização. Norteado pelo projeto “Instauração de uma Ontologia do Poema Contínuo”, a escrita de Ariel sinaliza como eixo de seu trabalho a reconfiguração das imagens-de-mundo que regulam a existência da arte no contexto atual. Revê, assim, a proposição moderna da *máquina do mundo* concebida por Drummond, no século XX, e a dimensão tecno-planetária tomada pelo maquinismo na obra de Helder, notadamente no livro *Photomaton & Vox*. Ao reler os vínculos entre *periferia* e *centro* na conjuntura mundializada, *Tratado dos anjos afogados* se concentra numa formulação plural de poesia em que se destaca a composição ensaística de sua proposta escritural. Articulam-se no conjunto de sua produção, os vínculos entre poética e territorialidade, literatura e outras artes, estética e tecnologia, numa série de procedimentos criativos capazes de repensar as fronteiras geopolíticas do século XXI. A poesia e o poeta, situados no espaço da distopia e do desastre que é Cubatão, refiguram os *loci* enunciativos e interventivos da idéia de arte e cultura no tempo presente.

LITERATURA JESUÍTICA E IMAGINÁRIO COLONIAL BRASILEIRO

Melissa Gonçalves Boëchat - UFMG
mgboechat@yahoo.com.br

Este trabalho pretende realizar uma análise da influência da literatura jesuítica no Brasil durante os séculos XVI e XVII, período em que começava a se consolidar um imaginário sobre o que seria o Novo Mundo recém descoberto, suas *mirabilias* e riquezas, para a formação de um imaginário sobre o Brasil. Durante este período, a presença dos membros da ordem na colônia se define por uma vasta produção literária, percebida em cartas, sermões, panegíricos, discursos, tratados e diálogos, entre outros, com intuito informativo, pedagógico e, muitas vezes, social e econômico. Destacamos, com tal finalidade, as obras de Fernão Cardim (*Tratados da terra e gente do Brasil*), Francisco Soares (*De algumas coisas mais notáveis do Brasil e de alguns costumes dos índios*) e Antônio Vieira, jesuítas portugueses aqui postos lado a lado não apenas por sua nacionalidade, mas principalmente pela importância de sua contribuição literária na constituição do imaginário colonial acima referido. A partir de uma breve análise das obras citadas procuraremos demonstrar que, no

período abrangido por tais escritos e justamente por influência do que neles se relatou, criou-se uma imagem de um país dicotômico, um país em que as riquezas naturais, atrativos para novos viajantes, eram a causa mesma dos conflitos vivenciados pelos jesuítas entre o novo que presenciavam e os objetivos e imposições das missões.

O CATIVO DE FEZ: TRADIÇÃO E INOVAÇÃO NO MELODRAMA OITOCENTISTA PORTUGUÊS

Michele Cristina Voltarelli Barbon - UNESP/CAPES
mbarbon3357@hotmail.com

Em nosso projeto, buscamos subsídios que nos permitam traçar o caminho percorrido pelo melodrama em Portugal ao longo do século XIX, investigando as suas ocorrências no teatro português desde o início do século – quando ali se instalava o Romantismo –, passando pelo período do Ultrarromantismo, quando o gênero ganha mais relevo, até chegar à época do Decadentismo-Simbolismo, quando as formas melodramáticas ainda se revelam vigorosas, embora com alterações que pretendemos esmiuçar. Interessa-nos problematizar o melodrama – com os seus conteúdos e as suas formas específicas – tal como se estabeleceu no Portugal oitocentista e como se desenvolveu ao longo desse período, procurando compreender as relações deste gênero dramático com o contexto sócio-cultural que o estimulou – afinal, a força do melodrama perdura ao longo de Oitocentos. Considerando-se que a pesquisa abrange um período bastante extenso, utilizaremos algumas obras paradigmáticas em nosso estudo, dentre as quais queremos destacar *O cativo de Fez* (1839), de Silva Abranches, peça premiada pelo Conservatório Real de Lisboa. Nesta peça focalizaremos a utilização de elementos canônicos do melodrama associados a outros elementos inovadores do gênero, responsáveis por construir uma identidade própria para o melodrama português e, ao mesmo tempo, por destacar a capacidade constante de renovação e adaptação do melodrama, tais como a ausência do tolo – que na maioria dos melodramas é imprescindível – e a presença da ambigüidade na construção de determinadas personagens femininas.

DO POLICIAL AO HISTÓRICO, PELAS VEIAS DA MEMÓRIA: O DELFIM OU A REVOLUÇÃO POSSÍVEL

Michele Dull Sampaio Beraldo Matter - UFRJ/CNPQ
mdsmatter@gmail.com

Inscrevendo-se como um desvio do curso de uma narrativa do gênero policial tradicional, o romance *O Delfim* experimenta a saudável sensação de ousar perverter seu falso modelo e deslocar o leitor de suas expectativas, instalando-se como uma obra aberta que exige do seu interlocutor o papel de membro participante, e não apenas o de isento receptor. Ao mesmo tempo, sustentando uma crença no papel do homem como transformador da realidade, crença essa que vem refletida nos seus níveis formal e ideológico. Este texto de José Cardoso Pires mantém vivo o projeto neo-realista português na medida em que o

revolucionária. Ao cair “por um abismo feito de tempo” – para usarmos a expressão do poema pessoano “Chuva oblíqua” – o narrador-escritor desse romance é levado a rememorar o passado, talvez para entender a nova configuração encontrada na Gafeira no ano seguinte à sua primeira visita. Escrevendo entre os tênues limites do presente e do passado, o escritor-furão entrega ao leitor uma escrita que se deseja *dedicatória* e *epitáfio* - como, aliás, desde cedo anuncia -, e se institui como uma espécie de assinalado “ponto no mapa do Automóvel Clube para aviso dos caçadores que dormem” (OD, p. 179 – RJ: Civilização Brasileira, 1983), isto é, um marco de um novo tempo em que as lagartixas da História sacodem-se e inscrevem para si a revolução possível em tempos de delfins salazaristas. Refletiremos nessa comunicação sobre tais relações estabelecidas no texto, orientados principalmente pelas leituras de Roland Barthes e Walter Benjamin. Escrita revolucionária, a narrativa cardosiana assinala na história da literatura portuguesa a revolução tornada possível àquele tempo de censura, ao mesmo tempo em que faz antever a revolução que ainda no porvir seria tornada possível, porque, como registrou nosso narrador: “Afinal também temos primavera” (OD, p. 37 – Idem).

A AUTOBIOGRAFIA LITERÁRIA EM JOSÉ SARAMAGO

Michelle de Oliveira Rolim - UFF
michellelit.portuguesa@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo apontar elementos que possam relacionar a autobiografia aos gêneros literários. Sob o enfoque teórico de Philippe Lejeune, pretende-se ressaltar a problemática do pacto autobiográfico no *Manual de pintura e caligrafia* e em *As Pequenas Memórias*, de José Saramago. Ao resgatar suas memórias, vê-se que o sujeito se ficcionaliza e cria uma versão de si tornando, desta forma, tênues as linhas entre realidade e ficção. Tudo parece levar a crer que também os textos memorialistas revelam dificuldades na tentativa de representar o real, já que a escrita íntima é uma tradução simplificada e compacta do autobiógrafo.

RASURAS DE TEMPO, ESPAÇO, SUJEITO E NARRATIVA: UMA LEITURA DE *JUVENTUDE EM MARCHA*, FILME DE PEDRO COSTA

Milena Britto - UFBA
millenabritto@hotmail.com

A representação do tempo e as narrativas orais constroem, no Cinema de Pedro Costa, em particular, em *Juventude em Marcha*, uma reflexão densa a respeito do deslocamento de sujeitos e a rasura dos espaços urbanos europeus, neste caso Lisboa, que absorvem os imigrantes de países africanos, como Cabo Verde. A relação desses imigrantes com os

espaços internos e externos da cidade vai ser tensionada ao mesmo tempo em que a realidade e a fantasia, o documentário e a ficção, vão também ter suas fronteiras diluídas, resultando-se num cinema vivo, denso, inquiridor de todos os jogos entre a arte e a política do real. A proposta é analisar aspectos dessa realização e discuti-los sob marcadores dos estudos Literários, do Cinema e dos estudos Culturais, observando-se os conflitos pós-coloniais que se manifestam no tema e na abordagem do tema: o sujeito resultante da imigração como matéria- e não uma simples personagem- da película.

BRINCANDO COM OS TABUS!
O SEXO E SUAS “MÁSCARAS” NA LITERATURA ANGOLANA

Miquele Batista da Silva - UFBA
mique_batista@hotmail.com

Um dos problemas dos pesquisadores da literatura africana, hoje, é a precariedade da circulação das obras produzidas por escritores de países africanos de língua oficial portuguesa, no Brasil, junto à Academia e fora dela, atingindo editoras, livrarias e bibliotecas públicas e privadas. Tais obras abordam temas que as aproximam bastante de obras produzidas no Brasil, e conhecê-las tem sido demanda de diversos segmentos: tecem críticas aos processos de alienação social, política e cultural, apontam as lutas pela desalienação, assim como as identificações culturais múltiplas, a envolver territorialidades, gênero e etnicidade. A pesquisa voluntária, ainda em fase inicial, vinculada ao projeto *Discursos de Migrações, Êxodos e Retornos, Trânsitos e Trocas Culturais em/entre Países de Língua Oficial Portuguesa, em contexto de Globalização e Pós-Colonialidade- Fase I- Angola – Portugal – Brasil*, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Maia Ribeiro, que sustenta o trabalho a ser apresentado, busca, não só avaliar a recepção dessas obras no Brasil, mas também, e em especial, realizar o exame dos usos da ironia no discurso de João Melo, tomando como *corpus* de análise seu livro de contos *Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir*, com o foco no conto que dá nome à coletânea. No recorte atual, pretende-se avaliar a ironia como um instrumento de desconstrução dos mitos e estereótipos que cercam diversas leituras de comportamentos sociais, principalmente, os que cercam as relações de gênero, a sexualidade e a sensualidade dos povos africanos, mais especificamente o angolano, lidos até certo ponto como extensivos às imagens dos negros em várias partes do mundo, ao lado das marcas e peso de trânsitos culturais que atravessam esse conto em diferentes direções e correlações.

MORRER SEM MORRER: A MÚSICA SEGUNDO SARAMAGO.

Mirella Márcia Longo - UFBA/CNPQ
mirella@ufba.br/mirella.marcia@pesquisador.cnpq.br

O texto a ser apresentado faz parte de uma pesquisa mais ampla: *Aves tardias - personificações da arte em textos literários contemporâneos*. Voltado à análise de personagens artistas e destinado a focalizar reflexões empreendidas por escritores contemporâneos acerca da arte no mundo atual, o projeto integra, em seu *corpus*, o livro *As*

Intermitências da Morte, escrito por José Saramago. Iniciando-se com uma representação fortemente negativa do mundo contemporâneo - que o autor português vê sedimentado sobre a morte - o enredo do livro publicado em 2005 sofre uma modulação, adquirindo feição pastoral e terminando com um elogio à vida com seus poderes órficos e eróticos. Tal celebração centra-se no cotidiano de um violoncelista de orquestra capaz de resistir ao chamado da morte, que, na fábula, assume formas diversas. Discursando sobre essa resistência inerente a um homem dedicado à sua arte, Saramago esforça-se para traduzir verbalmente a linguagem musical, tentando captar, no nível das imagens poéticas, efeitos produzidos pela música. O comentário crítico irá privilegiar “traduções” de efeitos criados por Schumann (Opus 73); Bach (Suíte n.6, Op.1012 em ré bemol maior) e Chopin (Op.25, n.9, em sol bemol maior.) Acrescente-se ainda que a peça de Chopin é tomada como retrato de um artista anônimo, o violoncelista cuja existência adquire, no enredo de Saramago, caráter exemplar.

CAMILO CASTELO BRANCO E A FORMAÇÃO DO ROMANCE EM PORTUGAL

Moizeis Sobreira de Sousa - USP
moyses_jesus@hotmail.com

Esta comunicação tem por objetivo oferecer um painel dos eventos envolvidos na deflagração do romance português e situar o cenário literário em que Camilo Castelo Branco emerge como escritor, partindo da hipótese segundo a qual a tradição do romance português amadurece e se consolida no interior da ficção camiliana. O presente trabalho é parte integrante do projeto de doutorado *O diálogo de Camilo Castelo Branco com a tradição ficcional setecentista de Voltaire*, ainda em fase inicial.

DO MILAGRE À MARAVILHA: A LITERATURA PORTUGUESA SOB O SIGNO DA MAGIA

Monica Figueiredo - UFRJ
mnfigueiredo@hotmail.com

De bruxas, feiticeiras e místicas, o imaginário ocidental sempre esteve povoado. Personagens eleitas pelas antigas fábulas, conto de fadas e novelas exemplares, a condição da magia revestiu a presença feminina ao longo da história da literatura. Num país como Portugal, cuja história esteve de perto marcada pelo estigma da censura e da perseguição religiosa e política – basta lembrar a Inquisição, passando pelo governo do Marques de Pombal até chegar à ditadura salazarista – a magia embalou a trajetória ficcional de muitas personagens femininas. Da “Dama Pé-de-Cabra”, que primeiro ganhou vida através do

registro no antigo *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro de Barcelos, durante o século XIV, até chegar a Blimunda, criada pelo lirismo de José Saramago em seu *Memorial do Convento*, de 1982, um extenso percurso foi cumprido, percurso este atado de forma inexorável ao jogo político que os tempos referencialmente históricos tiveram de enfrentar. Este trabalho pretende analisar as relações estabelecidas entre ficção e história, através do exercício da magia experimentado pela personagem saramaguiana, com a clara intenção de problematizar não só o contexto sufocante do Portugal do século XVIII, mas também uma contemporaneidade que necessitava de revisão crítica.

A CRIAÇÃO DO MUNDO DE MIGUEL TORGA:
“O MUNDO CRIADO A NOSSA MEDIDA”

Monica de Oliveira Faleiros - Uni-FACEF
molifa@bol.com.br

No conjunto da produção literária de Miguel Torga, há duas obras de caráter autobiográfico que foram escritas e publicadas ao longo de vários anos: o *Diário* (1932 a 1993) e *A criação do mundo* (1937 a 1981); esta, objeto deste estudo, é o relato de vivências recuperadas por meio da memória desde a infância. Dividida em seis partes, refere-se metaforicamente aos “dias” da criação e, por conseguinte, ao mito judaico-cristão da criação do mundo. Os “dias” são narrados a partir de uma seleção de fatos e etapas significativos que compuseram a vida, as experiências e, sobretudo, as escolhas que configuraram, ou ainda “criaram”, uma personalidade que aí se manifesta e se constrói por meio do texto literário. Como um deus, o “autor” cria, simultaneamente, o livro e a voz por meio dos quais se expressa. A fim de realizar uma abordagem dos aspectos relacionados a sua constituição autobiográfica, utilizamos como suporte teórico, principalmente, os estudos de Bakhtin (1993), acerca do cronotopo no romance, e os de Lejeune (1975), sobre a escrita autobiográfica. Nosso objetivo é pôr em evidência, por meio deste trabalho, a dimensão autoficcional desta obra de Torga, entrevista no processo de análise, uma vez que seu enquadramento entre as formas de gêneros autobiográficos não se resolve completamente, pois a “criação do mundo” mostra-se como um ato individual, como o autor afirma no prefácio: “cada um cria o mundo a sua medida”. O mito genesíaco atrelado à configuração da identidade que tenta organizar um “cosmos” por meio do verbo criador, da palavra criadora do poeta, arquiteto de sua própria imagem no espelho das palavras, fundador de uma mítica pessoal, genesíaca.

A EPOPÉIA PÓS-MODERNA.
DISSIMULAÇÃO E SIMULAÇÃO EM AS *QUYBYRYCAS*

Murilo da Costa Ferreira - UNEB
murilodacosta@uol.com.br

Rente ao esgotamento de um regime político, cultural e mítico, o salazarismo, a publicação de *As Quaybyrycas*, de Antônio Quadros/João Grabato, ocorre no mesmo ano de celebração

do 4º Centenário da primeira edição de *Os Lusíadas*, em 1972. Ironicamente, o prefácio de Jorge de Sena nos informa que a obra em questão participa “nesta geral romaria que agita os corações mais doutos do universo directa ou indirectamente afecto à gloriosa lusitanidade” (In: *As Quybyrycas*, 1991, p.15). Sobre o modo profano e em oposição ou repulsa a todo ideário poético-mítico do sebastianismo, como também aos “heróis de terra e mar” tão bem decantados pelas épicas de Camões e *Mensagem* de Fernando Pessoa, a épica de “autoria” de Frei João Grabato põe em questão novamente Portugal e seu destino. Assim, nas urdiduras de uma combinação entre Luís de Camões e o “frade tão desenvergonhado que nem de frade usava hábito” (ibid., p. 26), irá se montar a máquina dantesca de uma narrativa épica (ou “anti-épica”, como prefere Jorge de Sena) que terá como intenção e motivação profundas narrar a trágica batalha de Alcácer-Quibir e as circunstâncias que a envolveram. Deste modo, as coordenadas simbólicas e míticas do sebastianismo serão o alvo de Camões/Grabato, pois de acordo com a crítica de Jorge de Sena, “*Os Lusíadas*, com as 1102 estâncias, eram e são – como não dizê-lo? – *um prólogo* [e tudo] de quanto veio depois: Alcácer-Quibir” (ibid., p. 17), ou seja, *As Quybyrycas*, com suas 1180 estâncias e onze cantos, representam um epílogo.

O CASO DE TERTULIANO MÁXIMO AFONSO

Nadiá Paulo Ferreira - UERJ
nadia@corpofreudiano.com.br

O caso de Tertuliano Máximo Afonso não só retoma o mito de Anfitrião, mas também confirma a tese freudiana, sancionada por Jacques Lacan, de que o artista sabe o que a psicanálise descobre. Trata-se de um professor de história que, ao ver o filme *Quem Porfia Mata Caça*, recomendado por um amigo, descobre que tem um sócio. A partir daí, o destino do personagem é traçado pela estrutura especular do eu. Se o eu é o outro, Tertuliano Máximo Afonso se depara com o reflexo de sua própria imagem, sob a forma de sombra. O outro, como sombra, só pode se apresentar como rival, apontando, dessa forma, para a alienação fundamental do sujeito. No primeiro caso, temos a luta mortal entre o eu e o outro, tão bem ilustrada por Hegel, na dialética do senhor e do escravo. No segundo caso, temos o sujeito despojado do seu desejo. Freud, em *O estranho* (1919), se refere a definição do duplo dada por Otto Rank (1914): o duplo é a negação do poder da morte. E, justamente por isto, Rank afirma que a criação do primeiro duplo do corpo foi a alma imortal. Freud, no referido artigo, diz que, quando a garantia da imortalidade é superada, o duplo inverte seu aspecto, transformando-se em “estranho anunciador da morte”. Tertuliano Máximo Afonso, o professor de história, e Daniel Santa-Clara, nome artístico do ator de cinema António Claro, ilustram essa relação do duplo com a morte: a morte de António Claro, o original, não livra Tertuliano Máximo Afonso, o duplicado, da morte. Muito pelo contrário: António Claro é enterrado como se fosse Tertuliano Máximo Afonso, o que faz com que ele (Tertuliano Máximo Afonso), apesar de vivo, esteja morto para todos aqueles que o conheciam. Assim, não lhe resta outra saída senão assumir a vida do morto, o que implica,

entre outras coisas, assumir a profissão de ator e ficar com Helena, a viúva de António Claro. Mas “o tempo voltou para trás”, António Claro reaparece, e tudo vai começar de novo...

CIDADE E AS SERRAS, DE EÇA DE QUEIROZ:
A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PORTUGUESA NO SÉCULO XIX

Nailton Santos de Matos - UNINOVE
nailtonmatos@yahoo.com.br

O século XIX é caracterizado por ser um momento em que a Europa se desenvolve e prospera. A Revolução Industrial desencadeou um intenso processo de urbanização e industrialização das cidades introduzindo novos valores do ponto de vista socioeconômico. Neste contexto, Portugal, toma consciência da necessidade de conhecer as realidades do país e da urgência em mobilizar a população para a mudança. Em *A Cidade e as Serras*, o narrador da personagem Jacinto procura (re)construir a identidade numa reflexão que, levada a efeito, permite a tomada de consciência da distância a que Portugal se encontrava do resto do mundo. Neste processo intenso de transformações em que vive a Europa e, de modo especial, a França, qual o futuro a que se destina Portugal? É justamente aí que se estabelece o conflito modernidade X tradição. Como bem observou o crítico Paulo Fernando Motta de Oliveira (1997:157), em *A Cidade e as Serras* “o universo da tradição seria não só mais benéfico, mas também mais verdadeiro e duradouro que o da modernidade, fadado este a ser superado na busca por uma felicidade perene”. Este trabalho pretende analisar o percurso de Jacinto na busca dos valores que caracterizam o povo português e como, no contato com estas antigas raízes, a própria personagem vai se renovando e sofrendo transformações lentas. Degenerado, decadente, mas tendo sangue português correndo nas veias e de volta às suas origens, Jacinto abandona os antigos costumes, viriliza-se e adere a uma nova vida marcada pelo trabalho, que aparece na obra como elemento reconciliador com a vida e a pátria.

RIO DAS FLORES: NOVOS TRÂNSITOS ENTRE BRASIL E PORTUGAL

Nancy Rita Ferreira Vieira - UFBA
nancyrfv@gmail.com

“Portugal ou Brasil? Permanecer na terra natal ou partir rumo ao desconhecido?” Essa é a dúvida que persegue Diogo Ribera Flores, personagem do romance histórico *Rio das Flores* (2005), de Miguel Sousa Tavares. Em uma história que contradiz a dos antigos colonizadores, Diogo, que viera ao Brasil em abril de 1936, durante o período da Segunda Guerra Mundial, primeiramente com a intenção de expandir os negócios, acaba por fixar residência no país. O personagem, apesar de uma vida estável e de uma fortuna segura, parece seguir a trajetória dos antigos lusitanos em busca de mais do que riqueza, de mais do que aventura, não obstante já ser um homem maduro, pertencente a uma tradicional família alentejana, dono de terras, educado em Lisboa. Indagar sobre o que o faz ficar é o que nos

propusemos a pesquisar: seria a atração por Benedita? Tivera sido envenenado por ela? Ficara entorpecido pelo país, espaço por ele descrito como de “tamanha orgia de raças e proveniências, de instintos e emoções, de selvagem e de primitivo...” Ou teria sido a sua “incompreensível alegria” que contagiou o prudente Diogo? O objetivo desse estudo é investigar as zonas de contato entre o imaginário quinhentista e as novas abordagens desse trânsito entre Portugal–Brasil na contemporaneidade, mais precisamente no romance citado, considerando os territórios discursivos presentes na narrativa que reatualizam esse imaginário (ou mesmo que insistem na permanência desses discursos). Em outras palavras, o que se busca discutir são as significações imaginárias que contribuem para a escolha do personagem pela antiga colônia lusitana, através da análise da malha narrativa textual, em que se nota, na dinâmica histórica, a crise existencial do personagem diante da escolha assumida.

“E FICARÁS DE LONGE A OBSERVÁ-LAS”:
AUTORES, ATORES E VOYEURS EM *AO LADO DE CLARA*

Natalia Francis de Andrade - UFRJ
natalia_francis0@hotmail.com

Os Amantes e outros contos, lançado em 1974, é a reedição, acrescida de três contos, de *Os Amantes*, publicado em 1968. Todas as narrativas do livro, inclusive as escritas entre 1973 e 1974, tangenciam-se em determinados pontos e trazem gradações de uma mesma atmosfera, o que faz da totalidade da obra uma composição rapsodicamente coesa. Em cada um dos contos, David Mourão-Ferreira conjuga – de diferente forma e com cambiantes proporções e nuances – um repetido elenco de temas e obsessões. Sejam eles o pendor voyeurista, o gosto pelo macabro, a força das personagens femininas, o latente flerte com a poesia, as situações oníricas, o caos, as repetições, os espelhamentos, a simbiose entre amor e morte. É o conto “Ao lado de Clara”, um dos acrescentados na reedição de 1974, que este trabalho irá eleger como objeto de estudo. O objetivo será, primeiramente, a investigação da instância narradora que, neste texto, rompe com as estratégias tradicionais, alterando a perspectiva normal do tempo da narrativa e tornando difusos os lugares do enunciador e dos interlocutores. O intuito é tentar responder a questões fruto do estranhamento causado pela narração em “Ao lado de Clara”. Qual seria a função de um narrador que não descreve o que aconteceu, mas que conta uma estória usando apenas o imperativo, dando instruções? De que lugares poderia vir a voz que narra? A que outros tipos de discurso, que não o literário, o autor remete? Quais são os efeitos desta estratégia de narração e de que maneira ela dialoga com estratégias semânticas (como os espelhamentos) e com o sentido geral do conto? Hipóteses que respondam a esses questionamentos serão desenvolvidas

concomitantemente a uma leitura do conto, no qual coabitam e confundem-se encenações e cenas cotidianas, verdade e simulacro, poético e narrativo e, por fim, autores, personagens e espectadores.

HISTÓRIA E MELANCOLIA: UMA LEITURA DE *O MOSTEIRO*, DE AGUSTINA BESSA-LUÍS

Nathalia Gonçalves Fernandes Pereira - UFF
nathaliagfp@ibest.com.br

Ao reinterpretar o passado à luz do presente, trazendo à tona traços essenciais da cultura portuguesa, Agustina Bessa-Luís, em *O mosteiro*, oferece-nos um rico painel de temas que remetem à estética barroca. Não se trata de afirmar que essa obra seja tipicamente barroca, mas de reconhecer certos traços, que eram comuns do barroco nos séculos XVI e XVII, nesse romance da literatura portuguesa contemporânea. Alguns desses temas são estudados por Walter Benjamin em *Origem do drama barroco alemão* e, por isso, esse livro servirá de suporte teórico básico para o estudo da referida obra. A nossa proposta consiste em trabalhar apenas com dois aspectos de Benjamin, história e melancolia, e aplicá-los ao texto de Bessa-Luís, levando em consideração as duas concepções de história desse teórico: história-civilização e história-natureza. Interessa-nos entender em que medida a melancolia benjaminiana está presente nessa ficção de Bessa-Luís e que relações de sentido entre esse estado de alma e conceito de história-natureza podem ser estabelecidas a partir de *O mosteiro*. Para a realização de tal objetivo, faz-se necessário uma breve abordagem da concepção de príncipe, ruína e luto, também benjaminianas, e, talvez, de dados da história portuguesa sobre D. Sebastião e a batalha de Alcácer-Quibir.

A POESIA COMO LIBERTAÇÃO: UM BREVE OLHAR SOBRE A POÉTICA DE FLORBELA ESPANCA E VALDELICE PINHEIRO

Naynara Tavares Moreira - UEFS
naynaratavares@hotmail.com

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise comparativa de poemas da portuguesa Florbela Espanca e da sul baiana Valdelice Soares Pinheiro. Para isso, procura reconhecer os aspectos coincidentes e a singularidade com que pontuam as vicissitudes da mulher-poeta, a partir de seus contextos e de suas produções líricas. A análise principia do conteúdo existencialista, fundamentadas nas considerações sartreanas, as quais servem para a compreensão de temas recorrentes na poética em estudo, seja o absurdo da condição humana, a liberdade, o exercício da literatura, a preocupação com o ser e com o estar no universo e o desencanto da vida. Tais questões exigem discutir o papel da poesia na contemporaneidade, buscando na base metafísica de Hegel, que define a poesia como expressão da subjetividade, condicionada pelo estado de ânimo, resultado da relação do sujeito com o mundo exterior, identificando os aspectos comuns entre as autoras e fazendo observações sobre a condição de ser mulher-poeta em contexto patriarcalista. A comparação far-se-á sob o olhar de seus elementos formais e pelas abordagens filosóficas

presentes em ambas as poetas, buscando compreender em suas metáforas e expressões líricas as razões do fazer poético e o desafio de transcender a partir da palavra simbólica.

SALTA-POCINHAS E A CRIANÇA LEITORA E CRÍTICA EM PORTUGAL

Neila Brasil Bruno - UESC
neilabrazil@hotmail.com

Patrícia Kátia da Costa Pina (orientadora)
dacostapina@gmail.com

A literatura novecentista portuguesa foi, em parte, marcada pela preocupação com o social, numa visão do texto literário como instrumento de mobilização do leitor: à palavra caberia construir uma visão crítica do mundo, visão esta que, por identificação, poderia levar o público da literatura a uma ação de transformação da sociedade. Trata-se da ficção neo-realista, constituída por obras de Ferreira de Castro, Alves Redol, Aquilino Ribeiro, entre outros. Esta proposta de Comunicação estuda a narrativa para crianças *O romance da raposa*, de Aquilino Ribeiro, observando sua construção discursiva, como de narrativa de convencimento e persuasão do leitor. É um romance pícaro, cuja protagonista, a raposa Salta-Pocinhas, desenvolve uma série de artimanhas para lidar com as coerções do meio em que vive, tendo como ponto de reflexão o leitor infantil, interlocutor previsto e privilegiado pelo texto. O objetivo desta Comunicação é investigar as relações entre as estruturas narrativas e a criança leitora dentro da estética neo-realista portuguesa. Para tanto, serão analisadas e interpretadas as diferentes situações que envolvem Salta-Pocinhas, numa perspectiva simbólica capaz de remeter à reflexão sobre a sociedade portuguesa da época, bem como sua natureza pícara, de herói malandro, que dribla as dificuldades, pela astúcia, pela esperteza. Espera-se com este estudo discutir a obra literária na perspectiva da formação de uma consciência crítica no leitor que almeja alcançar, bem como a pertinência do engajamento social da arte. Fundamentam esta proposta as leituras de Wolfgang Iser, Robert Scholes, Marisa Lajolo, Eduardo Lourenço, Natércia Rocha, Estrela Seabra, Ângela Balça, entre outros.

O NARRADOR, A CRÔNICA E O LEITOR: MACHADO DE ASSIS E EÇA DE QUEIRÓS CRONISTAS

Nelson de Jesus Teixeira Júnior - UESC/CAPES
j-nelson2004@ig.com.br

Patrícia Kátia da Costa Pina (orientadora)
dacostapina@gmail.com

Esta comunicação busca estudar os processos de interlocução entre os cronistas construídos por Machado de Assis, em *Bons Dias!*, e Eça de Queirós, em *Echos de Paris*, com os leitores brasileiro e português, respectivamente, de forma a dialogarem com os padrões de produção e recepção vigentes no século XIX. O objetivo desta proposta é investigar a

ordem narrativa em sua relação interna com o leitor, ou seja, pretende-se discutir as estratégias narrativas construídas nas crônicas dos consagrados romancistas, de forma a pensar de que maneira essas artimanhas, postas nas páginas jornalísticas, poderiam formar novos paradigmas de gosto literário, criando o gosto pela leitura. Aqui, a crônica é vista como texto híbrido, que transita entre a ficção e o jornalismo. Para que se alcance o objetivo descrito, serão analisadas e comparadas diferentes crônicas dos dois escritores, enfocando-se estratégias narrativas como: 1) representações do leitorado; 2) implicações do leitor; 3) formas de relacionar a ficção e o fato; 4) reflexões sobre a história e a sociedade da época. Nesse sentido, o fato e a ficção, pontos nodais de onde parte a argumentação aqui anunciada, aparecem nesses textos enquanto “fenômenos” que habitam o “entrelugar” na crônica, posto que os narradores, mesmo ocupando um *locus* real e científico, que é o impresso, não abrem mão de transitar entre o real e o imaginário em busca de seu leitor. Espera-se com esta Comunicação discutir a crônica como texto ficcional e sua relação com o leitor, enquanto instrumento de “sedução” e envolvimento do mesmo, em Portugal e no Brasil, no final do século XIX. Este estudo será feito à luz da Teoria do Efeito de Wolfgang Iser, bem como dos estudos Robert Scholes, Luiz Costa Lima entre outros.

DO TEAR DA MEMÓRIA À IDENTIDADE EM A MANTA DO SOLDADO

Nicia Petreceli Zucolo - UFAM
niciazucolo@yahoo.com.br

A manta do soldado, obra da romancista portuguesa Lídia Jorge, trata da viagem (e do retorno) como condição para se encontrar a identidade, em seu aspecto individual e coletivo, sutilmente entretecidos na obra. Se pensarmos que a posse de uma identidade liga – pela tradição – passado e futuro, através de uma constante ressignificação simbólica do presente, estaremos diante da atemporalidade mítica, em eternos ciclos de busca pela identificação, negação daquilo que é tido como arcaico e reconhecimento daquilo que define a identidade. É por esse viés de pensamento que a leitura da obra será conduzida neste estudo que pretende mostrar como Portugal e a família Dias têm suas trajetórias confundidas. Alguns membros da família partem, na tentativa de desidentificar-se daquilo que se lhes afigura ser a sua origem; outros apegam-se à ideia de uma grandeza que não existe mais, tentando manter um *império de pedras*, naufragado em seu próprio sonho de grandeza, asfixiado em seu continente, contido pelo mar, oprimido pela terra; enquanto outros, ainda, retornam, redefinindo suas fronteiras a partir da diferença que antes os isolava. A redefinição do *si* (individual e coletivo) se dá no reconhecimento da necessidade de buscar na sua própria história a solução para essa diluição identitária, sem perder de vista que o retorno não fixará certezas, apenas abrirá possibilidades – pelo distanciamento e amadurecimento – nesse mundo do qual se tentou fugir.

O PASTOR AMOROSO: UM ECO PESSOANO CONVERGINDO PARA COORDENADAS DA POESIA LÍRICA NO SÉCULO XXI

Nildecy de Miranda Bastos - UFBA
nildecy@bol.com.br

Sob interstícios das diferenças, da diversidade e das adversidades, insinua-se um dado mais universal, pela convergência de aspectos comuns às subjetividades em trânsito no mundo contemporâneo. Assim é que, apoiado nas palavras de Emil STAIGER sobre a existência “de um remanescente da existência paradisíaca” (1975, 23) na poesia lírica, o presente trabalho procurará investigar, no conjunto poemático “O pastor amoroso”, assinado pelo heterônimo pessoano Alberto Caeiro, relações entre a forma e o conteúdo do poema, destacando, na dissonância rítmica, outra dissonância: a da poesia em relação ao mundo contemporâneo, dessacralizado. O fingimento poético encenado dentro de um texto que destoa do conjunto da obra de Fernando Pessoa será lido como encenação de significantes, uma vez que os parâmetros da poética "autopsicográfica" vêem a invenção como condição de qualquer mediação discursiva da experiência humana. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que se resgata, pela palavra escrita, a memória do passado, abre-se espaço para trânsitos e trocas implicadas numa releitura do passado, em presença de circunstâncias atuais.

INVISÍVEIS PAISAGENS NA POÉTICA DE JOÃO MIGUEL FERNANDES JORGES

Nino Lannes Bozzetti Navarro - UFF
ninolbn@hotmail.com

Este trabalho tem como proposta explorar na obra do poeta português contemporâneo João Miguel Fernandes Jorge a produtividade crítica do conceito de paisagem, elegendo como base teórica textos de Michel Collot, ensaísta francês que mais se tem debruçado sobre a relação entre poesia e paisagem. Observa-se que as concepções modernas paisagísticas são construídas através de uma visão interdisciplinar, entre a filosofia, a geografia cultural e a fenomenologia de base francesa. Em poesia, trata-se de investigar como as figurações da paisagem revelam relações entre o sujeito, a memória e a escrita, não para meramente descrever a paisagem vista, mas, como escreve Collot, “produzi-la e redescrevê-la, ultrapassar o que é imediatamente visível”. Escolhendo textos paradigmáticos do poeta João Miguel F. Jorge, nossa comunicação tentará demonstrar como a visualidade, na obra desse autor, tem um papel fundamental na relação entre poesia e outras formas de arte; no diálogo com outros escritores e artistas; e, principalmente, na construção de uma verdadeira geografia da memória, através de um sujeito lírico que traça um roteiro por espaços físicos predominantemente portugueses e, ao mesmo tempo, os desfigura através da subjetividade, revelando as invisíveis paisagens do real. Este texto é atividade de iniciação científica no âmbito do Projeto de Pesquisa “Configurações / Desfigurações da Paisagem na Poesia Portuguesa Contemporânea”, sob coordenação da Profa. Dra. Ida Ferreira Alves.

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: A LUCIDEZ DO FEMININO

Neste ensaio, procedo a uma leitura do feminino no romance *Ensaio sobre a cegueira*, do escritor José Saramago. A narrativa põe em causa a passividade dos indivíduos quando da condução de suas vidas. O escritor, porém, mostra o desempenho e a coragem do feminino frente às intempéries da vida e desmitifica a pretensa superioridade dos homens sobre as mulheres. Para subsidiar a minha interpretação, tomo como aporte teórico o discurso foucaultiano sobre o “conhece-te a ti mesmo” e aponto que o sujeito que questiona o seu papel na sociedade pode reconhecer-se como independente. A reflexão ensaiada por José Saramago revela o descompromisso do ser humano que conduz a sua vida de forma individualizada e se torna presa voluntária da ideologia vigente, e acaba por se tornar reificado.

MEMÓRIA E EXÍLIO: *OS GRÃO-CAPITÃES*, DE JORGE DE SENA

Orlando Nunes de Amorim
Ibilce-UNESP-São José Do Rio Preto
on.amorim@uol.com.br

Nos contos de *Os grão-capitães*, escritos em 1961/62 e publicados pela primeira vez em 1976, Jorge de Sena realiza um dos seus vários “rituais de protesto”, ao recolher os restos de uma vivência sob o regime ditatorial de Salazar, rastros de um padecimento gravados na e pela memória, e transmudados em experiência ficcional. Essa transmutação se faz sob os signos da memória e do exílio, marcados pela fragmentação e pela dispersão. Memória das fissuras da vida, do sofrimento de um sujeito diante de um contexto (a família, o sistema militar, as relações pessoais, a guerra) que o oprime e o exclui, e diante do qual precisa encontrar um lugar que lhe é negado. É só no e pelo exílio, interno e externo, que esse lugar é fragmentária e momentaneamente encontrado. Nesse processo, a própria escrita, entendida por sua vez também como uma forma de exílio, configura uma nova experiência, a que apresenta esse padecimento como condição própria do homem na contemporaneidade. Dessa forma, os contos realizam a tarefa do verdadeiro narrador, segundo a ótica de Walter Benjamin, buscando recolher os restos e decifrar os rastros de uma vida dispersa na barbárie do mundo contemporâneo. Procurar desenvolver tais questões será o intuito deste trabalho, a partir de conceitos elaborados pelo pensamento benjaminiano.

ALEXANDRE HERCULANO DE MACHADO DE ASSIS

Osmar Pereira Oliva - UNIMONTES
osmar.oliva@pq.cnpq.br

Alexandre Herculano, apesar de razoavelmente conhecido entre os leitores brasileiros, é pouco discutido pela crítica acadêmica, fato comprovável nas raras publicações com investigações sobre a obra desse autor português. Machado de Assis, importante escritor e leitor brasileiro do século XIX, tinha em sua biblioteca algumas obras de Herculano e declarou sua admiração por ele, ao dedicar-lhe uma de suas crônicas como forma de homenagem. Trecho de *Eurico, o presbítero* é citado em dois contos machadianos: “Troca de datas” e “A segunda vida”. A impossibilidade de realização amorosa e o retiro para o claustro sacerdotal como fuga para essa realidade, temas do romancista português, são também retomados no conto “Frei Simão”, de Machado de Assis. Este trabalho pretende, pois, discutir a referida crônica e esse conto machadiano em que se percebem traços de um dos seus mais importantes predecessores.

O VERSO RELIDO NOS VERSOS DE OUTRO VERSO: DE POETAS, LEITURA E POESIA EM MOÇAMBIQUE

Otávio Henrique Meloni - UFF
otaviohmeloni@hotmail.com

Marcadamente a segunda metade do século XX nos revela uma intensa produção poética nas então colônias portuguesas em África. Em um ambiente hostil de ações e palavras, a literatura incorpora seu papel na luta pelas independências, convertendo o discurso poético e/ou ficcional em uma teia de conotações políticas e sociais que, na maioria dos casos, se sobrepõe aos recursos literários. Neste cenário, voltamos nosso olhar para Moçambique, no momento em que a poesia da FRELIMO dominava boa parte da produção, para investigar como dois poetas, de obras tão distintas, conseguem sobressair em meio às palavras de ordem e aos cantos de luta. Falamos de José Craveirinha e Rui Knopfli, duas vozes inconfundivelmente moçambicanas, que se pronunciam para demonstrar que tal condição identitária vai muito além da questão política. Craveirinha e Knopfli lêem o mundo, para demonstrar, sem falsetes panfletários ou encargos nacionalistas, que Moçambique faz parte dele não só pela diferença, mas pela similaridade. Tal constatação nos levará à leitura e a formação intelectual desses poetas como fonte precisa de suas produções. O espaço do verso assume novos papéis e reafirma outros. Os temas sociais e políticos estão presentes, porém pensados e apresentados de maneira diversa: mais problematizados do que expostos, mais integrados ao fazer poético do que propagandistas. E o sujeito poético assume sua condição de observar/pensar (n)o mundo de acordo com suas verdades, apoiado em suas leituras, para montar um mosaico de referências que determinará o período de afirmação da poesia moçambicana: um Moçambique lê o mundo para que o inverso também aconteça.

FLORBELA(S) PARA ALÉM DE SI, A REESCRITURA DA CRÍTICA

Otávio Rios - UEA/UFRJ
otaviorios@gmail.com

Às primeiras décadas do século XX recai o peso e a qualidade da poética de Fernando Pessoa, cuja projeção não nos deixa entrever – ou ao menos nos deter – no estudo da produção literária de outros escritores do seu tempo. Esta comunicação poderia ser, então, mais uma a tratar da máscara e do artifício da criação neste que é um dos maiores poetas de nossa língua, ainda mais se se pensar que neste ano comemoramos os 75 anos de publicação da *Mensagem*. No entanto, o motivo da fala que ora se propõe é o de se pôr em foco a escrita de Florbela Espanca, cuja obra é analisada pela crítica como um desdobramento de sua conturbada biografia (cf. Dal Farra). Mas não iremos partilhar de tais julgamentos, nem tentar invalidá-los. O que se busca é desvelar outra possibilidade de leitura da poesia florbeliana, em que sua estética é chamada a, de algum modo, comungar da heteronímia pessoana, isto é, a perceber o momento da escritura como condensação de um processo intelectual e, por excelência, ficcional. Nessa esteira, insere-se a literatura de Florbela no rol da tradição lírica portuguesa, tecendo, ao longo de seis sonetos apresentados, a costura entre a artista e Camões, Alcoforado, Bocage, Antero, Nobre, Fialho, Brandão, Sá-Carneiro e Pessoa; retirando-a da condição de isolamento a que impôs, por exemplo, Massaud Moisés em seus estudos. Dessa forma, a investigação revela quatro nuances da possível máscara florbeliana: o tom trágico, melancólico e saudosista; o encontro/desencontro amoroso; a erótica verbal; o apreço pelo mórbido, pelo que se conhece como crepuscular. Os estudos de Eduardo Lourenço, Sigmund Freud, Octavio Paz e Georges Bataille alicerçam, do ponto de vista teórico, esta comunicação.

HERBERTO HELDER: O ANTROPÓFAGO DA LINGUAGEM

Paola Poma - USP
ppoma@usp.br

A poesia de Herberto Helder, marcadamente distante da tradição lírica portuguesa, prima pela riqueza de imagens insólitas e por um desregramento da linguagem dos mais inusitados da literatura do século XX. Nesta quadratura, chama atenção o livro *Antropofagias*, composto por doze textos – poemas, sendo o primeiro deles - “Texto 1” - publicado na revista *Caliban 2*, em novembro de 1971, em Moçambique, e os “Textos 2, 3, 5, 7, 12” publicados em Lisboa, no *Caderno Antológico Novembro*, no ano seguinte. Temporalmente nômade, o autor se espantou com a cultura primitiva angolana durante o período que viveu no continente africano, daí, talvez, o seu olhar e a sua atitude enviesados em direção ao mundo contemporâneo. Este trabalho se quer como uma leitura aproximativa e investigativa das possíveis relações entre os textos – poemas de Herberto Helder – e a cultura africana, levando em conta o conceito de antropofagia e sua provável extensão na linguagem poética do autor.

A TRAGÉDIA DE D. AFONSO VI EM OLIVEIRA MARTINS E D. JOÃO DA CÂMARA

Patrícia da Silva Cardoso - UFPR
pcardoso@ufpr.br

A propósito do teatro português de meados do século XIX, importantes são as considerações de Almeida Garrett na *Memória ao Conservatório Real*, em que defende o desenvolvimento do drama como gênero mais adequado ao ambiente daquele contexto histórico e social. Para justificar a afirmação, o autor lança mão da idéia de indefinição: para o que considera um modelo de sociedade ainda em formação, indefinido, portanto, em seus valores e referências, melhor seria adotar um modelo literário que ainda não se sabe o que é. Entretanto, a indefinição, que Garrett associa ao que é próprio do que ainda não chegou à maturidade, é antes disso atributo do gênero trágico, ao qual o drama do século XIX está ligado, no que ele tem de tensionador, de problematizador dos valores que regem as sociedades. Lembre-se, a título de ilustração, o que dizem Vernant e Vidal-Naquet em *Mito e tragédia na Grécia antiga*: “se a tragédia parece assim, mais do que outro gênero qualquer, enraizada na realidade social, isso não significa que seja um reflexo dela. Não reflete essa realidade, questiona-a. Apresentando-a dilacerada, dividida contra ela própria, torna-a inteira problemática”. Assim, nas duas obras homônimas, *D. Afonso VI*, de Oliveira Martins e D. João da Câmara, cujo tema é o reinado de D. Afonso VI, interessa observar justamente o grau de tensionamento daquele período da história nacional operado pelas duas peças, para a partir daí discutir os sentidos que a trajetória turbulenta do rei assume no seio da coletividade por ele governada. A comunicação aqui proposta vincula-se ao projeto de pesquisa “A real loucura portuguesa em Oliveira Martins. Subsídios para a construção de um imaginário”, por mim desenvolvido.

IARARANA E MENSAGEM: DESAFIOS MODERNISTAS AO LEITOR BURGUEZ

Patrícia Kátia da Costa Pina - UESC
dacostapina@gmail.com

Nas primeiras décadas do século XX, a linguagem literária passou pelo crivo do olhar das vanguardas, que a subverteram em suas bases, realocando o verbo artístico em um lugar antropofágico, caracterizado pela apropriação dos paradigmas de produção e recepção de bens culturais impressos, próprios dos anos oitocentos e anteriores. Em Portugal, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, entre outros, vivificaram essa linguagem reinventada nas páginas de *Orpheu* e de outras revistas vanguardistas. Entre o final da década de 1920 e início da década de 1930, Fernando Pessoa vai escrevendo os poemas que compõem *Mensagem*, num processo de reinvenção da criação épica. No mesmo período, no Sul da Bahia, um poeta de Belmonte também refaz os caminhos épicos e constrói um poema que funde imaginário e história, encenando simbolicamente a fundação da sociedade do cacau – Sosígenes Costa, com seu *Iararana*. Os dois poetas mergulham nos fundamentos da linguagem poética e emergem com uma Palavra Nova, a qual parece dar conta de um olhar crítico, subversivo, sobre suas respectivas pátrias e literaturas. A aparentemente insólita comparação não se torna possível por uma mera e nem sempre

plausível filiação estética ao modernismo, mas pela vontade revolucionária de construir um leitor revitalizado, passível de ser interpretada nos textos em tela. Esta Comunicação pretende discutir as relações do modernismo português, representado por Fernando Pessoa e *Mensagem*, e do modernismo sul-baiano, representado por Sosígenes Costa e *Iararana*, com o leitorado de então, cujos paradigmas de recepção prendiam-se ao gosto burguês de consumo e entretenimento. Para tanto, analisar-se-ão, comparativamente, os dois poemas destacados, sob a ótica das relações entre essa linguagem revolucionária e os padrões de gosto literário vigentes na época. A argumentação a ser desenvolvida sustentar-se-á nas propostas de Wolfgang Iser, Robert Scholes, José Paulo Paes, Cleonice Berardinelli, Clécio Quesado, entre outros.

MODERNIDADE E IDENTIDADE EM FERNANDO PESSOA: A REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM ÁLVARO DE CAMPOS

Patrícia Medeiros de Oliveira - UEFs
patriciamedeiros_uefs@ig.com.br

O presente trabalho intenta analisar o pensamento filosófico-literário na poesia de Álvaro de Campos como consequência da indefinição identitária que caracterizara o mundo moderno. A criação de heterônimos com modos de ser, histórias de vida e estilos literários tão opostos permitem-nos o estudo do poeta português Fernando Pessoa como um escritor dotado de uma capacidade lúdica de criação significativa e que, para tal, deixa de lado o absolutismo nas identidades, assumindo uma postura poético-criadora que leva em conta, principalmente, a heterogeneidade como fundamental na constituição do comportamento humano. Essa multiplicidade de identidades poéticas que se apresentam na obra de Fernando Pessoa fazem do mesmo um autor que representa com grandeza o espírito de indefinição do século XX. Ademais, os teóricos da modernidade enunciam o fato de que a condição de homem exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, primeiramente se identifique com algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, espaço ao qual ele pode até não dar um nome, mas que reconhece instintivamente como seu “lugar” (HALL, 2001). Nesse sentido, a proposta deste trabalho vincula-se à leitura do poema Ode triunfal do heterônimo Álvaro de Campos, no sentido de analisar em sua estrutura a complexidade e consequência da estrutura (pós-)moderna.

CATEGORIAS EM CRISE: COMO LER *OS GUARDA-CHUVAS CINTILANTES* DE TEOLINDA GERSÃO?

Patrícia Pedrosa Botelho - UFF
patyufv@gmail.com

Como lidar com um romance que na porta do livro se descreve como um diário, mas subverte o gênero ao longo da obra? Irrelevante saber se *Os guarda-chuvas cintilantes*, de Teolinda Gersão, se pauta no gênero diário ou se se trata de uma autobiografia (já que todos o são ao mesmo tempo que não). O presente ensaio pretende analisar estas categorias “em

crise”, já que o romance se dispersa em ramificações inúmeras e nem sempre (às vezes, intencionalmente) organizadas. Para tanto, Maurice Blanchot, Jean Starobinski, Michel Foucault e Roland Barthes serão convocados e postos em diálogo para nos ajudar a elaborar entendimentos para a escrita desta narrativa. Também artigos críticos de Maria Alzira Seixo, Manuel Gusmão e Pedro Eiras farão parte desta investigação, já que discutem as transformações das categorias e dos sujeitos na narrativa portuguesa contemporânea.

«UM POUCO SÓ DE GOYA»: A MEDITAÇÃO ECFRÁSTICA EM ALGUMA POESIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Paulo Alexandre Cardoso Pereira
Universidade de Aveiro - Portugal
ppereira@ua.pt

A presente comunicação parte do exame crítico-comparativo de um conjunto de textos poéticos – de Jorge de Sena, Ana Luísa Amaral, António Osório, Amadeu Baptista e Jorge Sousa Braga – onde, por convocação explícita ou intimação alusiva, se instaura um diálogo inter-semiótico com *Os Fuzilamentos* de Goya. Neles se tentará detectar os avatares contemporâneos da pulsão efrástica. Dissentindo do mimetismo transpositivo icónico-verbal, postulado pela *ekphrasis* clássica, estes autores, tomando o emblemático texto seniano como marco miliário intertextual e modelo formalizante, parecem esquivar-se à passiva replicação verbal da *eloquens pictura* de Goya, preferindo transmutar o móbil poético da contemplação da imagem em exercício indagativo de si e do mundo. A *metamorfose* implicada pelo acto efrástico diz, assim, respeito não apenas à diferença de matéria expressiva que separa pintura e escrita, mas sobretudo à plural dicção poética concitada por idêntico objecto visual. Com efeito, os fuzilamentos da Moncloa ora constituem o prelúdio de uma ponderação deceptiva das insuficiências da inteireza ética em face das arbitrarias iniquidades da história, ora dão lugar à tematização da diferença sexual ou à subversiva conjectura de uma utopia de redenção. Em qualquer dos casos, os textos parecem inscrever insistentemente, tanto em regime exortativo como em clave de apaziguamento irónico, o alcance latamente político do quadro de Goya.

PONTES TRANSATLÂNTICAS: DAS RELAÇÕES ENTRE A MADEIRA E O BRASIL NO PRIMEIRO QUARTEL DO SÉCULO XIX (POLÍTICA E CULTURA)

Paulo Miguel Rodrigues
Universidade da Madeira - Portugal
pmffr@uma.pt

A análise das relações entre a Ilha da Madeira e o Brasil durante o século XIX remete-nos para diversos aspectos da realidade insular madeirense e brasileira, não se podendo resumir, por isso, à tradicional temática das migrações, que tende a predominar nos trabalhos de investigação na área das humanidades. Com a nossa comunicação, pretendemos destacar esse outros (novos) aspectos, demonstrando a sua relevância para a compreensão das

relações luso-brasileiras, que têm na Madeira a pedra-de-toque. Neste sentido, ocupar-nos-emos da análise de um *momento-charneira* marcado por uma crise multifacetada, sentido nas duas margens do Atlântico, aproveitando para reflectir também sobre algumas *questões-chave* (a *adjacência*, a mobilidade humana, as trocas interculturais, etc) que emergem nesse período e que nos ajudam a compreender melhor as múltiplas relações entre a Madeira e o Brasil (do cultural, ao económico, passando pelo político). Ao mesmo tempo, procuraremos identificar a(s) imagem(s) do Brasil construídas nos primeiros periódicos madeirenses e, por esta via, transmitidas socialmente. Assim, o nosso ponto de partida situar-se-á em finais de 1807, data da fuga da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, acontecimento que determinou uma profunda mudança nas relações entre a Madeira e o Brasil, acabando por contribuir para a criação de um novo paradigma relacional, em particular devido à *questão da adjacência*, que irá persistir até 1822/25. As fontes consultadas encontram-se no ANTT (Lisboa), Arquivo Regional da Madeira (Funchal) e *National Archives / Public Record Office* (Londres).

MEU PAÍS É MEU CORPO

Paulo Roberto Machado Tostes - UFF
prmtostes@gmail.com

Considerando-se o carácter metafórico-existencial que se verifica na obra do poeta moçambicano Eduardo White, em particular no livro que aqui será analisado, *O país de mim*, este artigo se propõe a discutir, nessa obra, o procedimento metafórico sob uma perspectiva fenomenológica. Como parte do projeto de doutorado – “O metafórico e o existente em Eduardo White” –, é possível perceber que o corpo, aí presente, aparece atravessado por uma rede de imagens e experiências que refletem, metafórica e existencialmente, o poeta no mundo, sendo o país, por sua vez, intensamente avivado sob a pele de sua poesia. Enquanto o carácter literal da linguagem se ocupa da verdade de um objeto, rompendo o movimento com a existência das coisas e separando o real do imaginário, o metafórico que se busca, na poesia whiteana, alude ao existente. Nesse sentido, o corpo que se apresenta aponta para uma realidade não como conteúdo já definido lingüisticamente, mas como um espaço que não se esgota. Consoante a essa proposta, aqui se pretende repensar a relação entre consciência e corpo, entre poesia e metáfora e, sobretudo, como esta última se engendra, em meio à opacidade do mundo. Portanto, tendo-se em conta que a palavra em geral e nem mesmo metáfora alcançam o existente em plenitude, aquilo que a metáfora é não é o que pretende ser, isto é, o que ela faz ver não é o que pretende ver, pois, em vez de ser simplesmente uma transposição de imagens, a metáfora é a desfiguração de uma presença que sempre se faz metaforicamente por ser uma presença que continua ausente e, por isso mesmo, inesgotável.

JOÃO SOARES COELHO, PICANDON E UM JOGO DE AVESSOS:
SOBRE “– VEDES, PICANDON, SOO MARAVILHADO”

Paulo Roberto Sodré - UFES
paulorsodre@bol.com.br

Investiga a *tenção* “– Vedes, Picandon, soo maravilhado”, de João Soares Coelho, trovador português, e Picandon, jogral do trovador lombardo Sordello, ambos do século XIII – conhecida por sua explícita referência a um “jogo” de maldizer entre os dois poetas –, considerando sua possível relação com o *jugar de palabra*, isto é, o trovar satírico prescrito por Afonso X na Lei XXX (“Quantas cosas deven ser catadas en el retraer”) do Título IX (Qual deve el Rey ser a sus oficiales, e a los de su casa, e de su corte, e ellos a el) da Segunda de *Las siete partidas*. Aborda aquele conceito a partir do que prescreve a *Arte de trovar* sobre as cantigas de escárnio e maldizer, e do que discute o crítico Jesús Montoya Martínez acerca da sátira galego-portuguesa e de sua regulamentação jurídica medieval peninsular.

INÊS PEDROSA: RODA DO TEMPO, RODA DA ETERNIDADE

Pedro Brum Santos - UFSM
pedrobrum@uol.com.br

Em *A eternidade e o desejo*, de Inês Pedrosa, o presente da história dialoga com o passado histórico. Esse amálgama de épocas se desdobra através de reconhecidos espaços da cidade de Salvador, que nos chegam pela articulação entre a cegueira da protagonista e a combinada alusão à figura do padre Antonio Vieira. Esta comunicação pretende verificar como que as diferentes formas em movimento na viagem da escrita de Pedrosa – em particular, as dicotomias expressas pelos pares claro/escuro, cegueira/visão, vida/morte, amor/interdição, sagrado/profano supõem um diálogo com as noções de tempo e de História e, por essa via, nos levam à imagem do círculo, que o próprio religioso setecentista definiu em um de seus sermões como “roda do tempo [que] encerra e revolve em si a roda da eternidade”.

BLIMUNDA E A MULHER DO MÉDICO,
MODOS PARA VER O FEMININO EM JOSÉ SARAMAGO

Pedro Fernandes de Oliveira Neto - UERN
pedro.lettras@yahoo.com.br

Maria Edileuza da Costa (orientadora)

É corrente no espaço social o clichê de quando se fala da questão do feminino, de que a mulher tem sido milenarmente oprimida, silenciada e/ou cerceada em todos os espaços. No espaço da Literatura, as mulheres outras, as de tinta e papel, tem assumido além dessa face clichê, outras faces como as de musa inspiradora, as de anjo/demônio, de eterno feminino. Contudo, quando nos voltamos para o universo fictício de José Saramago, este e outros papéis correntes parecem sob uma subversão para logo em seguida uma dilatação, no sentido de que, à mulher são delegados papéis e funções outras nos corpos dos romances, como os de até condutoras do fio narrativo, não padecendo da “inércia” que se mostra a elas reservado. A presente comunicação é resultado das primeiras reflexões em torno do feminino na prosa do escritor português, fruto de um projeto de mestrado intitulado *Memorial do convento, Ensaio sobre a cegueira e a questão do feminino da prosa de José Saramago* e toma dessa constatação e da própria matéria de que se compõem os romances *Memorial do convento* e *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, no objetivo de buscar ler, tracejar, engendrar o que seriam as dimensões e as tessituras do feminino em ambos os romances.

PESSOA E OS LIMITES DA EXPERIÊNCIA

Pedro Ramos Dolabela Chagas - UFMG
dolabelachagas@gmail.com

Procurarei discutir a propriedade do conceito do “observador de segunda ordem”, conforme desenvolvido por Niklas Luhmann, para a análise comparativa daqueles que são provavelmente os três heterônimos mais célebres de Fernando Pessoa: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. O conceito de “observador de segunda ordem” procura descrever a condição em que se viu lançada a epistemologia moderna, a partir do momento em que se consagrou a percepção de que o sujeito, inevitavelmente, confere a sua marca ao universo que observa. Se nenhuma observação é “direta” ou “isenta”, se aquele que vê sempre impõe a sua marca àquilo que é visto, então o sujeito da observação é, cada vez mais, levado a observar a si mesmo enquanto “autor” das suas próprias observações: ele se torna, desse modo, um observador de “segunda ordem”, que se observa no ato da observação – e que desse modo é obrigado a se aperceber do alcance limitado da sua visão. No que tange à aproximação entre esse conceito e a poética daqueles três heterônimos de Pessoa, o que nos interessará investigar é o modo como o reconhecimento da limitação da própria capacidade de abarcamento das “coisas do mundo” leva, em cada um deles, ao delineamento de diferentes formas de pertencimento ao mundo (a autodissolução de Caeiro, o suave hedonismo de Reis, a volúpia de Campos), assim como também ao oferecimento de diferentes respostas emotivas à percepção da própria finitude. Na seqüência, nos interessará demonstrar como, na condição de sujeitos finitos, os três heterônimos desenvolvem formas profundamente diferentes de organização e resposta às experiências vividas.

A FIGURA DO CORVO EM TEXTOS DE CARDOSO PIRES

Rachel Hoffmann
Sônia Helena de Oliveira Raymundo Piteri
UNESP/PG-UNESP/CAPES
piteri@ibilce.unesp.br/rachel.hoffmann@gmail.com

Este trabalho analisa três textos do escritor português José Cardoso Pires: *Lisboa, livro de bordo* (1997), “Por cima de toda a folha”, de *O burro em pé* (1979), e “A república dos corvos”, do livro homônimo de 1988, a partir da focalização de um personagem comum: o corvo, imagem singular que ganha importância dentro da tradição da capital lusa por estar diretamente relacionado com a lenda de São Vicente. Segundo uma das versões existentes, dois corvos acompanharam o martírio do santo em momentos distintos: primeiro, protegeram-no quando foi exposto às feras a mando do governador de Valência e, depois, acompanharam seu corpo morto, ao se posicionarem um frente e outro atrás da barca que o conduziu a Portugal. Nas diferentes configurações da personagem corvo Vicente, dentro dos textos de Cardoso Pires, observa-se a paródia à lenda, que apresenta, em cada narrativa, tons diversos de uma reflexão crítica a respeito da identidade da nação portuguesa. Constata-se que, no livro de 1997, há um discurso irônico mais ameno e mais próximo do lúdico na constituição do corvo, enquanto na narrativa “Por cima de toda a folha”, a linguagem se articula para marcar de modo distintivo e paralelo a transfiguração de personagens representativas de Portugal e Angola. E, por fim, em “A república dos corvos”, o corvo Vicente ganha o papel principal, construindo-se como verdadeiro anti-herói, num processo que promove uma releitura da lenda do mártir, tencionando seus antigos e novos sentidos e pontuando a evolução do discurso irônico nas narrativas cardosianas selecionadas.

O TRÂNSITO ESTÉTICO OITOCENTISTA SEGUNDO UM PARATEXTO GARRETTIANO

Rafael Santana Gomes - UFRJ
camonianus@gmail.com

Em seu exílio em países como a Inglaterra e a França, Almeida Garrett - então um jovem de formação neoclássica - entra em contato com aquilo que, futuramente, viria a classificar como as “novas formas literárias” (formas de inspiração burguesa). De fato, a experiência do exílio - como afirma Ofélia Paiva Monteiro em um ensaio paradigmático, intitulado *Algumas reflexões sobre a novelística de Garrett* - seria um dos fatores responsáveis por modificar, pouco a pouco, a visão do escritor a respeito do fazer literário. Interessando-se cada vez mais pela ficção narrativa em prosa e por suas peculiaridades, Garrett não só poria em exercício o que observou, ao escrever romances e dramas, como também criaria algumas teorias a respeito dessas novas composições literárias, teorias que viria a chamar, no paratexto *Memória ao Conservatório Real*, de suas “teorias de arte”. Tempo de profundas mudanças no conjunto da sociedade, e no das artes, no século XIX, o paratexto

surge como uma modalidade capaz de ilustrar, por um lado, a nova concepção de literatura da Europa oitocentista, e, por outro, as relações autor-texto e autor-leitor, reforçadas a partir do advento do Romantismo. Desse modo, ao analisarmos o paratexto garrettiano *Memória ao Conservatório Real*, prefácio que antecede a peça de teatro *Frei Luís de Sousa*, pretendemos explorar, primeiramente, as raízes éticas e estéticas de uma nova literatura e, num segundo momento, o papel conferido às formas narrativas teatro e romance na educação da sociedade lusitana da primeira metade do século XIX.

O INSÓLITO NAS NARRATIVAS
DE MÁRIO DE CARVALHO E ALMÍLCAR BETTEGA BARBOSA:
UMA LEITURA DE “DIES IRAE”, “O CROCODILO I” E “O CROCODILO II”

Rafaela Cardoso Corrêa - UERJ
rafaela.letras@yahoo.com.br

Este trabalho propõe uma leitura comparada de narrativas do escritor português Mário de Carvalho e do brasileiro Almilcar Bettega Barbosa, observando os aspectos relacionados à presença de elementos insólitos em suas obras. Entende-se por insólito todo o evento que seja expresso por acontecimentos sobrenaturais ou extraordinários, que se distanciem de uma lógica esperada, instaurando fatos inusitados. “Dies irae”, de Mário de Carvalho, presente em *A inaudita guerra da avenida Gago Coutinho e outras histórias* (1992), e “O crocodilo I” e “O Crocodilo II”, de Almilcar Bettega Barbosa, de *Deixe o quarto como está ou estudos para a composição do cansaço* (2002), serão as narrativas analisadas. Pretende-se, assim, observar nesses textos a presença de traços distintivos nas estratégias de construção narrativa oriundos de diferentes gêneros da tradição que têm como marca própria o insólito, como, por exemplo, o Maravilhoso, o Fantástico e o Estranho. A naturalização dos eventos insólitos, verificada nesses textos, é um diferencial comum no que tange à sua filiação a aos gêneros citados. Em “Dies irae”, que já se inicia com a presença de um monstro no banheiro e um falcão no quarto, é narrado um dia da vida de Teles. Além da presença desses animais, há eventos extraordinários, como a estranha relação do personagem com seus colegas de trabalho e a apresentação de anjos discutindo a vida dos homens em um bar. Todos esses eventos são naturalizados e, depois, banalizados por Teles. Já em “O crocodilo I” e “O crocodilo II”, o narrador-personagem conta sua relação com um crocodilo que passa a fazer parte de seu corpo. Apesar de o animal se apresentar de forma insólita, acaba sendo incorporado ao cotidiano do narrador-personagem. Nota-se, portanto, a inserção do insólito nessas narrativas de forma que o que é insólito, inusitado, estranho acaba banalizado.

A JANGADA DE PEDRA: UM NAVEGAR DE EXCLUSÃO

Raiane Cordeiro de Souza Moreira - UFV
raiane.souza@ufv.br/gugamor@oi.com.br

A análise das experiências humanas no que tange a construção da identidade de uma nação é, do ponto de vista de Saramago, fundamental para perceber a situação de “exclusão” em

que se encontram Portugal e Espanha. Dessa forma, o escritor percebe nesses países ibéricos uma aproximação com os países latino-americanos, em função de uma ótica marginal. Visto que a cultura pós-moderna é marcada por um movimento emergente das margens, interessa entender esse deslocamento dos ibéricos em direção aos marginais. A jangada é a metáfora dos excluídos, que navegam em busca de identidade, à deriva. Saramago, ao usar de maneira recorrente dentro da obra a expressão “não se pode fugir à natureza”, remete ao perfil traçado pela Europa em relação aos ibéricos. Atribuir a cada uma das personagens centrais da obra, a princípio tidas como “possuidoras de poderes sobrenaturais”, o deslocamento da península sugere acreditar que a mudança pertence ao ser humano, mesmo que seja apenas uma mudança ideológica. Qualquer proximidade ou distanciamento deve ser marcado sempre pelo signo da identidade. Com a pós-modernidade, caracterizada por uma atitude de descentralização, sob ótica plural que destitui o absoluto, rompe-se com um modelo de sociedade que havia sido estruturada com base em um sistema etnocêntrico. O centro já não é totalmente válido, e, a partir dessa perspectiva, o marginal assume uma nova importância, no sentido da consciência de que uma cultura não precisa ser algo homogêneo, coeso. Sob essa perspectiva, este trabalho busca analisar a condição de exclusão que se descortina a partir da visão saramaguiana sobre Portugal e Espanha, em *A Jangada de Pedra*, tendo como fundamentação teórica os conceitos bakhtinianos, que buscam observar o mundo de um ponto de vista que permite captar da melhor forma o movimento dos fenômenos em sua pluralidade e diversidade, priorizando a interação social.

BOA TARDE ÀS COISAS AQUI EM BAIXO: FACES DA VIOLÊNCIA PÓS-COLONIAL

Raquel Cristina dos Santos Pereira - UFRJ
xrevistateialiterariax@hotmail.com

A partir de uma análise que privilegiará o diálogo entre argumentos literários e históricos, esta comunicação pretende mostrar por meio das reflexões em torno do romance *Boa tarde às Coisas Aqui em Baixo* (2003), de António Lobo Antunes, que, embora a descolonização em Angola tenha se instaurado no dia 11 de novembro de 1975, a exploração sem limites alimentada pela globalizante ambição em relação aos recursos naturais da *terra vermelha* dos *musseques* aliada ao último ciclo de violência que se instalou e perdurou por mais de 25 anos nesta recente nação independente passou a ser a realidade do cotidiano angolano apresentada pelos personagens Seabra, Marina e dos agentes do “Serviço” que integram o quadro narrativo desse décimo sexto romance de Lobo Antunes. A Angola imaginada, entretanto, parecia adiada novamente, pois a esperança depositada na independência para a reconstrução de uma sociedade essencialmente africana deu espaço a um clima tenso de violência extremada, fazendo ressurgir no solo angolano o antigo pânico, o “horror de um sonho”, a certeza de que o sofrimento vivenciado durante os treze anos de guerra colonial ainda estava longe de ter fim. Tornar-se-á possível, ao longo da apresentação desse trabalho, folhear na ficção de Lobo Antunes um “álbum” de imagens estilizadas que reconstituem as faces que modelaram e fomentaram a violência pós-colonial no território angolano.

A CASA TRANSFIGURADA DE GASTÃO CRUZ

Raquel Menezes - UFRJ
raquel.menezes@yahoo.com.br

Na Rua de Portugal número 20 (em Faro) nasce, a 20 de julho de 1941, Gastão Cruz. Vinte anos mais tarde estreia como poeta ao publicar, em parceria com Casimiro de Brito, Maria Teresa Horta, Fíama Hasse Pais Brandão e Luíza Neto Jorge, o livro *A morte percutiva*, incluído na coletânea *Poesia 61*. Anos depois, mais precisamente 41 anos depois, Gastão Cruz lança algumas de suas memórias e melancolias em *Rua de Portugal*, livro no qual sentimentos do passado, a casa que não mais existe e o café de frente à livraria são apresentados ao leitor de modo transfigurado a partir de “uma espécie de disciplina realista”. *Rua de Portugal* é uma obra em que os poemas têm como eixo alguns lugares concretos de recordação, como a casa, que são transfigurados em linguagem poética. O processo gastoniano de transfiguração em poesia aproxima-se do que faziam os impressionistas em pintura, visto que há uma realidade no tempo/espaço, ainda que em um “Tempo alheio”. Esse processo transfigurativo em Gastão, ainda que parta de uma realidade, tem na “Metáfora” de exaltação da palavra um ponto nodular. Assim, por mais que ocorra a transfiguração, como em uma fotografia alterada em Photoshop – “As cadeiras da casa mostram ainda a árvore/ os desenhos do cerne como chamas/ em todas repetidos e nos móveis// postos para a visão que começava/ quando noutra lugar era a mobília/ o cenário incendiário da família”, “Cerne” –, a poesia de Gastão é sempre norteada pelo lirismo, o que a coloca na contramão do que se faz contemporaneamente em poesia portuguesa. Desse modo, a “Morada” de Gastão é a casa de uma “Litania”, do corpo, do tempo, da memória e até mesmo da morte.

OMES LEAL E OS IDEAIS DA SEARA NOVA

Raquel dos Santos Madanêlo Souza - USP
raquelmsouza@usp.br

A *Seara Nova*, revista que se originou a partir da dissidência de alguns colaboradores da 2ª série de *A Águia*, foi uma das publicações periódicas portuguesas mais importantes do século XX. Em seu editorial de abertura, de 15 de Outubro de 1921, a proposta apresentada pelos seareiros era fazer uma revista *militante* que apresentasse projetos concretos para solucionar a situação problemática do Portugal republicano: “Os homens da *SEARA NOVA* pretendem fazer, por sua parte, em nome de toda *elite* portuguesa, o seu ato de contrição” - afirmava-se no texto de abertura. Caberia aos intelectuais propor soluções para o “desastre coletivo”, a partir da realização de “reformas” na “vida nacional”. Mas esses projetos apresentados no mensário, especialmente entre 1921 e 1926, não se limitavam às questões relativas à situação política, educacional, econômica e social do país; um dos objetivos dos seareiros era produzir, também, uma literatura *militante*, capaz de atuar nas mentalidades e na cultura nacional. Nesse sentido, o que se pretende, nesta comunicação, é analisar o significado de um poema “inédito” de Gomes Leal, inserido neste periódico, no número 54, de 3 de Outubro de 1925, buscando pensar a relação entre os versos desse poeta e o projeto inicial da revista, que pretendia uma intervenção ativa na reestruturação nacional.

MEMÓRIAS DAS IDENTIDADES N'A CAVERNA: APRISIONAMENTO E LIBERTAÇÃO

Raquel de Sousa Ribeiro - USP
mgrr@uol.com.br

José Saramago, n'A *caverna*, apropria-se de vários aspectos do mito platônico para construir sua obra. Dentre eles, ressaltamos a imagem da condição humana, de um lado, como aprisionamento, e, de outro, como libertação. O ser humano, na obra do filósofo grego, surge como detentor de um saber natural que, não obstante acredite nele, cegamente, revela-se, a um olhar mais exigente, ilusório: é a prisão. A libertação, por outro lado, é proporcionada pelo acesso, cheio de dificuldades, a um conhecimento superior, à Verdade, por parte de alguns. O relacionamento entre ambos é conflituoso. Estas duas identidades estão retidas nas memórias das principais personagens do romance em questão. Saramago retoma a imagem, criada, no interior da obra platônica, por Sócrates, para que Glauco melhor compreenda o que o mestre quer que aprenda. Há, todavia, também diferenças na narrativa saramaguiana: as possibilidades contidas no protótipo platônico, como diz Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoievski*, ao estudar a obra do escritor russo, são exploradas e o diálogo processa-se não só com o passado mas também com as transformações operadas no presente. Pretendemos, em nossa comunicação, determo-nos no exame do tratamento dado pelo autor do *Ensaio sobre a cegueira* a essa questão.

MIGUEL TORGA: UMA RECRIAÇÃO DE SI MESMO

Raquel Terezinha Rodrigues
Universidade Estadual do Centro-Oeste-PR
raquelterezinha@gmail.com

Este trabalho faz parte de um projeto maior que propõe estudar a obra memorialística de Miguel Torga intitulada *A criação do Mundo*, e tem como objetivo mostrar que mesmo trazendo elementos que fazem com que o texto seja visto e lido como uma representação de uma história pessoal, também traz uma recriação ficcional de si mesmo. Como referencial teórico utilizou-se a definição norteadora de autobiografia proposta por Lejeune, segundo o qual os textos autobiográficos são relatos retrospectivos, que alguém faz de sua própria existência, considerando também que eles podem ser relativizados pela possibilidade de uma autobiografia literária. Sendo assim, em se tratando de textos autobiográficos, um dos aspectos a ser levado em conta, segundo Eliane Zagury, além da complexidade do gênero é a sua participação em duas linhas contrastantes que faz com que a narrativa seja considerada histórica, pela sua proximidade com o real e lírica que a aproxima do ficcional. O escritor se vê puxado ora para um lado, ora para outro, mas a linha mestra desse movimento é a memória. E mesmo que opte por um lado, a tendência é ser atraído pelo outro. *A criação do mundo*, de Miguel Torga, traz uma inovação não só na forma de escrever o texto memorialístico, quando mostra essa ambigüidade vivenciada pelo escritor e, mesmo deixando claro isso, a ilusão retórica é presente, como também na forma

escolhida para a escrita desse texto, ou seja, em forma de dias como o relato da criação do mundo feito pela *Bíblia*.

MARCAS DE IRONIA EM *A COSTA DOS MURMÚRIOS* E
O VENTO ASSOBIANDO NAS GRUAS, DE LÍDIA JORGE.

Raquel Trentin Oliveira - UFSM
raqtrentin@yahoo.com.br

Apresento uma proposta de leitura da ironia em dois romances de Lídia Jorge – *A costa dos murmúrios* (1988) e *O vento assobiando nas gruas* (2002) – que tratam, entre outros aspectos, dos conflitos entre portugueses e africanos. A ironia, nos romances jorgianos, potencializada pela maneira de construção do discurso das personagens e de composição das ações, denuncia justamente os sentidos que as histórias representadas parecem silenciar. Nestes romances, discursos hiperbólicos e acontecimentos despropositados deixam perceber sua própria falácia e o que ela esconde: a violência em relação ao Outro, a cegueira diante de verdades que não se quer admitir, a falsa aceitação de diferenças culturais.

BAILARINA DE CORDA E A NARRATIVA EM ESPIRAL: BARROCO E IMAGEM
EM *EU HEI-DE AMAR UMA PEDRA*, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Regina Celia da Silva - UFF
reginacelisva@hotmail.com

A proposta desta comunicação é trazer o barroco para o diálogo com a escrita do autor português António Lobo Antunes. Dada certa tendência ao exagero, à fissura e ao movimento espiralado da narrativa que este escritor nos apresenta, traçamos a convergência da estética barroca pelo olhar enviesado de uma bailarina de corda. Entre escrita e imagem, linguagem e representação, o texto desapropria-se da historicidade que este movimento carrega para emergir, seguindo o viés do ornamento e do excesso, e exprimir a transitoriedade da linguagem através de falas interrompidas pelo silêncio, pelo outro e pelo outro de si. *Eu hei-de amar uma pedra* (2004) é um romance que manifesta sobreposições, contrastes e ritmos que anunciam ascensões e declínios. Tal como uma bailarina de corda, imagem que aparece reiteradamente na narrativa, os personagens parecem subsistir em retomadas, impulsionados pela memória. Este trajeto, em espiral, que a história vai delineando, recupera o barroco presente em sua linguagem, cada vez mais esboçada, escusa ao acabamento, retorcida, infinita. Às vezes movendo-se em torno de seu próprio eixo; outras, esgarçando-o à extremada ruptura, quase perdendo seus rastros nas ruínas do discurso. Diante desta analogia, um tanto quanto emblemática, dispusemo-nos a analisar a obra sob este recorte, tomando o barroco como estilo, adverbializado, associado a uma maneira de escrever e de ler o mundo.

DA PAIXÃO AO ABANDONO; UMA LEITURA

DAS CARTAS PORTUGUESAS E DAS LITOGRAFIAS DE HENRI MATISSE

Regina Lúcia Gonçalves Pereira Silvestrini - UEM
Regina_silvestrini@yahoo.com.br

Na Literatura Portuguesa, a temática das paixões como o desengano do amor, a melancolia do ideal inatingível, a angústia da perda da esperança, a dor do tempo, entre outros temas desvendaram estados de alma de Sórora Mariana Alcoforado, nas *Cartas Portuguesas*. Escritas por um *eu* que se confessa freira e dirigidas a um militar francês, Chevalier de Chamilly, as cinco cartas desvendam um sentido desengano e uma profunda dor da ausência do ser amado, essência de um drama passionai já encontrado, anteriormente, nas cantigas de amigo. Henri Matisse (1869-1954), pintor, escultor, artista gráfico e projetista francês também foi leitor das *Cartas Portuguesas*. No ano de 1945, aos 73 anos, lê as *Cartas* enquanto se recupera de uma delicada cirurgia. Entusiasmado, no ano seguinte, propõe à Editora Tériade, em Paris, uma edição ilustrada das *Cartas Portuguesas*. A edição de 2004 é composta de retratos imaginários de Mariana, somando-se quinze litografias que acompanham o texto e sintetizam os diversos estados de alma da religiosa, da pureza à paixão e da desilusão à amargura. Além das litografias, Matisse ilustra as páginas com vinhetas de flores, frutos e plantas dos países do sul que confirmam a paixão e o desejo expressos no texto. A nossa proposta de comunicação será apresentar o texto e as ilustrações da quarta carta, demonstrando o diálogo e a convergência existentes na releitura de Matisse, na edição de 2004, comprovando que as *Cartas Portuguesas* são um documento humano, literário e de confissão.

INÊS PEDROSA E JOSÉ SARAMAGO SOB O OLHAR DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Regina Silva Michelli - UERJ-UNISUAM
r.michelli@uol.com.br

Inês Pedrosa e José Saramago são escritores de reconhecido mérito, destacando-se o último, único escritor de língua portuguesa a ser agraciado com o prêmio Nobel. A obra *Mais ninguém tem* caracterizou a estréia de Inês Pedrosa. Publicada em 1991, dirige-se ao público infante-juvenil. A história focaliza a busca de uma menina e um menino por, respectivamente, um par de sapatos azuis e um chapéu de filmes de aventuras. O confronto entre o estabelecido e o risco de ousar o novo conduz a narrativa. *A maior flor do mundo*, de José Saramago, apresenta um texto cujo embrião se encontra no livro de crônicas do autor, *A bagagem do viajante*. As ilustrações, o tratamento gráfico e alguma modificação no texto original sinalizam o direcionamento da obra para o público infante-juvenil. A história narra também uma busca e um sonho: um herói menino aventura-se por outras novas terras e encontra uma flor murcha, que intenta salvar. Interessa-nos analisar, nas duas obras citadas, a voz narradora e a estrutura do enredo, como estratégias ficcionais que permitem observar a ideologia que cerca o texto, em princípio para a infância e a adolescência. O fato de não serem os dois escritores em tela específicos de Literatura Infante-Juvenil, cuja área do saber vem sendo alvo de nossa pesquisa, permite-nos analisar

a configuração desse texto escrito para essa faixa de público, enquanto obra de literatura em diálogo, ou não, com propósitos educativos.

A ARTE DA FICÇÃO EM *CAMPO DE TRÂNSITO*, DO ESCRITOR MOÇAMBICANO
JOÃO PAULO BORGES COELHO

Rejane Vecchia da Rocha e Silva - USP
rejane.vecchia@gmail.com

A presente comunicação pretende analisar a obra *Campo de trânsito*, do escritor João Paulo Borges Coelho, a partir dos elementos narrativos constitutivos do texto e que acabam por tecer, enfatizar e problematizar uma certa demarcação fronteiriça entre o mundo proposto pela ficção e o mundo material da realidade vivida. Sem dúvida, a realidade a partir de onde emergem personagens e espaços, principalmente, evidenciam o lugar de fala, ou seja, Moçambique, no entanto, a escrita ficcional pretende desprender-se dessa interlocução mais imediata com tal contexto empírico para revelar, ao longo da história, a autonomia de suas personagens.

FESTIM DE SABERES: UMA LEITURA DE *MEMORIAL DO CONVENTO*
SOB A PERSPECTIVA DO TRABALHO

Relines Rufino de Abreu - UFV
abreu112@yahoo.com.br

Entendendo ser a História matéria bruta a ser lapidada pela literatura. Sobretudo como elemento estrutural, vemos na obra de José Saramago, *Memorial do Convento*, o resgate da História portuguesa através do memorialismo, onde o autor estabelece o cenário da mentalidade portuguesa de parte do século XVIII. Dentro desse quadro, através de estudiosos como Carlos Reis, Antônio Lourenço e Maria Helena Rouanet, pretende-se neste estudo discutir as diferentes vozes que constituem as variadas perspectivas sobre o trabalho, no sentido de labor, principalmente sob o olhar do rei D. João V e o Padre Bartolomeu Lourenço. Estas figuras são matérias impulsionadoras dos principais desdobramentos do romance, uma vez que a partir delas se torna possível refletir sobre a questão da dignificação do homem através do trabalho e da relação entre patrão e empregado. Podemos notar isso a partir dos desdobramentos das duas grandes construções: o convento de Mafra e a passarola. A partir dessas duas edificações, Saramago movimenta em sua narrativa o geral e o particular, o coletivo e o individual assim como trabalha o presente, passado e futuro abarcando todos os detalhes e pormenores fazendo, então, justiça àqueles quem não foram citados pela história, como é o caso do casal Blimunda e Baltasar e todos os trabalhadores que ajudaram na construção do convento. Através do memorialismo, o autor traz para a Literatura a recuperação do marginal mostrando a importância dessas

peessoas como agentes promotores da História. Se a vontade de voar é um desejo individual e particular do trio Blimunda, Baltasar e Bartolomeu, vemos a vontade do coletiva simbolizada pela instituição religiosa de ver construído em Mafra um convento franciscano. No desenrolar de todo esse processo, vê-se ideais de trabalho bastante diversos, tema que amplifica o valor dessa obra enquanto ensaio crítico e reflexivo.

O SERTÃO MEDIEVAL DE ELOMAR: ATUALIZAÇÕES DO ROMANCE TRADICIONAL IBÉRICO NA CANÇÃO A *DONZELA TIADORA*

Renailda Ferreira Cazumbá - UEFS
renacazumba@ibest.com.br

O trabalho pretende analisar a atualização da história da Donzela Teodora, um romance tradicional ibérico, no Cancioneiro de Elomar. Intentamos perceber como esse relato nos chegou, apropriado das diversas recriações do romance tradicional ao longo dos anos, a partir da sua releitura na letra da canção “A Donzela Tiadora”, de Elomar, que, pelas adaptações textuais, representa uma apropriação do folheto de cordel de Leandro Gomes de Barros, cordelista pioneiro no Brasil. Na canção, Elomar faz um diálogo com o cordel e o romanceiro ibérico, apropriando-se do núcleo narrativo da história da tradição oral e escrita. A canção atualiza o imaginário medieval a partir de uma transposição de linguagens, apropriando-se do romance tradicional ibérico e do folheto nordestino.

SUBJETIVIDADES EM TRÂNSITO: RELATOS DE VIAGENS A ILHAS DESCONHECIDAS

Renata Flavia da Silva - UFF
renataflaviadasilva@gmail.com

O trabalho que ora se apresenta tem como ponto de partida a narrativa de *O conto da ilha desconhecida* de José Saramago. Aproveitando o tema da viagem proposto pelo autor português, estendemos nossos olhares às Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e suas viagens ficcionais. Quer no plano espacial quer no plano textual, o deslocamento proporcionado pela literatura contemporânea produzida nos países africanos de língua oficial portuguesa recuperam a velha máxima lusitana “navegar é preciso”, ainda que essa navegação se faça apenas no interior das subjetividades representadas nas obras romanescas, em busca de si mesma. A constante indagação acerca da multiplicidade de identificações e da complexa rede de papéis sociais, representados no texto literário, faz coro à voz da personagem de Saramago, a qual afirma ser a viagem imprescindível, pois “se não saís de ti, não chegas a saber quem és”. “Subjetividades em trânsito: relatos de viagens a ilhas desconhecidas” objetiva, por fim, estabelecer uma possível rota de aproximação entre o texto saramagueano e os espaços ficcionais representados na literatura contemporânea da África lusófona.

A RUIVA: UM CONTO DE FIALHO DE ALMEIDA

Renata Rodrigues Lopes - UERJ
re_rolopes@hotmail.com/renatarodriguesll@ig.com.br

Publicado em 1878, o conto *A Ruiva* destaca a capacidade de Fialho de Almeida de apresentar as mazelas de uma sociedade sacrificada e empobrecida pelos problemas políticos e sociais por que passava, aliada à presença de ambientes degradantes e pouco explorados como cemitérios, becos sombrios, hospitais e tabernas. Por ser um dos contos mais citados pelos críticos de Fialho de Almeida, *A Ruiva* faz parte da pesquisa para o mestrado em Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cujo título é *Vida Urbana e Vida Literária em Fialho de Almeida*. No conto, é possível perceber a ousadia de um autor que, aparentemente, desejava combater os dogmas criados pelas instituições vigentes, evidenciando as dificuldades e os vícios de uma sociedade em ruínas. Sendo assim, *A Ruiva*, além de apresentar a descrição minuciosa de bairros pobres que são para o autor os lugares onde mais se encontram a dor e o sofrimento humanos, cria um tom sombrio e decadente que beira a morbidez. Nele, a hesitação no caminho a seguir e o luxo de pormenores são latentes, seguindo, de maneira gradativa, a evolução da narrativa e dos próprios personagens que, além da condição miserável, representam a inércia e a submissão diante do que não se pode combater. Sendo assim, Fialho de Almeida destaca em *A Ruiva* a união do real com a emoção e o imaginário, criando uma espécie de pintura do que se pode chamar “aqui e agora”, ou seja, retrata aquilo que está oculto diante do que é aparente, cujo destino não se pode modificar e nem fugir. Além disso, é importante ressaltar o vasto número de personagens pobres que saem do lugar secundário para fazerem parte da cena central.

FRAGMENTAÇÃO E CONTINUIDADE EM *BOA TARDE ÀS COISAS AQUI EM BAIXO* (2003), DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Rhiago Losso - UNESP
rhiago@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo apresentar a análise do romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo* (2003), do autor português António Lobo Antunes. A análise consiste no estudo dos procedimentos literários da obra e na relação estabelecida entre esses procedimentos e questões sobre pós-colonialismo, identidade e sujeito, em especial o sujeito do “entre-lugar” (como entendido por Bhabha). Esse romance de Lobo Antunes é uma obra inquieta, dividida, fragmentada, que traz diferentes narradores-personagens que duelam com suas reminiscências da terra de origem, Portugal, em confronto ao novo mundo, à ex-colônia em Angola, numa relação conflituosa e irresoluta, sentindo-se marginalizados em ambas culturas. Tais questões, bem como o enredo, são apresentados e trabalhados por uma confecção discursiva e estilística bem peculiar ao autor, a qual Maria Alzira Seixo (*Os romances de António Lobo Antunes – 2002*) se refere como ‘discurso da fragmentação’, em uma determinada fase da produção artística do autor, e ‘discurso de uma continuidade prolongada’, em outra fase, de modo que este trabalho reconhece a presença de ambos em *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. A apresentação visa também estabelecer uma relação

dos procedimentos da obra com alguns aspectos da literatura contemporânea levantados por Arnaut em *Post-modernismo no romance português contemporâneo* (2002). Longe da intenção de classificar a obra de Lobo Antunes como pós-modernista, as reflexões levantadas por Arnaut em seu estudo colaboram com caracterização do discurso utilizado por Lobo Antunes no romance em questão.

A INFLUÊNCIA DA FARSA MEDIEVAL FRANCESA NA CONCEPÇÃO DO TEATRO FARSESCO DE GIL VICENTE: A FARSA DO MAÎTRE PATELIN E A COMÉDIA CHAMADA FLORESTA DE ENGANOS

Ricardo Costa dos Santos - UEFS
rcwerther@yahoo.com.br

No teatro medieval, encontramos uma dramaturgia que é um misto de austera devoção e humana observação. Seu traço marcante é o fato de ter se iniciado numa comunhão com a Igreja para depois torna-se uma festa comunal. Com o passar do tempo, Deus deixa de ser o protagonista visível e invisível desse teatro, assumindo o homem esse papel. Nasce o teatro profano francês que faria eco a toda a dramaturgia européia na Idade Média e ao teatro vindouro, como o de Gil Vicente. Gênero do teatro *Profano*, a *Farsa* influenciará de forma profunda a concepção de *farsa* em Gil Vicente. O termo origina-se do verbo francês *Farcir*; significando, respectivamente, massa condimentada para recheiar carne, ou o ato de recheiar. A *Farsa* era assim denominada por que vinha entre dois espetáculos religiosos. Era uma porção, uma junção de figuras que recheavam o espetáculo, cujo objetivo era promover o riso através da crítica de costumes. Bernadette Rey-Flaud analisou como se combinou a palavra *farce* a várias etimologias: *fart*, no sentido de engano, e *fard*, maquilagem. O denominador comum entre essas duas unidades de sentido é o termo *enganar*. E esse será o mote principal da *Farsa do Maître Pathelin*, e da *A Comédia Chamada Floresta de Enganos*, um jogo de enganos. A *farsa* vicentina, a exemplo, coloca cenas de triângulo amoroso, desenvolve a idéia de um provérbio e explora de modo sistemático os automatismos das situações que fazem daquele que engana o enganado. Essas personagens são *tipos* e podemos dizer que esse traço vicentino é herdado dos franceses. Objetivamos com esse trabalho, analisar a influência da *Farsa* francesa na concepção de *farsa* do teatro vicentino. Para isso, faremos uso da obra francesa *A Farsa do Maître Pathelin e A Comédia Chamada Floresta de Enganos*, de Gil Vicente. Além disso, mostraremos como o riso, tão característico do gênero *farsa*, é utilizado na crítica de costumes.

O MOTIVO DA PREGUNTA NAS CANTIGAS DE AMOR DE MARTIN SOARES

Risonete Batista de Souza - UFBA
risonete@ufba.br

Os termos *lausengirs* em língua *d'oc* ou *losengiers*, em língua *d'oïl*, designavam, a princípio, os “aduladores”, depois os “caluniadores”, “maldicentes”, ou seja, aqueles que estavam sempre dispostos a denunciar os amantes para assim obter benefícios do marido, daí a necessidade de se manter a paixão em segredo. Na lírica galego-portuguesa, não sendo

a *senhor*, necessariamente, uma mulher casada, não havia, a princípio, razão de impedimento do amor, entretanto, o tema do segredo amoroso é bastante explorado, bem como o papel dessas personagens denominadas *cousidores* ou *miscradores*, cuja ação é designada pelos verbos *cousir* ou *mesclar / miscrar*. É certo que seu papel, na lírica galego-portuguesa, é um tanto diferente, mas igualmente nocivo para as aspirações do amante. Um número significativo de cantigas, pertencentes a trovadores ativos em diferentes períodos, giram em torno do tema do segredo e da ação dos *miscradores* ou ainda de temas derivados, como o da *pregunta*. São cantigas que tratam do assédio dos curiosos, que desejam saber quem é a causadora do sofrimento do trovador e ele, em contrapartida, esforça-se por manter em segredo o nome de amada. Nesse trabalho, analisamos a cantiga A 48 / B 160, *Muitus me võem preguntar*, de Martin Soares, cujo tema principal é o motivo da *pregunta*, e a confrontamos com cantigas de outros trovadores da primeira e terceira geração, com o objetivo de sugerir que Martin Soares é o introdutor do tema da como motivo principal da canção de amor na lírica peninsular.

UM VELHO E OS FANTASMAS QUE O TEMPO ESFARRAPOU

Rita Aparecida Coelho Santos - UNEB/UFF
rtls1@hotmail.com

O presente trabalho coloca-se diante de uma pergunta que inferimos como ponto inicial para nossa reflexão: como pensar a velhice na literatura de Mário Cláudio de modo que ela se apresente como uma reflexão sobre o ser de/para a morte, através da linguagem? Será basicamente através desse questionamento que moveremos a nossa investigação no campo da arte contemporânea centrada especialmente na literatura. Podemos dizer que estamos diante de uma pergunta que em sua posição de pergunta não implicará necessariamente os elementos de sua resposta. Desse modo, a nossa busca “gira em torno” do romance *Oríon* como narrativa que carrega em si uma vocação enigmática diante da qual nos vemos frente a uma experiência de escrita com o que é absolutamente economia do ser: o envelhecimento. A proposta do presente capítulo está, então, no desafio, de pensar a narrativa de Mário Cláudio, através de um conceito do ser, apresentando-o como enigma, como problema, como lugar de testemunho, como espaço da dor e da morte. Trata-se de dizer que, se na filosofia temos uma gama de conceitos elaborados para se pensar o ser, na arte eles estão instaurados de tal forma que podemos ter uma mesma experiência dessa teoria. É, portanto, na relação com a arte literária de Mário Cláudio que podemos ter a experiência da falta, da passividade do ser e da negatividade.

MEMÓRIAS EM MOVIMENTO:

COLONIZAÇÃO E DESCOLONIZAÇÃO DO CONTINENTE AFRICANO

Roberta Guimarães Franco - UFF
robertagf@uol.com.br

O presente trabalho tem como objetivo analisar os movimentos migratórios oriundos da colonização e da descolonização do continente africano em quatro romances de língua portuguesa. Para atingir tal objetivo, utilizaremos os livros *Hora di Bai* (Cabo Verde, 1962), de Manuel Ferreira, *As naus* (Portugal, 1988), de António Lobo Antunes, *A geração da utopia* (Angola, 1994), de Pepetela, *As duas sombras do rio* (Moçambique, 2003), de João Paulo Borges Coelho. Através destas quatro narrativas, pretendemos evidenciar as diferentes formas de representação dos deslocamentos, ressaltando os conceitos de “exilados” “emigrados”, “refugiados” e “retornados”, bem como o processo de manutenção das memórias coletivas nesse contexto. O romance de Manuel Ferreira problematiza a questão da fome em Cabo Verde e a necessidade dos habitantes em migrar para a ilha de São Vicente ou para São Tomé. Já o livro de António Lobo Antunes coloca em evidência o grande problema dos retornados após o processo de descolonização da África portuguesa. Pepetela trata daqueles que tiveram que sair de Angola para estudar em Portugal, mas também daqueles que viveram como exilados em Paris para fugir do serviço militar obrigatório. Por fim, João Paulo Borges Coelho situa seu romance na tríplice fronteira entre Moçambique, Zâmbia e Zimbábue para falar dos refugiados da guerra civil moçambicana. Desse modo, as obras abrangem um longo tempo da história do que foi o Império português e das marcas deixadas por ele no território africano.

A TRILOGIA DO ÚLTIMO EÇA

Roberto Loureiro - Faculdade CCAA
rbtloureiro@yahoo.com.br

A ilustre casa de Ramires (1900), *A cidade e as serras* (1901) e *A correspondência de Fradique Mendes* (1900) são, geralmente, consideradas obras menores do período chamado de “o último Eça”. Há quem veja em Gonçalo Ramires um personagem vazio; para outros, a saga de Jacinto é uma obra reacionária; e apenas Fradique Mendes desfruta de maior simpatia nos estudos queirosianos. Recentemente houve uma recuperação deste período por parte de pesquisadores que apontam nessas obras uma nova postura ideológica do autor que, através de elementos históricos, simbólicos e míticos, conduz a um diálogo com os temas e os valores mais discutidos da cultura europeia naquele final de século. Com esses elementos, Eça expõe nas três obras a necessidade de a sociedade adotar uma postura de originalidade no pensar visando à independência intelectual e à eliminação de conceitos caducos. Assim, esses três textos são vistos neste trabalho como uma trilogia, e os protagonistas representam três propostas de Eça de Queirós: Gonçalo é o português rural que busca no passado a força para mudar; Jacinto é o português cosmopolita que retorna às origens para pôr-se em diálogo com o seu país e o mundo que conheceu na capital do século XIX (Paris); Fradique é o português global que circula à vontade pelos continentes, mas não deixa de amar Portugal. A trilogia apresenta propostas para um novo século: livrar o homem das amarras que o atavam ao nacionalismo romântico, à crença cega na ciência,

ao poder da igreja e aos grandes sistemas filosóficos. O presente trabalho, contemplado com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), é resultado da dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa pela UERJ.

ESPAÇOS EM RUÍNAS NA POÉTICA DE LUÍS QUINTAIS

Robson Caetano dos Santos - PUC-MG
almeidacaetano@hotmail.com

A comunicação pretende analisar parte da obra do poeta português Luís Quintais, cuja poesia focaliza principalmente espaços em ruínas, preenchidos apenas pelo vazio da morte e pela busca tateante de uma identidade que é feita de fragmentos do mundo e da memória. Ao perambular por esses ambientes, que lhe seriam familiares, o sujeito poético fala essencialmente de ausência, de perda e de incompletude, revelando o estranhamento e deformação que parecem marcar a sua poesia. Vinculado ao grupo de pesquisa “De Orfeu e de Perséfone: figurações da morte nas literaturas brasileira e portuguesa contemporâneas”, o estudo almeja demonstrar de que maneira a negatividade e o pessimismo, que é a matéria-prima dos poemas de Luís Quintais, transforma em riqueza uma linguagem literária que não é redentora, não apresenta soluções, mas consegue ser bela justamente por representar o feio, a impotência e a neutralidade. Em cada poesia de Luís Quintais, um novo mundo é criado, revelando o vazio ilusório da contemporaneidade e a fragmentação do homem contemporâneo perante a massificação das informações e, por isso mesmo, a falta de um sentido. Sua poética se revela o testemunho de um tempo em que o homem perdeu as referências, sendo feitas por um autor que não sabe o que diz, pois tenta falar/testemunhar do vazio, oferecendo um paliativo, mas jamais uma solução para a dor da ausência de respostas. Pretende-se, enfim, através do estudo do mundo original criado por essa linguagem poética, obter uma reflexão sobre a poesia que se faz hoje em Portugal.

O QUASE FIM DO MUNDO E O FIO DA HISTÓRIA

Robson Lacerda Dutra - Unigranrio
robson.dutra@oi.com.br

Através de um acontecimento insólito – o desaparecimento súbito de toda a humanidade – exceto de pequena localidade da África equatorial, Pepetela cria o enredo de seu novo romance *O quase fim do mundo*. Os sobreviventes, um médico, uma fanática religiosa, uma adolescente a que se juntam um pescador, uma historiadora, um mecânico, uma americana e um sul-africano, entre outros, são mostrados como náufragos de um tempo em que traços da história mundial vão se apagando diante do cataclismo a que são forçados, assim como a um exercício de reaprendizagem nem sempre harmônica, dada sua heterogeneidade. Neste confronto, diferenças étnicas destruídas pela queda da “Fortaleza de Schengen” se mesclam ao passado colonial posto mais uma vez em xeque, num verdadeiro retorno às origens que resulta numa deambulação por diversos “lugares da memória” que se assumem como novos “locais da cultura”. Através deles, as personagens exercitam rituais de um recomeço em que passado e presente são constantemente confrontados. Se em outros romances a cidade

fictícia de Calpe surge como *locus* de utopia ou de desconforto, em *O Quase fim do mundo* ela aparece como uma das metáforas de ressignificação de uma parábola pós-apocalíptica que este texto pretende abordar.

SARAMAGO E A (RE) INVENÇÃO DA HISTÓRIA: O CASO *MEMORIAL DO CONVENTO*

Rodrigo Corrêa Martins Machado - FAPEMIG
rodrigo.c.machado@ufv.br

Prof. Dr. Gerson Luiz Roani
Universidade Federal de Viçosa
roani@ufv.br

José Saramago é considerado um dos mais significativos escritores das literaturas de língua portuguesa. Em seus romances, reflete sobre os problemas sociais, e dentre outras coisas, revisita criticamente a História de Portugal. Em *Memorial do Convento* (1982), encontramos uma releitura do processo histórico, mediante a qual a experiência do ser humano com a temporalidade é recriada/ reinventada a partir de documentos. O presente trabalho se vincula ao projeto de pesquisa: “De fato, ficção: História e Intertexto em *Memorial do Convento* de José Saramago” e consistiu em um exercício de leitura crítica. Para tal, partimos da leitura e compreensão de textos críticos a respeito do diálogo entre Literatura e História. Ao fazer esta releitura crítica do passado, o autor aprofundou as ligações entre as duas áreas aparentemente antagônicas e criou um forte diálogo entre ficção e História. Sob esse olhar analisamos o romance em questão, como obra exemplar para a reflexão acerca das relações interdisciplinares entre a Literatura e a História. Estudamos como o romance escolhido se apropria, reescreve e reinventa a matéria textual proveniente da História, num diálogo com a historiografia questionador dos limites da representação discursiva realizada, tanto pela Literatura, quanto pela História, bem como a falência dos conceitos de Verdade e de Real, quando aplicados ao processo de indagação sobre a experiência humana com os tempos pretéritos. Ao fazer uma “apropriação” do Histórico pelo viés ficcional, o autor tece uma narrativa que assume um novo olhar sobre o discurso passado, promovendo confronto entre as fontes históricas, à medida que a narração impõe-se como exercício de memória e relê crítica e ironicamente a História. Saramago, então, revisita o passado português, a fim de lançar um novo olhar, que vise trazer o povo à tona na História portuguesa, para que este, mesmo tardiamente, seja reconhecido como o construtor de Portugal.

MEMÓRIAS E TRÂNSITOS DA LÍNGUA: O TRANSE LÍRICO EM *A FACA NÃO CORTA O FOGO*, DE HERBERTO HELDER

Rosa Maria Martelo
Universidade do Porto, Portugal
rosamartelo@sapo.pt

Em *A Faca Não Corta o Fogo*, de Herberto Helder (2008), é possível identificar várias reflexões acerca do uso da língua portuguesa pelo Poeta, no seu desejo de “criar uma língua dentro da própria língua”. Paralelamente, também podemos ver que Herberto Helder faz convergir, nos poemas do livro, diferentes usos do Português, tal como foi/é falado em diferentes tempos e diferentes lugares. O Português de Portugal e o Português do Brasil misturam os seus usos específicos, apropriam-se de outras línguas, como o Italiano e o Espanhol, e dão origem a um radical exercício de liberdade linguística. O que pode este trânsito dizer-nos acerca do Lirismo e da sua relação com a Língua, palavra a que Herberto Helder também confere um sentido estritamente corporal? Eis a questão sobre a qual me proponho reflectir.

OS FILHOS DE EÇA: ARTUR E FRADIQUE

Rosana Apolonia Harmuch - UEPG
rosanaharmuch@hotmail.com

Data de 1877 a primeira referência que possuímos sobre o romance *A capital!*, jamais terminado por Eça de Queirós, embora algumas páginas tenham inclusive sido impressas e o texto que chegou até nós seja de tamanho razoável (quase trezentas laudas). Apesar, portanto, do carácter inconcluso da obra, considero importante me deter sobre ela, dado que o personagem principal de *A capital!*, aspirante a escritor, é um como que irmão de Carlos Fradique Mendes, na medida em que a construção de ambos estabelece relações muito diretas com o que Antoine Compagnon denominou de terrorismo teórico. Por conta desse fato, meu texto faz algumas aproximações entre esses dois personagens a partir de temas ou assuntos, diante dos quais as reações de Fradique e de Artur se tornam produtivas para a compreensão do modo como ambos se relacionam com o fazer literário. Uma diferença aparentemente banal entre eles os marcará de forma indelével em relação ao modo como encaram a literatura: Artur nasce pobre e Fradique rico. Para o primeiro, portanto, publicar livros significava ganhar fama e respeito, mas também seria um modo de sobreviver. Fradique, justamente por não se preocupar com finanças, pode agir de forma a causar um certo frenesi em torno da própria figura e dos textos que escreve, cuja publicação é feita por outros, tanto no caso dos poemas quanto da *Correspondência*. A dúbia negação da escrita como forma possível de expressão alimenta, inclusive, a expectativa em torno do seu exíguo legado. Na condição de protagonistas, Artur e Fradique ocupam um lugar privilegiado na vasta galeria de personagens ecianos que figuram escritores, o que justifica, a meu ver, essa aproximação.

MEMÓRIA E IMAGEM EM EÇA DE QUEIRÓS: A PAISAGEM ORIENTAL REVISITADA

Rosana Carvalho da Silva Ghignatti - UNEB
rosanacs26@yahoo.com.br

A proposta desta comunicação é apresentar uma inter-relação entre literatura e paisagem, a partir de um diálogo interdisciplinar com a geografia cultural. Para isso, tomaremos a leitura de alguns dos *Relatos de viagem* produzidos por Eça intitutados como Alta Síria e Palestina. Acredita-se que o escritor, ao visitar o Oriente em 1869, fez várias reflexões culturais, sociais e estéticas sobre a cultura daquela região, possibilitando-nos, com isso, discutir a teoria da percepção da paisagem que tão vivamente ele descreveu. A paisagem oriental descrita pelo romancista permite avaliar a importância da sua viagem ao Oriente, pois a oportunidade de entrar em contato com outra cultura, que outrora o autor pôde apenas visualizar pelas suas longas leituras, acurou mais ainda a sua imaginação, quando da descrição de fisionomias, palácios egípcios e a riqueza da paisagem. Aliado a isso, a oportunidade de opinar sobre assuntos de índole social e econômica, como a fertilidade do rio Nilo, a situação da mulher no Oriente e as condições de miserabilidade do camponês egípcio. O Oriente é presença constante na obra deste escritor, o que faz surgir indagações e teorizações acerca do tratamento dado aos aspectos culturais relacionados àquele lugar. Objetiva-se, portanto, evidenciar a presença enriquecedora da geografia oriental, de modo a apresentar a paisagem sob o ângulo da experiência do escritor Eça de Queirós.

O TRAUMA DA PALAVRA EM *O MEU NOME É LEGIÃO*, DE LOBO ANTUNES

Rosana Cristina Zanelatto Santos - UFMS
rzanel@terra.com.br

Em geral, a percepção humana do mundo e de si mesmo no mundo constitui-se em torno de um significado posto pela tradição e pelas certezas empiricamente vividas; no entanto, o estado de ser o sentido das coisas do significado permanece ocultado. É preciso se aposar da tradição e assumir seu controle, encontrando uma abertura/uma lacuna para o futuro do significado do sentido das coisas. Essa abertura/lacuna pode ser um trauma, o que não significa dizer que seja negativo. É na categoria de trauma que alocamos o texto literário: o escritor é aquele que estabelece, por via de seu texto, o vivido num outro universo que não necessariamente o empírico, ou seja, no universo ficcional, ao qual é constantemente negado o *status* de realidade. O contacto com esse universo, por sua vez, “traumatiza” o leitor, abalando suas crenças, ilusórias, na veracidade da realidade, colocando-o face a face com as perturbações e o mal estar que a mimese, enquanto processo criativo de novas realidades, é capaz de gerar – e aqui estamos nos referindo à catarse. Por outro lado, o trauma “literário” é necessário para que se agregue à cosmovisão do leitor a possibilidade da diferença, do outro, da dúvida. *Grosso modo*, queremos chegar (e o queremos tomando como contribuição o ensaio Escrita e transmissão da experiência, de Nina Virgínia de Araújo Leite) à defesa de que, ainda que os limites entre ficção e realidade empírica/vivida sejam tenuemente delineados no texto literário, a experiência traumática pode se instaurar no âmbito do ficcional, sendo tecida fora da experiência vivida, graças à mimese. Em nossa comunicação, para demonstrar o que foi dito, analisaremos *Meu nome é legião*, de Lobo

Antunes, a partir dessa perspectiva traumática e que estrutura o universo ficcional, fazendo-o tão real quanto outros universos por onde circulamos.

DIVERSIDADE CULTURAL E EDUCAÇÃO:
O ENSINO DAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PERSPECTIVA

Rosangela Sarteschi - USP
rosecpq@usp.br

Esse trabalho pretende refletir sobre o ensino das literaturas de língua portuguesa colocadas em confronto, que, ao incluir a voz das culturas periféricas, operam uma narratologia crítica de transformação e remodelação dos cânones, de reavaliações culturais de narrativas que foram marginalizadas e que persistem às margens ou nos interstícios da sociedade. Esse discurso – multiculturalismo crítico ou de resistência – não satisfeito em apenas desestabilizar os sentidos dominantes na sociedade, visa transformar as próprias condições sociais e históricas que naturalizam os sentidos culturais e que se fazem presentes no contexto da escola.

NARCISA DO BRAVO, MARIA D'ANTAS E OUTRAS:
ASPECTOS DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA FICÇÃO CAMILIANA

Rosemary da Silva Granja - USP
rosegranja@uol.com.br

Na ficção de Camilo Castelo Branco, algumas personagens femininas apresentam-se como personalidades que desafiam a imagem prevista para as mulheres em meados do século XIX, incorporando características marcadamente masculinas. Tomando por base essa questão, essa pesquisa desenvolve breve análise de personagens femininas das obras *Os brilhantes do brasileiro*, *A corja* e *O cego de Landim* sob a ótica da identidade de gênero.

O ESPAÇO DA MEMÓRIA EM “O POEMA DE EYÚB”

Rute Maria Chaves Pires - USP
rutepires2009@gmail.com

O presente ensaio realiza uma análise a partir dos elementos intimistas que permeiam o texto “O Poema de Eyúb”, parte integrante da obra *Poesias* do escritor português António Patrício, autor decadentista, que se inscreveu no final do século XIX. A poética patriciana reflete uma grande carga de sugestões/questionamentos e aspirações do homem finissecular. Daí perceber-se uma forte influência das correntes literárias do final do século

XIX na sua produção. Tanto o Simbolismo quanto o Decadentismo se fazem presentes de forma acintosa em todos os volumes de sua obra, não só de poesia, mas também de conto e teatro. De forma particularmente portuguesa, as pinceladas de saudosismo marcam sobremaneira a escrita patriciana, demonstrando um aspecto recorrente e diferenciador no que tange aos aspectos mais intrínsecos do texto, bem como a presença de elementos intimistas que caracterizam a sua poética.

RE-LUZIR LUIZA

Sandro Ornellas - UFBA
ssornellas@ufba.br

Tratar-se-á de Luiza Neto Jorge que, aos 20 anos da sua morte, completaria 70 anos de vida (1939-1989). Aproveitar a ocasião e celebrar essa fortíssima poeta em tempos de prosa venal, pois é de celebração que se trata quando falamos de vida, de morte e de congressos. Na comunicação, abordaremos, não exclusivamente, seu último e póstumo livro, *A lume*, publicado em 1989. A idéia é pesquisar – como parte do projeto de pós-doutoramento na UFRJ, financiado pelo CNPq e intitulado “Corpos políticos na poesia portuguesa contemporânea” – sua marca, seu traço, sua assinatura, sua presença em um livro que foi publicado sem ainda estar finalizado por ela (a assinatura escrita é sempre uma marca de ausência que produz uma presença performatizada legalmente), o que se poderia crer um ato contra a sua vontade. Onde será, então, que podemos entrever a última assinatura dessa poeta, que nunca deixou de se inscrever em tudo o que escrevia, que nunca deixou de escrever em voz alta, de corpo presente e com a memória nas mãos? No jogo de vida e morte do sujeito na sua poesia, a impressão da assinatura “Luiza Neto Jorge” talvez se dê por indecíveis vias: entre a interdição e a sua transgressão, entre a herança do nome próprio e a contra-assinatura literária, entre uma poderosa presença e uma ausência incontornável. A se verificar.

VIAGEM TEJO ARRIBA, VIAGENS TERRA ABAIXO: COMPARAÇÕES ENTRE O VIAJANTE-GARRETT E O VIAJANTE-SARAMAGO

Saulo Gomes Thimóteo - UFPR
sthimoteo@gmail.com

O ato de viajar sempre acompanhou a literatura, pode-se perceber isso no fato de que os autores vão construindo seu texto na medida em que o vão descobrindo, isto é, os itinerários, as surpresas e os desvios de percurso fazem parte do próprio fazer literário. E é exatamente isso que Almeida Garrett faz em *Viagens na minha terra*, tendo como pretexto uma viagem sua de Lisboa para Santarém, o escritor vai divagando e criando associações das mais diversas enquanto observa e aproveita a paisagem. Estabelecendo conversas com o leitor, suspendendo a narrativa para apresentar histórias das mais diversas como sua ida aos Elísios para conversar com o Marquês de Pombal, ou todo o romance de Carlos e Joaninha. O que o viajante-Garrett propõe ao leitor é justamente permitir ser levado não apenas pelo percurso físico da viagem, mas também (e principalmente) pelo roteiro de

associações feitas pelo pensamento, e aí reside a grandeza do ato de viajar. Aproximadamente 150 anos depois, outro viajante vai em busca da terra que é sua, mas que não a conhece. José Saramago perfaz um caminho maior que Garrett (pois vai do Norte ao Sul do país), mas obedece ao estilo do “mestre dos viajantes”. Isso se percebe em cada cidade visitada, em cada igreja ou museu que se revela e, principalmente, em tudo aquilo que se refere, para o narrador, ao povo português. Para tudo que vê, sente ou imagina, o viajante-Saramago cria paralelos, supõe ligações e estabelece laços, tornando Portugal uma terra composta de mil faces, todas evocando uma unidade. Assim, esses dois roteiros de viagem vão além de simplesmente mostrar o que existe em uma localidade, em cada página resgata-se o passado e uma lembrança dos autores, que tentam se ligar à terra a que pertencem.

A FIGURAÇÃO DO MÉDICO E DA INSTITUIÇÃO HOSPITALAR NA FICÇÃO DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Sérgio Guimarães de Sousa (Universidade do Minho)
spgsousa@ilch.uminho.pt

António Lobo Antunes, além de reconhecido escritor, foi também, durante longos anos, médico. O facto não teria notória relevância, não fosse o caso de as narrativas de Lobo Antunes estarem impregnadas (de formas diversas, é certo, mas verdadeiramente impregnadas) de referências oriundas do mundo da medicina. Desde logo, nos primeiros três romances, *Memória de Elefante*, *Os Cus de Judas*, *O Conhecimento do Inferno*, romances de matriz marcadamente autobiográfica, temos o protagonista (alter-ego do escritor) no papel de um médico psiquiatra; e temos a sua interação com o espaço e com a realidade clínicas, o que nos permite aferir da visão do autor sobre a condição mental e sobre o Hospital enquanto instituição disfórica. Noutros romances posteriores, a presença da medicina surge já bastante mais sujeita à efabulação romanesca, sem, porém, diferir necessariamente muito do imaginário médico presente, como veremos, nas primeiras obras (as autobiográficas). Procuraremos também reflectir sobre a forma como o escritor encara o exercício da medicina no âmbito das suas crónicas.

ANTONIO JACINTO E O POEMA “CARTA DE UM CONTRATADO”: DIÁLOGO NO ESPAÇO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Sérgio Paulo Adolfo - UEL
benin69@hotmail.com

António Jacinto é um poema angolano que se insere na geração do *Vamos descobrir Angola* e na geração da *Revista Mensagem*. Seu poema, “Carta de um contratado”, denuncia uma realidade colonial portuguesa bastante cruel, que é a questão da alfabetização negada aos povos tradicionais, os filhos da terra. Em seu poema-narrativo, o eu lírico se vê impossibilitado de realizar o seu intento amoroso, por ele e a mulher amada não estarem intrumentalizados lingüisticamente, ou seja, são analfabetos e, portanto, incapazes de escrever ou ler uma carta, carta essa capaz de reativar e manter os laços amorosos. Na construção do poema, cuja temática é a ausência da compreensão da língua escrita,

encontramos a presença, na estrofe primeira, do maior poeta épico de língua portuguesa, num dos seus mais expressivos poemas líricos, cujo assunto é a definição do sentimento amoroso e que se constitui num clássico da literatura portuguesa quinhentista. Na segunda estrofe, ao descrever a mulher amada, o eu-lírico dialoga, desta vez, com um escritor brasileiro do período romântico, o romancista José de Alencar, através de um dos seus mais famosos e belos romances, *Iracema*. Esse diálogo intertextual no espaço de um poema, cuja temática é a ausência do conhecimento da escritura como possibilidade afetiva, é que nos leva a refletir sobre a criação literária de António Jacinto, que ao criticar o colonialismo português o faz não só no âmbito da política, mas sobretudo utiliza-se das sutilidades dos textos literários agudizando esse absenteísmo da escrita num mundo de letras, num espaço comum a todos nós, portugueses, brasileiros e africanos, que é o espaço da língua portuguesa.

CORRESPONDÊNCIA DE ALMEIDA GARRETT. CARTAS FAMILIARES.

Sérgio Nazar David - UERJ
snazar@centroin.com.br

Este trabalho tem por objetivo dar breve notícia do trabalho de edição da *Correspondência Familiar* de Almeida Garrett, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de Portugal, sob a supervisão geral de Ofélia Paiva Monteiro. A edição da *Correspondência Familiar* de Garrett reveste-se de enorme importância para o estudo do entrelaçamento de alguns episódios vividos pelo escritor com a sua produção literária e/ou política. Integrarão o volume as cartas ao irmão Alexandre (editadas em parte por S. Spina), à filha, à cunhada e uma carta de rompimento a Luísa Midosi. Ao todo serão cerca de 110 cartas. Este projeto vincula-se a uma pesquisa maior, que venho desenvolvendo desde 1999, que visa ao estudo da literatura e da cultura oitocentista portuguesa em seus aspectos mais relevantes: a) os conflitos no campo da moral e da sexualidade; b) os conflitos sociais que levaram às mutações maiores da sociedade portuguesa no século XIX.

DIÁLOGOS EM LOUVOR E DEFESA DA LÍNGUA PORTUGUESA – JOÃO DE BARROS E PERO DE MAGALHÃES DE GÂNDAVO

Sheila Moura Hue - UFRJ
sheila@openlink.com.br

Em 1580, nos prólogos das duas primeiras traduções espanholas de *Os Lusíadas*, acadêmicos e poetas castelhanos classificavam a língua portuguesa de “áspera” e “ignorada”. A tradução, segundo eles, permitiria que o poema fosse lido em “língua clara”, isto é, em castelhano. Homens de letras portugueses concordavam com a ideia de que o castelhano e o latim eram as línguas de cultura, enquanto que o português seria um idioma pobre e grosseiro. Contra estes, havia aqueles empenhados na defesa do português como língua de cultura. Por toda a Europa, os homens de letras estavam envolvidos na *defesa* da língua nacional como idioma da alta cultura do Renascimento e na *ilustração* das línguas vulgares através da incorporação de novos vocábulos e da imitação dos clássicos latinos e

gregos. No movimento europeu de defesa das línguas vulgares frente ao latim, muitas das idéias foram veiculadas por meio de um gênero em voga no Renascimento: o diálogo. A questão da língua em Portugal foi discutida em dois diálogos, que são o objeto da presente comunicação. No *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, de João de Barros, publicado em 1540, a língua portuguesa, segundo seu autor, ainda sofre de “falta” de vocábulos e precisa se ilustrar através das traduções. Pero de Magalhães de Gândavo publica seu *Diálogo em defesa da língua portuguesa* em 1574, e para provar a superioridade do português diante do castelhano estabelece o primeiro cânone literário, citando poetas e prosadores que já haviam elevado a língua ao patamar querido por Barros trinta e quatro anos antes.

CALDEIRÃO E A MORGADINHA DOS CANAVIAIS: RESÍDUOS MEDIEVAIS NA PRÁTICA DA MEDICINA POPULAR

Silvana Bento Andrade - UFC
silbandrade@gmail.com

Esta comunicação constitui parcela do Projeto de Pesquisa *Caldeirão: Resíduos do Medievo na Guerra dos Beatos*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Este trabalho apresenta como proposta a investigação dos *resíduos* culturais medievalizantes, vigentes na configuração social do Nordeste brasileiro, mediante análise do romance *Caldeirão*, do escritor cearense Cláudio Aguiar. Destacam-se, para análise, profundos traços da mentalidade medieval, em um dos mais significativos aspectos do *modus vivendi* rural, a prática da medicina popular. Coteja-se a supracitada narrativa com o romance português *A Morgadinha dos Canaviais*, de Júlio Dinis, com o intuito de estabelecermos paralelos entre os personagens Mestre Bernardino, o doutor-raiz daquele romance, e Vicente, o ervanário deste, em suas dramatizações sociais, reveladoras das mentalidades consuetudinárias vigentes em suas respectivas regiões e épocas, tão distantes temporal e espacialmente. Depreende-se desse enfoque que os substratos mentais legados da colonização ibérica foram amalgamados a circunstâncias particulares do contexto nordestino brasileiro, configurando uma remanescência histórica de valores medievais, sob o molde de *hibridação* cultural. Empregando o arcabouço teórico e metodológico dos *Estudos de Residualidade Cultural e Literária*, procura-se verificar como as incorporações culturais ibéricas da Idade Média, na matéria social representada nas ficções de Cláudio Aguiar e de Júlio Dinis, reforçam a interlocução entre as culturas portuguesa e brasileira.

HISTORIA UNIVERSAL DA DANAÇÃO – UMA LEITURA DE AUTO DOS DANADOS, DE ANTONIO LOBO ANTUNES

Silvana Maria Pessoa de Oliveira - UFMG
jmitraudpessoa@gmail.com

Embora não se pretenda, aqui, construir uma interpretação alegórica da ficção de António Lobo Antunes, a reflexão acerca dos fundamentos que norteiam as concepções presentes no drama barroco alemão, tal como concebidas por Walter Benjamin, ajudam a pensar, muitas vezes em contraponto, certas particularidades presentes no romance *Auto dos danados*, de

António Lobo Antunes. Assim como no teatro barroco, em que a história humana na sua contingência e crueldade expõe-se literalmente no palco, a ficção de António Lobo Antunes se abre para a negatividade e a morte, sem, contudo, vislumbrar qualquer possibilidade de redenção. Em *Auto dos danados*, embora a morte seja o princípio estruturador da narração, não se pretende, por parte de seus inúmeros narradores, salvar da história-destino ou da história-natureza as coisas. Não se luta contra o fluxo inexorável e “natural” do tempo. Talvez seja o caso de assinalar o fato de que o que parece distinguir a literatura moderna é a consciência da temporalidade e da morte. Esta percepção do transitório faz-se antípoda da crença em uma totalidade do tempo, encarado como fluxo sem princípio nem fim, uma intemporalidade, tal como parece ocorrer no período barroco. Nesse sentido, a casa de Monsaraz é o palco e a arena de um espetáculo onde a destruição vencerá sempre.

UM FIO DE SILÊNCIO COSTURANDO O TEMPO: ASPECTOS DO CONTO EM MIA COUTO E EM GUIMARÃES ROSA

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda - UFPA
saohol@amazon.com.br

A presente comunicação é um estudo de aspectos do conto em Mia Couto (*O fio das missangas*, 2009) e Guimarães Rosa (*Primeiras Estórias*, 1962). O trabalho está fundamentado, sobretudo, na leitura comparativa das narrativas “O menino que escrevia versos” (2009) e “Partida do audaz navegante” (1962), buscando-se afirmar a dimensão mítico-poética inerente aos dois contos, sem recair, contudo, em uma leitura alegórica que faria da forma um mero coadjuvante da finalidade de fixar uma dimensão irrealista da literatura. Assim, para além da aproximação poética entre os dois escritores, no que diz a uma poética fundada na afirmação do mítico e do onírico, a interpelar uma noção de realidade “rasteira, feita de peso e pés na terra” (COUTO, 2009, p. 18), é possível aproximar dois projetos estéticos distantes no tempo e na dimensão cultural a que se vinculam, como se pode ver, ao contrapor-se dois excertos. 1) “Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.” (ROSA, 1962, p. 71); 2) “Onda nada se passa, tudo pode acontecer” (COUTO, 2009, p. 17). Os fragmentos textuais indiciam, sobretudo em Guimarães Rosa, a impregnação mágica do discurso narrativo, a dissolução factual, além de um esbatimento entre as fronteiras da prosa e da poesia. Examina-se, portanto, a ideia de conto como captação de “uma verdade extraordinária” (ROSA, 1962, p. 3).

UM A PROPOSTA DE LEITURA PARA O CONTO “SÃO CRISTÓVÃO”, DE EÇA DE QUEIRÓS

Silvio Cesar dos Santos Alves - UERJ
silviohaiti@hotmail.com

Esta comunicação visa divulgar os resultados da pesquisa realizada em minha dissertação de Mestrado, intitulada *Repensando o São Cristóvão no conjunto da obra queirosiana*, cujo principal objetivo é evidenciar o conto “São Cristóvão” como uma produção coerente com

a evolução estética que Carlos Reis e Sérgio Nazar David, entre outros autores, propõem como leitura à obra de Eça de Queirós. Confirmando essa visão, os textos metaficcionalis de Eça, das décadas de 80 e 90, anunciam uma mudança em seu posicionamento estético: seguindo uma tendência já apontada por Antero de Quental para as diversas correntes do pensamento na segunda metade do século XIX, Eça abandona as posições mais ortodoxas do Realismo-Naturalismo e adota uma atitude estética mais crítica e que caminha para o sincretismo. Como fruto desse novo posicionamento, Eça cede espaço, em suas obras, para a imaginação e a fantasia. No entanto, esta não é a mudança mais essencial em relação aos pressupostos do Realismo-Naturalismo. A novidade mais significativa é que, nas obras desta fase, Eça questiona a posição de supremo árbitro das ações humanas ocupada pela Consciência, mostrando que a mesma não é capaz de garantir ao homem o Bem (absoluto) pregado pelo Positivismo. Comparamos, então, o conto “São Cristóvão” ao que Antero chama, em sua filosofia, de *eu* ideal, para mostrar o quanto esta idéia positivista da possibilidade de se alcançar o Bem absoluto pela intervenção da Consciência nas ações humanas é combatida e posta em colapso pelo Eça maduro. Nesta perspectiva, mostramos como o conto “São Cristóvão” estabelece um diálogo crítico com a “Geração de 70”, com a filosofia de Antero e com a crise intelectual da segunda metade do século XIX, constituindo a expressão mais completa do que Carlos Reis chama de “recuo ideológico do último Eça” em sua “deriva pós-naturalista”.

PARA ESCREVER MOÇAMBIQUE:
PAULINA CHIZIANE E JOÃO PAULO BORGES COELHO

Silvio Renato Jorge - UFF
silviorjorge@terra.com.br

Considerando o pensamento de Vianna Hissa, ao afirmar que “uma reflexão sobre limites e fronteiras é, também, uma reflexão sobre o poder”, este seminário pretende discutir a produção romanesca de Paulina Chiziane e João Paulo Borges Coelho a partir de uma perspectiva que evidencie, no percurso desses romancistas, a tentativa de ampliar e problematizar os limites impostos pela primeira república ao conceito de moçambicanidade, e ao próprio sistema de produção literária do país, através do projeto de construção do que se chamou, em paralelo à constituição do movimento, o Homem Novo e a Nova Sociedade. As delimitações impostas pelo poder, com o objetivo de apontar a luta pela liberdade do país como o marco zero dessa sociedade, materializam-se na busca por apagar, naquilo que se considerava a “autêntica” literatura moçambicana, os traços que poderiam remeter tanto à presença do colonizador quanto à recuperação de tradições anteriores a este. Desta forma, os romances publicados por esses dois autores a partir da década de noventa – em paralelo às produções de outros autores significativos, como Mia Couto, por exemplo - investem em um novo mapeamento da identidade cultural do país, ao darem vazão não apenas ao estabelecimento do que poderíamos chamar de uma nova cartografia identitária, mas também a uma valorização da memória como forma de questionamento da história oficial. Não seria demais afirmar, portanto, que seus textos, ao

diluírem as fronteiras entre o interior e as cidades, o passado e o presente, etnias e tradições, por fim, entre a ocidental escrita romanesca e a africana arte da narrativa oral, apresentam formas que questionam a centralidade do poder e pressupõem novos parâmetros para a criação literária.

POSSESSÃO: O CONFLITO IDENTITÁRIO. ASPECTOS DO TRANSE E DA
POSSESSÃO DO COLONIZADO, EM “O OUTRO PÉ DA SEREIA”, DE MIA COUTO

Silvio Ruiz Paradiso - UEL
silvinhoparadiso@hotmail.com

A religião, os processos místicos e a religiosidade no contexto pós-colonial colaboram para sustentar ambivalência da colonização entre o grupo dos colonizadores e dos colonizados e, respectivamente suas divindades (brancas e negras). É nessa ambivalência que o romance *O outro pé da Sereia* (2007), do moçambicano Mia Couto, descortina-se como um reflexo da multiculturalidade colonial e as manifestações sincréticas no qual a religião revela em uma sociedade híbrida, como são as colônias. Através das análises do processo de possessão, relativamente constante no romance, revelam-se conceitos pós-coloniais como alteridade, objetificação, resistência, demonização do nativo, mímica, entre outros. Mwadia, a protagonista do romance, é constantemente visitada pelos *Anamadzi*, os espíritos dos mortos, e pela deusa Kianda, a deusa do mar bantu, que dá esperança ao seu povo oprimido e por Nzuzu, a rainha das águas que revela o que realmente é a identidade cultural. Neste processo observamos a partir de Fanon (1900), que a possessão quanto fenômeno do colonizado, revela não apenas a perda transitória da consciência de sua própria identidade, mas o ganho de outra consciência e de nova identidade, superando o processo de violência descolonizadora. Para Fanon, quando o colonizado está “possesso”, está resistindo não violentamente ao estado de subjugação e servidão, pois ali não é mais ele, e sim seu antepassado herói ou seu próprio deus. A possessão e a transe acontece em *O outro pé da Sereia* (2007) num contexto propício para o choque cultural, isto é, o processo de colonialismo. A religiosidade será analisada dentro de um processo específico pela perspectiva da teoria pós-colonial, pois tais textos são marcados por encontros culturais e suas ambivalências. Este trabalho está vinculado à dissertação *Religião e Religiosidades na perspectiva (pós)-colonial em O Outro pé da Sereia, de Mia Couto*.

METAMORFOSES DE VÊNUS:
LITERATURA CABOVERDIANA E CULTURA VISUAL

Simone Caputo Gomes - USP
simonecaputog@usp.br

Os conceitos de intertextualidade e de circulação das imagens no entrecruzamento da literatura caboverdiana com outros sistemas semiológicos como a música e, especialmente, a pintura, têm importante papel nesta pesquisa. A tradição comparativa entre as artes ou a “estética comparada” vem de longa data (a noção de *poesia ecfrástica* foi formulada primeiramente por Simônides) e atualmente alarga sua perspectiva para uma linha de

pesquisa denominada “cultura visual” que se desenvolve como uma abordagem aos estudos culturais a partir da relação entre discurso e visibilidade. Procurando salvaguardar a singularidade das várias artes (artes plásticas, literatura e música), procuraremos examinar a série literária caboverdiana, de sua formação aos nossos dias, considerando as seguintes linhas-de-força: a heterogeneidade das representações proposta pela teoria do paradigma visual da atualidade; a interação entre imagem e texto como fator constitutivo para a representação em si; a busca do observador implícito nas estratégias de exposição textual e/ou de leitura visual; o recurso à circularidade entre os campos da História Social, da Literatura e das Artes para interpretar os processos de apropriação de determinadas imagens; as várias camadas de significados das imagens em diferentes sociedades e em diferentes tempos históricos. Este é o tipo de trabalho que ora desenvolvemos com base na imagem de Vênus – e suas camadas de significados – na literatura caboverdiana, entendendo a imagem da deusa como campo de interlocução entre textos da mesma série ou de diferentes séries literárias, e de interlocução entre sistemas semióticos (Artes) e sistemas literários.

MEMÓRIAS E CANÇÕES DE PORTUGAL E DA BAHIA

Simone Guerreiro - UFBA
simoneguerrero@gmail.com

O trabalho está associado à atual pesquisa de pós-doutorado, “Os múltiplos de um artista antimoderno, um estudo sobre o perfil múltiplo e o lugar de reflexão do compositor baiano Elomar Figueira Mello”, colocando em confronto os discursos ficcional e crítico com objetivo de delinear e desmontar os mitos que o configuraram, nas décadas de 70 e 80, como artista radical e antimoderno. Parte de pesquisa mais abrangente integrada ao projeto coletivo “O escritor e seus múltiplos: migrações”, coordenado pela Prof^a Dr^a Evelina Hoisel (UFBA) e pela Prof^a Dr^a Antonia Herrera (UFBA). Trata-se o presente trabalho de leitura de exemplares da poesia e da canção em língua portuguesa que construíram um imaginário poético e musical em torno de Portugal e da Bahia, a partir de pontos de vista e realidades culturais distintas: do sertão brasileiro, na figura do Tropeiro Gonsalín, personagem de Elomar, ao contemplante do mar da Bahia, em “Beira-mar”, de Gilberto Gil. No itinerário dessas memórias de Portugal e da Bahia, delinea-se a viagem de Sertano, do “romance de cavalaria” Sertanilhas, de Elomar, publicado em 2008. Observam-se, no romance, procedimentos de intratextualidade, nas citações que o autor faz ao próprio cancionário, e a composição de um sertão medieval ou mesmo feudal impregnado de um sentido musical que o universaliza.

SUBJETIVIDADES EM TRÂNSITO:

MEMÓRIAS DO HOMOEROTISMO E O FIM DO MILÊNIO

Sinei Ferreira Sales - USP
sinei.sales@usp.br

Objetivamos, neste artigo, o estudo comparado de três obras cuja temática enfoca as representações do homoerotismo diante dos discursos da moral religiosa. Faremos isso através do cotejo dos livros *Patmos*, de Paulo Teixeira, *Bundo e outros Poemas*, de Valdo Motta e do filme/série *Angels in America*. Como particularidade, as três obras são editadas e produzidas entre as décadas de 80 e 90, na iminência da virada do milênio. Momento propício para especulações de toda sorte que visavam a explicar os desígnios divinos com relação ao destino dos seres humanos. Não houve nada parecido com as imagens escatológicas que eram amplamente divulgadas pela mídia daquele momento, no entanto, restaram os monumentos do pensamento dessa época, e são eles que pretendemos estudar: imagens poéticas e discursos que reflitam as correlações de força do momento em Literaturas de Língua Portuguesa. Se por um lado temos em *Patmos* a representação do homoerotismo como um interdito, a superação disso se dá através da apropriação do *topos* espacial e da linguagem apocalíptica em prol da veiculação do desejo. Por outro lado, em *Bundo* há o rebaixamento da linguagem e o uso da escatologia dos excrementos e das entranhas do corpo para mostrar a forma que o sujeito poético encara os interditos da religiosidade sobre o desejo homoerótico. Como síntese do momento em que ambos os poetas escrevem, trazemos *Angels in America*, filme/seriado norte-americano, em que está tematizado o vírus do HIV/AIDS como sendo o Anjo Exterminador, o ocultamento do desejo homoerótico em razão da religião e de empregos influentes, refletindo-se em casamentos fracassados e sujeitos frustrados. Em resumo, nosso objetivo ao fazer a leitura das representações do homoerotismo nas poesias escritas em Língua Portuguesa, tendo como contraponto o filme norte-americano, é reconstituir uma memória que se constrói sobre o trauma da repressão, sobretudo em relação ao desejo erótico e sexual entre pessoas do mesmo sexo.

A MUNDIVIDÊNCIA TRÁGICA EM UM CONTO TORGUIANO

Solange Araújo Fioravanti
Secretaria de Educação do Estado da Bahia
solangefioravanti@bol.com.br

Nos contos de Torga, o trágico tradicional condensado nos mitos cristãos, não apresenta um caráter estóico-moralizante. Não existe a consciência do pecado destruindo o teor estético, como podemos perceber, por exemplo, em “Madalena”, do livro *Bichos*. A arquitetura trágica do referido conto é construída pela narrativa, enfocando a personagem-título, que se entrega por inteiro aos amores furtivos com o Armindo, numa noite de festa do padroeiro de sua aldeia. Ficando grávida, a personagem trágica consegue esconder do namorado e das más línguas da sua comunidade o “fruto maldito” de seu ventre, ao contrário da Maria bíblica, que carrega em seu seio materno o “fruto bendito” da encarnação divina. Primando por um reduzido número de personagens, o conto apresenta-nos, de forma pragmática, as duas personagens-nucleares da ação trágica: Madalena e Armindo. Este último é o agente

desencadeador da ação, já que seduz a moça na noite festiva dedicada a São Martinho e não aceita casar-se com aquela. Por outro lado, Madalena, após a recusa do casamento, decide esconder da sociedade e do sedutor Armindo a sua gestação, enfaixando o ventre e vivendo reclusa em sua própria casa, até o momento de dar à luz, fingindo-se doente para não levantar suspeitas. Desse modo, ao sentir as primeiras contrações, sobe à montanha, em direção à casa de uma amiga em Ordenho, a Ludovina, personagem-satélite da narrativa, com quem decide compartilhar o seu segredo. A caminho de Ordenho, dá à luz, na solidão da montanha, e, de forma crua, sepulta a criança e o seu passado.

A INSURREIÇÃO HUMANA EM MIGUEL TORGA

Solange Santos Santana - UEFS
professorasolange@hotmail.com

Dentre tantos escritores modernos portugueses, Miguel Torga tem um lugar de destaque na representação dos conflitos humanos, principalmente por ter produzido obras de cunho humanista que versam sobre o homem e sua relação com a terra e o mundo que o rodeia. Com uma Obra rica em conteúdo e profundamente original, encontraremos nos seus contos traços de uma escrita trágica permeada pela solidão, a morte e as tragédias dos homens. Portanto, neste breve artigo, estudaremos o conto “A Ressurreição”, do escritor português, através da análise da construção narrativa e da constituição de suas personagens, com o intuito de examinarmos as relações entre o humano e o divino, representados, neste caso, pelo povo montanhês e a Igreja Católica.

RELAÇÕES ESPACIOTEMPORAIS EM “O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL”, DE CESÁRIO VERDE: UM EXERCÍCIO DE APROXIMAÇÃO ENTRE LITERATURA E GEOGRAFIA

Sônia Maria de Araújo Cintra - USP
sonia.cintra@terra.com.br

As relações entre espaço literário e espaço geográfico são evidentes no poema “O Sentimento dum Ocidental”, de Cesário Verde, visto que estruturam o texto poético de deambulação do sujeito lírico pelas ruas de Lisboa, do anoitecer ao amanhecer do dia seguinte. Se por um lado a análise do cotidiano no texto revela a complexidade dinâmica do “território usado”; de outro, as relações espaciotemporais presentificam o passado histórico e da memória, e resgatam antigos mitos para projetar o futuro do indivíduo e da nação. Ante a atmosfera opressiva, de opacidade e incerteza resultantes, entre outros fatores, do ingresso na Era Industrial por que passa a capital portuguesa nos Oitocentos, a angústia existencial e a busca de novos horizontes são constantes na expressão do sujeito lírico nesse limiar, o que permite um diálogo com o mundo atual “globalizado”, em vários sentidos. É no exame de tais questões que esta comunicação pretende deter-se.

VOZES E SILÊNCIOS EM *CAIS DA MERENDA* DE LÍDIA JORGE.

Soraia Lima Arabi - UFMT
esselima@hotmail.com

De diferentes modos narrativos, Lídia Jorge traça no conjunto de sua obra os contornos do país desenhado pela política salazarista: os ecos das revoluções africanas, a decadência da economia agrícola nos moldes tradicionais, a migração, o tardio incremento ao processo de industrialização, a exploração da mão-de-obra trabalhadora, o modelo familiar patriarcal, a uniformização de comportamentos e linguagens importados via cultura de massa etc. Atenta às possibilidades do gênero romance, a romancista alarga as fronteiras da narrativa tradicional, passando por aproximações com o *novo romance histórico* ou policial, até quase mesclá-lo a modalidades como a alegoria ou a tragédia. Este estudo pretende mostrar a elaborada construção temático-formal assumida pelo gênero romance na obra *Cais da merenda*, de 1982, mediante a análise das vozes que aí se manifestam, um coral que expõe o humano e o social pelo manifesto e pelo silenciado.

O MITO E A ORALIDADE NO ROMANCE *A VARANDA DO FRANGIPANI* DE MIA COUTO

Suelany Christtinny R. Mascena - UFPB
suelanyribeiro@gmail.com

Partindo do pressuposto de que as literaturas africanas de língua portuguesa estão em destaque no mercado editorial nacional, devido à sua importância como fonte de cultura do nosso país e dos próprios países africanos, decidiu-se explorar as representações dos mitos e da oralidade moçambicana no romance *A Varanda do Frangipani* de Mia Couto, ainda carente de uma sólida fortuna crítica. A partir do período pós-guerra colonial, a literatura moçambicana preocupa-se com sua autonomia em relação às literaturas europeias. Além disso, ela se torna um instrumento de construção de uma identidade nacional. Em Mia Couto, esta construção identitária não rompe com a tradição oral, trabalhando com a memória viva e com o imaginário popular. Dentro deste contexto, o autor reinventa o manancial de cultura, em que as expectativas se colocam como elementos imprescindíveis ao despertar político de Moçambique. O enredo do romance é iniciado com a investigação do assassinato de Vasto Excelêncio, que dirigia um asilo na Ilha de São Nicolau. A partir desse episódio, o inspetor que investiga o crime, Izidine Naita, mergulha em um mundo de mitos e absurdos. Percebe-se que a relação entre Naita e os habitantes do lugar é marcada por tensões referentes às consequências da guerra civil: temos o embate entre a necessidade de preservar a tradição frente a um elemento considerado estrangeiro. Sob o prisma do

pensamento de Ana Mafalda Leite, em *Oralidades e Escritas* (1998) e *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais* (2003) analisa-se esse romance, a fim de levantar elementos que evidenciem os mitos e as oralidades como representação da memória e identidade de Moçambique.

PEPETELA: UM MESTRE DA PERIFERIA EM BERKELEY, CALIFÓRNIA

Sueli Saraiva - USP
suelisaraiva@usp.br

Pepetela, escritor ex-guerrilheiro, consagrado pela maestria em apresentar artisticamente panoramas de seu país — desde o ancestral império da rainha *Lueji* à luta pelo fim da colonização na floresta *Mayombe*, à retirada do colonizador sob o olhar atento da estátua *Yaka*, à esperança da *Geração da Utopia* num projeto nacional —, chega ao século XXI visitando literariamente espaços para além das fronteiras angolanas, dando voz, por exemplo, a um narrador na moderníssima estadunidense Berkeley, Califórnia, em uma novela de 2007. As questões suscitadas na narrativa, com destaque para a cosmovisão norte-americana pós-11 de setembro, trazem para o debate a questão do discurso do “centro” em relação à “periferia”, da “modernidade civilizada” em relação à “barbárie”, quando, numa análise endógena, se verifica que na verdade há elementos do centro na periferia e vice-versa. Ou seja, considerando-se os pólos, aparentemente opostos, centro-periferia, Ocidente-Oriente, como duas figuras cujos lados côncavos se repelem, restaria entre elas um espaço comum, onde se amalgamam visões de mundo cujo significado dos termos centro, periferia, modernidade, civilização, barbárie, eu, o outro, depende da perspectiva do observador. Propomos discutir dentro dos limites da comunicação, os pares dilemáticos (centro-periferia, modernidade-bárbarie, eu-outro) partindo dessa recente narrativa “do centro” feita por um mestre da periferia.

MEMÓRIAS, TRANSCULTURAÇÃO E POLIFONIA EM A ÁRVORE DAS PALAVRAS, DE TEOLINDA GERSÃO

Suely da Fonseca Quintana - UFSJ
hatueyq@hotmail.com

A proposta deste trabalho é discutir de que forma os conceitos de transculturação, segundo Fernando Ortiz, e de polifonia, na concepção bahktiniana, contribuem para a construção da narrativa de memórias ficcionais no romance *A árvore da palavra*, de Teolinda Gersão. O que será apresentado faz parte do projeto: “Escritas biográficas: aspectos culturais, discursivos e literários”, que tem um caráter interdisciplinar. Este romance apresenta a vida dos portugueses pobres que migraram para África, visando ao enriquecimento. Colonizadores marginalizados pela pobreza, em seu próprio país, encontram no solo africano o mesmo discurso autoritário do poder da MetrÓpole que os mantém numa situação ambígua frente aos africanos: se por um lado são portugueses e senhores nessa terra, por outro são marginalizados como os colonos, trabalhando em empregos inferiores não sendo piores apenas que os dos negros, apenas em alguns detalhes. As personagens se

veem enredadas pelo choque cultural que modifica alguns deles, como o pai de Zita e ela própria, que de fato, se considera africana. Essas personagens passam por um processo de transculturação que se reflete na polifonia que mostra o tipo de interação entre suas tradições e as novas aprendizagens. É Zita, filha de portugueses, nascida na África, que será o elo entre Portugal e Moçambique, quem apresentará o discurso da renovação cultural. Entretanto, mesmo se considerando africana, a jovem deve obediência aos pais e volta para Portugal em igual situação marginal, de pobreza, que levara seus pais à África. As memórias de Zita e de sua mãe Amélia acabam se misturando no texto, mesmo que de forma distinta seguem estrangeiras seja na colônia, seja na Metrópole.

SOB O VIÉS DO *FEBRIL*: UMA ABORDAGEM DOS MODERNISMOS PORTUGUÊS E BRASILEIRO

Suillan Miguez Gonzalez - USP
suillan2009@usp.br

Nos modernismos, temos artistas e escritores que expressam a mais alta condensação do potencial artístico do século XX, entre eles Mário de Andrade, no Brasil, e Fernando Pessoa-Álvaro de Campos, em Portugal. E, mais que isso, exprimem o resultado do pensamento e da experiência modernas. Realizou-se um estudo que compara e contrasta poemas dos autores supracitados sob a perspectiva do *febril*, do impulso vertiginoso, próprio da Modernidade. Esta proposta contempla um viés de estudo que prevê discutir a necessidade de extravasamento do *febril* e do dionisíaco, realizados no material poético dos dois principais artistas dos modernismos brasileiro e português, entendendo que talvez possa haver procedimentos e temas semelhantes no trato que ambos os movimentos modernistas dispensam à literatura e à cultura. O que se pretende é propor pelo viés do espírito *febril*, uma abordagem de estudo capaz de entender os poemas sob uma perspectiva ainda não vista com mais demora pelos estudos das Literaturas de Língua Portuguesa. Assim, esta pesquisa viabiliza o cotejo de textos decisivos do período literário mais contundente do século XX, como os de Mário de Andrade e Pessoa-Álvaro de Campos, retratam um lugar mais apropriado entre as relações e mesmo perspectivas teóricas que contemplem de maneira diferenciada as “estranhas” relações mantidas tanto entre as culturas, quanto entre os movimentos em questão. As produções poéticas de ambos estão sendo analisadas sob esta abordagem e foram escolhidas por ocuparem lugares semelhantes e de muita importância nos movimentos modernistas de 1915 e de 1922.

DO PASSADO PRESENTE: JOSÉ SARAMAGO EM *HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA*

Susanna Ramos Ventura - UNIFESP
venturaras@gmail.com

José Saramago é um romancista que, na maior parte de suas obras da década de 1980 estabelece um aprofundado e tenso diálogo com a História, sendo que as marcas do discurso histórico são colocadas em estreita relação e contraponto aos domínios da vida

privada, representada pela ênfase em descrever trajetórias individuais de personagens comuns, mas grandiosas em sua humanidade e singularidade simbólicas dos respectivos contextos. Em *História do cerco de Lisboa*, mantém-se um vínculo estreito com aspectos sócio-políticos da contemporaneidade de Portugal, embora o conflito armado tratado no cerne da narrativa seja a retomada de Lisboa pelos cristãos no século XII. Na fatura ficcional, transparece uma situação de questionamento sobre assuntos como nacionalidade, identidade nacional e defesa de territórios geográficos concernentes diretamente ao momento de publicação do romance, o final da década de 1980. Ao voltar-se para o passado português, José Saramago discute o presente de algumas personagens que vivem no mesmo território em que se deu o cerco, constituindo uma narrativa que nasce da indignação, do não entendimento do passado como matéria de construção do presente. Nossa intenção é levantar hipóteses sobre a escolha da tematização do passado histórico para o diálogo com o presente da sociedade portuguesa retratada no romance.

DE OS LUSÍADAS AO ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA: MEMÓRIA E RESGATE HISTÓRICO NA CRIAÇÃO POÉTICA

Synara Silva de Pinho - UEFS
synarasilvapinho@yahoo.com.br

Os Lusíadas é considerado a obra-prima do poeta português Luís Vaz de Camões e tem como perspectiva cantar e louvar os grandes feitos de um passado heróico do povo lusitano, reconstruindo, num dado momento, feitos da época extinta. Camões lança mão de recursos retóricos, literários e históricos, firmando por seu respeito e prestígio, entre outros méritos, a influência da Literatura Portuguesa sobre a Brasileira, a partir de sua recepção. Considera-se ainda que a demarcação de fronteiras entre a história e a literatura é tênue e, antes de qualquer coisa, um ponto de convergência, onde se pode observar a presença das marcas de ambos os discursos, destacando-se o cunho representativo ou imagético, sobretudo no intuito de incentivar o povo português a projetar um futuro brilhante, influenciado pelo mostrado e vivido, gloriosamente, na epopéia. A presente comunicação visa investigar as marcas desse texto lusitano num poema que também se preocupa com o amálgama entre a literatura e a história, o *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, um relato vívido, sob outra ótica, da gênese, da revolta e do desfecho de um dos motins da História do Brasil. O intento é compreender essa influência camoniana, questionando a relação entre o presente e o passado na historiografia literária nacional.

DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA A PARTIR DO CONTO “A CADEIRA”, DE JOSÉ SARAMAGO

Taise Teles Santana de Macedo - UEFS
taiseteles@yahoo.com.br

Almeja-se, neste trabalho, trazer informações a respeito da história de Portugal a partir de um conto do escritor português José Saramago. Em *A cadeira*, publicado em 1978 no livro *Objeto quase*, Saramago metaforiza a decadência de Portugal através de um incidente

ocorrido com o ditador Antonio Oliveira Salazar em 1968. Neste ano, Salazar caiu, literalmente, de uma cadeira, fato que marcou profundamente a sua estadia na política portuguesa. Após este incidente, Salazar sofreu um derrame cerebral e foi afastado das atividades políticas. Saramago, através da ironia, descreve esta cena para revelar como Portugal entrou num processo de decadência. Reportando-se a outros acontecimentos passados do país ibérico, o escritor retrata as sucessivas crises do regime português: o desastre de Alcacér Quibir a e união durante 40 anos entre as coroas portuguesa e espanhola; a invasão de Napoleão no século XIX e a fuga da família real para o Brasil; e a crise gerada pelo regime conservador salazarista. Dessa maneira, pretende-se abordar as relações entre a representação da história pela literatura, revelando como alguns dados da realidade portuguesa foram reconstruídos pelo discurso literário. Assim, nota-se como Saramago consegue mesclar ficção e não-ficção, unindo elementos narrativos diferentes.

MARIDOS POLIGÂMICOS, MULHERES FEITICEIRAS – IDENTIDADES ENCRUZILHADAS – EM PAULINA CHIZIANE

Tânia Maria de Araújo Lima - UFRN
tanialimapoesia@yahoo.com.br

Esta pesquisa tem por objetivo analisar alguns elementos que perfazem o discurso feminino em Paulina Chiziane. Esta autora é considerada uma das primeiras escritoras moçambicanas em língua portuguesa a publicar romance. Apesar de se considerar “contadora de histórias” e não romancista, Chiziane aborda temas polêmicos à questão da mulher. Nesse sentido, é importante averiguar a experiência do “eu-fêmeo” sobre outra perspectiva: o das identidades em construção. A escritora estabelece diálogos preciosos com o universo familiar ao mergulhar nas raízes culturais que se movimentam em busca das encruzilhadas “multiétnicas”. O que está por trás do romance *Niketche – uma história da poligamia*, a exemplo, não é apenas assinalar o discurso da diferença, mas destacar a importância de as mulheres falarem e escreverem a respeito de suas subjetividades. No intuito de se descobrirem como linguagem enquanto mulher, em *Niketche*, Paulina Chiziane se volta para personagens “re-partidas” em busca de suas próprias origens diaspóricas. Por esse percurso da literatura, o marco teórico desta análise vem sendo conduzida por uma luz reflexiva a partir de Ella Shohat, Aijaz Ahmad, E Said, Homi Bhabha, F. Fanon.

ENGAJAMENTO POÉTICO NA POESIA DE LÍNGUA PORTUGUESA: RELAÇÃO ENTRE POETA E SOCIEDADE EM CORSINO FORTES E MANUEL ALEGRE

Tássia Monteiro Borges - USP
tassiamb@gmail.com

Presume-se, que a literatura (e a arte como um todo) retrata a sociedade do momento com um olhar alimentado pela tradição histórica que carrega, seja por meio da linguagem, do tema, da forma, do conteúdo, da transformação, da ruptura ou da manutenção. Percebe-se que a poesia foi uma escolha muito recorrente de manifestação e conseqüentemente, cada

poeta na sua poesia, teve uma abordagem ao se expressar. Nos países africanos que foram colônias de Portugal, houve um período de grande tensão acerca da independência e da realidade social da época. Os poetas destes países e também alguns de Portugal estavam engajados com assuntos urgentes e do momento, dentre eles: política, sociedade, emancipação, identidade, negritude, nacionalidade, colonialismo, guerra, luta, entre outros possíveis tópicos que foram manifestados especificamente em cada país. Desta maneira, indagações acerca dessa relação entre poeta e Sociedade/História, nos períodos de tensão mencionados, são impostas. Com base no pensamento de T. Adorno em “Lírica e Sociedade”, esta comunicação pretende estabelecer um paralelo entre os poemas ‘Emigrante’, de Corsino Fortes (caboverdiano), e ‘Trova do vento que passa’, de Manuel Alegre (português), dando ênfase à forma como ambos os poetas abordam as questões políticas de seu momento sócio-histórico e as traduzem em discurso poético.

VIDA, TEMPO, MARGEM:
A MANUTENÇÃO DA ANCESTRALIDADE EM *NAS ÁGUAS DO TEMPO*

Tatiana Alves Soares Caldas - CEFET-RJ
tatiana.alves.rj@gmail.com

Com contornos de um realismo mágico e com um estilo linguístico que demonstra a declarada influência de Guimarães Rosa em sua obra, o escritor moçambicano Mia Couto apresenta, em sua produção literária, narrativas que escrevem a África da contemporaneidade, pós-colonial e que busca redescobrir suas raízes e escrever sua própria história. *Nas águas do tempo*, conto integrante de *Estórias abensonhadas*, apresenta-nos um personagem que frequentemente leva o neto a um lugar misterioso, ainda que este não compreenda de fato o real sentido daqueles passeios. Um dia, ambos vivenciam uma experiência inesquecível, que nos é narrada pelo neto, já adulto, e que lhe modifica a vida para sempre. Numa narrativa que mescla imagens arquetípicas clássicas – *água, tempo, vida, morte*, dentre outras –, assiste-se à obstinada tentativa de transmissão da tradição de um povo a seus descendentes. Pelo viés da memória, vislumbra-se a permanência dos valores ancestrais. Repleto de crenças e hábitos que povoam o imaginário africano, *Nas águas do tempo* representa a tentativa de resistência e de manutenção das tradições locais. Vendo no referido conto uma luta pela sobrevivência da cultura africana – em oposição aos valores impostos pelo colonizador europeu –, nossa proposta de leitura pensa os traços simbólicos e ideológicos das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa na obra em questão.

CARLOTA ÂNGELA: REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA OITOCENTISTA

Tatiana de Fátima Alves Moysés - USP
alvesmoyses@hotmail.com

Essa comunicação tem o objetivo de analisar como Camilo Castelo Branco retrata, no romance *Carlota Ângela*, parte significativa da história da Europa, do Brasil e, sobretudo, do Portugal oitocentista. Como se sabe, essa obra, publicada em 1858, não se restringe a

uma mera narrativa de amor contrariado, haja vista que, por meio da turbulenta relação passional dos protagonistas, o romancista encontra a oportunidade de tecer discussões de ordem histórica, política e filosófica. De fato, enquanto Carlota Ângela e seu pretendente lutam para concretizar seus desejos amorosos, o leitor entra em contato com fatos que, embora sejam fictícios, remetem à Revolução Francesa e seus desdobramentos em Portugal, bem como no Brasil. Além disso, vale ressaltar que tais acontecimentos são expostos de modo crítico e, principalmente, sarcástico. Mas esse sarcasmo não tem intuito progressista, já que convida os leitores a rirem de sua própria impotência, diante do fluxo das transformações históricas e morais. Por conseguinte, a representação que o escritor de São Miguel de Ceide faz de seu momento histórico é menos uma tentativa de se submeter ao sistema vigente do que criticá-lo.

PARA A ESCRITA DE OUTROS MUNDOS: BREVE GEOGRAFIA SOBRE MARIA GABRIELA LLANSOL

Tatiana Pequeno da Silva - UFRJ
tatianapequeno@gmail.com

Esta comunicação tenciona apresentar certas reflexões oriundas de uma leitura mais detalhada da obra de Maria Gabriela Llansol. Alguns temas são amplificados pelo seu uso contínuo e passam a estabelecer um léxico geopolítico ou, como prefere a autora, uma “estatigrafia do sensível”. Palavras como fronteira, exílio, país, protesto, paisagem e comunidade assumem, a partir da trilogia da *Geografia de Rebeldes*, um lugar geológico nesta escrita, estabelecendo, desse modo, a sistematização de uma Ética Llansoliana. Essa ética talvez possa ser orientada pela preocupação urgente de “desejar criar, com tantos outros, e no espaço de nossa Cultura, um espaço matinal de contra-sangue”, que podemos verificar em *Para que o romance não morra*, discurso da autora na ocasião de aceitação do prêmio da Associação Portuguesa de Escritores (APE) em 1991. Tal espaço matinal e iluminado pode ser aqui entendido como uma estética do fulgor e do alargamento semântico do conceito de Vivo, que neste caso está para além do que se entende por humano (uma paisagem, conseqüentemente, também adquire a modulação de um Vivo). Com efeito, neste trabalho pretendemos observar como e por que os mecanismos da mutação e da metamorfose garantem a profusão do fulgor, tendo em vista também as bases que estes conceitos lançam para a formação das Comunidades do Litoral do Mundo.

IMAGENS DA AUSÊNCIA EM *EU HEI-DE AMAR UMA PEDRA*: RETENÇÕES DA MEMÓRIA NA ESCRITA E NA FOTOGRAFIA

Tatiana Prevedello
Universidade do Porto, Portugal
t_prevedello@hotmail.com

A obra *Eu hei-de amar uma pedra*, de António Lobo Antunes, aborda o impacto emocional do discurso, alimentado por fragmentos de imagens guardadas na memória. Ao mesmo

tempo em que mobilizam as recordações, possibilitam compreender que o romance configura-se como um corpo textual, constituído não apenas pelos convencionais componentes narrativos no relacionamento das personagens com o mundo referencial e com a configuração diegética conformadas pelo texto. A partir do exame de antigas fotografias, o romance produz uma sequência de quadros em que a reconstituição do passado, na perspectiva da memória, adquire contornos cujos traços vão se definindo em múltiplas perspectivas: tempos narrativos se sobrepõem e se mesclam, assim como as vozes dos personagens que, num sentido bakhtiniano, ondulam-se em vibrações polifônicas; a memória, ao ser estimulada pelas imagens cristalizada nos retratos, aciona o mecanismo da recordação, de modo que cores e desenhos, aparentemente destituídos de formas e significados, vão sendo projetados na tela do presente e, paulatinamente, restaurados com novos sentidos. O leitor, a partir dessa perspectiva, defronta-se com o desafio de organizar as informações subjacentes a tessitura textual, as quais exigem que sua percepção esteja atenta para captar as vibrações átonas, plangentes nas diversos micro-esferas de cada personagem que figura no obra. Uma coleção fotográfica individual é, portanto, o objeto que provoca a aventura memorialista empreendida neste romance, de modo que os contornos do passado vão sendo redefinidos em novas nuances e, nesse processo de restauração das experiências vividas, motivos perdidos passam a adquirir projeções diferentes: segredos guardados são descortinados e personagens esquecidas adquirem a possibilidade de voltarem a atuar no palco das sensações que vão sendo vivenciadas.

O VELHO, O MAR E A SAUDADE: LITERATURA, IDENTIDADE E GRANDES NAVEGAÇÕES NA MEMÓRIA CULTURAL PORTUGUESA

Tatiana Sena - UFBA
tatianasena@ufba.br

A pesquisa analisou a representatividade cultural do imaginário do mar e da saudade em produções literárias portuguesas, como *Os Lusíadas* e em alguns poemas contemporâneos, a fim de perceber as migrações semânticas desse imaginário forjado no âmbito das Grandes Navegações. A saudade e o mar estão imbricados na “alma portuguesa”, ambos representando vetores simbólicos fundamentais na construção moderna do país. Portugal revolve-se num mar cíclico, mobilizado pelo que foi e pelo que sonhou ser, por isso o constante retorno somente proporcionado pela saudade, que é o intercâmbio possível entre o passado e o futuro, como forma de reviver o que a memória coletiva de Portugal registra. A máquina do mundo que Tétis apresenta a Vasco da Gama, n'*Os Lusíadas*, pode ser concebida como uma “máquina de saudade”, através da qual Camões vai resgatando fatos do passado glorioso dos portugueses. A máquina do mundo canta um futuro que passou, um futuro que é saudade, mas repleto de desejos de devir. Essa tensão entre partir e ficar, entre a terra e o mar atravessa toda a trajetória literária portuguesa. Antero de Quental, em seu discurso pronunciado no Casino Lisboense, assinala que a fatalidade portuguesa foi a sua própria história. Esse sentimento de fatalidade que permeia a relação dos portugueses com sua história expressa o caráter atônito em face da ausência de um presente glorioso,

assim como o questionamento sobre qual será o futuro possível para um país que tem o olhar voltado para dentro e para trás, estátua de sal do mar da saudade.

SEQUELAS DE UMA GUERRA: ORFANDE E DESTERRITORIALIZAÇÃO DO SUJEITO EM *OS CUS DE JUDAS*, DE LOBO ANTUNES

Tatiane Santos de Araújo - UEFS
tatysantos8@yahoo.com.br

Na contemporaneidade, o testemunho e a autenticidade, enquanto provas da veracidade dos fatos, já não surtem efeito, inclusive quando se trata do sujeito enquanto agente social. E é considerando essa e outras variadas transformações advindas da pós-modernidade como o ceticismo, a relatividade histórica, mas sobretudo as fragmentações, que o presente estudo busca, através do romance português *Os cus de Judas* (1979), de António Lobo Antunes, compreender as influências e transformações que caracterizam ou condicionam o sujeito pós-moderno. O narrador-protagonista desse romance e objeto de estudo é um sujeito lançado numa guerra cujos objetivos não lhe dizem respeito. Imerso nos horrores dessa guerra, ele percebe o quanto sua família e a sociedade o moldaram e o quanto isso condicionou sua vida, assim, vê-se em conflito: confuso, solitário, múltiplo e simultaneamente sem identidade. Verificaremos como este estado de deslocamento imprimirá nesse sujeito as marcas da fragmentação concretizadas na orfandade - perda de valores, identidade, humanidade - e na desterritorialização, sensação de não pertencimento àquela nação que outrora o moldou para guerra e que agora o desampara, de não identificação com aquele lugar perturbador, com aquele uniforme que não o identifica e com a sua pátria que agora desconhece. Reconhecendo a multiplicidade do romance, que pode ser observado sob os mais diversos aspectos, e, longe de tentar aprisioná-lo em qualquer classificação narrativa, atentaremos também para a estreita relação entre história, ficção, metaficção historiográfica, autobiografia e memórias, pois a narrativa em questão suscita tal discussão, que por sua vez é pertinente a este estudo que compreende o pós-moderno não só como transformação de valor coletivo, mas também como reescritura do passado.

FERNANDO PESSOA E JOSÉ SARAMAGO: INTERTEXTUALIDADES

Telma Rebouças de Almeida
UNEB- Campus Brumado
telmareboucas@hotmail.com

O presente trabalho pretende analisar a intertextualidade presente nos livros *Mensagem*, do poeta Fernando Pessoa, e *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, do escritor José Saramago. Nesse contexto, a pesquisa considera a literatura enquanto arte que se utiliza da palavra em suas duas formas literárias: o verso e a prosa. A partir de um olhar sobre a lingüística textual, especialmente no campo da intertextualidade, realiza-se uma abordagem histórica, que subsidia os pontos em que essas obras mantêm contato, tanto com relação aos temas como à forma ou estilo de cada autor. Entre os resultados, este trabalho considera que a

retomada do nacionalismo e patriotismo português feita por Saramago justifica a adaptação de um Pessoa mais engajado socialmente. Nesse propósito, estabelece aproximações entre as obras, em que a intertextualidade atua como importantíssimo fator de coerência, a partir da análise do processamento cognitivo de produção e/ou recepção. Enfim, esta pesquisa une dois cânones da Literatura Portuguesa, apresentando a idéia de que o grande poeta modernista Fernando Pessoa e o contemporâneo escritor José Saramago não compartilham de um mesmo momento histórico e nem de uma estética literária, mas dialogam através de textos que retomam idéias, vidas e características comuns em processos de representações e expressões no campo da arte literária.

A MEMÓRIA EM *EXORTAÇÃO AOS CROCODILOS*: QUANDO O PRESENTE BUSCA O PASSADO.

Tércia Costa Valverde - UNEB
tecaverde@bol.com.br

Sabemos que a memória é afetiva e comprometida com a nossa forma de enxergar o mundo. Lembramos de algo que nos marcou profundamente e nos esquecemos de fatos considerados banais. Mas nem sempre *o lembrar e o esquecer* são involuntários e inconscientes. Existe uma memória voluntária, baseada em interesses individuais ou coletivos, em conexão com propostas culturais, ideológicas e com as relações sociais de poder. A memória reconstrói sensações e traz lembranças de acontecimentos, além de oferecer significação à vida. Mesmo em seus aspectos biológicos e psicológicos, ela é movida e articulada pelo social. O que no individual é entendido como manifestação patológica, fantasiosa ou mental, no coletivo é transportado para o plano do real. Assim sendo, discutiremos o referido tema no contexto literário de *Exortação aos crocodilos* (1999), de António Lobo Antunes. O referido autor menciona mais uma vez a problemática em torno do 25 de Abril e suas conseqüências para a nação lusitana. Nessa obra antuniana, o passado das personagens é constantemente resgatado por elas no presente, como uma maneira de, talvez, reconquistarem a felicidade perdida. Mas, de que forma Lobo Antunes aborda a questão? Através da angústia existencial de suas quatro protagonistas – Mimi, Fátima, Celina e Simone – que, de uma forma ou de outra, estão sempre em desacordo com a sua atual realidade (ou a do país?), e procurando a plenitude identitária em fatos positivos do passado, que estão guardados nos labirintos de sua memória. Veremos que, dessa forma, tais mulheres podem então representar a metáfora da tentativa de captura das glórias lusitanas pretéritas.

CLEONICE BERARDINELLI, CLARA ATRAVÉS DAS GERAÇÕES

Teresa Cristina Cerdeira - UFRJ
teresacerdeira@gmail.com

A glosa de Fernão Lopes que este título contém já é uma referência para falar de Cleonice Berardinelli, que aqui será lembrada simplesmente como Dona Cleo. Esse retrato de uma

vida não pretenderá ser, contudo, um inventário de dados pessoais ou um resumido curriculum vitae. Evocar sua trajetória emblemática em meio à nossa comunidade de estudiosos da literatura e da cultura portuguesas pareceu-me, antes de tudo, um desafio amoroso, mais do que um esforço de memória programática capaz de rastrear o maior número de dados acadêmicos. Estamos aqui reunidos para diante dela poder relembrar seu percurso, que é uma doação amorosa ao trabalho, aos colegas, aos estudantes.

PADRE ANTÔNIO VIEIRA E INÉS PEDROSA
– AS INTERMINÁVEIS VIAGENS ENTRE BRASIL E PORTUGAL

Terezinha Maria Scher Pereira - UFJF
scherpereira@acessa.com

Os temas do *amor* e da *violência*, representados literariamente, certamente contribuem para uma visão crítica da sociedade brasileira que, desde o alvorecer do processo colonizador, abusou de mecanismos repressivos e de controle social quando se tratava da imposição de modelos culturais. Vieira denuncia em sermões e cartas a injustiça e a violência original em nossa formação social. Esses mesmos temas retomados por Inês Pedrosa em *A Eternidade e o Desejo* e *No coração do Brasil – seis cartas de viagem ao Padre Antônio Vieira* podem, em meio aos festejos da comemoração do aniversário de Vieira, funcionar como possibilidades críticas nos dias de hoje. Os dois escritores, no entanto, têm mais em comum do que simplesmente os temas. O sentido da releitura da obra de Vieira pela escritora portuguesa pode estar na configuração de um campo de interesse que une novamente Portugal e Brasil, através da demarcação de um tempo – o presente – conceituado por Inês, através da voz da personagem Clara, como barroco. A imaginação do V Império, a utopia desejada pelo autor de *História do futuro* é projetada para o presente vigoroso, violento e tropical que Inês encontra no Brasil. O que restou do sonho de Vieira? Questões relativas à produção da crítica dentro do sistema terão que ser pensadas. Vieira no Absolutismo, preconizando a utopia da liberdade. Inês, jogando as regras do mercado globalizado e do mundo midiático, propõe o discurso passional e apaixonante como forma de se rever a origem projetada para o presente. Quais serão os projetos possíveis na área demarcada pelos dois países de língua portuguesa que se relacionam na cena do romance? Promover a união entre o tempo de hoje e o do barroco é poder reclamar um espaço simbólico, um campo de possibilidades de auto-interpretação do Brasil e de Portugal como o futuro possível do sonho de Vieira.

A MEDIDA DISSONANTE: ÁLVARO DE CAMPOS E A CIDADE

Thiago Lins da Silva - UEFS
hitchcock_1899@yahoo.com.br

De uma maneira geral, é da cidade que trata a maior parte da produção literária. Desde os escritos produzidos no século XIX - quando explodira a industrialização e a explosão urbana na Europa - a cidade aparece como palco de idéias e inovação, fonte de lutas, paixão e violência. Isso já fora notado na poesia de Charles Baudelaire, nos contos de Edgar Allan

Poe e na produção romanesca de Charles Dickens e Victor Hugo, para citarmos alguns exemplos emblemáticos. Trata-se de uma nova forma de percepção do urbano. O testemunho literário não dará mais lugar à mera descrição topográfica da paisagem urbana, mas a própria vida da cidade, impelida pela multiplicidade de fatores pessoais e impessoais permeadas na mesma, e fundamentada a partir da perplexidade do homem frente a um mundo aparentemente sem disciplina. No caso da poesia, o olhar do poeta é agora depreendido de uma nova condição ontológica, contemplando a cidade como um grande espaço cosmopolita. É dessa contemplação que seu olhar divisará, sob uma nitidez cada vez mais insuportável, os contornos ilusórios que permeiam a sua realidade. Com esse grau de percepção, a pena dissonante do poeta ampliará o grau de participação histórica do sujeito lírico na configuração dos grandes centros urbanos, recortada de uma maneira espacial, concretizada no arranjo dos elementos sonoros, rítmicos e imagéticos da linguagem poética. No poema “Ode Triunfal”, o heterônimo pessoano Álvaro de Campos já evidenciara estas múltiplas representações que se fazem presente na representação da cidade na poesia moderna, através do entrelaçamento da voz individual do poeta com sua voz pública. Apresentaremos no poema algumas representações da cidade expressas de acordo com a medida dissonante do poeta, discutindo a representação da urbe como espaço vital na poesia pessoana traduzida a partir do acúmulo de sensações do heterônimo Álvaro de Campos.

QUEM É O NARRADOR DE *HISTÓRIA DO FUTURO*?

Thomaz Heverton dos Santos Pereira - UEFS
thomazheverton@yahoo.com.br

Esta comunicação tem como objetivo discutir sobre o Narrador no texto *História do Futuro* de Padre Antônio Vieira. É possível verificar no texto em questão um narrador? Que tipo de narrador pode ser apresentado? Ao pensar no filósofo Walter Benjamin, que discute acerca do narrador na obra de Nicolai Leskov, observam-se, pelo menos, três tipos: clássico, sedentário e viajante. Ademais, Benjamin e Silviano Santiago demonstram que a morte ratifica o narrador clássico e confere-lhe autoridade, sabendo que é no ato da morte que as vivências e as experiências do homem são transmitidas. Mas como o narrador de *História do Futuro* comporta-se diante disso? Existe realmente um narrador neste texto? É sabido que neste volume o Padre Antonio Vieira anuncia Portugal como Quinto Império em pleno século XVII. Munido de argumentação denominada profética por estudiosos, em *História do Futuro* há uma construção discursiva que formaliza as afirmações do escritor, cuja escrita se dá pela utilização de passagens bíblicas para ratificar o discurso de que Portugal há de ser uma nação forte e poderosa, ou seja, com intuito de torná-lo mais firme e convincente diante daquele que o lê, oferecendo com isso ao texto um caráter de maior autoridade. Sabendo disso e da característica narrativa de *História do Futuro*, o que se pode falar acerca do narrador?

LITERATURA PORTUGUESA: A POLIFONIA PERVERSA
ENTRE A POESIA DE ADÍLIA LOPES, A PUBLICIDADE E OS CONTOS DE FADA

Valter Barros Moura - UNIP/USP
valtermoura@uol.com.br

O presente trabalho traduz parte do percurso trilhado pelo autor como integrante do Grupo de Pesquisa *Literatura Infantil-Juvenil e Sociedade*, coordenado pelo Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho, na linha de pesquisa *Literatura e psicanálise*, bem como representa investigações parciais da Tese de Doutorado na Área de Literatura Portuguesa, como aluno de pós-graduação da Universidade de São Paulo. O trabalho tem como objetivo propor a discussão das possíveis relações polifônicas em parte da obra poética da escritora portuguesa Adília Lopes em relação aos contos de fada, sob o ponto de vista da campanha publicitária intitulada Contos de Melissa. Trataremos do hibridismo cultural sob um viés psicanalítico, que nos reporta à desconstrução da matriz, do percurso de uma gênese que se descaracteriza ao longo dos tempos imemoriais e que, no presente momento, encontra-se no quadro que aqui chamamos de perverso polifônico antagônico de “hiperdesconstrução”, fruto do pós-modernismo. Assim, propomos um recorte e um breve panorama desse processo e a relação dessa desconstrução perversa que se traduz na perda da identificação do sujeito com matrizes culturais genuínas.

“ESCREVER, LER E DIFUNDIR A POESIA NO SÉCULO DAS LUZES”

Vanda Anastácio
Universidade de Lisboa
vandaanastacio@mail.telepac.pt

A comunicação que se apresenta procurará chamar a atenção para as relações entre o impresso e o manuscrito na segunda metade do sec. XVIII no espaço cultural luso-brasileiro. Ao contrário do que a historiografia Literária tem dado a entender, até ao início do século XIX continuaram a existir, no espaço de língua portuguesa vias importantes de difusão de textos manuscritos. A hipótese que se coloca é a de que só tendo em conta essas vias de difusão é possível entender a escrita, disseminação e função dos textos desse período.

O NEOBARROCO EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

Vanessa Cardozo Brandão - UFF
vcbrandao@gmail.com

Esse trabalho procura relacionar aspectos do neobarroco em *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago. Partindo da associação do barroco a uma ótica de mundo descentrada, que

coloca em questão o modelo de subjetividade clássico, a análise busca perceber aspectos do barroco na obra, tais como: alegorização, apelo ao grotesco, suspensão de valores, jogo de contrastes. Esses elementos são ainda relacionados a outras importantes marcas do autor – a ironia e o desvelamento da atividade de criação ficcional. Procura-se perceber como o neobarroco, emergente na modernidade, apropria-se de elementos da estética barroca e os reordena no contexto da narrativa contemporânea. É importante lembrar que a própria crítica aponta o texto de Saramago como “barroco”. Maria Alzira Seixo já havia observado em parte da obra do autor “um decadentismo com ressaibo a barroco” (In *O essencial sobre José Saramago*, 1987, p. 11). As marcas do neobarroco em José Saramago, entretanto, ultrapassam a observação do estilo da escrita denso, fragmentário, amontoado de cacos e ruínas na linguagem de excesso. Para além desse estilo que marca o texto do escritor, esse trabalho pretende destacar outros aspectos que permitem uma leitura do neobarroco na obra de Saramago. A partir da reflexão teórica de vários autores importantes na crítica do barroco e do neobarroco (como Sarduy, Calabrese, Benjamin e Deleuze), o trabalho realiza uma análise das estratégias literárias através das quais José Saramago realiza um questionamento filosófico do lugar do sujeito no mundo, através do campo da ficção. Este trabalho está vinculado ao Grupo de Pesquisa “Narrativa Portuguesa Contemporânea” (UFF).

FULGURAÇÕES DA MEMÓRIA EM MARIA GABRIELA LLANSOL

Vania Baeta Andrade - ICHS-UFOP
andradebaeta@hotmail.com

O tratamento estético apurado na obra de Maria Gabriela Llansol, escritora portuguesa contemporânea, leva a conceber um universo insólito de rara beleza: *corpus* textual tramado e urdido com os restos da história, da memória e da desmemória; a vida para além da vida, aquilo que a autora nomeou “o vivo” ou *A restante vida*.

Restos, esquecimento, lacunas: um traço cunhado no papel como marca de seu estilo e/ou como apagamento, rasura que dá visibilidade à invisibilidade dos afetos. A luz, eis a matéria-prima desse texto, que recusa a metáfora, a mimesis, a narratividade e, até mesmo, os limites da indizibilidade e da morte. Silvina Rodrigues Lopes, em um ensaio sobre a obra de Maria Gabriela Llansol, intitulado *Teoria da despossessão*, propõe pensar a biografia como método da escrita llansoliana. Mas de que biografia se trata aqui? O que encontramos dessa memória, então? Estilhaços biográficos; ou destroços que permanecem em ruínas; ou restos da batalha perdida (batalhas pessoais e culturais, históricas); ou, nas palavras de Roland Barthes, biografemas. Só biografemas. Tudo isso, apenas isso, mas submetido a um processo textual de fulgorização dos restos que busca alcançar *as fontes da alegria*, a alegria que espera na linguagem, na linguagem curada do ressentimento da história. Escutamos aí ecos nietschianos e spinozistas, explicitamente presentes na obra llansoliana. Com eles, e a partir de alguns conceitos da psicanálise (freudiana/laciana), investigaremos a seguinte hipótese: o tratamento estético-ético-lógico que Maria Gabriela

Llansol opera, com ou na (des)memória, nos permitiria pensar na possibilidade de uma travessia da melancolia, da tradição melancólica do romance?

O ENCANTAMENTO DO CONTAR:
DESAFIOS DE UM TRANSITAR ENTRE ORALIDADE E ESCRITA

Vanusa Mascarenhas Santos - UFBA
van_masc@yahoo.com.br

Contar é misturar o ouvido às experiências diárias, captar uma voz precedente e torná-la sua. Assim, a memória que traz o texto, embora partilhada, é individual, razão pela qual o texto não passa simplesmente pelo corpo de quem conta – entranha-se nele, sendo por ele marcado. Nessa perspectiva, o texto oral é produto não apenas da memória coletiva, herdada da tradição, mas do encontro desta com a subjetividade de quem a revive no momento da *performance*, evento único e irrecuperável, no qual o texto é simultaneamente produzido e recebido por um público, que reconhece a realidade criada no momento da *performance* como diferenciada e lança sobre aquele que detém a palavra um outro olhar. É essa cumplicidade contador/ouvinte que instaura o espaço ficcional e o encantamento com o narrado. Partindo desse entendimento do texto oral, o presente trabalho propõe-se a discutir na obra *Terra Sonâmbula* de Mia Couto o conflito de uma experiência de escrita marcada pelo nomadismo. Um desejo de transitar entre oralidade e escrita que rasura dicotomias quando nos apresenta um narrador que metaforiza a experiência de continuar a existir no outro. O diário de Kindzu, texto escrito a partir de experiências ouvidas ou vividas pelo próprio narrador, é reencenado performaticamente em volta da fogueira por Muidinga que se torna contador de histórias para o velho Tuahir. A tradição oral é, pois, assumida como potência que atravessa a materialidade do papel e converte-se em voz que emana do corpo de Muidinga e Tuahir. Este trabalho, ainda uma primeira aproximação da literatura africana, vincula-se ao Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular sob coordenação da Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Maia Ribeiro.

O AMOR, AFINAL, QUE UTILIDADE TEM? AMOR E METAPOESIA
EM “O PERFUME”, DE MIA COUTO, E “REMINISÇÃO”, DE GUIMARÃES ROSA

Verônica Dias Castro - UESB
veronicadiascastro@yahoo.com.br

Maria das Graças Fonseca Andrade - UESB
mgfandrade@gmail.com

Este trabalho propõe um estudo comparativo entre o escritor africano Mia Couto e o escritor brasileiro João Guimarães Rosa. A intenção é verificar como estes dois grandes fabulistas usam a temática amorosa como pano de fundo para o desenvolvimento de temas filosóficos e metalinguísticos. Para isso, analisaremos os contos “O perfume” do autor moçambicano, publicado em 1994 em *Estórias abensonhadas*, e o conto de Rosa “Reminiscção”, contido em *Tutaméia – Terceiras estórias* (1967). O primeiro trata-se de uma narrativa que parte de uma situação real do cotidiano – o desgaste do relacionamento

conjugal. Vemos encenar aí, através de Glória e Justino, as metáforas do abandono e da separação que levam a personagem Glória a uma crise existencial. Em “Reminiscção”, a personagem feminina também sofre uma espécie de abandono, mas este só se dá após a morte de Romão, seu marido. Esta comunicação também pretende analisar estes contos à luz do mito grego “Eros e Psiquê”, narrativa em que o abandono por parte do amado leva a personagem feminina a um processo de autoconhecimento. Situação que também constatamos em “O perfume” e “Reminiscção”, uma vez que as personagens, Glória e Drá, respectivamente, ao verem-se separadas dos maridos, espécie de extensão existencial de cada uma, chegam ou intencionam chegar a um conhecimento de si mesmas. Mais do que isto, nos dois contos supracitados, por meio de diversas metáforas e neologismos, verificamos que esses escritores manipulam de tal forma o conteúdo narrado que fazem emergir também o caráter metapoético dos textos. Mia Couto e Guimarães Rosa conseguem transformar a linguagem numa espécie de espelho que reflete a si mesma.

A CASA DA SUBJETIVIDADE E A CASA PORTUGUESA EM *FADO ALEXANDRINO*, DE ANTÔNIO LOBO ANTUNES

Verônica Prudente Costa
Colégio Naval
veronicaprudente@yahoo.com

Fado Alexandrino, de António Lobo Antunes, publicado em 1983, se organiza em torno de três eixos básicos - temporais e simbólicos - relacionados à identidade da pátria portuguesa: I - Antes da Revolução; II - A Revolução (25 de Abril de 1974); e III - Depois da Revolução. Ao entrelaçar História e Ficção, vida pública e vida privada, o romance resgata as histórias vividas pelos ex-combatentes portugueses em África e suas “derrotas cruzadas em fundo de mar”, marcadas pela falta de raízes, estilhaçamento de identidades e perda de valores morais decorrentes do processo histórico. Essa comunicação propõe-se a focalizar a ambivalência do sujeito na pós-modernidade e seu comportamento face ao retorno à pátria, visando compreender o posicionamento do homem contemporâneo frente à problemática do não lugar, do caos moderno e da falta de humanidade, dignidade e respeito do sujeito consigo mesmo e com o outro. Ao retornar à “casa portuguesa”, as personagens descobrem que esta se modificou e que o contexto histórico (mais especificamente a problemática da guerra colonial africana) contribui para uma transformação da vida social cotidiana, com profundas implicações para as atividades pessoais. Após o período destinado ao combate em África e da Revolução de Abril, os portugueses foram obrigados a retornar à *casa natal*, agora metamorfoseada. Em *Fado Alexandrino*, os sujeitos anulam-se na *casa portuguesa*, que transita da *casa sedimentada* da época salazarista (“Antes da Revolução”) à *casa derrubada e fragilizada* dos períodos revolucionário e pós-revolucionário. A *casa* presente no imaginário dos viajantes sofrerá um processo de dissolução e aniquilamento. Retornar à *casa* significa tomar posse de uma memória já quase perdida.

SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA

Muitos pesquisadores e educadores têm enfatizado o papel central que a educação literária possui na formação da consciência crítica daqueles que se dispõem a estudar os textos literários. Isso porque a apreensão da literatura constitui um espaço de reflexão e ação que apresenta implicações sociais, culturais e políticas incontornáveis. No sistema educacional brasileiro, a formação do leitor literário, conforme as Orientações Curriculares do Ensino Médio (2004), deveria implicar a ampliação efetiva da autonomia intelectual e da perspectiva crítica do aluno/leitor. O desafio se torna ainda mais complexo se atentarmos para o cumprimento da Lei 11.645/08, que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística, literatura e história brasileiras. Atentos a esse cenário, apresentaremos algumas sugestões para o ensino e para a aprendizagem das literaturas de língua portuguesa, com ênfase nas literaturas africanas, tendo em perspectiva o método comparativo e a abordagem prospectiva. Com isso, objetivamos contribuir para a consolidação de uma postura pedagógica simultaneamente crítica e propositiva, calcada na percepção plural e dinâmica da história da literatura.

“QUANDO UM MISTÉRIO SE LOCALIZA TORNA-SE FECUNDO”:
PROCEDIMENTOS BARROCOS NA ESCRITA DE *DOIDOS E AMANTES*

Viviane da Silva Vasconcelos - UFF
vvasconcelos@gmail.com

Em *Doidos e Amantes*, a escritora Agustina Bessa-Luís reconta a vida da portuguesa Maria Adelaide Coelho da Cunha, mulher da alta sociedade lisboeta do início do século XX, casada com um diretor de jornal e que foge para viver com Manuel Claro, um motorista com metade da sua idade. É internada e declarada louca pelos mais importantes médicos da época. Na primeira página da obra há uma dedicatória da própria autora, que antes mesmo de iniciar o livro aponta para o que está por vir: uma narrativa que se utiliza, por exemplo, da alegoria (aqui entendida sob a perspectiva teórica do filósofo Walter Benjamin), para retirar um fato de seu contexto, reorganizá-lo de diferentes formas, esvaziar-lhe o sentido e investir-lhe novas significações. A alegoria se destaca no Barroco em função do caráter dialético deste, que foi capaz de entender e assimilar um conhecimento em permanente movimento. Tal fato permite que leiamos a verdade não como um conhecimento estático, senão como uma verdade alegórica. A existência do alegórico se faz presente, entre outras maneiras, por meio do rebuscamento: todo detalhe parece ser o que fará a diferença para a compreensão do todo. Através da instabilidade da linguagem, o objeto perde uma significação objetiva e passa a ter o significado que o alegorista lhe atribuiu, transformando-o em um outro objeto, realizando sua significação por via metafórica. Os procedimentos barrocos existentes no texto de Bessa-Luís parecem revelar as

particularidades mencionadas na abertura do livro, quando diz: “Toda a obra escrita é a expressão dum conhecimento limitado. Mas todo conhecimento limitado está aberto a novas particularidades, até que se apresente a súbita vontade de não ir mais longe.” O trabalho a ser apresentado integra o projeto de pesquisa *Do barroco ao neobarroco: configurações da ficção portuguesa contemporânea*, de autoria da Profª Drª Dalva Calvão, realizado na Universidade Federal Fluminense (UFF).

PRENÚNCIOS, PROFECIAS E ADVERTÊNCIA:
A PRESENÇA DO ANCIÃO E DA ANCIÃ EM *OS LUSÍADAS* E *CORPO VIVO*

Wanessa Guimarães da Silva - UEFS
wanessaguima@gmail.com

A obra de Luiz de Camões, seja a sua poesia lírica, seja a sua poesia épica, ainda hoje se faz presente em nossa cultura. Num salto secular entre *Os Lusíadas*, obra símbolo do Renascimento Português, e a literatura contemporânea em língua portuguesa, ainda é possível encontrar pontos de encontros entre a narrativa clássica camoniana e a moderna narrativa brasileira. O presente trabalho propõe uma análise comparativa entre a epopéia camoniana e o romance *Corpo Vivo* de Adonias Filho. Aqui, o ponto de aproximação entre as obras, é a presença nos textos, do ancião (ã) que adverte sobre o futuro, renunciando o por vir e denunciando o passado. O Velho do Restelo de *Os Lusíadas* perambula pela praia com o seu discurso pessimista e temeroso, ao passo que, a personagem Hebe de *Corpo Vivo*, senhora idosa, vaga pelas estradas e matas do sul da Bahia, atuando como a “Pitonisa” greco-romana, adjetivada pelo narrador de “bruxa velha e louca”. Ambos trazem o aviso de alerta aos perigos e tragédias, as suas profecias são ditas com palavras fortes e desafiadoras. O presente estudo não deixa de levar em conta o fato de se tratarem de obras de diferenciados estilos e gêneros, além da grande distância temporal que as separa.

O AUTO DA ÍNDIA EM UMA HISTÓRIA ESTRANHA!:
A FARSA DE QUINHENTOS AOS TEMPOS DE AGORA.

Wellington Gomes de Jesus - UEFS
llegomez@gmail.com

O fazer dramático de Gil Vicente nos revela os costumes e valores da sociedade portuguesa de Quinhentos impresso no discurso de suas personagens, por onde aponta, denuncia e pune comportamentos transgressores. A obra vária do dramaturgo atravessa séculos e se torna atual no fazer dramático do século XX. Em nossa comunicação, analisaremos o diálogo entre as *Farsas* o *Auto da Índia*, de Gil Vicente, e *Uma História Estranha!*, do dramaturgo baiano Araylton Alexandre Públio. *Índia* trata do tema da infidelidade no casamento, mas inserida dentro do contexto das grandes Navegações. Obra de tema semelhante, *Uma História Estranha!* utiliza-se de linguagem simples, aforismos e provérbios para desenvolver uma trama de traições, intrigas e mistérios. Propomo-nos investigar, por meio dos instrumentais ofertados pela Literatura Comparada, as semelhanças, divergências e as formas de tratamento do tema do adultério nas *farsas* desses dois dramaturgos. A

comunicação é fruto de uma investigação, ao nível da Iniciação Científica, inserida no Projeto de Pesquisa do Prof. Dr. Márcio Ricardo Coelho Muniz, o qual se dedica a estudar as relações de influência estabelecidas entre a cultura teatral ibérica, em particular a tradição teatral estabelecida pela obra do teatrólogo português Gil Vicente, e a dramaturgia nordestina do século XX.

GASTÃO CRUZ: MEMÓRIA E MOVIMENTO

Zaira Mahmud - UFF
zaira.mahmud@bol.com.br

O presente trabalho tem por objetivo fazer um estudo comparativo da construção poética em *A Morte Percutiva*, de Gastão Cruz, do ano de 1961, com algumas poesias do livro *Rua de Portugal*, publicado em 2002, também do mesmo autor, por meio da teoria sobre a Paisagem de Michell Collot, enfatizando a temática da memória e do movimento. Se a ditadura de Salazar silenciou Portugal, deixando a população sem acesso a qualquer tipo de informação, seja ela política, cultural e social, utilizando a literatura de maneira cruel, interpretando a obra dos grandes nomes da literatura portuguesa sob um viés político e favorável à ditadura, impedindo, assim, a população de pensar, a poesia de 61 encontrou por meio da escrita poética uma forma de manifestar o seu descontentamento perante uma sociedade completamente alienada. Gastão Cruz, por sua vez, encontrou na linguagem uma maneira de evidenciar os vazios da realidade por um sujeito silenciado, escolhendo o signifiante como retrato do real, retrato de degradação, ruína, morte, retrato de um tempo cujo léxico apresenta uma atmosfera negativa. Em *Rua de Portugal*, livro publicado em 2002, nota-se que esse eu-lírico se mostra preso a um tempo passado, tempo esse, de tristes lembranças, tempo que precisa renascer para que ele o reviva e tenha forças para permanecer caminhando no momento de hoje. É um tempo de muitas marcas, tempo de ditadura, tempo que somente a vivência nos permitiria entender e que esse eu a possui, deixando esse fato bastante evidente em sua poética. Portanto, esse eu-lírico, tenta reproduzir o caminho, e, para isso, precisa retornar, mexer nas feridas. O cenário de retorno desse eu-lírico é um cenário projetado na memória. E é por meio da memória e do movimento que a poesia poderá novamente voltar a não ser mais um silêncio.

A IDENTIDADE IBÉRICA SOB SUSPENSE: UMA LEITURA DE *A JANGADA DE PEDRA*, DE JOSÉ SARAMAGO

Zeneida Parente Alves Neta - UFMA
zeneidathalia@yahoo.com.br

Em 1985, observa-se em Portugal e na Espanha uma forte discussão a respeito da inclusão de ambos os países na Comunidade Econômica Européia. No romance *A Jangada de Pedra* (1985), José Saramago adota a separação da Península Ibérica do continente europeu e a sua viagem pelo Oceano Atlântico como metáfora para posicionar-se sobre essa questão. Portanto, cabe ressaltar a visão saramaguiana de integração na Península Ibérica, ao unir Portugal e Espanha e atribuir a um espanhol a responsabilidade pelo tremor de terra.

Destaca-se a importância de analisar a obra também sob o enfoque na Espanha, resgatando o ideal de identidade daquele país, enfatizando a visão de Saramago e, principalmente, identificando o papel de Pedro Orce na afirmação da identidade da Península. De modo a analisar, sob o ponto de vista de Saramago, a crise da identidade ibérica originada com o advento da Comunidade Econômica Européia, faz-se necessário compreender os conceitos de identidade da nação, de identidade ibérica e de identidade européia. Dessa forma, objetiva-se com este trabalho analisar a concepção de identidade ibérica, segundo a visão saramaguiana, a partir da obra *A jangada de pedra*.

LUANDINO VIEIRA: NOS LABIRINTOS DA MEMÓRIA

Zoraide Portela Silva - UNEB/USP
zoraideportelasilva@uol.com.br

O labiríntico universo romanesco que Luandino Vieira vem construindo desde os anos 1960 comprovam a definição de seu lugar privilegiado na ficção africana em língua portuguesa. Sem publicar títulos novos desde 1981, no dia 13 de novembro de 2006, felizmente, foi lançado em Luanda *o livro dos rios*, com que Luandino abre a trilogia *De Rios Velhos e Guerrilheiros*. O presente estudo busca demonstrar a relação entre memória subjetiva e a memória social – como instância reconstituidora do passado sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro – em sua íntima relação com a escrita. Propõe-se a análise de dois romances *Nós, o do Makulusu*, escrito em 1967, quando o autor estava preso no campo do Tarrafal, e *De Rios Velhos e Guerrilheiros – o livro dos rios*, publicado em 2006. Abordando o viés da memória, os dois textos revelam, a cada nova leitura, diferentes recortes e direções e, configuram-se como uma confluência entre narração e testemunho, cruzando assim os diversos tipos de registros, sem jamais perder o caráter lapidar, preciso e ordenado, peculiares ao escritor. Para tanto, abordaremos as discussões empreendidas por Foucault de “Linguagem e literatura”; o Walter Benjamin de “O narrador” e “Experiência e pobreza”; a Jeanne Gagnebin de *História e narração em Walter Benjamin* e *Lembrar Escrever Esquecer*; o Norbert Elias de *Sobre o Tempo*. Deles emerge uma gama de possibilidades que consideramos, particularmente, adequadas ao que pretendemos dos romances de José Luandino Vieira.

O PAPEL INTELLECTUAL E DOCENTE DO PROFESSOR SEGISMUNDO SPINA

Yara Frateschi Vieira - UNICAMP
yara_f_vieira@yahoo.com

O Professor Spina esteve vinculado, desde a sua formação universitária, à Universidade de São Paulo, onde foi aluno de Fidelino de Figueiredo. Ali criou a disciplina de Camonologia, dentro da qual surgiu a importante e ainda ativa *Revista Camoniana*, de reconhecimento internacional. Teve papel relevante no desenvolvimento dos estudos dedicados à Literatura Portuguesa em geral, por meio da publicação de obras fundamentais

acerca da lírica trovadoresca galego-portuguesa, da obra camoniana e do Barroco; é autor de livros didáticos que ajudaram a formar gerações de alunos secundários e universitários.

A partir da leitura das suas principais obras, do levantamento das suas atividades como docente de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo, de 1962 a 1986, do seu depoimento pessoal e da minha própria experiência como sua aluna na FFCL “Sedes Sapientiae” (PUC/SP), procurarei acompanhar a sua contribuição intelectual e docente, no seu tempo e nos dias de hoje.
